

**.UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA APLICADA**

ANDRÉA MARIA ESCOBAR

**SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE
EDUCAÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA EM UM AMBIENTE
VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

São Leopoldo

2007

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA APLICADA

ANDRÉA MARIA ESCOBAR

SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE
EDUCAÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA EM UM AMBIENTE
VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada
Para a obtenção do título Mestre em Lingüística Aplicada
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Ciências da Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada

Orientadora: Dra. Dinorá M. de Fraga

São Leopoldo

2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

E74s Escobar, Andréa Maria
**Sentidos construídos a partir de uma experiência de
educação
em língua estrangeira em um ambiente virtual de
aprendizagem /
por Andréa Maria Escobar. -- 2007.**

232 f. : il. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada,
2007.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Dinorá M. de Fraga, Ciências da
Comunicação”.

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

Aos meus filhos,
por acreditarem e acalentarem
os meus sonhos.

A todos aqueles que,
ao longo da vida,
continuam aprendendo e
ensinando e, em contrapartida,
propiciam que diferentes vozes
sejam ouvidas.

AGRADECIMENTOS

Antes e durante a realização deste estudo tive a grande felicidade de contar com o apoio e incentivo de minha família, amigos, colegas e instituições. Todos aqueles com os quais convivi e interagi, cada qual a sua maneira, são mediadores deste trabalho e contribuíram para que eu seja o que sou.

Assim, gostaria de agradecer a todos com que tenho compartilhado minha existência e, em especial,

aos meus alunos, co-autores desta pesquisa, sem os quais ela não teria razão de ser;

ao meu filho e seu socorro tecnológico em momentos de quase desespero;

ao meu marido, pelo apoio e imensa paciência, além dos ensinamentos, como ‘don’t give up’ e ‘não te estressa, senão as caspas viram mandiopã’;

à Dinorá, minha orientadora, pela maneira com que me conduziu no processo de construção desse estudo e pelos desafios que me lançou;

à minha mãe e ao Gilson, a quem devo muito pelo que eu sou e onde consegui chegar;

à minha cunhada Jane, a qual prontamente ajudou para que eu conseguisse o financiamento a fim de poder custear meus estudos;

à grande amiga Clair, pela ajuda incansável, pelos lanchinhos e por ter sido um tanto mãe de meus filhos neste meu período de ausência;

ao meu sogro e minha sogra, por me acolheram na família como a uma filha;

à minha tia Amélia (in memoriam), pelo carinho e tranquilidade que mostrou que precisamos ter mesmo em momentos difíceis;

ao vô Pedro (in memoriam), pela alegria que mostrou ao viver e pelas conversas que tanto me ensinaram e das quais nunca vou esquecer;

aos meus bichos queridos e seu jeito quase humano de amar;

a todos os amigos, familiares e companheiros em diferentes momentos da jornada, pelas oportunidades de falar e ouvir na minha constituição de ser humano, mulher, amiga, companheira, mãe, professora;

às amigas Ângela e Gê;

à amiga Ilsa, pelo incentivo constante e revisão do texto;

aos grandes mestres Margarete, Valentina, Vito, Anilza, Sandra, Maria do Carmo;

às amigas Cristina e Dona Lia, por seus cuidados com a Amanda e por fazerem a gente se sentir da família;

à Fundação Liberato, minha segunda casa, e a meus colegas de trabalho;

ao PPG em Linguística Aplicada da UNISINOS e suas professoras, pela qualidade da formação que têm proporcionado aos seus alunos.

Eu fico
Com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita e é bonita.
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz.
Cantar e cantar e cantar
a beleza de ser um eterno aprendiz.
Ah, meu Deus, eu sei, eu sei
que a vida devia ser bem melhor e será.
Mas isso não impede que eu repita:
É bonita, é bonita e é bonita.

Gonzaguinha

A vida é dialógica por natureza.
Viver significa participar em um diálogo:
significa interrogar, ouvir, responder,
estar de acordo, etc.
O homem participa
nesse diálogo por inteiro e com toda
a sua vida: com os olhos, lábios, mãos, alma,
espírito, com todo o corpo, com os seus atos.
O homem se entrega a palavra e esta palavra
forma parte da tela dialógica da vida humana,
do simpósio universal.

Bakhtin

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre os sentidos construídos pelos alunos e professores ao utilizarem ambientes virtuais de aprendizagem em modalidades de Educação *On-Line*. Uma prática educacional de ensino e aprendizagem de língua estrangeira através do ambiente TelEduc sustentou a construção dos registros pelos participantes da pesquisa, os quais são alunos dos cursos de Ensino Médio e Técnico da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, de Novo Hamburgo. As teorias Sociocultural de Lev S. Vygotsky e Dialógica de Mikhail Bakhtin foram o principal referencial teórico durante o desenvolvimento do estudo. Os instrumentos para o registro da experiência foram documentos escritos e entrevistas semi-estruturadas. Além disso, as produções dos alunos no ambiente deram suporte às reflexões. Nos registros da experiência, os sujeitos constroem sentidos sobre os ambientes virtuais que ora se alinham, ora se contradizem. As conclusões, porém, apontam para a construção do significado relativo aos ambientes virtuais como espaços que potencializam interações e aprendizagens através de uma nova configuração de tempo e lugar.

Palavras-chave:

Sentidos construídos – Educação *On-Line* – ambientes virtuais – língua estrangeira - interações – aprendizagens.

ABSTRACT

This research has the objective of reflecting about the senses which are constructed by students and teachers when using virtual learning environments in modalities of On-Line Education. An educational practice of teaching and learning a foreign language through TelEduc gave support to the construction of the registers by the participants of the research, who are students of the technical and high school courses of Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, from Novo Hamburgo. Lev S. Vygotsky's Sociocultural Theory and Mikhail Bakhtin's Dialogic Theory were the main theoretical references during the study. The instruments for the register of the experience were written documents and semi-structured interviews. Besides, students' productions in the environment gave support to the reflections. In the registers of the experience, the subjects construct senses about the virtual environment which sometimes align and other times contradict themselves. The conclusions, however, lead to the construction of meaning related to the virtual environments as spaces which potencialize interactions and learning through a new configuration of time and place.

Key-words:

Constructed senses – On-Line Education – virtual environments – foreign language – interactions – learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
O problema e a justificativa	13
Relevância e contextualização, objetivos e organização da pesquisa	16
1 O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO	23
1.1 Introdução	23
1.2 O computador e a Internet	24
1.2.1 Conceitos acerca do contexto da Internet: o virtual e o ciberespaço	26
1.3 Ambientes virtuais de aprendizagem	28
1.4 Educação a Distância ou Educação On-Line	33
2 A SÓCIO-CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS E A SÓCIO-CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	38
2.1 Introdução	38
2.2 Vygotsky e Bakhtin	40
2.3 O sujeito constituído sócio-historicamente pela linguagem em Vygotsky e Bakhtin	41
2.4 Concepção de Língua e Linguagem	43
2.4.1 Bakhtin e a linguagem	44
2.4.2 Vygotsky e a linguagem	46
2.4.3 Teoria Sociocultural e Aprendizagem de Língua Estrangeira	56
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	61
3.1 Escolha do método	61
3.1.1 Introdução	61
3.1.2 A pesquisa qualitativa	62
3.1.3 O paradigma construtivista	63
3.1.4 A pesquisa de cunho etnográfico	65
3.2 O contexto da pesquisa	67
3.2.1 A instituição	67
3.2.2 A professora-pesquisadora	74
3.2.3 Os participantes e os sujeitos da pesquisa: a Turma 402	75
3.2.4 O TelEduc	79
3.2.5 O curso	91

3.3 Instrumentos e procedimentos para registros da experiência e para reflexão sobre esses registros	97
3.3.1 Instrumentos e procedimentos para registros da experiência	97
3.3.2 Instrumentos e procedimentos para reflexão a partir dos registros da experiência	98
4 APRESENTAÇÃO E REFLEXÕES A PARTIR DOS REGISTROS DA EXPERIÊNCIA	100
4.1 Apresentação dos registros	101
4.1.1 O Questionário	101
4.1.2 A primeira Avaliação do Curso	103
4.1.3 Ficha de Acompanhamento Individual e segunda Avaliação do Curso	107
4.1.4 Terceira Avaliação do Curso	116
4.1.5 As Entrevistas	125
4.2 Reflexões a partir dos registros	127
4.2.1 Os sentidos construídos em relação ao contexto próximo: computadores, Internet e AVA	127
4.2.2 Os sentidos construídos em relação às aprendizagens e às interações	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICES	164
APÊNDICE A – Questionário	165
APÊNDICE B - Informações sobre a primeira entrevista para os sujeitos	168
APÊNDICE C – Roteiro de perguntas para a primeira entrevista	169
APÊNDICE D – Informações sobre a segunda entrevista para os sujeitos	170
APÊNDICE E – Roteiro de perguntas para a segunda entrevista	171
APÊNDICE F – Registros da primeira avaliação	172
APÊNDICE G – Registros da segunda avaliação	182
APÊNDICE H – Registros da terceira avaliação	191
APÊNDICE I – Primeira entrevista com Mateus	198
APÊNDICE J – Primeira entrevista com Ramon	201
APÊNDICE K – Segunda entrevista com Mateus	204
APÊNDICE L – Segunda entrevista com Ramon	209
APÊNDICE M – Entrevista com Fernanda	217
ANEXO- Avaliação do EIAD	228

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1.1: Computador como parte da família	25
Figura 3.1: Estrutura do Ambiente	82
Figura 3.2: Agenda	83
Figura 3.3: Atividades	84
Figura 3.4: Fórum de Discussão	85
Figura 3.5: Correio	86
Figura 3.6: Perfil	87
Figura 3.7: Portfólio	88
Figura 3.8: Acessos	89
Figura 3.9: Intermap	90
Figura 3.10 Administração	91
Figura 4.1: Questionário de Avaliação	104
Figura 4.2: Ficha de Acompanhamento Individual	109
Figura 4.3: Segunda Avaliação do Curso	110
Figura 4.4: Descrição da Terceira Avaliação	117
Figura 4.5: Texto sobre e-friend colocado no Portfólio da aluna	151
Figura 4.6: Comentário da professora sobre o texto da figura 3.11 colocado no Portfólio da aluna	151
Figura 4.7: E-mail enviado pela aluna	152
Tabela 1.1 – Ambientes virtuais de aprendizagem analisados	31
Tabela 3.1 – Percorso dos participantes da pesquisa em LI na Fundação Liberato	77
Tabela 3.2 – Descrição das Unidades do Curso	99
Tabela 4.1 – Aspectos técnicos e organizacionais da primeira e da segunda Avaliações	114
Tabela 4.2 – Aspectos relativos a ensino, aprendizagem e interação da primeira e da segunda Avaliações	115

INTRODUÇÃO

As conquistas científicas e tecnológicas são evidências pontuais das ações dos seres humanos sobre a realidade. Essas ações fazem surgir novas relações entre os indivíduos e o mundo e modificam o próprio conceito de humanidade. É sobre esse aspecto que reflete Lévy (1993, p. 17) quando explicita que “vivemos um desses raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado”.

Dentre as conquistas científicas e tecnológicas mais recentes na história da humanidade estão os computadores e a interconexão deles através da rede mundial, a Internet,¹ cujos usos estão cada vez mais disseminados. As chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs)² têm demandado a aprendizagem de novas habilidades e competências,³ viabilizado a comunicação entre as pessoas e contribuído para uma nova concepção de mundo e sociedade.

Nessa perspectiva, as NTICs têm sido, ao mesmo tempo, fruto de inúmeras transformações no mundo contemporâneo, bem como desencadeado as mudanças. Elas têm sido utilizadas, entre outras coisas, como forma de permitir um acesso mais

¹ A Internet é uma imensa rede que conecta milhões de computadores globalmente. Através dessa rede, qualquer pessoa pode se comunicar com outra desde que cada uma tenha um computador interligado à Internet.

² As novas tecnologias se referem ao que comumente está sendo chamado de novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs). De acordo com Vera Vieira, Coordenadora-Executiva da ONG Rede Mulher de Educação, as NTICs podem ser definidas como tecnologias e instrumentos utilizados para compartilhar e distribuir informações e para que as pessoas se comuniquem umas com as outras mediante o uso de computadores e redes de computadores interligados (VILLELA, 2004).

³ Segundo Mello (2003), ‘competência é a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa dada situação’. Portanto, para ser competente, é preciso dominar conhecimentos; mas, além disso, é também necessário saber aplicá-los à situação de modo adequado. Mello (op. cit.) ressalta que competências e habilidades estão intimamente relacionadas. A autora exemplifica com a seguinte situação: ‘a competência de resolução de problemas envolve diferentes habilidades, entre elas a de buscar e processar informação. Mas a habilidade de processar informações em si envolve habilidades mais específicas, como a leitura de gráficos’. Dependendo do contexto, então, uma competência pode ser uma habilidade e vice-versa.

fácil às informações, a novas maneiras de construir e conceber o conhecimento, bem como recurso para ampliar as possibilidades de interação entre as pessoas.

Os computadores interligados pela Internet, assim, têm possibilitado o acesso a informações em textos com linguagem verbal, inclusive com imagens e sons. Também permitem a interação entre amigos ou desconhecidos que estejam próximos ou distantes geograficamente, de forma síncrona ou assíncrona,⁴ através de mensagens escritas ou com voz e imagem.

Refletindo sobre essas possibilidades que as redes digitais oferecem, Lévy (2000) coloca que:

[...] as pessoas trocam todo tipo de mensagens entre indivíduos e no interior de grupos, participam de conferências eletrônicas sobre milhares de temas diferentes, têm acesso às informações contidas nos computadores que participam da rede, dispõem da força de cálculo de máquinas situadas a milhares de quilômetros, constroem juntos mundos virtuais puramente lúdicos – ou mais sérios, constituem uns para os outros uma imensa enciclopédia viva, desenvolvem projetos políticos, amizades, cooperações, [...]

As possibilidades de uso oferecidas pelo computador e pela Internet estão sendo exploradas nas diversas áreas de atuação humana, entre elas a educação. Os recursos disponíveis podem, por exemplo, potencializar a aprendizagem com arquivos de texto, ferramentas de busca e de comunicação, enriquecer práticas de aulas presenciais e permitir a oferta de modalidades de educação on-line.

Muitas instituições do Brasil, principalmente a partir da década de 90, têm desenhado e promovido a utilização de ambientes virtuais no ensino e aprendizagem. O TelEduc, desenvolvido na Unicamp; o AVA, na Unisinos; o Rooda, na UFRGS e o AulaNet, na PUCRJ são exemplos de alguns ambientes desenvolvidos em universidades brasileiras.

É um grande desafio para quem trabalha com educação, frente a esse panorama de tantas mudanças e inovações, conhecer esses e outros ambientes digitais a fim de vislumbrar suas possibilidades e planejar práticas pedagógicas de qualidade levando em conta o perfil dos alunos e as características do ambiente. Torna-se importante, para isso, que se reflita sobre o que efetivamente está acontecendo nos diversos contextos

⁴ As formas síncrona e assíncrona de comunicação via Internet se referem, respectivamente, às mídias que possibilitam a interação em tempo real (salas de bate-papo e videoconferências, por exemplo) e não real (correio eletrônico, fóruns de discussão, etc.).

digitais utilizados em práticas educacionais, entre eles os Ambientes Virtuais de Aprendizagem.⁵

O problema e a justificativa

Em 2005, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, meu objetivo era investigar a interação e o desenvolvimento lingüístico em contextos digitais, mais especificamente em salas de bate-papo com fins instrucionais e utilizadas em práticas comunicacionais de Língua Inglesa. Dessa forma, meu projeto situava-se na linha de pesquisa Linguagem, Tecnologia e Educação.

Foi nesse mesmo ano que a direção e o centro pedagógico da escola na qual atuo, a Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, localizada em Novo Hamburgo, e o grupo de professoras de língua inglesa do qual faço parte organizaram reuniões para que, em conjunto, tentássemos encontrar uma solução para atender os alunos que eram classificados no final do básico ou em níveis intermediários e avançados quanto aos conhecimentos prévios da língua.

Oferecer aulas em modalidade totalmente presencial para tais alunos, como já havia sido feito anteriormente, era um procedimento não satisfatório e, às vezes, impossível. Primeiro, porque muitas variáveis tinham de ser consideradas: há um número menor de alunos nos níveis mais altos; estes pertencem a cursos, turnos e turmas regulares diferentes e têm dias variados de aulas nos turnos inversos,⁶ além de que era preciso levar em conta a disponibilidade das professoras e de salas de aula. Segundo, o fato de ter que permanecer na escola para mais um dia de turno inverso gera custos extras e insatisfação por parte dos alunos com dificuldades financeiras e / ou que têm compromissos e atividades fora da escola.

⁵ A princípio, todos os ambientes virtuais podem ser utilizados para aprendizagem. Porém, em sentido estrito, a expressão Ambiente Virtual de Aprendizagem (muitas vezes tratada pela sigla AVA ou no plural AVAs) se refere àqueles ambientes organizados de forma a possibilitar a organização de programas de ensino e aprendizagem via Internet. Na literatura, vemos vários termos correlatos: *learning management systems* ou sistemas de gestão de aprendizagem, plataforma de e-learning ou de aprendizagem e ambientes on-line de aprendizagem, entre outros. O que há em comum entre todas essas nomenclaturas é o fato de que se tratam de sistemas que permitem a organização de recursos para o ensino e a aprendizagem on-line e normalmente incluem o controle de acesso, ferramentas de comunicação e de disponibilização de conteúdos de aprendizagem (v. definição mais detalhada para AVAs em 1.4).

⁶ Turno inverso é a expressão comumente usada na Fundação Liberato para o dia em que os alunos têm aula no turno contrário, ou seja, aqueles cuja maioria das aulas são pela manhã têm, pelo menos, um dia de aula à tarde e vice-versa.

No ano de 2004, tínhamos recorrido a uma outra opção na tentativa de solucionar o problema: oferecer uma espécie de estágio no setor da escola que mantém contatos com instituições e pessoas do exterior em função de convênios, intercâmbios e feiras. Nessa proposta, os alunos faziam traduções e versões de e-mails, cartas, documentos, cadernos de informações; faziam ligações telefônicas e trabalhavam como intérpretes em uma feira internacional promovida anualmente pela escola, a *Mostratec*. Cada aluno cumpria um horário diferente, de acordo com sua disponibilidade e fazia as atividades que eram indicadas pelo secretário do setor, inclusive dar seguimento a tarefas mais longas que não tinham sido finalizadas anteriormente.

Apesar de esses alunos prestarem uma grande contribuição à instituição, uma vez que essa não conta com funcionários que possam desempenhar as funções citadas, de gostarem do trabalho, de aprenderem sobre a escola e sobre as feiras, de interagirem com pessoas diferentes e de praticarem a língua, havia dificuldades em acompanhar cada um e garantir que a experiência propiciasse a aprendizagem da língua inglesa.

Dentre as principais dificuldades, as que mais interferiam no processo eram, em primeiro, o fato de que a professora responsável e os alunos não formavam um grupo de trabalho, pois a grande maioria não se conhecia, não se comunicava e nem se encontrava devido à grande variedade de horários em que realizavam as atividades; em segundo, alguns ficavam inseguros quanto à responsabilidade de realizar, sozinhos e com êxito, as tarefas; além disso, não havia um programa de ensino e aprendizagem.

Soma-se àquelas dificuldades o fato de que, geralmente em função de tempo, somente os textos considerados mais importantes pelo setor responsável eram revisados pelas professoras, pois deviam estar ‘corretos’,⁷ não havendo possibilidades sistemáticas de um retorno para os alunos que com eles haviam trabalhado. Em resumo, nessa opção de prática educacional, os alunos não interagiam, não trabalhavam de forma colaborativa, não tinham uma assistência adequada por parte da professora e tinham que se adaptar às atividades já que essas não eram planejadas para eles.

As duas possibilidades descritas tinham se mostrado insatisfatórias e evidenciavam a necessidade de procurarmos, para esses estudantes, outras alternativas

⁷ O termo *correto*, neste contexto, tem relação com a norma culta. Os textos que passavam pela ‘correção’ das professoras precisavam estar gramaticalmente corretos de acordo com a norma culta das Línguas Inglesa ou Portuguesa, quando eram feitas versões e traduções do Português para o Inglês ou do Inglês para o Português pelos alunos envolvidos.

que levassem em conta todas as especificidades do grupo e que, ao mesmo tempo, possibilitassem a formação de turmas viabilizando a interação e o desenvolvimento a partir de um programa com atividades planejadas.

O grupo de Língua Inglesa, então, teve a idéia de utilizar uma modalidade on-line, a fim de que pudesse organizar um ponto de encontro virtual entre alunos e professoras, isto é, um ‘lugar’ que permitisse a comunicação entre os integrantes de um grupo sem restrições relativas ao espaço físico e temporal, que comportasse um programa e atividades relativas ao ensino e aprendizagem de línguas e que propiciasse a interação e o desenvolvimento dos participantes dos eventos.

O grupo de Língua Inglesa soube, então, que um ambiente de aprendizagem com essas características já era utilizado na escola por alguns professores: o TelEduc. Colegas de outras disciplinas empregavam tal espaço para fins diversos; como, por exemplo, disponibilizar materiais de leitura e facilitar a entrega de trabalhos ou a comunicação entre os integrantes das turmas fora da sala de aula. O ambiente, nesse formato de uso, estava funcionando como um suporte para práticas em modalidade presencial.

As professoras de Língua Inglesa, apesar de já empregarem os computadores dos laboratórios de informática da escola e a Internet em suas aulas e de saberem da existência de cursos através da rede, tinham pouco conhecimento sobre ambientes virtuais de aprendizagem, mas julgaram ser procedente investigar sobre a possibilidade de uso do TelEduc; porém, diferentemente de nossos colegas, em uma modalidade on-line.

As professoras de Inglês e a supervisora da disciplina contataram o administrador do TelEduc na escola e expuseram o interesse em utilizar o ambiente em um projeto de ensino e aprendizagem de inglês on-line para aqueles alunos. O administrador não apenas julgou o projeto viável como ainda se comprometeu em oferecer treinamento e suporte técnico ao grupo. A direção e o centro pedagógico da instituição também foram consultados pelo grupo de trabalho que se formava para que tivessem o aval necessário a fim de que pudessem dar seguimento ao planejamento e início à experiência de ensino e aprendizagem que estava sendo proposta.

Quando a experiência⁸ já estava em andamento, vislumbrei seu potencial de estudo e o quanto eu queria refletir de forma mais sistemática sobre o que estava acontecendo no ambiente e a partir dele. Decidi, então, voltar meu projeto de dissertação para este algo novo para mim e que estava acontecendo debaixo de meus olhos, o qual muito estava me intrigando. Assim, o *local* se deslocava em relação à idéia inicial: de salas de bate papo para um ambiente planejado de ensino e aprendizagem utilizado em uma modalidade de educação em língua estrangeira *on-line*. A linha de pesquisa, porém, continuava sendo a mesma, bem como os objetivos de estudar a interação e a aprendizagem em contexto digital.

Relevância e Contextualização, Objetivos e Organização da Pesquisa

Em um panorama em que as NTICs influenciam e são influenciadas pelas maneiras como estamos nos relacionando e construindo conhecimentos nas ações que desenvolvemos, os ambientes virtuais utilizados como instrumentos mediadores das aprendizagens e das interações na modalidade presencial ou em cursos on-line possibilitam que um grupo de pessoas interaja e construa conhecimentos. As práticas em ambientes digitais, por serem fenômenos recentes e que se ampliam a cada dia, estão se constituindo em objetos de estudos ainda não totalmente explorados, apesar de muitos pesquisadores estarem se dedicando a elas.

Como exemplo e a fim de evidenciar a relevância e contextualizar este trabalho descrevo, de forma sucinta, algumas das pesquisas desenvolvidas no Brasil a partir de experiências de ensino e aprendizagem de língua estrangeira em contextos digitais com foco na construção de conhecimentos e na interação. Dentre esses estudos estão o de Faustini (2001); Paiva (2001); Collins (2004); Gervai (2004); Carelli, Wadt e Sprenger (2004); Castro (2005); Norte (2005); Leffa (2006) e Paiva (2006); autores que apresentam importantes resultados de investigação na área em questão.

Christiane Heemann Faustini (2001) apresenta a experiência sobre o desenvolvimento e aplicação de um curso online de leitura instrumental para alunos de

⁸ O termo experiência é usado nesse texto em referência ao evento educacional foco do estudo. Tal uso não tem relação com a concepção de experimento das pesquisas de cunho positivista, as quais compreendem experimentos e experiências como as vias para provar as predições resultantes do raciocínio dedutivo.

Informática na Universidade Católica de Pelotas. A autora relata a criação de atividades com o objetivo de desenvolver estratégias de leitura junto aos alunos.

Faustini descreve ainda o uso de ferramentas de interação usadas no curso: o *e-mail* e o fórum. O *e-mail* foi utilizado para comunicação entre alunos e professor quando aqueles pediam explicações a este sobre as aulas e para o envio de atividades. No fórum, os alunos colocavam seus comentários para gerar discussões após a pesquisa sobre um determinado assunto na *web*. A autora considera o fórum, quando usado de forma adequada, o lugar ideal para a interação e construção colaborativa de conhecimento entre os participantes do curso.

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2001) relata sua experiência com uma disciplina da graduação do Curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais chamada '*Reading and writing through the Internet*'. O curso é hospedado em um *site* que tem como objetivo promover a formação de grupos de discussão, mas que oferece também vários recursos aos usuários, permitindo que o espaço seja utilizado como um ambiente de aprendizagem.

Paiva salienta que o trabalho no curso tem como pressuposto a aprendizagem como socialmente construída e, assim, enfatiza a comunicação entre seus participantes. A autora ressalta o potencial da interação nos ambientes virtuais na construção social do conhecimento. Além disso, esse tipo de curso possibilita o rompimento das barreiras de tempo e espaço da sala de aula e permite, inclusive, que outros sujeitos tomem parte dos ambientes educacionais.

Heloisa Collins (2004) explora a questão da interação e permanência em cursos de língua via Internet a partir de dados coletados em um curso de inglês oferecido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A autora analisa os fluxos interativos e avalia a intensidade de participação dos alunos e professores em dois espaços do curso: o *Bulletin Board* e o *Chat*. Collins centra seu estudo nas variáveis do curso que possam vir a contribuir para a permanência ou desistência dos alunos, apesar de salientar que as características dos aprendizes também influenciam para que eles continuem ou não.

A pesquisadora conclui que os alunos de cursos via Internet estão mais preparados para executar tarefas, talvez por serem as práticas mais comuns na escola regular, do que interagir nos espaços de comunicação e, assim, construir conhecimento de forma coletiva. Porém, ela acredita que, à medida que os participantes de cursos

online ficam mais familiarizados com as ferramentas de comunicação da Internet, eles tenham mais facilidade em usar os espaços de interação dos ambientes virtuais que têm como objetivo a aprendizagem.

Solange Gervai (2004) apresenta seu estudo sobre a utilização de *chats* em cursos oferecidos a professores de inglês da rede pública de São Paulo pela Pontifícia Universidade Católica daquele Estado e chamados ‘Leitura Instrumental e Compreensão Oral’. A autora tem como objetivo discutir o uso da ferramenta *Chat* enquanto instrumento de ensino e aprendizagem a fim de avaliar seu potencial educacional.

A pesquisadora analisa as transcrições dos turnos de *chats* de três cursos diferentes: um deles utilizou somente a modalidade a distância e os outros dois combinaram práticas online e encontros presenciais. Gervai conclui que o padrão mais usual de interação se referia a trocas de informações com objetivo de socialização e relata que foram poucos os casos em que houve padrões mais complexos de construção de conhecimento entre os participantes dos eventos comunicacionais dos *chats* daqueles cursos.

Gervai chama a atenção para a importância da compreensão do papel do professor para que ocorra construção colaborativa de conhecimentos nos espaços de Chat e não somente a utilização do dispositivo para troca de informações pessoais. Ela aponta que é necessário que o professor tenha clareza sobre o que vai ser discutido e que não restrinja a sua atuação a responder às consultas dos alunos, mas que promova desafios e coloque questões relevantes a fim de suscitar o debate e, conseqüentemente, a construção de conhecimentos por parte dos aprendizes.

Izaura Maria Carelli, Maria Paula S. Wadt e Terezinha Maria Sprenger (2004) relatam suas experiências como professoras em cursos de inglês para iniciantes através da Internet. O objetivo de seus cursos era desenvolver a habilidade de comunicação em inglês a distância em situações informais.

Por considerarem o *feedback* dado pelo professor como um fator decisivo para a interação nos cursos, as autoras apontam algumas sugestões que elas próprias utilizaram para organizar as mensagens recebidas pelo correio do sistema e, assim, facilitar o retorno dado aos aprendizes. Carelli, Wadt e Sprenger ressaltam que o *feedback* dado pelo professor, além de seu importante papel afetivo, pode promover interações estimulantes e diversificadas por parte dos alunos.

As pesquisadoras descrevem também algumas dinâmicas interativas que usaram ao ministrar seus cursos e que propiciaram a participação e a interação do grupo. Uma dessas dinâmicas relatadas, chamada ‘convidado especial’, possibilitou que outras pessoas entrassem no ambiente e fossem entrevistadas pelos alunos no *Chat*, enriquecendo as trocas comunicativas.

Castro (2005) investiga a competência comunicativa em inglês de alunos brasileiros de ensino médio quando da troca de e-mails com seus parceiros a partir de um site que promove o intercâmbio entre pessoas de diversas partes do mundo. A pesquisadora conclui que a Internet se constitui como um espaço que potencializa as relações entre os indivíduos e que promove sua inclusão social e desenvolvimento lingüístico.

Mariângela Braga Norte (2005) faz o relato de duas experiências em que utilizou o computador com alunos de Letras da Universidade Estadual Paulista e voluntários nos cursos ministrados extraclasse e organizados por ela.

Na primeira experiência, a intenção da pesquisadora era investigar se a aprendizagem semi-autônoma seria eficaz e se despertaria nos alunos a consciência sobre estudar a língua inglesa através de atividades realizadas com recursos da Internet, além de verificar as contribuições do computador para a autonomia no estudo.

Na segunda experiência, Norte propôs que os alunos utilizassem o correio eletrônico para trocar mensagens com falantes nativos e que levassem os textos enviados e recebidos para as aulas presenciais a fim de que fossem analisados por todos. A autora conclui que os estudantes aprenderam de forma cooperativa com as pessoas com que se corresponderam e com os próprios colegas de sala de aula.

Vilson Leffa (2006) descreve o protótipo de um sistema de autoria desenvolvido como parte de um projeto mais abrangente, o ELO (Ensino de Línguas Online). O objetivo desse modelo não é, como ressalta o autor, a substituição do professor pela máquina, mas a ampliação de sua ação através da simulação mediada pelo computador.

A experiência de Leffa leva em conta o fato de que, em um evento educativo, três elementos vão estar presentes: o professor, o aluno e o conteúdo. Assim, no sistema desenvolvido, os espaços desses elementos são o ponto de partida para a organização na tela. A interação entre professor e aluno se dá através do conteúdo, com diferentes graus

de mediação do docente: baixo, médio e alto, variando desde atividades em que somente uma possibilidade de resposta é aceita até questões com opções mais abertas e em que o nível de interferência entre os envolvidos é maior. O aluno vai, dessa forma, realizar a atividade organizada pelo professor a partir de um repertório de opções previstas.

O autor conclui que o sistema, apesar de apresentar limitações dadas pela forma de o computador fornecer *feedback*, pode contribuir para que o aluno, ao realizar a atividade proposta pelo professor, construa o sentido dos textos.

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2006) reflete sobre o papel e a importância do *feedback* partindo da interação humana em geral e da interação ser humano / máquina até chegar ao contexto de seu estudo, ou seja, a interação entre membros de uma sala de aula virtual.

A autora apresenta sua proposta de classificação para o *feedback* relativo à sala de aula virtual através de duas grandes categorias: *feedback* avaliativo e *feedback* interacional e detalha diversos tipos dentro de cada uma delas. Paiva demonstra esses tipos de *feedback* com exemplos de mensagens produzidas em grupos de discussão pelos membros de disciplinas de um curso de graduação e dois cursos da pós-graduação da UFMG.

Entre os tipos de *feedback* avaliativo propostos pela pesquisadora estão aqueles em que o professor avalia o aluno ou o grupo; ou aqueles em que o aluno pede retorno sobre uma tarefa, avalia o curso, o professor e o grupo. Já entre os tipos de *feedback* interacional estão, entre outros, aqueles em que o aluno ou o professor estimula a permanência de pessoas no grupo e aqueles em que os participantes avaliam ou sugerem normas de interação.

Paiva aborda a complexidade do conceito de *feedback* em ambientes virtuais de aprendizagem comparando ao que acontece em uma sala de aula tradicional: nesta é o professor que geralmente é o responsável pelo fornecimento de *feedback*: é ele quem pergunta e comenta a resposta do aluno dentro de um número de tópicos reduzido e controlado por ele. Já nos ambientes virtuais, todos os participantes podem lançar questionamentos e dar *feedback*. A autora conclui que o *feedback* demonstra ser o fator determinante para o sucesso ou o fracasso de um curso em ambientes virtuais, uma vez que a ausência de retornos por parte do professor e dos colegas é a maior reclamação de participantes de tais cursos. Além disso, Paiva considera o *feedback* como a mola que

impulsiona toda a interação, sendo que esta é, na sua concepção, condição *sine qua non* para que a aprendizagem aconteça.

Na continuidade desses estudos, esta pesquisa se propõe a refletir sobre o uso de um ambiente virtual de aprendizagem utilizado em um curso de língua estrangeira em uma modalidade *on-line*. Os objetivos deste estudo consistem em observar e refletir sobre os sentidos construídos pelos alunos em relação ao ambiente, às interações e às aprendizagens e com isso compreendê-los a partir da experiência em que um AVA é utilizado para viabilizar e mediar uma modalidade de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Para isso, esta pesquisa buscará responder à seguinte questão:

- 1) Que sentidos os alunos e a professora-pesquisadora constroem em relação:
 - a) ao contexto próximo (computador, Internet e AVA)?
 - b) às interações que ocorreram nesse contexto e a partir dele?
 - c) às aprendizagens que ocorreram nesse contexto e a partir dele?

A partir da observação e reflexão sobre os aspectos citados, pretendo contribuir para a compreensão das possibilidades de utilização de ambientes virtuais e as influências dos mesmos nas interações e aprendizagens decorrentes de experiências educacionais que os utilizam. Como implicação, esse trabalho pode vir a fornecer contribuições aos estudos sobre cursos *on-line* desenvolvidos através de AVAs ou que utilizam esses sistemas para potencializar as práticas de ensino e aprendizagem, principalmente aqueles cursos e práticas voltados ao ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

A metodologia a ser utilizada tem respaldo na linha de pesquisas qualitativas e o trabalho pressupõe a participação da pesquisadora na equipe de planejamento do curso e como professora no ambiente.

A dissertação está organizada conforme a descrição que é feita a seguir. No primeiro e no segundo capítulos são apresentadas as bases teóricas deste estudo. O primeiro trata do quadro teórico que descreve e explora as características das novas tecnologias que são usadas na educação e que fazem parte do contexto em que a experiência foco tem lugar, mais especificamente, o computador, a Internet, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem e a Educação On-Line.

No segundo capítulo, há uma discussão sobre a teoria sociocultural vigotskiana e a dialógica de Bakhtin, as quais desenvolvem aspectos acerca de construção de

conhecimentos, significados e sentidos e de constituição do sujeito. Nessas abordagens, a linguagem, a interação e o contexto têm papéis centrais nos processos de aprendizagem e desenvolvimento humanos, incluindo a área mais específica na qual este estudo se insere, a de ensino e aprendizagem de língua estrangeira em uma modalidade on-line utilizando um ambiente digital.

O terceiro capítulo desta dissertação se refere ao paradigma de pesquisa no qual o estudo se insere e à metodologia utilizada. Este capítulo discute a escolha do método, o contexto da pesquisa e os procedimentos utilizados em relação à organização e às reflexões sobre os registros.

No quarto capítulo, encontram-se a apresentação e a teorização sobre os registros da experiência de ensino e aprendizagem. Tais registros e teorização se relacionam aos sentidos construídos pelos participantes do evento educacional em referência ao contexto, às interações e às aprendizagens que ocorreram no ambiente e a partir dele. Tais sentidos foram construídos durante o curso, por meio dos textos, questionários, entrevistas e atividades diversas.

Concluo o trabalho com considerações, as quais tratam de algumas reflexões desenvolvidas nos processos de geração dos registros, de vivências e ações junto aos participantes da pesquisa e de escritura deste texto. Tais considerações exploram, de forma breve, as possibilidades de continuidade deste estudo.

1 O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Neste capítulo, apresento o quadro teórico que explora as características do contexto digital em torno do qual são abordados os campos nos quais este estudo se insere, uma vez que a compreensão sobre o contexto é de extrema importância nesta pesquisa. Assim, neste capítulo intitulado *O Uso de Novas Tecnologias na Educação* são apresentados o computador, a Internet, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem e a ou Educação *On-Line*.

1.1 INTRODUÇÃO

Estamos presenciando uma nova construção da sociedade a partir de uma nova cultura: a cibercultura⁹. Nessa, temos a presença dos elementos da rede mundial de computadores oferecendo novas possibilidades de perceber, vivenciar e estar no mundo surgidas com os recursos tecnológicos. A cibercultura potencializada pela tecnologia revolucionária não somente a relação do ser humano com a máquina, mas também com o conhecimento e com outros seres humanos. Essas inter-relações transformam as capacidades dos sujeitos de agir no mundo e fazem com que as formas de se relacionar com o outro sejam recriadas.

Com os novos caminhos de um mundo e sociedades contemporâneas que são viabilizados com o uso da tecnologia, a educação também tem sido influenciada por essa nova cultura que se manifesta de forma virtual¹⁰ no ciberespaço¹¹ através das redes de comunicação, principalmente via Internet e também, dentre tantas possibilidades que esse panorama oferece, estão aquelas vinculadas mais diretamente ao ensino e à aprendizagem.

⁹ Segundo Lévy (1999), o conceito de cibercultura se refere à cultura transformada com o desenvolvimento das tecnologias digitais e a expansão das redes de comunicação. Cibercultura se relaciona às práticas, pensamentos e valores que tomam forma com o ciberespaço.

¹⁰ Pierre Lévy (1996) apresenta uma concepção de virtual não como oposta ao real, mas como algo que existe na sua potencialidade e oposto, assim, ao atual.

¹¹ De acordo com o dicionário de termos “Internet”, ciberespaço é um termo que passou a ser conhecido através do romance ‘Neuromancer’, de William Gibson (1984) para designar o conjunto das redes interligadas de computadores. Segundo Lévy (2000), o ciberespaço é o espaço de comunicação que existe pela interconexão dos computadores e de suas memórias.

Nas palavras de Lévy (1999, p. 9), ‘a verdadeira inteligência do homem consiste em tornar sua sociedade inteligente’. Para este autor, o ser humano expressa e desenvolve sua inteligência quando se relaciona com seus semelhantes e estabelece vínculos através de diferentes processos de comunicação a fim de se aproximar do outro ou de se organizar socialmente.

Enquanto os demais animais são condicionados por sua ‘estrutura’ física a atuar de forma limitada nos ambientes em que vivem; o ser humano, por sua vez, vai procurar descobrir as diferentes possibilidades do seu ambiente, podendo até mesmo transformar ou ampliar as possibilidades desse mundo. O homem aprendeu, por exemplo, a produzir o fogo, aprendizado que não fazia parte da ‘estrutura física’ do seu cérebro ou do restante do seu corpo.

Utilizando os recursos do seu ambiente ou criando novas formas de uso para esses recursos, estabelecendo novas possibilidades, os seres humanos têm modificado e expandido a sua atuação no seu espaço geográfico e nas relações com seus semelhantes. O conhecimento, nessa perspectiva, não é dado somente por uma maturação das estruturas mentais nem é condicionado por estímulos dados pelo meio apenas, mas principalmente construído socialmente nas relações e interações que o ser humano estabelece com o seu ambiente e com seus semelhantes, contribuindo para a evolução humana e o surgimento de novas possibilidades e diferentes recursos para a vida do ser humano na Terra.

Entre os recursos e possibilidades mais recentes na História da humanidade estão o computador, a Internet e os ambientes virtuais de aprendizagem, os quais serão abordados a seguir.

1.2 O COMPUTADOR E A INTERNET

As novas tecnologias marcam um tempo de novos espaços e novas relações, tanto pessoais, como concernentes à educação, ao lazer e ao trabalho. O computador e a Internet são exemplos das tecnologias mais inovadoras em função das possibilidades que oferecem em seus espaços e interações que nesses têm lugar.

O computador está inserido de tal forma em nossa sociedade que tem, para os adolescentes de hoje, o status que tinha a televisão para os jovens da geração anterior.

Na figura a seguir, podemos constatar a importância que um aluno dá ao seu computador ao caracterizá-lo como parte de sua família.

V – Draw and write about you and your family. (2.0)

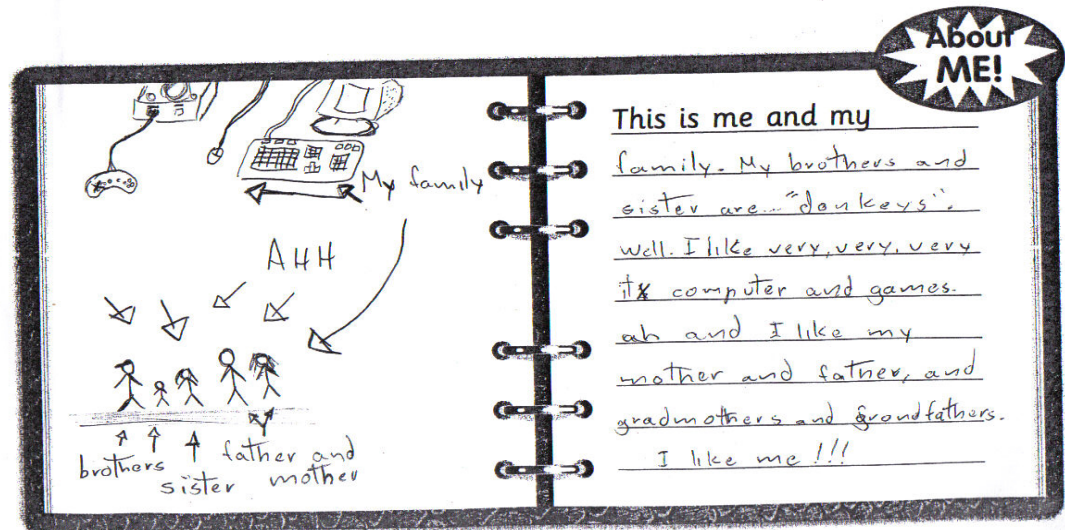


Figura 1.1: Computador como parte da família

Com a inserção do uso dos computadores em diversas áreas de atividades humanas, passou-se a utilizá-lo também na educação, o que acabou gerando, muitas vezes, afirmações sobre ser esse instrumento, por si só, capaz de modernizar e facilitar os processos de ensino e aprendizagem. Se, por exemplo, utilizarmos o computador para digitar um texto, não será esse recurso que fará com que o conteúdo seja melhor do que se o material fosse manuscrito. Nesse sentido, constata-se que o computador não constrói conhecimentos sozinho, mas serve para mediar ou potencializar as ações e aprendizagens humanas. O mesmo princípio é válido para os outros instrumentos criados pelo homem, entre eles, a Internet.

A Internet teve seu início na década de 60, durante a guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética, com o surgimento de uma rede de computadores, a ARPANET, idealizada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), com o objetivo de ser usada como recurso militar americano.¹²

¹² As informações sobre a história da Internet foram colhidas no site da Associação Brasileira dos Provedores de Acesso, Serviços e Informações da Rede Internet (ABRANET), o qual está disponível em <<http://www.abranet.org.br>>.

Na década de 80, com o fim do temor da guerra fria, a ARPANET deixou de ser utilizada somente em ambientes militares e ganhou uma nova utilidade: a de interligar laboratórios de pesquisa e universidades nos Estados Unidos e, depois, em outros países. Nesse período, o nome Internet passou a ser utilizado. Porém, somente no final dos anos 80 a Internet passou a ser utilizada mais intensamente e, com isso, cresceu o seu potencial enquanto instrumento de compartilhamento de dados e de comunicação.

Desde o desenvolvimento da *www (World Wide Web)* na década de 90, a Internet tem se propagado e o número de usuários tem sido ampliado consideravelmente. Castells (2003, p. 8) aponta que, no final de 1995, havia cerca de 16 milhões de pessoas utilizando as redes de comunicação por computador; em 2001, esse número era superior a 400 milhões e as previsões são de que tenhamos dois bilhões de usuários em 2010, mesmo considerando que haja uma desaceleração da ampliação em razão da pobreza e do atraso tecnológico de muitos países.

A evolução dos recursos da Internet tem possibilitado que ela deixe de ser concebida somente como meio de transmissão de dados e de comunicação e passe também a ser explorada para o lazer, o comércio e a educação. Pela rede, pessoas de lugares distantes se comunicam. Por ela é possível comprar artigos diversos, estudar, pesquisar, trabalhar, efetuar transações bancárias, tudo isso em ambientes com recursos cada vez mais atraentes, onde podem se integrar textos, imagens e sons. Através de instrumentos que possibilitam diferentes usos do espaço virtual, navegamos, agimos e interagimos, fazendo com que juntos configuremos e construamos uma nova era caracterizada como virtual e um novo espaço a essa era relacionado, o ciberespaço.

1.2.1 Conceitos acerca do contexto da internet: o virtual e o ciberespaço

A palavra ‘virtual’ tem sido utilizada desde os últimos anos do século XX e, algumas vezes, temos a sensação de que tudo pode ser virtual: ouvimos falar de namoro virtual, sexo virtual, comércio virtual, banco virtual, educação virtual. O termo é usado como um adjetivo para todas as atividades que se pode realizar através da Internet e de seus ambientes. Quanto ao conceito de ‘virtual’, Lemos (2002, p. 172) aponta que ele

remonta ao século XVIII e seu significado vem sendo expandido com diferentes sentidos. Conforme este autor, a palavra virtual:

[...] surgiu no princípio do século XVIII no campo da ótica, para descrever a imagem refratada e refletida de um objeto. No século XIX, os físicos criaram o conceito de velocidade virtual (momento virtual) de partículas. O conceito foi usado para descrever o comportamento das partículas atômicas. Na informática, a palavra virtual aparece na década de 70, quando a IBM lança um produto-conceito chamado de memória virtual, introduzindo em seus *mainframes*.

A palavra ‘virtual’ é comumente empregada como o que ainda não se concretizou, ou seja, em relação à existência potencial de algo. Pierre Lévy (1996) discute essa concepção e, para ele, o ‘virtual’ apresenta mais complexidade do que a existência potencial de um objeto: compreende o deslocamento no espaço físico e temporal, ou seja, uma ‘desterritorialização’ que possibilita estar em diferentes lugares, em sincronia ou assincronia, fazendo com que desprendamo-nos do aqui e agora e concebamos, com isso, uma nova dimensão de espaço e tempo. Assim, Lévy concebe o virtual não como oposto ao real, mas como algo que existe na sua potencialidade e oposto, dessa forma, ao atual.

Em função dessa perspectiva da virtualidade, surgiu o conceito de ‘ciberespaço’. O termo foi utilizado por Willian Gibson em sua obra *Neuromancer*, de 1984, com a acepção de um lugar que não é situado geograficamente, onde existem objetos virtuais e onde atividades virtuais podem acontecer. Assim, o termo ‘ciberespaço’ se refere ao que acontece pela rede mundial de computadores e nessa perspectiva podemos dizer que, por exemplo, mensagens trocadas por pessoas que moram em cidades diferentes não acontecem nos lugares onde estão localizados esses indivíduos e os seus computadores, mas no ciberespaço.

Um outro sentido para o termo ‘ciberespaço’ é apresentado por Pierre Lévy (1996, p. 92): ‘(ele) é como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores’. Nesse universo do ciberespaço existem combinações de diferentes formatos de comunicação e de disponibilização de informações: correio eletrônico, textos das mais diversas ordens, salas de bate-papo, fóruns de discussão, jogos, sites voltados ao ensino e aprendizagem, etc. O ciberespaço é, enfim, um espaço de interações e de disponibilização de informações que tem a potencialidade de ser utilizado como um lugar de colaboração e produção de conhecimentos.

Lévy (*op. cit.*, p. 167) discorre sobre como concebe o futuro do ciberespaço, o qual, segundo ele:

[...] tende a tornar-se a principal infra-estrutura de produção, transação e gerenciamento econômico. Será em breve o principal equipamento coletivo internacional da memória, pensamento e comunicação. Em resumo, em algumas dezenas de anos, o ciberespaço, suas comunidades virtuais, suas reservas de imagens, suas simulações interativas, sua irresistível proliferação de textos e signos, será o mediador essencial da inteligência coletiva humana.

As possibilidades de transmissão de informações, de comunicação e interação oferecidas pelo ciberespaço em função dos avanços tecnológicos dos últimos tempos lançaram as bases para que a educação também pudesse se beneficiar dos ambientes virtuais, utilizando os recursos disponíveis na rede ou fazendo com que novos espaços mais diretamente relacionados com a educação, como os ambientes virtuais de aprendizagem, fossem desenvolvidos.

1.3 AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

É no panorama de uma nova concepção de mundo e sociedade, de avanços tecnológicos e em razão das possibilidades oferecidas pelos espaços virtuais que surgem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem são sistemas disponíveis através da Internet que têm como objetivo o suporte para atividades de ensino e aprendizagem on-line. De acordo com Eliane Schlemmer (*apud* SCHLEMMER: 2005, p. 34), os AVAs ‘são sistemas que sintetizam a funcionalidade de software para Comunicação Mediada por Computador (CMC) e métodos de entrega de material de cursos on-line’.

Esses recursos tecnológicos, porém, assim como os demais, em nada se constituirão como verdadeiramente inovadores se não contemplarem uma concepção pedagógica em que o conhecimento seja construído nas ações de professores e alunos; podendo ser caracterizados apenas como uma forma atraente de transmissão de informações e de ensino de massas.

Nesse sentido, Carla Valentini e Eliana Soares (2005, p. 19), ao relatarem o entendimento atual sobre AVAs do grupo de professores que conceberam o Lavia (Laboratórios Virtuais de Aprendizagem) da Universidade de Caxias do Sul, enfatizam que entendem um AVA como ‘um espaço social, constituindo-se em torno de um objeto

de conhecimento'. Esse espaço é um lugar na rede mundial de computadores onde os sujeitos interagem com a mediação de diversos recursos.

Valentini e Soares (*op. cit.*, p. 19) ressaltam que não é o aparato tecnológico em si que é determinante da aprendizagem, mas 'o plano pedagógico que sustenta a configuração do ambiente' e que irá possibilitar que o AVA seja um 'espaço onde os interagentes se constituam como elementos ativos, co-autores do processo de aprendizagem'. Esses ambientes, dessa forma, podem ser utilizados como lugares virtuais de aprendizagem, possibilitando a professores e alunos não somente o acesso aos conteúdos das aulas, como também à comunicação, à interação e à cooperação entre alunos e professores, reduzindo, assim, as limitações de tempo e espaço em que os participantes se encontram ou mesmo empreendendo uma nova dimensão para nossas noções de tempo e espaço.

Acerca de tempo e espaço, Pierre Lévy (1996, p. 21) salienta que, 'quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam 'não-presentes', se 'desterritorializam'. Lévy (*op. cit.*, p. 21) afirma ainda que uma espécie de desengate separa quem e o que é virtualizado do 'espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário'. É o que acontece nos espaços virtuais e, conseqüentemente, também nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem quando empreendemos uma nova dimensão, através de nossas práticas, para as noções que temos para tempo e espaço.

Nos AVAs, os conteúdos e tarefas podem ser disponibilizados através de recursos em multimídia (com texto, imagem e som). Tais ambientes também oferecem, através de mídias de interação (correio eletrônico, fóruns de discussão, salas de bate-papo), a possibilidade de compartilhar informações, de trabalhar de forma cooperativa e de construir conhecimentos em conjunto através da comunicação síncrona ou assíncrona.

Em relação às comunidades virtuais, Lévy (*op. cit.*, p. 20) afirma que estas podem organizar-se por afinidades e objetivos através de sistemas de comunicação telemáticos,¹³ o que pressupõe que essa possa ser uma característica dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. O autor salienta que os membros de tais comunidades:

¹³ O adjetivo telemático refere-se à telemática, que é o conjunto de tecnologias da informação e da comunicação resultante da junção entre os recursos das telecomunicações e da informática, e que possibilitou o processamento, a compressão, o armazenamento de grandes quantidades de dados (em formato de texto, imagem e som) e a comunicação em curto prazo de tempo, entre usuários localizados em diferentes pontos do planeta.

[...] estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia.

Os AVAs possibilitam que comunidades virtuais sejam formadas por pessoas que estabelecem relações sociais a partir de objetivos educacionais comuns. Esses ambientes permitem que processos de cooperação e colaboração¹⁴ sejam viabilizados, os quais podem gerar aprendizagem e desenvolvimento através da co-construção de conhecimentos de acordo com o caráter das tarefas e do grau de envolvimento interacional de cada membro da comunidade.

Nessa perspectiva, os AVAs podem ser considerados como recursos notadamente importantes para práticas de Educação *On-Line*, bem como para suporte em aulas nas modalidades presencial ou semi-presencial. Existem, atualmente vários AVAs que oferecem recursos para que cursos e atividades sejam desenvolvidos através da Internet. Dentre esses ambientes desenvolvidos ou utilizados em instituições brasileiras e de distribuição livre e gratuita podemos citar o AulAnet, o Moodle e o TelEduc¹⁵. Os três ambientes são descritos sucintamente a seguir, descrição¹⁶ essa que envolve quem desenvolveu o AVA, seus objetivos e a lista dos recursos e ferramentas disponíveis em cada um.

¹⁴ Segundo o Dicionário Brasileiro Globo, colaborar envolve ‘trabalhar juntamente com outro ou outros’, enquanto cooperar significa ‘trabalhar em comum’. Julgo que o conceito de cooperação é mais abrangente, uma vez que parece pressupor relações mais simétricas, de respeito às diferenças entre os envolvidos. Assim, para haver colaboração, os indivíduos interagem uns com os outros de forma que haja ajuda de um para com o outro ou mútua. Para existir cooperação, por outro lado, é necessário que os participantes também tenham objetivos em comum e realizem as atividades de forma conjunta.

¹⁵ Os ambientes virtuais de aprendizagem citados estão disponíveis, respectivamente, nos seguintes endereços <<http://www.eduweb.com.br/portugues/home.asp>>, <<http://moodle.org>> e <<http://teleduc.nied.unicamp.br/teleduc/>>. O TelEduc, Ambiente Virtual de Aprendizagem através do qual a experiência de educação foco desse estudo acontece, é descrito detalhadamente na Metodologia.

¹⁶ As informações para a descrição foram encontradas no Manual do Professor do AulAnet, disponível para download em <<http://www.eduweb.com.br>>; no link para o download do Moodle em Português do Brasil, disponível em <<http://download.moodle.org>> e na introdução ao TelEduc, disponível em <<http://teleduc.nied.unicamp.br/teleduc/>> e na estrutura do ambiente, disponível em <http://ead.liberato.com.br/~teleduc/pagina_inicial/estrutura.php>.

Tabela 1.1
Ambientes Virtuais de Aprendizagem analisados

AVA	Desenvolvimento	Objetivos	Recursos / Ferramentas
A U L A N E T	Desenvolvido no Laboratório de Engenharia de Software – LES – do Departamento de Informática da PUC – Rio. Atualmente a empresa EduWeb é a responsável pelo software.	Possibilitar a administração, criação, manutenção e participação em cursos a distância.	* Mecanismos de Comunicação: Contato com Docentes, Lista de Discussão, Conferências, Debate, Mensagem para os Participantes. * Mecanismos de Coordenação: Avisos, Plano de Aulas, Tarefas, Avaliação, Acompanhamento de Participação. * Mecanismos de Cooperação: Bibliografia, Documentação, Co-autoria de Docente, Co-autoria de Aprendiz, Download.
M O O D L E	Desenvolvido por um grupo de pessoas da Austrália. A empresa ‘Moodle.com’ foi criada para dar suporte e consultoria.	Ajudar educadores na criação de comunidades de aprendizagem online.	Tarefa, Pesquisa de Opinião, Fórum, Diário, Material, Questionário, Avaliação de Curso.
T E L E D U C	Desenvolvido por pesquisadores do Nied (Núcleo de Informática Aplicada à Educação) da Unicamp.	Disponibilizar um ambiente para a criação, participação e administração de cursos na Web.	* Ferramentas disponíveis para alunos e formadores: Estrutura do Ambiente, Dinâmica do Curso, Agenda, Avaliações, Atividades, Material de Apoio, Leituras, Perguntas Frequentes, Exercícios, Parada Obrigatória, Mural, Fórum de Discussão, Bate-Papo, Correio, Grupos, Perfil, Diário de Bordo, Portfólio e Acessos. * Ferramentas somente para os formadores: Intermap, Administração e Suporte.

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem são compostos, como evidencia a tabela acima, por diversos recursos, comumente chamados de ferramentas, os quais possibilitam a disponibilização de conteúdos e potencializam a comunicação e interação entre os participantes de determinado curso. Os recursos que cada AVA oferece, porém,

variam de acordo com os objetivos e com a concepção pedagógica que serviram de base para o seu desenvolvimento.

Entretanto, apesar dos objetivos e da concepção pedagógica que nortearam o desenvolvimento do AVA, é necessário avaliar a concepção de currículo e a abordagem de ensino e aprendizagem utilizada pelos formadores de cada comunidade de aprendizagem, uma vez que, segundo Okada e Santos (2003, p. 7), é ‘possível encontrar no ciberespaço comunidades que utilizam o mesmo AVA com uma variedade incrível de práticas e posturas pedagógicas’. Assim, se como educadores temos interesse em experienciar um Ambiente Virtual de Aprendizagem em nossas práticas, precisamos estar cientes sobre a nossa concepção pedagógica para que possamos avaliar as concepções dos diferentes AVAs a fim de que se possa fazer uma escolha adequada.

Em relação à escolha de um AVA que dê suporte a práticas online de ensino e aprendizagem, Schlemmer (2005, p. 35) também enfatiza a necessidade de uma análise criteriosa das concepções pedagógicas que permeiam a organização dos ambientes:

O primeiro e mais importante item a ser analisado é o critério didático-pedagógico do software, pois todo e qualquer desenvolvimento de um produto para a educação é permeado por uma concepção epistemológica, ou seja, por uma crença de como se dá a aquisição do conhecimento, de como o sujeito aprende.

Segundo Okada e Santos (2003, p. 7), é possível encontrar diferentes concepções pedagógicas nas práticas em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, as quais podem ser caracterizadas como instrucionistas, interativas ou cooperativas. De acordo com as autoras, nas práticas instrucionistas a distribuição de conteúdos e a cobrança de tarefas são os objetivos centrais. O papel dos formadores em tais práticas se resume ao ‘gerenciamento burocrático e bancário do processo de ensino’. Nas práticas interativas e cooperativas, por outro lado, os sujeitos que participam do curso constroem o conteúdo num ‘processo de autoria e co-autoria de sentidos’. Nos cursos centrados nesses tipos de práticas, o diálogo e a interação alicerçam o planejamento e as atividades que neles acontecem.

Com o desenvolvimento de Ambientes Virtuais de Aprendizagem centrados em concepções interacionistas e construtivistas, há um favorecimento dos processos de ensino e aprendizagem. Tais ambientes influenciam a concepção de educação em geral e aquela relacionada à Educação *On-Line* por permitirem a organização de cursos nos quais os alunos são sujeitos, a cooperação e a colaboração são elementos constantes e as limitações relativas à distância e ao tempo são desafiadas.

1.4 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA OU EDUCAÇÃO ON-LINE

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação têm desempenhado um importante papel no desenvolvimento da Educação a Distância em função, principalmente, das formas digitais de transmissão de dados e de comunicação em rede.

A distância geográfica e / ou temporal é geralmente a primeira idéia que é remetida a muitos quando ouvem a expressão ‘Educação a Distância. Porém, o conceito de EAD configura-se como mais complexo. Para Litwin (2001, p. 13), por exemplo, a Educação a Distância representa ‘uma maneira particular de criar um espaço para gerar, promover e implementar situações em que os alunos aprendam’.

Entretanto, apesar de o professor e os alunos não estarem juntos no espaço físico e / ou no tempo na EAD, eles podem estar próximos se houver a utilização e mesmo a integração dos recursos disponíveis para a comunicação em rede, como correio eletrônico, fóruns de discussão, teleconferências. É o que Moran (2002) explicita com a seguinte colocação acerca da Educação a Distância: ‘(é) ensino/aprendizagem onde professores e alunos não estão normalmente juntos, fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet’.

A legislação brasileira através do Decreto nº 2.494 de 10 de fevereiro de 1998, em seu artigo primeiro define a EAD como:

Uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados e veiculados pelos meios de comunicação, dando destaque a elementos de abertura à democratização do ensino e autonomia do indivíduo.

Essa legislação valoriza a EAD enquanto uma possibilidade de oferecer melhorias na educação utilizando as novas tecnologias através da ampliação de seu campo de ação e a conseqüente colaboração na resolução de problemas educativos que os professores vivenciam em seus cotidianos. Nessa perspectiva, tem-se a EAD como um espaço pedagógico que potencializa a democratização e a socialização do conhecimento. Porém, apesar da valorização dos vários aspectos relativos à EAD citados, a definição proposta pela lei compreende as práticas a distância como instrucionistas, ou seja, em que materiais são disponibilizados para o auto-estudo, o que é marcado quando se menciona a auto-aprendizagem através de recursos que são disponibilizados pelos meios

de comunicação. A interação não é citada como importante no processo de ensino e aprendizagem.

As novas tecnologias, por interferirem nos processos de transmissão de informações e de comunicação, causam uma desconforto em relação aos conceitos de espaço e de tempo, ponto já abordado quando da discussão sobre o virtual e o ciberespaço. A palavra distância, então, precisa ser repensada, uma vez que estar distante geograficamente e / ou no tempo pode, em função das possibilidades oferecidas pelas NTIC, não ser sinônimo de estar distante em relação ao envolvimento com o processo de ensino e aprendizagem. Como questiona Litwin (2001, p. 11), '(t)alvez tenhamos que dar outro nome para a EAD visto que ela já não se define pela distância'.

Não há uma unanimidade em relação ao conceito ou à denominação de Educação a Distância. Alguns autores utilizam a expressão Ensino a Distância; outros, Educação a Distância. Ainda há Educação On-Line mais especificamente relacionada aos cursos desenvolvidos pela Internet e *e-Learning*, expressão utilizada para fazer referência aos cursos de treinamento empresariais. Para Chaves (*apud* SILVA, 2000), as palavras educação e aprendizagem não são adequadas uma vez que:

[...] a educação e a aprendizagem são processos que acontecem dentro da pessoa – não há como possam ser realizados a distância. Tanto a educação como a aprendizagem (com a qual a educação está conceitualmente vinculada) acontecem onde quer que esteja o indivíduo que está se educando ou aprendendo.

Moran (2002), por outro lado, considera o uso da palavra ensino como inadequada uma vez que seu uso subentende o foco do processo educacional no professor e, a meu ver, identifica-se com uma perspectiva pedagógica instrucionista e de transmissão de informações.¹⁷ Segundo Moran (*op. cit.*): “Na expressão ‘ensino a distância’ a ênfase é dada ao papel do professor (como alguém que ensina a distância). Preferimos a palavra ‘educação’ que é mais abrangente, embora nenhuma das expressões seja perfeitamente adequada.”

As denominações e os conceitos para EAD são influenciados pelas perspectivas pedagógicas e concepções educacionais daqueles que trabalham na área e também pela evolução dos meios de comunicação e da tecnologia. A discussão em torno

¹⁷ Esta é a concepção com a qual me alinho. Porém, por compreender que o termo ‘distância’ não contempla a noção de virtual e ciberespaço enquanto espaços de aproximação dos sujeitos em uma nova concepção de tempo e lugar, opto pelo uso da expressão Educação On-Line neste trabalho. Pelo mesmo motivo, prefiro a expressão ‘aula face a face a ‘aula presencial’.

do tema é bastante presente na atualidade em função dos diferentes paradigmas educacionais que co-existem e das possibilidades que as NTIC oferecem. Nessa perspectiva, Litwin (2001, p. 13) opta por uma conceituação mais aberta para a EAD. Para a autora, a modalidade ‘é uma maneira particular de criar um espaço para gerar, promover e implementar situações em que os alunos aprendam’.

O livro verde da Sociedade da Informação no Brasil (2000, p. 46), no capítulo intitulado ‘Educação na Sociedade da Informação’, ressalta que a disseminação da Internet nos últimos anos tem causado o ressurgimento das discussões acerca da Educação a Distância, uma vez que a rede mundial de computadores permite complementar o ensino presencial ou mesmo potencializar modalidades não-presenciais. Segundo este documento (*op. cit.*, p. 47), o interesse pela EAD nos últimos tempos se deve ao fato de que ela possibilita:

- i. O aumento considerável da audiência de um curso ou palestra, tanto no tempo como no espaço, através do concurso intensivo de meios eletrônicos para o registro e a transmissão de conteúdos. Isto permite, por exemplo, oferecer boas oportunidades de educação para os interessados, mesmo que em áreas remotas e desprovidas de boas oportunidades locais de educação. Outro benefício é o compartilhamento de recursos de ensino entre instituições com interesses e quadros complementares, mesmo que situadas em locais afastados entre si.
- ii. A oferta de oportunidades de aprendizado para estudo em casa ou no trabalho, em qualquer horário, ampliando as possibilidades de oferta de educação continuada.
- iii. A individualização do processo educativo, mesmo em esquemas de grande escala, devido à interatividade propiciada pela Internet.
- iv. A organização do trabalho em equipe de intensa cooperação, mesmo envolvendo pessoas geograficamente dispersas e trabalhando em horários distintos.

De acordo com Moran (2003), diferentes tipos de curso pela Internet são encontrados. Há aqueles que focam no conteúdo, que têm pouca interação e, como podem ter tarefas gerenciadas pelo próprio sistema, apresentam um custo mais baixo. Em outros cursos há um equilíbrio entre conteúdo e interação; nesses, os alunos realizam atividades de pesquisa e comunicação para construir conhecimentos em grupo. Há ainda cursos em que há a prevalência da interação em detrimento do conteúdo e em que há uma preocupação em formar grupos em que os indivíduos colaborem uns com os outros na realização das atividades. Julgo que a busca de um equilíbrio entre conteúdo e interação é o ideal para a eficiência do ensino e da aprendizagem, uma vez que, para realizar determinadas atividades e aprender conteúdos, professores e alunos podem

trabalhar de forma colaborativa, dando também atenção a aspectos motivacionais e afetivos.

A descrença com que muitas pessoas vêem a EAD faz com que os professores que atuam na área, além de atentar para aspectos didático-pedagógicos e de interação entre os participantes dos cursos, necessitam estar refletindo sobre a sua prática em função das indagações de outros participantes dos ambientes educacionais quanto à validade e à eficácia de ensinar, aprender e educar na modalidade a distância em função do vínculo estabelecido através dos tempos entre educação e proximidade física e temporal. É o que constata Peters (2001, p. 47) ao expor que:

(p)or milênios, ensinar e estudar foram atos que sempre ocorreram em proximidade física. Isto se fixou firmemente na consciência das pessoas. Por isso o ensinar e estudar a distância é considerado de antemão como excepcional, não comparável ao estudo face-to-face e, muitas vezes, também como especialmente difícil.

Corroborando com essa descrença, algumas modalidades instrucionais de ensino a distância, como as que envolvem disponibilização de materiais instrucionais por correspondência, por rádio e televisão, ainda convivem atualmente com experiências em que há interação e colaboração entre os professores e alunos, citando, nesse caso, práticas educacionais que utilizam as novas tecnologias, como por exemplo, as teleconferências ou ambientes virtuais. Tal panorama tem como resultado a necessidade de escolha criteriosa por parte das instituições e / ou dos professores quanto aos recursos a serem utilizados em quaisquer eventos educacionais e, mais especificamente, em modalidades de educação semipresencial ou a distância. Além disso, esse quadro de descrédito com que são tratadas as modalidades de EAD faz com que os profissionais que nela atuam estejam constantemente precisando justificar a eficácia de ensino e aprendizagem mediados por meios excepcionais.

Pelo apresentado no capítulo, busquei discutir as visões acerca da tecnologia e do seu uso na educação, enfatizando mais especificamente as possibilidades que se abrem com os computadores e a Internet, os Ambientes Virtuais e a Educação *On-Line* para a efetivação de práticas educacionais em que os sujeitos desenvolvem ações em ambientes situados socioculturalmente.

Torna-se necessário, para tratar das ações relativas aos registros desta pesquisa com mais propriedade, apresentar a concepção teórica que embasa este estudo, a qual compreende o conhecimento e os sentidos como co-construídos nas relações dialógicas

e os sujeitos como constituídos em contextos socioculturais. É, então, à teoria sociocultural fundamentada nas idéias de Vygotsky e à concepção dialógica de Bakhtin que dedico o próximo capítulo.

2 A SÓCIO-CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS E A SÓCIO-CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Na linguagem, no diálogo, na interação,
estão o tempo todo o sujeito e o outro.

(FREITAS, 1994, p. 158)

2.1 INTRODUÇÃO

No percurso de buscar a compreensão sobre si, o outro e o mundo em que estamos inseridos, construímos sentidos e conhecimentos em conjunto, em interações mediadas pela linguagem e, assim, constituímos a realidade, o outro e a nós mesmos como sujeitos. Segundo Molon (2003, p. 116), ‘o sujeito é uma unidade múltipla, que se realiza na relação eu-outro, sendo constituído e constituinte do processo sócio-histórico’.

Ao constituir-se nas relações com o outro inserido na realidade, o sujeito vai influenciando e construindo esse outro e o mundo, bem como a si mesmo, num movimento constante em que aprende e se desenvolve. Esse pressuposto tem lugar nos mais diferentes contextos, incluindo o ambiente escolar, onde, nas diferentes práticas, os participantes constroem conhecimentos e a si mesmos como sujeitos, aprendendo, desenvolvendo-se e contribuindo para a constituição do outro e do próprio contexto de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, ao pensarmos sobre o contexto da escola, faz-se imprescindível que os alunos tenham vez e voz, isto é, que possam participar como agentes no processo de aprendizagem. Essa participação deve ser legitimada a fim de que a educação seja um processo efetivo de construção de conhecimentos em ações conjuntas dos participantes das interações e que contribua, dessa forma, para que os envolvidos nos contextos educacionais sejam sujeitos reflexivos e atuantes. É com esse objetivo que esta pesquisa busca ouvir os alunos em relação aos sentidos que são construídos a partir de uma prática de ensino e aprendizagem em um ambiente virtual para que também eu¹⁸, enquanto pesquisadora, constitua-me como sujeito no processo

¹⁸ Por não conceber a ciência como neutra, uma vez que o olhar do pesquisador sobre a realidade nunca é imparcial, isto é, envolve recortes subjetivos da realidade e reflexões pessoais que consideram os

de construção desta pesquisa e dos sentidos relacionados à experiência de ensino e aprendizagem em questão, focando, principalmente, aqueles sentidos que são fruto da interação entre mim e os participantes do evento.

A interação nos contextos educacionais pode ser compreendida, em sentido amplo, como qualquer troca de palavras entre dois indivíduos, como professor/alunos e aluno/aluno (MAGALHÃES, 1996, p. 2); interação essa que viabiliza a construção do conhecimento e de sentidos e contribui para a constituição dos sujeitos. Cabe ressaltar que a interação em tais contextos não se restringe somente a relações entre pessoas, uma vez que professores e alunos também interagem, por exemplo, com o conteúdo e com as tarefas, os quais desempenham o papel colaborativo de um 'outro' na construção do conhecimento e constituição dos sujeitos.

Para ilustrar o ponto explicitado acima em relação à experiência de ensino e aprendizagem foco desta pesquisa, cito o fato de que os participantes interagem com o computador, com a Internet, com o ambiente virtual, com as atividades de aprendizagem, com os questionários e com as entrevistas, bem como com os colegas e a professora/pesquisadora, construindo sentidos e a si próprios como sujeitos nas relações com todos esses 'outros'. Tal experiência se constitui, por isso, como espaço de múltiplas interações, de conhecimentos, sentidos e sujeitos heterogêneos.

Como aponta Rego (1995, p. 110), é através dos outros que são estabelecidas as relações entre sujeito e objeto de conhecimento e, em função disso, todos os participantes de práticas educacionais devem ser considerados indivíduos ativos e interativos no seu processo de formação. Diferentemente de abordagens tradicionais de ensino e aprendizagem, os alunos, nessa visão, não são tidos como objetos que assimilam informações e que são moldados à revelia de sua vontade.

Busco, então, discutir essa visão sócio-histórico-cultural de construção dialógica de sentidos, de conhecimentos e de constituição do sujeito através de processos nos quais a linguagem, a interação e o contexto das ações humanas têm papéis centrais. A visão assumida neste estudo está, portanto, de acordo com as

sentidos que o sujeito prioriza e constrói em relação aos dados no processo de pesquisa, faço uso do *eu* neste estudo, ao invés de optar pela tentativa de impessoalidade no discurso. Entendo excluir o sujeito dos processos de pesquisa não determinar que esta seja mais precisa ou que tenha mais credibilidade. Além disso, especificamente em relação a esta pesquisa, cujo objeto de estudo é a construção de sentidos, seria contraditório desconsiderar o sujeito, uma vez que o eu está diretamente implicado nessa tarefa e, obrigatoriamente, se constitui, como também o faço enquanto pesquisadora neste estudo.

perspectivas teóricas de Vygotsky (1989, 1993, 1996) e Bakhtin (1997, 2000), as quais têm contribuído para importantes reflexões sobre as formas de conceber os processos de ensino e aprendizagem, o papel da linguagem e da interação no desenvolvimento dos sujeitos envolvidos nas ações em que sentidos e conhecimentos de várias ordens são construídos. Lanço mão, também, de autores que retomam aqueles pensadores russos em estudos que contribuem para a teoria sociocultural, para a educação em geral e para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras (DONATO, 2000; FREITAS, 1994; LANTOLF, 2000; MOLON, 2003; OHTA, 2000; OLIVEIRA, 1998; REGO, 1995; VEER & VALSINER, 1996).

2.2 VYGOTSKY E BAKHTIN

Segundo Freitas (1994, p. 158), Vygotsky e Bakhtin buscaram o lugar do sujeito na linguagem, no diálogo, na interação. Ambos viam na educação e na dialogicidade a possibilidade de permitir que esse espaço do sujeito tenha lugar.

Esse posicionamento implica que, na escola, o espaço do sujeito-aluno é legitimado quando este é respeitado como agente na construção do conhecimento e como indivíduo com vez e voz, isto é, quando os sentidos que ele constrói são ouvidos, de modo a gerar novos sentidos e contribuir para o repensar da prática pedagógica. O contexto educacional pode se configurar, assim, como espaço de diálogos polifônicos e polissêmicos, isto é, compostos de múltiplas vozes e com diversidade de sentidos.

O enfoque dialético e dialógico de Vygotsky e Bakhtin se relaciona à idéia que entende a realidade e o conhecimento não como verdades absolutas, uma vez que as concebem como socialmente construídas. Na escola, isso implica compreender as práticas enquanto inter-relações e não como mera transmissão de informações; os professores como mediadores do conhecimento e não como detentores do saber; e os alunos como sujeitos ativos na construção desse conhecimento, não como receptores passivos do saber transmitido pelo mestre.

Com implicações diretas nas formas de compreender as práticas escolares, as posições de Vygotsky e Bakhtin se fundamentam, essencialmente, numa concepção alternativa de conceber o ser humano na sua relação com o outro e situado sócio-historicamente. Esse ser humano, longe de ser um produto dessa relação com o outro e

com o contexto no qual se insere, é um indivíduo ativo e expressivo, que é influenciado e que influencia o outro e o mundo, constituindo-os e a si próprio nas interações através da linguagem.

Rego (1995, p. 102-3), ao refletir sobre as contribuições da abordagem vigotskiana para a educação, ressalta que a obra de Vygotsky ‘suscita questionamentos, aponta diretrizes e instiga a formulação de alternativas no plano pedagógico’. A autora salienta, no entanto, que não são encontradas, nos textos daquele autor, ‘soluções práticas ou instrumentos metodológicos de imediata aplicação na prática educativa cotidiana’.

A partir do exposto, depreendo que as posições de Vygotsky, e aqui incluo também as de Bakhtin, não podem ser compreendidas como teorias de ensino e aprendizagem completas em si mesmas, uma vez que não apresentam princípios a serem seguidos e que sim abrem a possibilidade, inclusive em função das perspectivas defendidas pelos dois estudiosos, para o diálogo com outras perspectivas educacionais. Além disso, suas falas trilham o caminho que busca fornecer subsídios para que uma educação mais comprometida e significativa tenha vez, uma educação em que haja espaço para o aluno enquanto interlocutor e agente das práticas, possibilitando que os indivíduos desenvolvam suas potencialidades e a si mesmos como sujeitos nos diferentes contextos dos quais fazem parte.

Essas posições estão de acordo com os objetivos deste trabalho, o qual procura refletir sobre uma situação pedagógica em que os participantes constroem conhecimentos e sentidos e refletem sobre suas atuações como sujeitos no espaço em questão, estudo que busca também fornecer subsídios para outros diálogos e reflexões.

2.3 O SUJEITO CONSTITUÍDO SÓCIO-HISTORICAMENTE PELA LINGUAGEM EM VYGOTSKY E EM BAKHTIN

Para fundamentar a aproximação entre as teorias de Vygotsky e Bakhtin, apóio-me, a princípio, nas reflexões de Maria Teresa Freitas, pesquisadora que se dedica a estudá-las, buscando o diálogo e a complementaridade entre elas.

Freitas (1994, p. 155), ao estudar as perspectivas teóricas de Vygotsky e de Bakhtin e as possíveis influências que um poderia ter exercido sobre o outro, relata

alguns pontos de aproximação: ambos nasceram na Rússia e viveram no mesmo período (Bakhtin nasceu em 1895 e Vygotsky em 1896); ambos foram perseguidos pelo governo socialista de Stalin por serem considerados não-marxistas e tiveram suas obras censuradas e desconhecidas por um longo período.¹⁹

Freitas (*op. cit.*, p. 156) procurou evidências de que Vygotsky e Bakhtin tenham se conhecido pessoalmente, mas não as encontrou e, através dos textos, somente Bakhtin cita Vygotsky em uma nota de um de seus livros. A autora defende que, mesmo que não tenham tido a oportunidade de se encontrar, por certo os textos dos pensadores russos dialogam uns com os outros.

Um dos aspectos significantes na aproximação entre os textos de Vygotsky e de Bakhtin diz respeito à compreensão do ser humano como um conjunto de relações sociais. Segundo Freitas (*op. cit.*, p. 157), ambos ‘identificaram-se com um marxismo²⁰ que entende o homem como sujeito social da e na história’, isto é, como indivíduo que age e interage com o outro e se constitui, enquanto ser social e historicamente situado, a partir das interações mediadas pela linguagem.

A linguagem enquanto mediadora das interações dos sujeitos desempenha um importante papel nas teorias de Vygotsky e de Bakhtin. Para eles, segundo Freitas (*op. cit.*, p. 158), ‘o sentido das coisas é dado ao homem pela linguagem. Na linguagem, no diálogo, na interação estão, o tempo todo, o sujeito e o outro’.

Para Vygotsky e Bakhtin, então, a linguagem media a forma pela qual os seres humanos abordam os sentidos e constroem significados para o mundo. Através da linguagem, o homem constrói também a realidade das coisas, situando a si e ao outro no mundo.

Na tentativa de superar a situação de subjugação dos indivíduos, de acordo com Freitas (*op. cit.*, p. 158), os pensadores russos em questão buscaram o espaço do sujeito. Segundo a autora, Bakhtin buscou esse espaço por meio da mediação da linguagem e das questões ideológicas com o objetivo de ‘desvendar as relações entre a realidade (infra-estrutura) e a construção das representações dessa realidade no interior

¹⁹ Segundo Freitas (1994. p. 115-6, 153), Vygotsky foi perseguido no início dos anos 30 e, após a sua morte prematura em 1934, suas obras foram proibidas; Bakhtin, por sua visão de mundo pluralista e polifônica oposta à concepção monológica vigente, foi excluído pelo governo dos círculos intelectuais, também teve suas obras proibidas e foi impedido, inclusive, de obter o seu título de doutor.

²⁰ Apesar de serem considerados não-marxistas pelo governo de Stalin, tanto Vygotsky quanto Bakhtin se identificavam com as teorias de Karl Marx.

da atividade mental dos indivíduos (superestrutura)'. Já Vygotsky elaborou sua teoria sócio-cultural com vistas a pensar a possibilidade de o homem 'constituir-se e desenvolver-se como sujeito' através das relações sociais e por intermédio da linguagem.

Para Vygotsky e Bakhtin, através da linguagem em interação, o indivíduo organiza os processos mentais e, assim, constitui ao outro, a consciência e a si próprio enquanto sujeito. A palavra, para eles, tem um grande valor, uma vez que é principalmente através dela que a interação social ocorre. A linguagem media a construção da consciência e do pensamento em interações onde o outro desempenha um papel fundamental. Vygotsky e Bakhtin buscam, a partir da linguagem, estabelecer a relação do mundo com o sujeito e com o outro e evidenciar que o pensamento, a consciência, o outro e o próprio sujeito são construídos em contextos situados sócio-historicamente, os quais também são constituídos nesses processos de forma dialética.

2.4 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E LINGUAGEM

Diferentes concepções teóricas sobre linguagem convivem nos universos acadêmico e educacional. De acordo com Geraldi (1997), é possível reunir essas concepções em três grupos principais.

O primeiro desses grupos entende a linguagem como expressão do pensamento. Essa perspectiva, via de regra, orienta os estudos lingüísticos concebidos como tradicionais. Nessa visão, pessoas com dificuldades de expressão na língua são caracterizadas como indivíduos que não pensam, que têm menos inteligência. No segundo grupo, estão aqueles estudos que compreendem a linguagem enquanto instrumento para a comunicação. A língua, nessa perspectiva, é um código para que um indivíduo transmita uma mensagem a um receptor.

Um terceiro grupo concebe a linguagem como lugar de interação entre os seres humanos, ou seja, a língua media relações sociais, espaço onde os diferentes participantes—falantes e seus interlocutores, escritores, leitores etc. se constituem como sujeitos. Nessa perspectiva, a língua é estreitamente ligada à vida, ao mundo real de produção e, portanto, ela se configura em um determinado contexto cultural que retoma e constrói a realidade dos sujeitos. Nas palavras de Bakhtin (2000, p. 413):

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal.

São os pressupostos dessa terceira concepção de língua e linguagem que procuro seguir em minhas práticas e que, conseqüentemente, utilizo neste estudo. Dada a inter-relação entre linguagem, sujeito e mundo presentes nas contribuições de Bakhtin, abordo algumas delas a seguir a fim de fundamentar a discussão sobre a constituição do sujeito e a construção dos sentidos a partir da linguagem.

2.4.1 Bakhtin e a linguagem

Concebendo a língua não como um sistema abstrato, mas como uma criação coletiva que tem uma natureza eminentemente social e histórica e que faz parte de um contexto cultural, Bakhtin (1997, p. 96) aponta que '(a) língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida'.

A fim de fundamentar sua concepção sobre a linguagem, Bakhtin realizou estudos sobre duas correntes lingüístico-filosóficas: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato e evidencia que essas perspectivas não tratam da verdadeira substância da linguagem:

[...] ao considerar que só o sistema lingüístico pode dar conta dos fatos da língua, o objetivismo abstrato rejeita a enunciação, o ato de fala, como sendo individual.[...] O subjetivismo individualista, ao contrário, só leva em consideração a fala. Mas ele também considera o ato de fala como individual e é por isso que tenta explicá-lo a partir das condições da vida psíquica individual. [...] Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social. (*op. cit.*, p. 109)

Para Bakhtin, ao desconsiderar o fato de que a linguagem tem uma natureza social concebida a partir da interação verbal concreta, essas visões dicotômicas inviabilizam um tratamento adequado da verdadeira substância da linguagem: a interação verbal entre um eu e um outro. Esse é o elemento constitutivo da linguagem, uma vez que essa se apresenta repleta de relações dialógicas, onde o outro e o eu se revestem de importância ímpar.

Conforme explicita Bakhtin (*op. cit.*, p. 123):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

A interação verbal concreta entre o eu e o outro se identifica com a noção de dialogismo bakhtiniana, o qual tem lugar no espaço interacional entre os interlocutores e que possibilita que, ao interagir com o outro através da linguagem, o eu se constitua enquanto ser social e conquiste o seu lugar na interação. Refletindo sobre a noção de dialogismo assim compreendida, Bakhtin (*op. cit.*, p. 123) coloca ainda que essa vai além do diálogo face a face, isto é, identifica-se com as múltiplas situações de uso concreto da língua:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Na perspectiva bakhtiniana, dessa forma, a língua é concebida como uma entidade viva: os falantes não seguem um conjunto de regras pré-estabelecidas; ao contrário, é na interação, na situação concreta de produção, que se constituem o eu e o outro e que se constroem múltiplas significações repletas de conteúdo e de sentidos. Nas palavras de Bakhtin (*op. cit.*, p. 95):

[...] a forma lingüística [...] sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são só palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Cada interação, na concepção bakhtiniana, não se constrói somente na situação específica de produção, mas também retoma e atualiza discursos vivenciados pelo eu e pelo outro, isto é, cada diálogo se constrói num movimento de múltiplas vozes, ou seja, é eminentemente polifônico. Assim, os falantes vão, a cada nova experiência concreta, a partir de interações com o enunciado do outro, desenvolvendo o seu próprio caminho discursivo.

Além de se constituir como polifônico e de subsidiar o desenvolvimento discursivo individual dos interlocutores, cada interação vai, também, concretizar os sentidos das palavras. Para Bakhtin (*op. cit.*, p. 106), o contexto tem um papel determinante na constituição do sentido, pois ‘(o) sentido da palavra é totalmente

determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis’.

Bakhtin, em relação aos sentidos da palavra, enfatiza que, apesar de eles estarem vinculados estreitamente a cada contexto, isso não faz com que a palavra apresente significações infinitas, ou seja, as significações apresentam uma certa unicidade. É o que o estudioso russo expõe no seguinte trecho:

[...] há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser una. Ela não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir. Evidentemente, essa unicidade da palavra não é somente assegurada pela unicidade de sua composição fonética; há também uma unicidade inerente a todas as suas significações. (op. cit., p. 106)

Assim, para Bakhtin, a palavra assume um sentido relacionado às suas significações na situação social real. Por outro lado, essa situação social real vai assumir sentido pela palavra e, nesse caminho, a interação vai retomar, em uma relação dialética, a ‘vida interior’ e a ‘vida exterior’, o ‘psíquico’ e o ‘ideológico’.

Nas palavras de Bakhtin (op. cit., p. 66):

[...] em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de decodificação [...]

Compreendida dessa forma, a língua é, sem dúvida, dialógica, uma vez que ela é espaço de interação que reflete e refrata a heterogeneidade sócio-cultural, onde o eu e o outro são participantes ativos da construção dos sujeitos e dos sentidos. Assim, os enunciados não são a expressão da consciência, uma vez que essa é formada pelo conjunto de discursos sociais vivenciados pelo sujeito em processos ininterruptos de interação. É, dessa forma, o outro primordial na constituição do eu, uma vez que só podemos nos conhecer como sujeitos através do outro, quando interagimos e construímos sentidos pela linguagem. Retomo e concluo com as palavras de Bakhtin (1997, p. 378): “Tomo consciência de mim, inicialmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo [...]”.

2.4.2 Vygotsky e a linguagem

Para Vygotsky (1989, p. 31), a linguagem é considerada como um instrumento psicológico essencial, uma vez que é utilizada pelo homem na estruturação do

pensamento, tendo um papel fundamental na evolução dos seres humanos. O autor salienta que:

[...] a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais.

Para esse autor, a linguagem tem a função de expressar o pensamento do ser humano, ao mesmo tempo em que organiza esse pensamento. Sistema presente na cultura de todos os povos, a linguagem organiza os signos e tem grande importância no desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores. É no processo de desenvolvimento da linguagem que o ser humano aprende a designar os diferentes elementos que fazem parte de seu contexto cultural. Também nesse processo, ele desenvolve conceitos relativos à qualidade dos objetos, às ações, às sensações e aos sentimentos. Em resumo, isso significa que a linguagem é mediadora da relação entre o ser humano e o mundo. Porém, na concepção vigotskiana, pensamento e linguagem não são fenômenos que se justapõem, mas que se inter-relacionam todo o tempo.

2.4.2.1 A relação entre Linguagem e Pensamento

A perspectiva sociocultural concebida por Vygotsky compreende o ser humano como constituído histórica, social e culturalmente. A concepção de que o homem se constitui dessa forma questiona as correntes teóricas da Psicologia que entendem o homem somente como o produto da ação do ambiente e aquelas que se limitam a entender o ser humano como resultado unicamente de suas condições biológicas.

Assim, Vygotsky elabora a sua própria compreensão de como o ser humano é constituído em suas dimensões históricas, culturais e sociais, de forma processual na inter-relação dos ‘comportamentos inatos e fatores ambientais’, o que faz com que os indivíduos possam expandir as possibilidades do ambiente em que vivem consideravelmente (VEER & VALSINER, 1996, p. 64).

Partindo da comparação de Marx entre o trabalho de aranhas e tecelões e de abelhas e arquitetos, cuja conclusão foi de que a característica distintiva entre as construções dos insetos e as dos seres humanos não residia na qualidade, mas na

capacidade dos últimos em prever os resultados, Vygotsky reflete sobre o que diferencia o comportamento humano e o dos demais animais. Para ilustrar, cito o excerto de Marx mencionado por Vygotsky:

A aranha executa operações que lembram as de um tecelão, e as caixas que as abelhas constroem no céu poderiam envergonhar o trabalho de muitos arquitetos. Mas mesmo o pior arquiteto difere da mais hábil abelha desde o princípio, pois antes de ele construir uma caixa de tábuas, já a construiu na sua cabeça. No término do processo de trabalho, ele obtém um resultado que já existia em sua mente antes que ele começasse a construir. O arquiteto não apenas muda a forma dada a ele pela natureza, dentro dos limites impostos pela natureza, mas também leva a cabo um objetivo seu que define os meios e o caráter da atividade a qual ele deve subordinar sua vontade (MARX *apud* VYGOTSKY, 1996, p. 55).

Vygotsky entende essa capacidade de planejar suas ações e antever resultados²¹ como a característica fundamental que diferencia o ser humano dos demais animais, uma vez que:

(o) ser humano tem a possibilidade de pensar em objetos ausentes, imaginar eventos nunca vividos, planejar ações a serem realizadas em momentos posteriores. Esse tipo de atividade psicológica é considerada “superior” na medida em que se diferencia de mecanismos mais elementares tais como ações reflexas (a sucção do seio materno pelo bebê, por exemplo), reações automatizadas (o movimento da cabeça na direção de um som forte repentino, por exemplo) ou processos de associação simples entre eventos (o ato de evitar o contato da mão com a chama de uma vela, por exemplo) (OLIVEIRA, 1998, p. 26).

São, assim, as Funções Psicológicas Superiores²² as que, fundamentalmente, compõem e diferenciam o desenvolvimento do ser humano em contraposição ao que acontece com os demais animais. Essas funções se constituem como a base do trabalho de Vygotsky. É o que Oliveira (1998, p. 26), explicita com a seguinte colocação:

Vygotsky dedicou-se, principalmente, ao estudo das funções psicológicas superiores. Isto é, interessou-se por compreender os mecanismos psicológicos mais sofisticados, mais complexos, que são típicos do ser humano e que envolvem o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presentes.

²¹ Vygotsky entendia que as atividades que envolvem o planejamento consciente e a previsão de resultados têm uma natureza “duplicada” (udvoennyj), uma vez que apresentam uma natureza dupla, isto é, implicam que o organismo reage, de forma dialógica, primeiramente, em relação a acontecimentos externos e, posteriormente, a acontecimentos internos. ‘O plano (interno) de construir uma casa seria um estímulo para o processo efetivo de construção, ao passo que o plano em si surgia como resultado de alguma reação a um evento externo’ (VEER & VALSINER, 1996).

²² Para Vygotsky, as funções psicológicas superiores ou processos mentais superiores são características da organização psicológica dos seres humanos, como as ‘ações controladas, a atenção voluntária, a memorização ativa, o pensamento abstrato e o comportamento intencional’. Essas funções se diferenciam de mecanismos mais elementares como ‘reflexos, reações automáticas e associações simples’ (OLIVEIRA, 1998, p. 23).

De acordo com Vygotsky, as Funções Psicológicas Superiores são fruto de interações entre as pessoas ou entre as pessoas e o mundo. Ou seja, as experiências que ocorrem em uma dimensão social se transformam em desenvolvimento no nível individual. As interações do ser humano com os seus semelhantes ou com o ambiente lhe propiciam a organização do pensamento e o desenvolvimento dos processos mentais superiores.

Segundo Vygotsky, no entanto, o desenvolvimento não se dá por uma relação direta entre o ser humano e o mundo, mas através de um elemento mediador. Esse movimento dinâmico se refere a um dos conceitos primordiais para a compreensão dos pressupostos da teoria sociocultural proposta por Vygotsky: a mediação.

Para Lantolf (2000, p. 1), o fato de considerar a mente humana como mediada por instrumentos e signos na sua relação com os outros e com o mundo é a característica fundamental da teoria sociocultural. Ele coloca que Vygotsky argumentava que:

Ao mesmo tempo em que os homens não agem diretamente no mundo físico, mas apóiam-se, ao invés disso, em ferramentas e atividades de trabalho, as quais permitem-nos que modifiquemos o mundo e, com isso, as circunstâncias sob as quais nós vivemos no mundo, nós também utilizamos ferramentas simbólicas, ou signos, para mediar e regular nossas relações com os outros e com nós mesmos e, assim, modificar a natureza dessas relações.²³

Segundo Oliveira (1998, p. 27-9), Vygotsky concebia a mediação de instrumentos e signos como característica dos processos mentais superiores. Os instrumentos têm a função de regular as relações do ser humano com os objetos do mundo, principalmente o externo. Através do seu uso, os seres humanos agem sobre o mundo concreto. Em outras palavras, esses instrumentos são utilizados para agir na relação com a natureza e com os objetos materiais.

Os signos, por sua vez, também chamados por Vygotsky de ‘instrumentos psicológicos’, são ferramentas que se direcionam para o mundo interno dos seres humanos, isto é, são elementos mediadores que potencializam ações psicológicas dos indivíduos como ‘lembrar, comparar, relatar, escolher’, etc. (OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 30).

Tanto os instrumentos, os quais são usados pelo ser humano para solucionar problemas no mundo concreto, quanto os signos, os quais auxiliam o indivíduo em seus processos psicológicos, são elementos de operações mediadas, ou seja, operações que

²³ A tradução deste trecho, cujo original é em inglês, foi feita por mim. O mesmo acontece com as demais citações retiradas de textos em inglês e utilizadas neste trabalho.

envolvem um terceiro componente na relação entre objetos e sujeitos e entre ações psicológicas e sujeitos (VEER & VALSINER, 1996, p. 242).

Para Vygotsky, os instrumentos e os signos são essenciais porque permitem ao ser humano superar seus limites biológicos. Ele constata que o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores não se orienta somente por condições biológicas, apesar de não descartar a sua importância, mas pela já citada utilização de instrumentos e signos disponíveis no mundo sociocultural.

Partindo desses pressupostos, Vygotsky (1998, p. 40) não deixa de considerar a importância do caráter biológico nesse processo. Assim, esse estudioso afirma que as diferentes dimensões do desenvolvimento humano formam uma unidade e reside, na relação entre elas, o caráter que potencializa o desenvolvimento psicológico. É o que ele explicita na seguinte colocação:

Como o desenvolvimento orgânico tem lugar em um meio cultural, ele se converte em um processo biológico condicionado historicamente. Por outro lado, o desenvolvimento cultural adquire um caráter particular e incomparável, já que se realiza simultaneamente com a maturação orgânica, portanto seu portador é o organismo da criança que amadurece e cresce.

Para Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 1998, p. 24), o mundo cultural, então, tem uma ação marcante para o desenvolvimento do ser humano: ‘o funcionamento psicológico, particularmente no que se refere às funções psicológicas superiores, tipicamente humanas, está baseado fortemente nos modos culturalmente construídos de ordenar o real’.

É no âmbito da cultura que são encontradas as condições que se fazem necessárias para o desenvolvimento de signos como a linguagem e as operações matemáticas. No desenvolvimento desses signos, reside a possibilidade de o ser humano interagir com os contextos socioculturais, ao mesmo tempo em que interfere nesses, transformando-os e expandindo-os e, conseqüentemente, transformando e desenvolvendo a si próprio. É o que Molon (2003, p. 116) afirma, em outras palavras, na seguinte colocação: ‘(o) homem não só se adapta à natureza, mas a transforma e ao transformá-la transforma a si mesmo: ele sente, pensa, age, deseja, planeja, etc. O homem tem a capacidade de criar o mundo da cultura por meio dos instrumentos de trabalho e dos instrumentos psicológicos’.

Para Vygotsky, há uma diferença significativa quanto ao uso de instrumentos pelo homem e pelos demais animais. Retomando estudos de Köhler com chimpanzés, os

quais evidenciam que os primatas utilizam instrumentos, Vygotsky enfatiza que esse uso não é significativo, uma vez que os artefatos não são usados pelos animais para mediar suas relações com semelhantes e com o mundo. Além disso, já Köhler alertava que o desempenho dos chimpanzés se limitava à situação imediata, o que impedia qualquer possibilidade, mesmo incipiente, de desenvolvimento cultural. O uso dos instrumentos por parte dos animais também não se articula em trabalho²⁴ e, por isso, os animais, com exceção do ser humano, não desenvolvem a fala e uma cultura (VYGOTSKY *apud* VEER & VALSINER, 1996, p. 223-5)

De acordo com Vygotsky, a cultura é considerada como um elemento fundamental para que o ser humano se desenvolva psicologicamente e signifique a sua existência, elevando a sua condição acima da dos demais animais. Para ele, a constituição histórica não é inerente à existência humana, ou seja, o homem não nasce com ela. Ao invés disso, o indivíduo ao agir e interagir, não somente apreende essa constituição histórica, construído das gerações passadas, disponível no mundo e nas práticas concretas da vida, como também contribui com ela. O mundo cultural não é, para Vygotsky, de modo algum estático, mas presente e co-construído em todas as atividades da vida social. É essa a forma como o pensador russo concebe a cultura segundo Oliveira (1998:38):

(a cultura) não é pensada por Vygotsky como algo pronto, um sistema estático ao qual o indivíduo se submete, mas como uma espécie de “palco de negociações”, em que seus membros estão num constante movimento de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados. A vida social é um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um.

Oliveira (1999, p. 55), ao discorrer sobre como a concepção sociocultural postula a relação entre a cultura de diferentes grupos e o funcionamento psicológico, aponta para a importância da cultura na construção do psiquismo humano, construção que é fruto de uma complexa interação entre quatro planos genéticos²⁵: a filogênese, a sociogênese, a ontogênese e a microgênese.

²⁴ Trabalho se refere, na concepção sociocultural, às atividades coletivas, as quais são articuladas através do uso de instrumentos e signos, entre eles a fala, e que estabelecem relações sociais e um patrimônio cultural, ou sistemas de representação da realidade. Tais sistemas, construídos socialmente pelos grupos humanos, vão fornecer os elementos para que os indivíduos possam perceber e organizar o mundo e desenvolver suas potencialidades (OLIVEIRA, 1998, p. 36).

²⁵ Vygotsky concebia que o desenvolvimento cultural se orienta pela lei genética. De acordo com essa lei, toda função psicológica segue um movimento na sua gênese do social para o indivíduo, da dimensão interpessoal para a intrapessoal, numa relação dialética que, ao mesmo tempo, diferencia e aproxima as dimensões internas e externas (MOLON, 2000).

Lantolf (2000, p. 3) descreve essas quatro dimensões genéticas que interagem dialeticamente na formação do psiquismo humano. O domínio filogenético se refere a como os processos mentais humanos vieram a se tornar distintos dos processos mentais presentes em outras formas de vida, distinção essa relativa ao uso dos instrumentos de mediação no curso da evolução da espécie. O domínio sociocultural se refere a como os diferentes tipos de instrumentos simbólicos desenvolvidos por diferentes culturas no curso de suas histórias afetaram os tipos de mediação e de pensamentos valorizados por essas culturas. O domínio ontogenético se relaciona a como o ser humano apreende e integra os instrumentos de mediação nas diferentes atividades das quais participa e a partir das quais se desenvolve. O domínio microgenético se relaciona ao desenvolvimento da mediação através de um espaço de tempo limitado.

Molon (2003) considera que encontrar uma definição para o conceito de mediação nas obras de Vygotsky é uma tarefa difícil uma vez que, na concepção vigotskiana, se trata de um pressuposto que norteia toda a sua teoria. Para a autora, tal pressuposto se apresenta através de noções como intersubjetividade e a relação Eu-Outro e não é algo que se coloca entre dois elementos, mas é o próprio processo, a relação e a interação entre eles. De acordo com Molon (*op. cit.*), para Vygotsky, a mediação não pressupõe a presença física do outro, mas ocorre por meio dos instrumentos e dos signos e, sem a mediação, não há contato com a cultura.

Para Vygotsky, as funções psicológicas superiores estão intimamente ligadas aos instrumentos e signos mediadores, os quais são fornecidos pelas relações entre os seres humanos. Ao longo da história da humanidade, os indivíduos têm se organizado através de sistemas simbólicos, dentre os quais a linguagem tem um papel fundamental na comunicação entre os homens e também no estabelecimento de sentidos e significados compartilhados que possibilitam que os sujeitos se apropriem do mundo real.

2.4.2.2 Sentido e Significado

Vygotsky (1993), ao discutir o processo de significação, considera, além do significado, o conceito de sentido. Para ele, o significado está no próprio signo enquanto o sentido, por sua vez, se constitui como produto do significado.

De acordo com Molon (2003, p. 108):

O significado de uma palavra é convencional e dicionarizado, portanto é mais estável e preciso, enquanto que o sentido de uma palavra pode ser modificado de acordo com o contexto em que aparece; conseqüentemente, diferentes contextos apresentam diferentes sentidos para a palavra, o sentido não é pessoal enquanto individual, mas é constituído na dinâmica dialógica.

Para Vygotsky (1993), o significado de uma palavra é o seu componente indispensável e se trata de uma generalização ou conceito. Apesar de o significado estar intimamente ligado tanto ao pensamento quanto à fala, é considerado um fenômeno do pensamento:

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável. Pareceria, então, que o significado poderia ser visto como um fenômeno da fala. Mas, do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.

O sentido, por sua vez, é produto e resultado do significado. Nas palavras de Vygotsky (*apud* MOLON, 2003, p. 108), ‘o sentido é mais amplo que o significado’. Além disso, na concepção vigotskiana, o sentido apresenta zonas de estabilidade desiguais, sendo que a mais estável é o significado:

(O sentido é) um todo complexo, fluído e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido (VYGOTSKY, 1993, p. 125).

Dessa forma, conforme argumenta Vygotsky, o sentido que é atribuído a uma determinada palavra tem uma relação de dependência do sujeito com os outros. A construção do sentido se faz, então, na interação eu-outro e é nessa relação que nos apropriamos do mundo e construímos sentidos. Segundo Molon (2003, p. 108), ‘o sentido não é pessoal enquanto individual, mas é constituído na dinâmica dialógica’.

Nessas relações em que o eu e o outro estabelecem sentidos, estão presentes aspectos culturais, sociais, históricos e ideológicos que retomam a história da humanidade e que se atualizam na situação de interação. A construção dos sentidos é, assim, dependente do contexto em que os sujeitos se encontram, isto é, constitui-se em contextos particulares e, portanto, diferentes contextos vão atualizar diferentes sentidos para uma mesma palavra.

O sentido é, portanto, o resultado de como o sujeito percebe a realidade, inserido dentro de um contexto específico, no qual se incluem suas dimensões históricas, sociais

e culturais. Esse sentido contribui para a atualização do significado, uma vez que este, segundo Vygotsky (1993, p. 104), não é imutável, mas evolui, o que, por sua vez, coopera para que novas redes de sentidos se configurem em outras situações. Assim, o sentido é inseparável dos sujeitos que o constroem e do contexto em que ocorre.

Neste estudo, essa discussão acerca dos sentidos, dos sujeitos e do contexto é relevante dados os objetivos da pesquisa: refletir sobre os sentidos que os sujeitos constroem nas práticas e ações, as quais acontecem em contextos específicos em relação ao AVA, às aprendizagens e às interações. É importante salientar que esses sentidos são construídos e evoluem nas interações entre o eu e o outro, contribuindo para um movimento tanto individual quanto coletivo de transformação e re-significação das práticas e ações, da constituição dos sujeitos e dos contextos.

2.4.2.3 Desenvolvimento e Aprendizagem

Ao refletir sobre a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual na idade escolar, Vygotsky (1988) examina duas abordagens para o tema antes de discorrer sobre a sua própria concepção.

Uma das abordagens entende que desenvolvimento e aprendizagem são processos independentes. As teorias desenvolvidas segundo essa concepção compreendem a aprendizagem como sendo um processo exterior, de certa forma paralela ao processo de desenvolvimento da criança. Assim, nessa concepção, a aprendizagem não tem nenhum grau de participação no desenvolvimento, não modifica seu curso, apenas utiliza seus resultados. Vygotsky inclui, no rol dessas teorias que estudam o desenvolvimento de forma independente da aprendizagem, a teoria de Piaget (VYGOTSKY, *op. cit.*, p. 103).

Um segundo grupo de estudos compreende que a aprendizagem é desenvolvimento. Nessa visão, o indivíduo é ‘simplesmente um conjunto de hábitos’, o desenvolvimento segue as ‘leis naturais’ e acontece concomitantemente à aprendizagem. Não são estabelecidas diferenças, nessa concepção, entre os processos de aprendizagem e desenvolvimento (VYGOTSKY, *op. cit.*, p. 104-5).

O terceiro grupo de teorias, com as quais Vygotsky se identifica, concebe o desenvolvimento como um processo independente da aprendizagem, ao mesmo tempo em que se relaciona estreitamente com ela. Vygotsky explica a aparente contradição

dessa concepção expandindo a teoria de Koffka, a qual compreende o desenvolvimento mental a partir de dois processos conexos, porém de natureza diferente e que agem um sobre o outro: a maturação, que depende do desenvolvimento biológico, e a aprendizagem (VYGOTSKY, *op.cit.*, p. 105-6).

Essa interação entre os processos de maturação e aprendizagem implica que a maturação biológica de uma criança apresenta as condições para que um determinado processo de aprendizagem aconteça; ao mesmo tempo, o processo de aprendizagem vai alimentar o processo de maturação e ambos, maturação e aprendizagem, vão fornecer os subsídios para o desenvolvimento.

Ao evidenciar a diferença e a relação entre os processos de aprendizagem e desenvolvimento, enfatizando a importância dos primeiros para a viabilização dos segundos, Vygotsky (*op.cit.*, p. 115) coloca que:

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente.

2.4.2.4 Zona de Desenvolvimento Proximal

A aprendizagem e o desenvolvimento na concepção sociocultural são compreendidos como fenômenos desencadeados pela interação, ou seja, se relacionam intimamente com processos internos ao indivíduo, mas que somente são deflagrados a partir da interação anterior com o outro, mediada pela linguagem e por outros instrumentos simbólicos. O desenvolvimento vai culminar com a transformação de atividades de aprendizagem compartilhadas socialmente em processos internos.

Segundo Vygotsky (1998), a aprendizagem faz com que vários processos internos sejam iniciados a partir do momento em que o indivíduo interage com outro(s) de forma cooperativa. O desenvolvimento acontece, dessa forma, quando esses processos são internalizados, quando um fenômeno interpessoal passa a ser também intrapessoal. Nesta visão, o conhecimento somente tem significado a partir de um contexto em que ocorram ações conjuntas e em interação, isto é, na relação entre processos individuais e coletivos na construção do conhecimento. Assim, as funções do

desenvolvimento nessa concepção aparecem em dois momentos: primeiro, nas relações com o outro e, depois, no interior do sujeito.

A idéia sobre fenômenos interpessoais e intrapessoais se relaciona aos processos de aprendizagem e desenvolvimento pelos quais os sujeitos passam. Vygotsky concebe dois níveis de desenvolvimento, um chamado de real e o outro de potencial. No nível do desenvolvimento real, relativo a conquistas efetivadas, o sujeito tem capacidade de realizar tarefas de forma independente, baseando-se em conhecimento consolidado anteriormente. No nível do desenvolvimento potencial, referente às habilidades em construção, o indivíduo somente vai ser capaz de realizar uma tarefa na medida em que haja colaboração entre as pessoas do grupo. Em outras palavras, o desenvolvimento potencial se refere ao que o sujeito pode realizar se houver a ajuda do outro.

A partir da concepção desses dois níveis de desenvolvimento, Vygotsky define a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): ela é o percurso entre o que o sujeito está apto a realizar de maneira autônoma e o que ele ainda precisa da colaboração do outro. A ZDP é, em outras palavras, o espaço entre o nível de desenvolvimento real, aquele com o qual o indivíduo consegue realizar tarefas de forma independente, e o nível de conhecimento potencial, aquele caracterizado pela necessidade de colaboração de um parceiro para dar conta de uma atividade (VYGOTSKY, 1998, p. 112).

A aprendizagem está, assim, centrada justamente na possibilidade de que o sujeito seja desafiado através de atividades que deflagrem a aprendizagem a partir da Zona de Desenvolvimento Proximal. Em outras palavras, o indivíduo precisa que os conhecimentos reais sejam desestabilizados por uma situação que gere conflitos e que, a partir da interação com o outro, novos conhecimentos tomem forma e a aprendizagem se efetive.

2.4.3 Teoria Sociocultural e Aprendizagem de Língua Estrangeira

O ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, em uma perspectiva sociocultural, têm sido foco de estudo de vários autores nos últimos tempos. Segundo Ellis (*apud* LONGARAY & LIMA, 2006), enquanto na visão behaviorista o aprendizado de uma língua é determinado pelos estímulos presentes no ambiente e

condicionado pelos estímulos recebidos pelos aprendizes, nas teorias mentalistas, os cérebros são equipados com um dispositivo especial para a aquisição de línguas. Por outro lado, na teoria sociocultural, a interação apresenta um papel de extrema importância, sendo que o aprendizado é resultado de um processo complexo do qual fazem parte tanto o ambiente quanto os mecanismos de processamento interno do aprendiz.²⁶

Devido à valorização da teoria sociocultural, da leitura dos textos de Vygotsky e da expansão dos conceitos relativos à sua teoria para diferentes contextos, vários estudos empíricos têm sido realizados retomando os pressupostos vigotskianos na área de ensino e aprendizagem de línguas. Alguns desses estudos são descritos a seguir a fim de contextualizar a linha na qual esta pesquisa se insere e para a qual tem a intenção de contribuir.

Donato (2000), em um curso introdutório sobre a teoria sociocultural, desenvolveu projetos de pesquisa com seus alunos. Retomo aqui dois desses estudos, bem como a forma com que estes retomaram aspectos da teoria sociocultural, com ela contribuindo e colaborando também com a área de aprendizagem e ensino de línguas.

No primeiro estudo relatado por Donato e conduzido por Smith (*op. cit.*, p. 32-3), em uma aula de uma turma de inglês como segunda língua cujo objetivo era tratar da diferença entre gerúndio e infinitivo depois de certos verbos como ‘mean’, o pesquisador constatou que algumas expressões usadas pelo professor (como ‘yeah’, ‘OK’ e ‘uh hun’) colocavam este no papel de ouvinte e encorajavam o aluno a continuar falando e, com isso, verbalizava sua tentativa de resolver o seu problema de compreensão sobre o tópico em estudo. Notou-se o esforço do professor em subsidiar esse processo de compreensão, num movimento em que juntos constroem o entendimento. Ainda segundo Donato, o estudo citado contribuiu para a compreensão sobre a natureza intersubjetiva da aprendizagem, a relação entre fala e pensamento e a importância em reconhecer que os aprendizes mediam o pensamento através da fala privada quando tentam fazer sentido de conceitos e encontros interacionais.

²⁶ Contribuindo para a área de ensino e aprendizagem de LE, os estudos de Dell Hymes (*apud* PAIVA, 2005) incluem a comunicação e a cultura no conceito de competência. Ao contrário de Chomsky que considera somente a capacidade inata do ser humano para produzir enunciados, Hymes relaciona a competência não somente ao domínio das estruturas lingüísticas, mas à comunicação inserida em uma comunidade de fala.

A conclusão a que se chega é que, nas aulas de LE, os questionamentos que são compartilhados em diálogos colaborativos indicam apelos para assistência, a orientação que o aluno está dando para a questão e são evidência de que a fala aparentemente incompreensível do aprendiz serve como uma ferramenta cognitiva para a mediação e conduzem alunos e professores a entendimentos compartilhados e à solução de problemas (DONATO, *op. cit.*, p. 33) e à aprendizagem através da interação.

No quadro da teoria sociocultural, a interação em contextos educacionais tem um papel fundamental enquanto responsável pelo desenvolvimento cognitivo de um indivíduo. Conforme Vygotsky (*apud* DONATO, *op. cit.*, p. 46), a interação desencadeia processos psicológicos que não são possíveis quando o indivíduo trabalha isoladamente. Assim, também na aula de LE, a aprendizagem e o desenvolvimento são desencadeados pela interação que acontece nos diálogos colaborativos e na criação de zonas de desenvolvimento proximal. Dessa forma, os enunciados de um professor e de outros alunos em uma aula de língua estrangeira são mais do que insumos lingüísticos a serem compreendidos. Eles são práticas essencialmente sociais de assistência que modelam, constroem e influenciam a aprendizagem em contextos interacionais e instrucionais.

No outro estudo descrito por Donato (*op. cit.*, p. 37-41) e conduzido por Takahashi, é apresentada a investigação sobre como um grupo de estudantes americanos de uma escola fundamental aprendendo japonês como língua estrangeira desenvolveu a fala e forneceu assistência mútua uns aos outros. Takahashi constatou que os alunos não apenas progrediram em relação ao seu aprendizado da língua, mas que também se tornaram mais capazes de fornecer assistência, o que envolve o conceito de andamento ou ‘scaffolding’ da teoria sociocultural. No primeiro ano em que os alunos tiveram aulas de japonês, o padrão de interação era professor – aluno – professor, ou seja, as atividades eram centradas no mestre e os aprendizes respondiam quando solicitados. Já no segundo ano, Takahashi notou que as crianças, além de usarem um nível lingüístico mais complexo, faziam comentários, ajudavam e forneciam andaimes uns aos outros através de uma participação mais ativa nas aulas.

Através desse estudo realizado a partir de uma turma de japonês, a pesquisadora ilustra que a aprendizagem e o ensino focam processos co-construídos dentro das zonas de desenvolvimento proximal das crianças e que os aprendizes podem e fornecem andaimes uns aos outros e que evidenciam a importância dos processos

interpessoais na aprendizagem e sua relação com os processos intrapessoais e o desenvolvimento.

Ohta (2000), como Donato, também aborda andaimento e aprendizagem na Zona de Desenvolvimento Proximal em seu estudo. A autora apresenta uma análise das atividades de dois estudantes de japonês que constroem uma zona de desenvolvimento proximal que possibilita que eles possam prestar e buscar assistência enquanto desempenham tarefas na aula de língua estrangeira. Uma consideração importante se refere ao fato de que, quando um dos alunos pedia assistência, ele sinalizava esse pedido não apenas explicitamente, mas também de forma sutil, usando marcadores conversacionais.

Outra evidência em relação a esse processo colaborativo de assistência diz respeito à coerência entre a forma de ajuda e a habilidade do aluno que a requisitou em usar a língua. A autora aponta para a sensibilidade de quem oferece ajuda em relação a como esta vai ser compreendida, isto é, a assistência vai se localizar na ZDP, desafiando o aprendiz de forma que a aprendizagem aconteça, o que implica que essa assistência não é nem ‘demais’, nem ‘de menos’. Lantolf (2000, p. 20), aponta que outra conclusão do estudo de Ohta em relação a essa oferta de andaimes se refere ao aprendizado gramatical que os alunos alcançam em função das interações, o que é evidenciado, por exemplo, por um movimento nas correções de erros que começam reguladas pelo outro e passam a ser auto-reguladas, o que caracteriza uma evolução no caminho da aprendizagem para o desenvolvimento, onde os processos interpessoais passam a ser intrapessoais.

Os estudos descritos demonstram a relevância da teoria sociocultural para examinar situações de ensino e aprendizagem de LE, tanto no que se refere a seus elementos lingüísticos, individuais ou sociais da prática da sala de aula quanto a aspectos teóricos sobre educação em língua estrangeira, conduzindo a um movimento em que a teoria subsidia a pesquisa e esta contribui para com a teoria, inclusive expandido-a.

Nesse capítulo, busquei discutir a concepção bakhtiniana de linguagem e a teoria sociocultural de construção de conhecimento, de significados e sentidos e de constituição do sujeito; abordagens nas quais a linguagem, a interação e o contexto que constituem as diferentes ações humanas têm papéis centrais na aprendizagem e desenvolvimento do homem, incluindo a área mais específica na qual este estudo se

insere, a de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. No capítulo seguinte, passo ao detalhamento da metodologia da pesquisa.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo situar o paradigma de pesquisa no qual este estudo se insere, bem como descrever a metodologia utilizada, envolvendo o contexto de produção dos registros e seus instrumentos de coleta e interpretação. Está organizado em três partes: na primeira, a escolha do método é apresentada; na segunda, o contexto de produção é detalhado; por fim, são descritos tanto os instrumentos e procedimentos utilizados em relação aos registros da experiência quanto aqueles referentes às reflexões a partir desses registros.

3.1 ESCOLHA DO MÉTODO

3.1.1 Introdução

O contexto escolar, como todos os contextos em que haja interação humana, é palco de encontros de diferentes indivíduos com motivações, expectativas e experiências distintas de vida. Nesses encontros são retomadas, negociadas e reconstruídas aquelas motivações, expectativas e experiências de vida do indivíduo, bem como a sua própria constituição enquanto sujeito na sua relação com o outro, com a própria situação e com o contexto maior em que todos se inserem, sendo que esses participantes são influenciados pelo outro, pela situação e pelo contexto maior ao mesmo tempo em que também nos influenciam.

Em função dos objetivos dessa pesquisa, insiro este estudo em uma perspectiva qualitativa de pesquisa, em um paradigma²⁷ construtivista e de cunho etnográfico com intuito de desenvolver uma ‘descrição densa’ (GEERTZ *apud* MATTOS, 2001 e GOLDENBERG, 2001) sobre o que o grupo faz e como interage, que sentidos constrói nesse fazer e interagir. Para isso, adoto um conceito de cultura identificada com a forma pela qual o ser humano significa o seu mundo ‘a partir da teia de signos e símbolos que ele criou e teceu ao longo de sua história’ (MATTOS, 1991), a qual estabelece relações

²⁷ Para Quintanilla (*apud* TRIVIÑOS, 2001:44-5), paradigma não é uma teoria científica, mas “um conjunto de hábitos, técnicas, formas de resolver problemas científicos no seio de uma determinada tradição científica, e inclusive, contempla também idéias filosóficas, teorias científicas e normas metodológicas que predominam numa comunidade científica num tempo determinado”.

com uma concepção de linguagem dialógica, espaço de interação, de aprendizagem e de desenvolvimento enquanto processos co-construídos em ações por sujeitos situados socioculturalmente a fim de refletir sobre os sentidos construídos pelos participantes do evento educacional para compreender e interpretar esses sentidos. Evidencio, dessa forma, o vínculo estreito entre os objetivos, a orientação teórica e a metodologia adotada nesta pesquisa.

3.1.2 A Pesquisa Qualitativa

A pesquisa de base qualitativa pode ser compreendida como a busca de uma compreensão detalhada dos significados construídos pelos sujeitos a partir de um contexto tal qual esse se apresenta para o pesquisador. Por observar os fatos no meio natural onde eles acontecem, a pesquisa qualitativa é também chamada de ‘pesquisa naturalística’.

De uma maneira geral, quem faz pesquisa qualitativa está intrigado com a ‘complexidade das interações sociais’ e com os significados que os participantes atribuem a essas interações. Este enfoque conduz os pesquisadores a ambientes naturais, a situações reais e ao uso de diferentes métodos para investigar o tópico de interesse. A pesquisa qualitativa é, assim, uma ‘abordagem ampla para o estudo de fenômenos sociais’ (MARSHALL & ROSSMAN, 1999, p. 2).

Neves (1996, p. 1) salienta que, ‘(e)nquanto estudos quantitativos têm como objetivo ‘descrever e explicar fenômenos’ seguindo com ‘rigor um plano previamente estabelecido’, baseado no estabelecimento de hipóteses e definição de variáveis, a pesquisa qualitativa tem um ‘foco de interesse mais amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos’. Da pesquisa qualitativa faz parte ‘a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo’.

Além disso, por não se ligar intrinsecamente a um raciocínio dedutivo, não ter um vínculo estreito com teorias e categorias dadas a priori, estabelecimento de hipóteses e controle de variáveis, a pesquisa qualitativa costuma ter seu percurso direcionado ou redirecionado ao longo de seu desenvolvimento. Marshall e Rossman (1999, p. 17-8) denominam essa característica como flexibilidade e consideram-na uma característica

crucial das investigações qualitativas, ou seja, apesar da importância de elaborar um plano de trabalho, modificações podem ser necessárias ao longo do percurso e, por isso, o pesquisador tem que ser sensível para perceber o que precisa ser (re)direcionado, bem como saber que tem o direito de assim fazê-lo.

Godoy (*apud* NEVES, 1996) enumera algumas características essenciais de pesquisas qualitativas:

(1) O ambiente natural é fonte direta de dados e o pesquisador tem um papel fundamental de participação.

(2) Essas pesquisas apresentam um enfoque indutivo e caráter descritivo.

(3) Os significados que os sujeitos vêm nos eventos e nas ações são pontos de preocupação do pesquisador.

A pesquisa qualitativa, ainda, não tem a pretensão de que seus resultados sejam passíveis de generalizações. De acordo com Triviños (2001, p. 83):

Ela apenas pretende obter generalidades, idéias predominantes, tendências que aparecem mais definidas entre as pessoas que participaram no estudo, que podem ser aceitas ou não pelos especialistas que se desenvolvem no campo no qual se realiza...

Por não ter um compromisso de que seus resultados possam ser generalizados, a pesquisa qualitativa não se apóia na estatística para que a amostra seja estabelecida, como acontece na pesquisa quantitativa. Assim, o número de participantes decorre dos próprios objetivos do estudo, os quais orientam também os critérios que o pesquisador vai utilizar para a escolha dos sujeitos (TRIVIÑOS, *op. cit.*, p. 83-4).

3.1.3 O Paradigma Construtivista

O objetivo de um projeto de pesquisa é investigar o mundo. Cabe ao pesquisador, então, ser uma ‘pessoa que pergunta à realidade, e busca respostas do que ela é’. Assim, em sua pesquisa, o pesquisador vai ‘conhecer esse mundo no qual existe como pessoa para conservar ou modificar aspectos da realidade’ (TRIVIÑOS, *op. cit.*, p. 7), preferencialmente de acordo com as necessidades de seus semelhantes. Além disso, a pesquisa pode possibilitar que se façam previsões e que se elaborem ações

futuras acerca do recorte da realidade com que se está trabalhando e até mesmo que se contribua para o desenvolvimento da área e do construto teórico²⁸.

Toda pesquisa se fundamenta em um paradigma que está intimamente relacionado com o método e, mesmo que o pesquisador não o explicita, ele se apresentará nas entrelinhas. Segundo Guba e Lincoln (1994), existem três questões importantes e interligadas para compreender onde se situa o paradigma de uma investigação: a questão ontológica, a epistemológica e a metodológica.

A questão ontológica se relaciona à forma como o pesquisador vê a realidade, como são e funcionam os seus aspectos. A questão epistemológica, por sua vez, aborda a natureza da relação entre o pesquisador e o objeto de estudo. Por fim, a questão metodológica trata do modo de ação do investigador em relação ao que está investigando.

Essas três questões estão interligadas, uma vez que só é possível estabelecer a metodologia depois que estejam claras a natureza do que vamos pesquisar e a nossa relação com esse recorte da realidade que desejamos investigar.

Triviños (2001, p. 44-50) apresenta três paradigmas referentes à pesquisa qualitativa: o positivista, o da teoria crítica e o construtivista. Dentre essas alternativas, situo o paradigma construtivista como norteador desta pesquisa.

O paradigma construtivista, do ponto de vista ontológico, é caracterizado por compreender a realidade como relativa, ou seja, que está sendo construída de acordo com o momento e o lugar em que os indivíduos se situam (TRIVIÑOS, *op. cit.*, p. 48). Neste estudo, o processo de ensino e aprendizagem que contempla a relação com o computador, a Internet e um AVA, bem como as interações e aprendizagens no sistema e a partir dele, inclusive aquelas decorrentes da própria pesquisa, como as entrevistas, são entendidos como uma realidade em construção, como um processo.

Em relação aos aspectos epistemológicos, o paradigma construtivista se caracteriza por ser subjetivo e transacional, o que implica dizer que o pesquisador e o objeto de estudo estão interligados em suas ações, fazendo com que os resultados surjam no decorrer do estudo (GUBA & LINCOLN, 1994, p. 111). No caso desta pesquisa, o que faz com que eu a identifique com um paradigma construtivista é o fato de que o objeto de estudo, ou seja, as aprendizagens, as interações e os sentidos foram

²⁸ Para Triviños (2001, p. 44), o conceito de teoria na área intelectual e profissional é de ‘um conjunto de conceitos que serve para descrever, interpretar, explicar e compreender os fenômenos da realidade’.

sendo construídos nas ações entre os participantes e a professora pesquisadora no decorrer do processo.

3.1.4 A Pesquisa de cunho etnográfico

Em relação aos estudos de cunho etnográfico, Mattos (2001) salienta que as especificidades das ações e as perspectivas e os significados construídos pelos participantes são levados em conta. É o que Moita Lopes (1996) chama a atenção ao colocar que os estudos de cunho etnográfico possuem como foco a ‘percepção que os participantes têm da interação lingüística e do contexto social em que estão envolvidos’.

Ainda em relação aos estudos de tipo etnográfico, Mattos (*op. cit.*) enfatiza que a maior preocupação é em ‘obter uma descrição densa’ sobre o que um ‘grupo particular de pessoas faz e os significados das perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem’. Nos estudos com um viés etnográfico, a fim de obter essa ‘descrição densa’, o pesquisador observa e participa ativamente dos eventos, juntamente com os outros sujeitos; tendo, dessa forma, um contato direto com a situação e com os demais participantes.

Mattos (*op. cit.*), retomando as idéias de Mehan e Erickson, aponta algumas contribuições da abordagem de investigação etnográfica para as pesquisas qualitativas. Uma das contribuições se refere à preocupação dos estudos de base etnográfica com uma ‘análise holística ou dialética da cultura’, isto é, a cultura não é concebida como um reflexo das estruturas sociais, mas como um ‘sistema de significados’ que são mediados nas relações entre a sociedade e as ações humanas. Outra contribuição mencionada pela autora se relaciona à visão dos atores sociais como tendo uma participação ativa nas ações que formam aquele ‘sistema de significados’. O pesquisador, numa perspectiva etnográfica, vai observar como os indivíduos agem nas suas práticas do cotidiano a fim de compreender os significados dessas práticas para as pessoas ou grupos estudados.

Para Geertz (*apud* MATTOS, 2001), os estudos etnográficos não envolvem somente a seleção dos sujeitos e a coleta sistemática dos dados referentes às ações desses sujeitos nos contextos em que ocorrem; esse tipo de estudo se define pelo esforço intelectual que é obter uma ‘descrição densa’, a mais completa possível, em relação às

ações dos sujeitos e aos significados que as pessoas ou grupos constroem em relação ao que fazem. De acordo com a proposta de Geertz (*apud* GOLDENBERG, 1997, p. 23), essa ‘descrição densa’ é uma descrição aprofundada da cultura considerada como ‘textos vivos’, como ‘teias de significados’ que podem ser interpretados.

Mattos (*op. cit.*), ao refletir sobre a diferença mais básica entre as pesquisas de cunho etnográfico e os demais tipos de pesquisas qualitativas em relação aos contextos educacionais, aponta que estas buscam a natureza causal dos fenômenos, enquanto aquelas procuram ‘desvelar a caixa preta’ envolvida na cultura escolar.

Assim, para desvelarmos a caixa preta, ou seja, quando queremos compreender a cultura de um determinado grupo ou de sujeitos que participam de um contexto escolar, precisamos prestar atenção aos significados que esses sujeitos atribuem às suas ações, pois esses significados são a base para compreendermos o que está acontecendo. Nas palavras de Goldenberg (2001, p. 27), ‘(c)omo a realidade social só aparece sob a forma de como os indivíduos vêem este mundo, o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo através *dos olhos dos pesquisados*’.

Esse movimento do pesquisador nas pesquisas de tipo etnográfico rumo aos significados que os indivíduos constroem resulta em uma interação complexa entre eles, uma vez que a subjetividade do pesquisador é um elemento constante. Dessa forma, o resultado da pesquisa não é ‘fruto da observação pura e simples, mas de um diálogo e de uma negociação de pontos de vista do pesquisador e pesquisados’ (GOLDENBERG, *op. cit.*, p. 24).

É importante salientar que, por mais que se tente pesquisar de forma objetiva, não é possível construir conhecimentos de forma neutra e imparcial. Mesmo em estudos quantitativos que têm a pretensão de serem eminentemente objetivos, ‘existe um autor, um sujeito que decide os passos a serem dados’ (GOLDENBERG, *op. cit.*, p. 14). Esse pesquisador, além disso, faz um recorte da realidade conforme a sua visão de mundo, leva para a pesquisa a sua vivência, considera os construtos teóricos e abordagens metodológicas a partir de escolhas por ele feitas. Quem observa, dessa forma, faz parte do objeto de estudo, o que implica que a subjetividade do pesquisador é parte integrante e inseparável da pesquisa, mesmo quando tal fato não é explicitado.

Diante do exposto, defino esta pesquisa como tendo um cunho etnográfico dada a importância das ações e dos relatos sobre o que fazem e os sentidos que constroem sobre esse fazer os próprios participantes do evento educacional foco deste estudo.

3.2 O CONTEXTO DA PESQUISA

Nesta seção, faço a descrição do contexto²⁹ do estudo. A instituição, a disciplina de Língua Inglesa, a professora-pesquisadora, os participantes e os sujeitos, o ambiente TelEduc e o curso em questão são os elementos que formam esse contexto.

3.2.1 A Instituição

A instituição, lugar físico em que a experiência de ensino foco desta pesquisa tem início, é denominada Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha e está localizada na cidade de Novo Hamburgo.

Trata-se de uma escola pública de direito privado que recebe verbas do governo do estado e que, nos seus quarenta anos de existência, tem sido reconhecida enquanto instituição pública que tem contribuído para a formação de profissionais qualificados. Além disso, a Fundação preocupa-se com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia engajadas com a melhoria das condições de vida do homem e da sociedade. Com este fim, além da formação técnica, a escola propõe uma educação humanística e incentiva atividades³⁰ que promovem o desenvolvimento de cidadãos críticos, responsáveis e éticos.

A Liberato, como é usualmente chamada, é voltada à educação profissional de nível técnico e oferece cursos nas áreas de Química, Eletrotécnica, Eletrônica, Mecânica, Segurança do Trabalho e Automotivo. Tais cursos são articulados com o

²⁹ Para fins de organização, chamo de contexto da pesquisa o ambiente sociocultural mais amplo e que se refere à Instituição e outros lugares que fazem parte das vivências dos alunos. Denomino ‘contexto próximo’ o ambiente que se relaciona mais intimamente ao estudo, isto é, o computador, a Internet e o AVA.

³⁰ Entre as atividades oferecidas pela Fundação Liberato estão cursos de extensão diversos, a Semana Cultural com atividades variadas, a Gincana, o Festival de Teatro, o Concurso de Contos, Crônicas e Poemas, o Festival da Canção (festival com apresentação de grupos musicais de alunos da escola), o Campeonato de Xadrez, além das atividades relacionadas ao esporte.

ensino médio no período diurno em regime seriado anual e têm duração de quatro anos e meio, totalizando 5.300 horas em média, sendo o último semestre destinado ao estágio em empresas. No período noturno, os cursos funcionam em regime semestral e matrícula por disciplina, com duração de dois anos e meio e são oferecidos para aqueles que já tenham concluído o ensino médio.

A escola conta com 263 servidores; sendo que, destes, 156 são professores que atendem aproximadamente 3.400 alunos provenientes de cinquenta e um municípios do estado, matriculados nos cursos diurnos e noturnos e, a cada semestre ou ano, milhares de jovens disputam as vagas oferecidas. No final de 2006, cerca de 3.100 jovens realizaram a prova de classificação para concorrer a uma das 400 vagas oferecidas para o ano letivo de 2007 nos cursos diurnos. Tantos alunos buscam a instituição em função da qualidade de sua educação, pela possibilidade de ter a certificação em um curso técnico e, com ela, a entrada no mercado de trabalho.

Os alunos da Fundação Liberato pagam mensalidades de acordo com a realidade financeira das famílias, a qual é estudada pela escola e cuja análise possibilita uma classificação em faixas de pagamento que vão desde a isenção para aqueles cujas famílias têm mais dificuldades financeiras até o máximo de R\$ 450,00³¹. Dentre os isentos, mais de 100 alunos são convidados a participarem como parceiros do Serviço de Desenvolvimento Comunitário (SEDEC), setor através do qual podem receber auxílio para transporte, alimentação no restaurante da escola e / ou materiais escolares e, em contrapartida, realizar voluntariamente atividades que contribuam para o bom funcionamento da Fundação, como por exemplo, a recepção aos pais em dias de reunião. Para alguns desses jovens,³² a escola oferece estágios em setores da instituição, os quais remuneram os alunos com bolsas-auxílio de aproximadamente R\$ 180,00 e R\$ 290,00 para jornadas de vinte e trinta horas semanais respectivamente.

A escola tem em seu terreno uma unidade da Universidade do Rio Grande do Sul, a UERGS, a qual oferece o Curso Superior de Tecnologia em Automação

³¹ Os alunos cujas famílias têm renda de até dois salários mínimos são isentos, isto é, não pagam mensalidades; eles representam 16,6% do total de estudantes da instituição. Já aqueles alunos que têm renda familiar entre R\$ 701,00 e R\$ 2.500,00 pagam mensalidades que variam de R\$ 16,00 até R\$ 100,00 e representam 58% do total do corpo discente. Os alunos provenientes de famílias cuja renda fica entre R\$ 2.501,00 e R\$ 4.500,00 pagam entre R\$ 110,00 e R\$ 191,00 e representam 12,9% dos estudantes e os que têm renda familiar acima de R\$ 4.501,00 são aqueles cujas mensalidades são de R\$ 213,00 até a faixa máxima de R\$ \$450,00; estes estudantes representam 12,5% dos alunos da Fundação Liberato.

³² Atualmente a instituição oferece estágios remunerados para 40 estudantes.

Industrial, Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia e Engenharia em Energia e Desenvolvimento Sustentável. As instituições compartilham diversos laboratórios, oficinas, equipamentos e profissionais e estabelecem parcerias e intercâmbios que promovem a qualidade educacional de ambas.

A Fundação conta também com um periódico, a Revista Liberato, o qual tem como objetivo a divulgação de pesquisas e demais investigações científicas vinculadas à escola de uma maneira geral; e uma Incubadora Tecnológica, a qual acolhe empresas ou projetos voltados à tecnologia limpa, ou seja, comprometidos com a melhoria das condições sociais e ambientais.

A Fundação Liberato organiza e sedia anualmente o SIET, Seminário Internacional de Educação Tecnológica, o qual busca promover a discussão e divulgação de perspectivas pedagógicas para a educação geral e profissional, e a MOSTRATEC,³³ Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia, onde são apresentados projetos de pesquisa científica e tecnológica nas diversas áreas do conhecimento humano desenvolvidos por estudantes do ensino médio e / ou técnico.

3.2.1.1 O Projeto Político-Pedagógico

O Projeto Político-Pedagógico da Fundação Liberato foi desenvolvido no ano de 2000 levando em conta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e envolvendo professores, funcionários, alunos e pais em sua elaboração em torno da idéia propulsora “Na construção de uma escola para os próximos 500”.

No início do projeto foram estabelecidas a filosofia e as necessidades da escola e a partir delas foram definidas as políticas estratégicas, os objetivos gerais e os específicos da instituição através de ações a serem implementadas a curto, médio e longo prazo.

³³ A MOSTRATEC reúne projetos e estudantes do Rio Grande do Sul, de outros estados brasileiros e de países da América (Argentina, Bolívia, Chile, Costa Rica, Estados Unidos, México, Paraguai, Peru e Uruguai) e de outros continentes (Alemanha, Azerbaijão, Cazaquistão, Espanha, França, Portugal, República Tcheca, Romênia, Ucrânia e Turquia). A semana da sua realização é um momento extremamente rico na escola devido aos intercâmbios e às interações que nele ocorrem. A feira é aberta ao público em geral e diversas escolas da região agendam visitas guiadas para seus alunos. Além disso, a MOSTRATEC, na condição de afiliada à Intel-ISEF, seleciona projetos que poderão participar em outras feiras nacionais e internacionais.

A concepção filosófica estabelecida pela comunidade para a instituição busca reverter a situação instaurada em nossa sociedade de o ensino médio-técnico-industrial ser tido como formador de mão-de-obra, a qual deve se adaptar a uma ordem econômica e social capitalista e que tem as escolas como instrumentos de ‘reprodução e legitimação do capital cultural dominante’ (Projeto Político-Pedagógico – Liberato, 2000, p. 12). Tal realidade reflete o que acontece na sociedade:

A classe que detém o poder material em certa sociedade detém, também, poder intelectual, uma vez que possui os instrumentos materiais e conceituais para a elaboração do conhecimento: àqueles que são recusados os meios de produção intelectual só resta a submissão. Esse saber, elaborado pela classe dominante e que reflete seus interesses particulares, é apresentado como universal, como o único razoável e verdadeiramente válido (KUENZER *apud* Projeto Político Pedagógico, 2000, p.12).

Nessa concepção, a escola não é fadada a reproduzir de forma passiva as relações de produção, mas pode se caracterizar como um espaço de subversão à ordem instituída e que vai atuar na construção de uma nova ordem e na busca de uma sociedade mais humana e igualitária, onde o capital e tecnologia estejam a serviço do bem-estar social, com homens e mulheres livres, éticos, críticos, responsáveis, sensíveis, solidários, honestos, participantes, que ‘transcendam o material na busca da subjetividade’ e que cada um seja ‘sujeito de sua própria história’ (*op. cit.*, p. 13).

A partir dessa filosofia construída pelos participantes do projeto para a instituição e das necessidades dela decorrentes, a comunidade que forma a Fundação Liberato, na qual me incluo, concebeu a educação que queremos construir, a qual tem em seu cerne o comprometimento com a realidade e a promoção do diálogo. Tal concepção alinha-se com a proposta de desenvolvimento dos saberes essenciais de Jacques Delors, presidente da Comissão Internacional de Educação do Futuro da UNESCO, os quais são: ‘aprender a conhecer’, ‘aprender a fazer’, ‘aprender a viver juntos’ e ‘aprender a ser’. A comunidade agregou a eles o ‘aprender a sentir’ por julgar que os sentimentos e as emoções são também relevantes na formação do ser humano (*op. cit.*, p. 15).

Com o estabelecimento da educação que a comunidade almeja para a instituição, o grupo traçou as políticas e estratégias para encaminhar as ações que levem à efetivação da proposta, as quais são, de acordo com o documento redigido (*op. cit.*, p. 31-3), em linhas gerais:

- A prática do diálogo como forma de fortalecer a integração;

- O desenvolvimento do zelo pelo patrimônio;
- A busca de uma atuação socialmente comprometida;
- A busca de parcerias com os diversos segmentos da sociedade de forma que o crescimento da instituição seja favorecido;
- O respeito às diferenças;
- O resgate de valores primários do ser humano;
- O incentivo à formação continuada;
- O incentivo à pesquisa como forma de desenvolver a construção de conhecimento;
- A integração entre os segmentos da instituição de forma que as grandes decisões sejam estabelecidas coletivamente;
- O apoio pedagógico aos professores e alunos para que o processo de aprendizagem seja aprimorado;
- O respeito às diferenças.

3.2.1.2 A disciplina de Língua Inglesa

Quando comecei a trabalhar na Fundação Liberato no ano de 1994, a grande maioria das disciplinas que compunham o ensino médio estava a serviço da formação profissional, complementando e auxiliando no sentido de instrumentalizar as disciplinas técnicas e, assim, fornecer mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho, seguindo as exigências deste quanto à aprendizagem de conteúdos e habilidades.

O trabalho instrumental da maioria das disciplinas do ensino médio era, seguindo uma tendência que era comum em muitas escolas brasileiras, também o objetivo da disciplina de Língua Inglesa e, por isso, esta era organizada com o intuito de desenvolver a habilidade de leitura de textos técnicos numa visão em que a língua era concebida como uma ferramenta a ser conhecida e manipulada para o uso posterior na vida profissional dos alunos.

A fim de desenvolver esse trabalho instrumental na disciplina de Inglês, utilizávamos uma metodologia voltada para a compreensão dos textos e desenvolvimento de estratégias de leitura, a qual era baseada principalmente nas semelhanças e diferenças entre o Português e o Inglês (palavras cognatas e não cognatas, estruturas gramaticais idênticas e diferentes, formas como lemos na língua

materna, etc.) de modo que os alunos estivessem treinados para ler, principalmente manuais de equipamentos, oriundos, em sua maioria, dos países desenvolvidos.

Porém, muitos de nossos adolescentes, todos em início de curso, pouco sabiam sobre as respectivas áreas técnicas e muito menos sobre o mercado de trabalho, a maioria trazia poucos conhecimentos prévios de Língua Inglesa e, assim, com o que desenvolvíamos, tornavam-se decodificadores passivos dos textos, os quais eram para eles um conjunto isolado de informações e, para muitos, um verdadeiro quebra-cabeças cujos sentidos não eram construídos de forma processual a partir de sua inserção em um contexto e uma cultura.

Agravando ainda mais a situação, naquela época os alunos tinham aulas de Língua Inglesa juntamente com sua turma regular, em grupos numerosos e cujos indivíduos tinham uma grande diversidade de conhecimentos prévios: alguns relatavam que haviam aprendido as regras sobre como usar o ‘verbo to be’ em todos os anos do ensino fundamental; outros tinham uma bagagem um pouco maior e alguns, aqueles provenientes de escolas particulares diferenciadas ou de cursos de idiomas, eram mais fluentes na língua em questão.

Muitos de nossos estudantes relatavam não ter aprendido inglês no ensino fundamental³⁴ e esta visão não era modificada na passagem deles por nossa instituição; aliás, para muitos era ainda reforçada, o que evidenciavam em comentários informais ou em avaliações acerca de nossas aulas como ‘eu não sirvo para aprender inglês’, ‘não se aprende inglês na escola, só em cursinho’ e ‘eu devo ser mesmo burro porque não consigo aprender’.

³⁴ A partir de um questionário anexo à prova de nivelamento de Língua Inglesa, preenchido pelos alunos novos na escola em 2007 e que fornece maiores subsídios para a classificação, as professoras da disciplina detectaram que 29,7% dos alunos provém de escolas particulares, 58,8% de escolas públicas e 11,5% freqüentaram escolas particulares e públicas no ensino fundamental. Constatamos, ainda, que 64,4% dos estudantes tiveram aulas de Língua Inglesa em pelo menos quatro séries (5^a. a 8^a.), enquanto 8,3% cursaram a disciplina por cinco séries, 3,7% em seis, 1,5% em sete, 12% em oito séries (1^a. a 8^a.) e somente 0,6% em uma, 3,5% em duas, e 6,0% em três. Além disso, detectamos que 23,3% desses alunos tiveram aulas de inglês em cursos livres, de um semestre a vários anos enquanto 76,7% deles não freqüentaram nenhuma escola de idiomas.

O questionário e a referida prova permitiram que as professoras chegassem ao seguinte resultado em relação aos conhecimentos prévios dos alunos novos em nossa escola no ano de 2007: 40% deles classificaram-se no básico 1; 30,6%, no básico 2; 16,6%, no básico 3; 3,3%, no básico 4; 6,9%, no intermediário e 2,6%, no avançado.

Com esse quadro, evidenciou-se para as professoras o fato de que os alunos, apesar de a maioria (89,9%) ter tido aulas de Língua Inglesa em quatro ou mais séries no Ensino Fundamental, apresentam conhecimentos aquém dos esperados por nós para iniciarmos o trabalho no Ensino Médio, uma vez que esperávamos que grande parte dos alunos apresentasse conhecimentos equivalentes, pelo menos, ao básico 2.

O resultado desse quadro era de que nossos alunos ficavam desmotivados e nada ou pouco aprendiam, panorama que acabava por reforçar, principalmente para aqueles de classes sócio-econômicas mais baixas, uma visão de que alguns são mais inteligentes do que outros, que eles não merecem, não podem ou não precisam ter acesso a outras línguas e que os estrangeiros, suas sociedades e culturas são melhores, mais ricas e desenvolvidas, enquanto nós, brasileiros, somos piores, subdesenvolvidos e aculturados.

Esse panorama de descrença em relação ao ensino e aprendizagem de Língua Inglesa na Liberato contribuía ainda para que estudantes, pais e alguns de nossos colegas educadores acreditassem que realmente não se aprende inglês na nossa instituição, reforçando uma realidade que se repete de forma não muito diferente em milhares de escolas públicas e mesmo particulares brasileiras e construindo um aspecto da cultura educacional de nosso país, segundo o qual não se aprende uma língua estrangeira na escola. Esse quadro fez com que algumas das professoras da disciplina de Língua Inglesa, juntamente com outros colaboradores, buscassem uma alternativa para melhorar a situação do ensino e aprendizagem do inglês na Liberato.

Em razão do anseio por mudanças gerado pela situação descrita e das discussões decorrentes das propostas das Leis de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96), dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) e do Projeto Político-Pedagógico da Liberato, o grupo de professoras de inglês deu início a um projeto de trabalho em níveis no ano de 2001. Nesse projeto, prevíamos grupos menores que reunissem alunos com conhecimentos prévios semelhantes. Além disso, ao invés do treinamento para a leitura, buscávamos responder a demandas da escola, cada vez mais engajada em pesquisas e em feiras internacionais, e do próprio mercado de trabalho, que passava a requisitar estagiários e técnicos que soubessem usar a língua para ler, escrever, ouvir e falar em diferentes situações. Porém, mais ainda do que saber usar a língua, tínhamos o intuito de que nossos alunos, ao interagirem oralmente ou por escrito, agissem, desenvolvessem valores relativos à ética e à cidadania e tomassem consciência sobre os seus e os nossos lugares no mundo.

Para a organização da disciplina em níveis, os alunos realizam uma prova escrita quando ingressam na instituição, a prova de nivelamento, e os resultados dela permitem-nos que dividamos as turmas. Temos organizado os grupos de acordo com a

seguinte classificação: básico 1, básico 2, básico 3, básico 4, intermediário e avançado. Dos alunos de primeiras e segundas séries³⁵ do ano de 2006, 19,45% foram classificados no básico 1; 42,73%, no básico 2; 23,16%, no básico 3; 6,9%, no básico 4; 2,51%, no intermediário e 5,24%, no avançado. Além da prova, aplicamos um questionário a fim de conhecer um pouco mais sobre os alunos a fim de que possamos fazer planejamentos relativos à disciplina levando em conta as informações coletadas.

O projeto, desde a sua implantação, tem tido bons resultados segundo a avaliação das professoras envolvidas, dos alunos e do centro pedagógico da escola. Ele vem contribuindo para um aprendizado mais efetivo da língua estrangeira por parte dos alunos e para a quebra do estereótipo de que não se aprende inglês na escola. Além disso, ele tem sido repensado e modificado a cada ano a fim de que possa se adequar à realidade da instituição e atender aos alunos de uma forma mais satisfatória. Uma das modificações³⁶ se refere à organização dos grupos de básico 4, intermediário e avançado em uma modalidade de educação utilizando um ambiente virtual de aprendizagem, com aulas on-line para permitir a reunião de alunos de diferentes turmas regulares e com encontros presenciais para dar conta das avaliações da disciplina, das especificidades de trabalhar com adolescentes e aquelas relativas à aprendizagem de uma língua estrangeira.

3.2.2 A Professora-Pesquisadora

Sou graduada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e especialista em Ensino de Língua Inglesa pelas Faculdades Porto-Alegrenses (FAPA). Trabalhei em dois cursos livres de línguas e, desde 1994, atuo na Fundação Liberato, onde leciono a disciplina de Língua Inglesa no Ensino Médio e a de Comunicação e Expressão no curso Técnico em Eletrônica diurno e noturno. Meus principais interesses são investigar sobre a educação em língua estrangeira nas escolas regulares e sobre a formação continuada de professores nessas instituições, bem como sobre o uso de ambientes

³⁵ A disciplina de Língua Inglesa faz parte do currículo das primeiras e segundas séries do Ensino Médio na Fundação Liberato.

³⁶ Na introdução, mais especificamente na parte intitulada ‘O problema e a justificativa’, há maiores detalhes sobre a implantação do projeto de educação a distância na disciplina de Língua Inglesa na Fundação Liberato.

digitais para o ensino e aprendizagem de línguas. Neste estudo, tenho um papel participante, uma vez que faço parte da equipe que planeja o curso e sou a professora dos sujeitos da pesquisa.

Além de ser a pesquisadora deste projeto, é importante ressaltar que faço parte da equipe que planeja o curso e sou também a professora da turma foco deste estudo, o que proporciona que eu tenha diferentes perspectivas sobre os registros desta experiência. Assim, ao teorizar sobre esses registros, meus olhares são múltiplos, uma vez que, além da pesquisadora com seu olhar investigativo, estão presentes a pessoa que atuou no planejamento do curso e a professora da turma com todas as experiências que viveu junto aos alunos. Por não conceber nenhuma pesquisa científica como neutra, uma vez que a presença do olhar do pesquisador é evidente desde o recorte da realidade a ser estudado, esses diferentes lugares e papéis que ocupo, ao invés de serem um ponto negativo e que poderiam gerar análises tendenciosas, permitem que eu me aproxime do objeto de estudo sob diferentes perspectivas e, dessa forma, possa construir interpretações mais ricas sobre este objeto.

3.2.3 Os Participantes e os Sujeitos da Pesquisa: a Turma 402

Os vinte e dois alunos participantes da experiência de ensino e aprendizagem foco desta pesquisa compõem a turma 402 de Língua Inglesa no ano de 2006. São alunos de primeira (06) e de segunda (16) séries do Ensino Médio e Técnico, pertencentes a onze diferentes turmas regulares do turno da tarde de diversos cursos: Química (06 alunos), Eletrotécnica (02 alunos), Mecânica (09 alunos) e Eletrônica (05 alunos). Todos têm aulas das 13:10 às 18:35 todos os dias e mais um turno inverso em uma manhã, das 7:25 às 12:00. Seis desses estudantes são meninas e dezesseis são meninos, todos com idades entre quinze e dezoito anos.

A turma 402 foi escolhida para participar desse estudo por ser um dos grupos dos quais sou professora e que tem aulas a distância utilizando o ambiente virtual de aprendizagem. Além disso, a opção por essa turma foi feita levando em conta o fato de que se trata de um grupo bastante heterogêneo, com alunos de duas séries e de diversos cursos e que têm conhecimentos básicos de Língua Inglesa.

Os alunos dessa turma, no ano de 2006, pertenciam ao que denominamos na escola de Básico 4.³⁷ De modo geral, os alunos desse nível desenvolveram conhecimentos básicos na Língua Inglesa, o que possibilita que dêem conta de atividades que envolvam apresentações pessoais; descrição de seus hábitos, rotinas, costumes, preferências e opiniões; falar sobre eventos presentes, passados e futuros; fazer comentários e sugestões; pedir informações e solucionar dúvidas sobre eventos e fatos diversos; entre outros.

Os alunos que integraram a turma 402 tiveram uma trajetória diferente em relação à disciplina de Língua Inglesa na Fundação, o que evidencia o quanto os conhecimentos prévios dos estudantes que ingressam na instituição são variados. Quatro desses estudantes iniciaram na escola no ano de 2003 no Básico 1 e cursaram a primeira e a segunda série duas vezes, sendo que, em função de suas promoções na disciplina apesar das reprovações na série, chegaram em 2006 ao Básico 4.

Um aluno da turma 402 iniciou na Liberato no ano de 2004 no Básico 2, tendo repetido a primeira série e também avançado na disciplina. Doze dos integrantes da turma 402 foram selecionados para a Fundação em 2005 e foram classificados para compor turmas de Básico 3 de Língua Inglesa, com exceção de um aluno que foi classificado para o Básico 2, mas que, pelo seu excelente desempenho e desenvolvimento ao longo do ano, foi promovido para o nível 4 em 2006. Cinco alunos iniciaram na escola em 2006 sendo classificados para o Básico 4. Este panorama do percurso dos alunos da turma 402 na disciplina de Língua Inglesa na Fundação Liberato é também representado na tabela 3.1, a seguir.

³⁷ Os alunos e as professoras da Fundação Liberato chamam os níveis básicos de Língua Inglesa de 'B'. Assim, o Básico 1 é chamado de B1; o Básico 2, de B2; o Básico 3, de B3 e o Básico 4, de B4.

Tabela 3.1
 Percurso dos participantes da pesquisa em LI na Fundação Liberato

TURMA 402	ANO DE INGRESSO NA FUNDAÇÃO	Nível a cada ano			
		2006	2005	2004	2003
Quatro alunos	2003	B4	B3	B2	B1
Um aluno	2004	B4	B3	B2	X
Doze alunos	2005	B4	B3 (11) B2 (1)	X	X
Cinco alunos	2006	B4	X	X	X

Conforme relataram em um dos questionários, os alunos da turma 402 realizam as atividades on-line do curso utilizando computadores e Internet em diferentes lugares:

- 1) Quatorze alunos (63,64%) realizam as atividades somente em casa porque têm computador com acesso à Internet.
- 2) Quatro alunos (18,18%) realizam as atividades em casa e na escola porque têm computador, mas não o acesso à Internet.
- 3) Dois alunos (9,09%) realizam as atividades na escola, na casa de amigos ou parentes, nos locais de trabalho dos pais, no curso de informática ou em *lanhouses* porque não têm computador com acesso à Internet em suas casas.
- 4) Dois alunos (9,09%) realizam as atividades somente na escola por não terem computador nem acesso à Internet em suas residências.

Dos vinte e dois alunos participantes desse estudo, três deles foram selecionados conforme critérios detalhados em 3.2.2. Esses três sujeitos, bem como os demais participantes, autorizaram o uso de seus nomes, informações pessoais, fotos e textos para os fins deste projeto de pesquisa. Os três estudantes selecionados relataram, através de um questionário (Apêndice A), informações sobre si próprios, suas famílias, suas rotinas e hábitos, seus conhecimentos prévios de inglês e sobre o uso de computadores e Internet. Tais informações são apresentadas de forma resumida a seguir com o intuito de traçar um perfil desses três sujeitos.

Fernanda é aluna da primeira série do curso de Química. Ela tem quinze anos, mora com os pais em Ivoti e não tem irmãos. Ela diz que, durante a semana, acorda às 7:30 todos os dias, horário em que seus pais saem para o trabalho. Eles têm uma mecânica de automóveis e trabalham juntos. Fernanda relata que começa o seu dia

fazendo algumas tarefas domésticas, como passar roupa e organizar a casa. Depois disso, ela dedica o resto da manhã para os estudos. Ela sai para a escola após almoçar junto com os pais em casa. Ela retorna da escola às 20 horas, quando seus pais já voltaram do trabalho. Todos jantam e olham televisão juntos. Nos finais de semana, Fernanda participa de um grupo de jovens da igreja católica e, no resto do tempo, ela fica com a família e os amigos, além de estudar e fazer tarefas da escola.

Fernanda relata que estudou inglês na sétima e na oitava séries em uma escola municipal no município de Ivoti. Além disso, faz um cursinho particular há um ano com um professor que reúne os alunos na casa de um deles. Quanto a computadores, ela diz ter feito um curso de informática há alguns anos atrás, mas o mesmo não ajudou muito. Ela comenta que, quando ganhou o seu computador há um ano, começou a manuseá-lo e acabou aprendendo sozinha a lidar com o universo digital. Ela tem limites dados pela família para utilizar o computador e a Internet e, assim, usa aquele por seis horas por semana em média e, destas seis, três são na Internet, a qual ela usa para pesquisar, para realizar trabalhos e conversar com amigos. Fernanda diz que na escola onde estudava, ela tinha algumas atividades que eram feitas no computador e através da Internet; porém nada parecido com o trabalho na disciplina de Língua Inglesa a partir de um ambiente virtual de aprendizagem.

Mateus é aluno de primeira série do curso de Mecânica. Ele tem dezesseis anos, mora em Novo Hamburgo com os pais que são empresários e possuem segundo grau completo e cursos técnicos. Mateus diz que geralmente vai para a escola de manhã para estudar, uma vez que diz não conseguir se concentrar para isso em casa. Ele volta da escola no início da noite, horário em que seus pais também retornam do trabalho. Nos fins-de-semana, ele diz que costuma sair com amigos e ir a *lanhouses* e, às vezes, fica em casa estudando.

Mateus estudou inglês desde a quinta série em uma escola particular e teve aulas por quatro semestres em um cursinho localizado perto de sua casa. Ele diz não ter dificuldades em elaborar textos escritos em inglês, porém tem um pouco de dificuldade de pronunciar as palavras e manter uma conversa. Mateus relata que usa computadores há bastante tempo, mas que a frequência com os utiliza aumentou consideravelmente desde que ganhou o seu há três anos, sendo que o mesmo se dá em relação à Internet. Ele comenta que a experiência de educação a partir de um ambiente virtual de

aprendizagem da disciplina de Língua Inglesa é a primeira que ele tem na qual um recurso desse tipo é utilizado.

Ramon também é aluno da primeira série do curso de Mecânica e tem dezesseis anos. Ele mora em São Leopoldo com o pai, a mãe, um irmão de seis e uma irmã de treze anos. O pai é montador de máquinas e possui o primeiro grau incompleto; a mãe é dona-de-casa e possui o primeiro grau completo e os irmãos são estudantes. Ramon relata que sua rotina durante a semana envolve acordar, fazer suas obrigações, estudar, ir para a escola e voltar para casa. À noite, ele dedica um tempo ao seu hobby, programação de imagens em 3D, janta e vai dormir. Nos fins-de-semana, ele costuma jogar no computador, navegar na Internet, sair, estudar e assistir televisão.

Ramon estudou inglês da quinta a oitava série em escolas públicas, nas quais, segundo ele, a ênfase era nas regras gramaticais e memorização de vocabulário e um pouco de fala. Ele relata que nunca fez nenhum curso de línguas, mas que aprendeu inglês, além da escola, navegando na Internet e através de jogos on-line. Ramon diz usar computadores há pouco tempo; porém, desde que ganhou o seu, inclusive conectado à Internet, ele o faz com bastante frequência. Em relação à Internet, Ramon comenta que a usa todos os dias para fazer pesquisas, baixar jogos, conversar com amigos e ver notícias. Juntamente com a disciplina de Física, o trabalho de educação a partir de um ambiente virtual de aprendizagem na disciplina de Língua Inglesa são os primeiros contatos com ambientes digitais utilizados de forma sistemática em atividades escolares.

3.2.4 O TelEduc

O TelEduc, um software livre, é um ambiente virtual de aprendizagem que foi desenvolvido no Nied (Núcleo de Informática Aplicada à Educação) em conjunto com o Instituto de Computação da Universidade Estadual de Campinas. O TelEduc foi concebido para ser utilizado como um ambiente de suporte para ensino/aprendizagem, mais especificamente idealizado para a criação e gerenciamento de cursos a distância através da Internet.

As instituições interessadas contatam o Nied para fazer o download a partir do site do projeto. Assim, é possível hospedar o ambiente na home-page da instituição que vai utilizá-lo e, conseqüentemente, acessá-lo a partir dela. Cada instituição deve

designar um administrador responsável, dentre outras funções, pelo gerenciamento dos cursos e suporte técnico.

Além do administrador, o TelEduc possui outros dois principais tipos de usuários: o formador, aquele que coordena cada curso, elabora o plano de ensino e aprendizagem, estabelece a metodologia, planeja as atividades, utiliza as ferramentas a serem utilizadas, interage com os alunos, avalia, etc.; e os próprios alunos, que têm acesso às ferramentas escolhidas pelo formador e que utilizam o ambiente para aprendizagem. O sistema possibilita, ainda, a participação de convidados no sistema, temporariamente ou ao longo do curso.

Para criar um curso no TelEduc, é necessário que o interessado envie uma mensagem eletrônica para o administrador do ambiente, o qual avalia o pedido e autoriza a sua criação. O formador recebe por e-mail a notificação de aprovação e criação, podendo então proceder à organização de seu curso.

Para participar de um curso, o aluno acessa a página do ambiente e se cadastra em um dos cursos disponíveis. Após o cadastro, o formador analisa o pedido e envia a resposta ao candidato a aluno. A inscrição dos alunos pode também ser realizada diretamente pelo formador.

O TelEduc possui um sistema de autenticação para acesso aos cursos. Dessa forma, sempre que um usuário quiser acessar um curso, são solicitadas uma identificação pessoal (login) e uma senha. O sistema confere login e senha e permite ou nega o acesso.

Ao acessar, o ambiente se apresenta conforme o tipo de usuário: formador ou aluno, uma vez que nem todas as ferramentas são disponibilizadas para os alunos. As páginas são divididas em duas partes: à esquerda estão as ferramentas que podem ser usadas durante o curso e, à direita são apresentados os conteúdos correspondentes à ferramenta selecionada. No perfil e no correio, uma terceira tela menor aparece sobreposta ao menu das ferramentas e à tela da direita, com o perfil da pessoa selecionada ou com a mensagem recebida ou a escrever.

O TelEduc possui ferramentas que permitem a apresentação de informações, a disponibilização de conteúdos e atividades e a comunicação e a interação entre os participantes do curso. O formador tem a possibilidade de escolher as ferramentas que vai utilizar de acordo com seus objetivos, sendo que somente são visualizadas aquelas

que forem selecionadas. Esses recursos são visualizados no ambiente conforme o tipo de usuário: há aqueles que são disponibilizados para todos e outros somente para os formadores.

A seguir, faço uma descrição sucinta do objetivo de uso das ferramentas do ambiente e apresento telas³⁸ que exemplificam algumas daquelas, todas pertencentes à turma foco deste estudo.

3.2.4.1 Ferramentas disponíveis para formadores e alunos

As ferramentas disponíveis tanto para formadores como para alunos são citadas e descritas a seguir.

Estrutura do ambiente: oferece informações sobre as ferramentas do ambiente, sobre seus objetivos e usos. As descrições estão prontas, isto é, foram feitas pela equipe do Nied. Na figura 3.1, vemos a ferramenta em inglês, tal qual ela apareceu para os participantes da turma 402.

³⁸ As figuras referentes a cada tela aparecem logo após a descrição de cada ferramenta visando facilitar a leitura e a compreensão através dos exemplos.

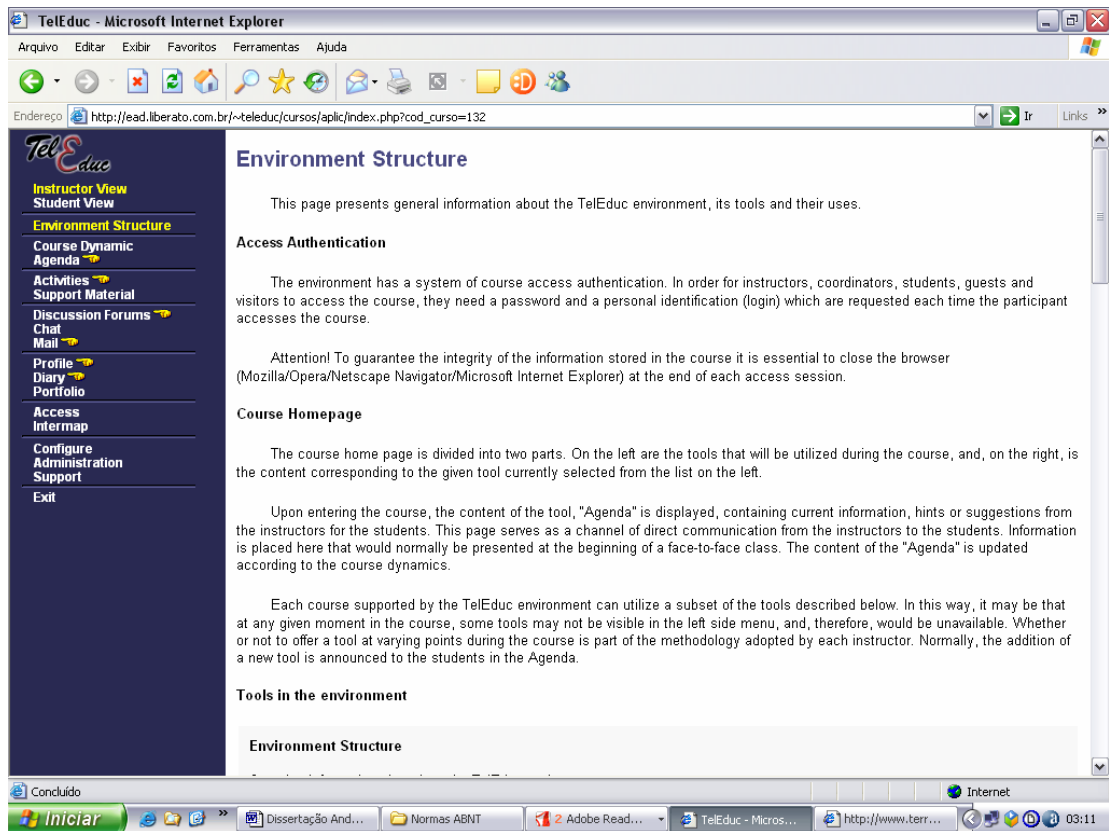


Figura 3.1: Estrutura do Ambiente

Dinâmica do Curso: disponibiliza informações sobre a metodologia e a organização do curso.

Agenda: página de entrada do curso e que fornece a programação de um determinado período de tempo. O ambiente pode ser organizado a partir desse recurso, já que o formador pode, além de usá-lo para descrever atividades e prazos para realização das mesmas, pode também disponibilizar outras informações, como os objetivos das práticas, indicação de materiais de apoio ou mesmo colocar lembretes ou avisos sobre a organização do curso.

Na figura 3.2, vemos uma das primeiras agendas do ano de 2006.

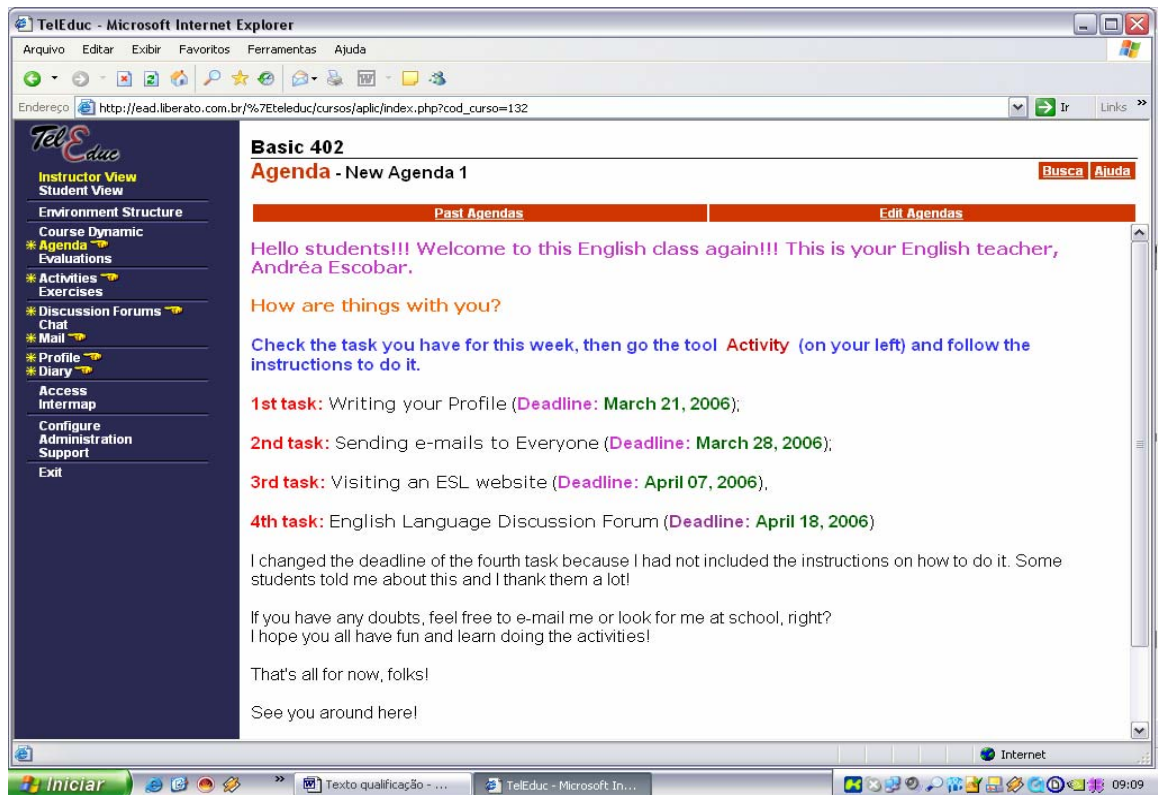


Figura 3.2: Agenda

Exercícios: possibilita a criação, o gerenciamento e a execução de exercícios diversos (com questões dissertativas, de múltipla escolha, associação de colunas e verdadeiro ou falso).

Atividades: apresenta detalhes sobre as atividades a serem desenvolvidas, podendo ser organizadas em diferentes pastas conforme categorias escolhidas pelo formador. Na figura 3.3, vemos parte da lista de atividades do segundo trimestre de 2006.

Activity	Date	Access Control	Evaluation
1 - Writing e-mails (Deadline: May 29th, 2006)	06/13/2006	Free Access	Yes
2 - Answering e-mails (Deadline: June 05, 2006)	06/13/2006	Free Access	Yes
3 - AVALIAÇÃO DO FIAD (Ensino de Inglês a distância) 1º TRIMESTRE/2006 (deadline June 12, 2006)	06/02/2006	Free Access	No
4 - Reading Test (Deadline: June 19th, 2006)	06/13/2006	Free Access	Yes
5 - Reading short stories (Deadline: June 19, 2006)	06/13/2006	Free Access	Yes
6 - Writing short stories (Deadline: June 26, 2006)	06/19/2006	Free Access	Yes
7 - Commenting on Classmates' short stories (Deadline: July 3rd, 2006)	06/26/2006	Free Access	Yes
8 - Improving the short stories (Deadline: July 10th, 2006)	06/26/2006	Free Access	Yes
9 - Cultural Exchange (July 17th, Monday, from 10:15 to midday, in the Auditorium)	07/14/2006	Free Access	Yes
10 - Writing about the exchange student (Deadline August 7th, 2006)	07/18/2006	Free Access	Yes
11 - Visiting Pen-Pal Websites (Deadline of the report: August 7th, 2006)	07/14/2006	Free Access	Yes
12 - Making an e-friend (Deadline of the report: August 14th, 2006)	08/15/2006	Free Access	Yes
13 - Carrying out an ethnographic research (Deadline: August 29, 2006)	08/11/2006	Free Access	Yes

Figura 3.3: Atividades

Material de Apoio: exhibe informações úteis relacionadas à proposta de cada curso e fornece subsídios para o desenvolvimento das atividades propostas.

Leituras: relaciona sugestões de artigos, revistas, jornais, livros, endereços na web, etc., os quais se relacionam à proposta do curso.

Perguntas Frequentes: abrange a relação das perguntas feitas com maior frequência pelos participantes durante o curso e as suas respectivas respostas.

Parada Obrigatória: contém materiais que têm como objetivo desencadear reflexões e discussões entre os participantes ao longo do curso.

Grupos: permite a criação de grupos de pessoas para viabilizar a formação de equipes para realização de atividades.

Mural: consiste em um espaço reservado para todos os participantes disponibilizarem informações, comentários, opiniões e sugestões considerados relevantes no contexto do curso.

Fóruns de discussão: possibilita a organização de discussões e debates assíncronos. O formador pode organizar e incentivar o debate. Por ser assíncrono, o fórum tem a característica de permitir mais tempo para reflexão e expressão de opiniões

e idéias aos participantes. É possível postar uma mensagem geral, bem como responder ao comentário de uma pessoa especificamente.

Na figura 3.4, é possível visualizar um dos fóruns realizados. Nesse, os participantes refletem e discutem sobre aprendizagem de línguas e sobre as habilidades envolvidas neste processo. Também relatam suas experiências em relação ao aprendizado da língua materna e de línguas estrangeiras.

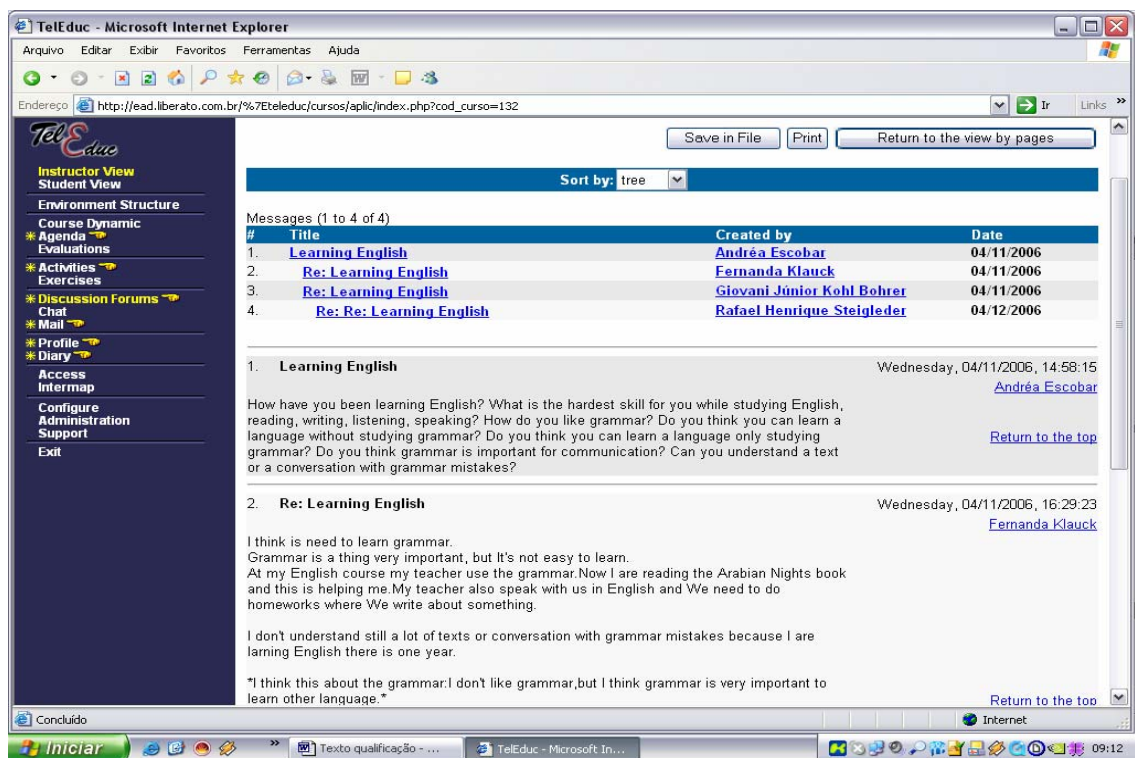


Figura 3.4: Fórum de Discussão

Bate-Papo: permite conversas em tempo-real entre os participantes do curso.

Correio: é um sistema de correio eletrônico interno ao ambiente e que permite, ainda, que as mensagens sejam também enviadas para os e-mails externos dos participantes.

Na figura 3.5, aparece a lista de parte dos e-mails por mim recebidos nos meses de março e abril de 2006.

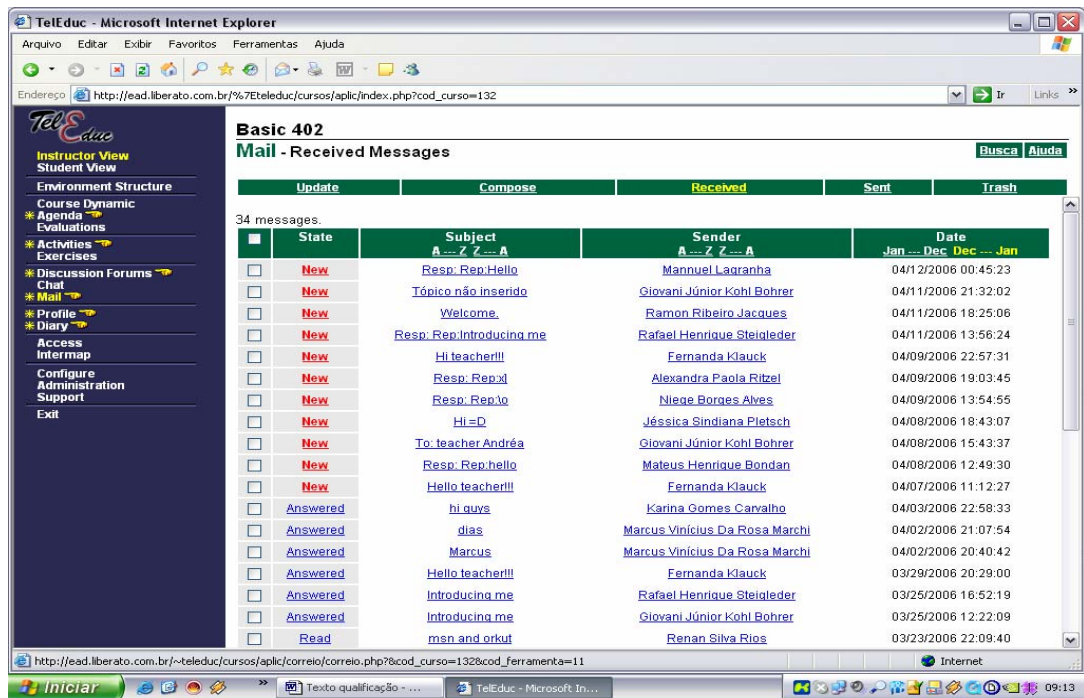


Figura 3.5: Correio

Perfil: disponibiliza o perfil de cada participante. Nele, os participantes do curso se apresentam falando sobre si mesmos, a família, amigos, escola, do que gostam e não gostam, planos para o futuro, etc. Eles podem ainda colocar uma foto sua ou uma figura que os represente.

Na figura 3.6, vemos a lista de perfis disponíveis e, na tela sobreposta, o perfil da aluna Alexandra, com o texto que ela escreveu para descrever a si própria para os colegas da turma e a foto que escolheu para que eles visualizassem.

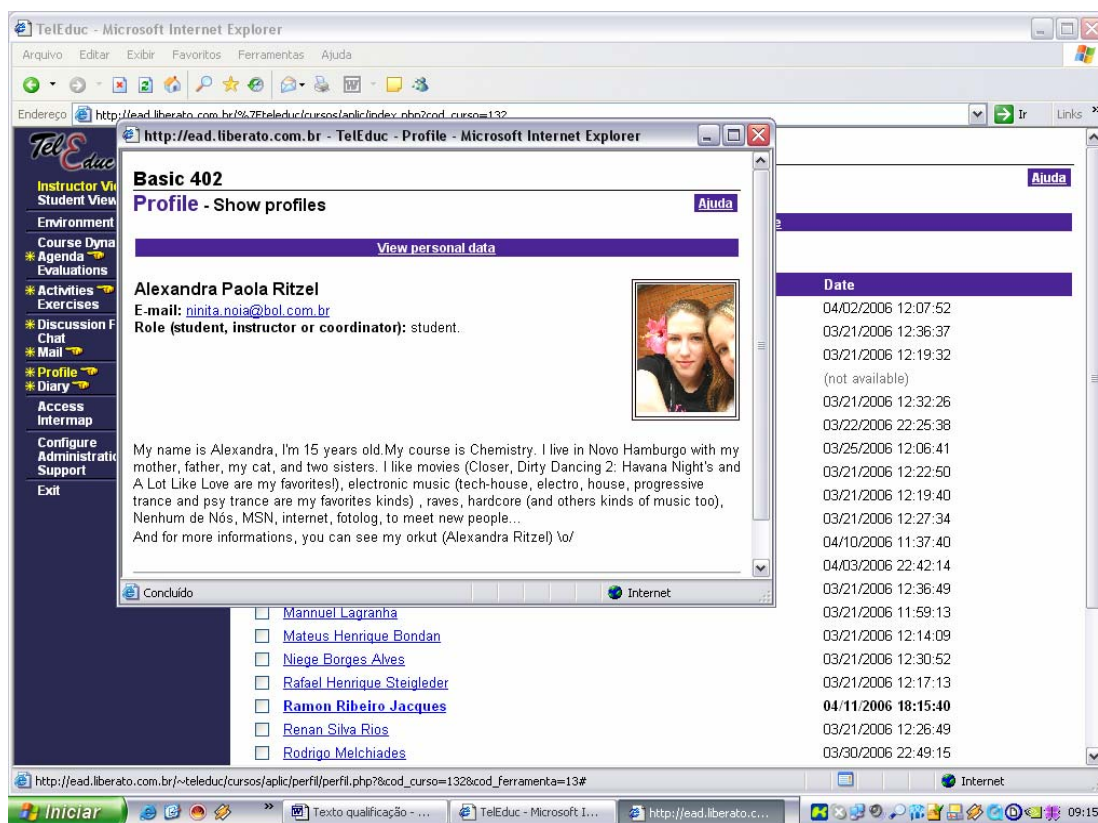


Figura 3.6: Perfil

Diário de Bordo: é um espaço destinado a anotações dos alunos, as quais podem ser lidas e comentadas pelos formadores.

Portfólio: armazena textos e arquivos a serem utilizados ou desenvolvidos durante o curso. As atividades que são compartilhadas podem ser comentadas por todos os participantes.

Na figura 3.7, vemos a página inicial do Portfólio de um aluno, na qual aparecem as atividades que nele foram postadas com as respectivas datas, tipos de compartilhamento (somente para o aluno, somente para o formador ou visível para todos) e comentários feitos.

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos		
Atualizar				
Itens	Data	Compartilhamento	Comentários	Avaliação
My homework	28/05/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não
Answer Key	28/05/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não
EIAD Evaluation	19/06/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não
Reading Short Story	26/07/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não
Writing Short Story	26/07/2006	Totalmente Compartilhado	✓✓	Não
Bruna's presentation	26/07/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não
Improving the short storie	26/07/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não
EIAD	26/09/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não
My Friend	26/09/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não
Focus on Brazil	26/09/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não
Discussion Forum	02/10/2006	Totalmente Compartilhado	✓	Não

Comentário de Aluno
 Comentário de Formador
 Comentários enviados por mim
 Item Avaliado

Figura 3.7: Portfólio

Configurar: permite que o usuário altere seus dados pessoais, senha e login, além de selecionar o idioma do ambiente (português, espanhol ou inglês).

3.2.4.2 Ferramentas disponíveis somente para formadores

As ferramentas disponíveis somente para os formadores são descritas a seguir.

Acessos: permite o acompanhamento da frequência de acesso dos usuários ao curso. O formador pode visualizar tanto o número de acessos ao sistema como a data do último acesso e, com isso, saber o nível de participação dos alunos. É possível, ainda, selecionar a cidade e o estado de origem e ordenar a lista de acordo com nomes, local de trabalho, cidade e estado dos participantes.

Na figura 3.8, vemos a lista organizada por nomes, na qual aparecem a data da última entrada no sistema e o número total de acessos.

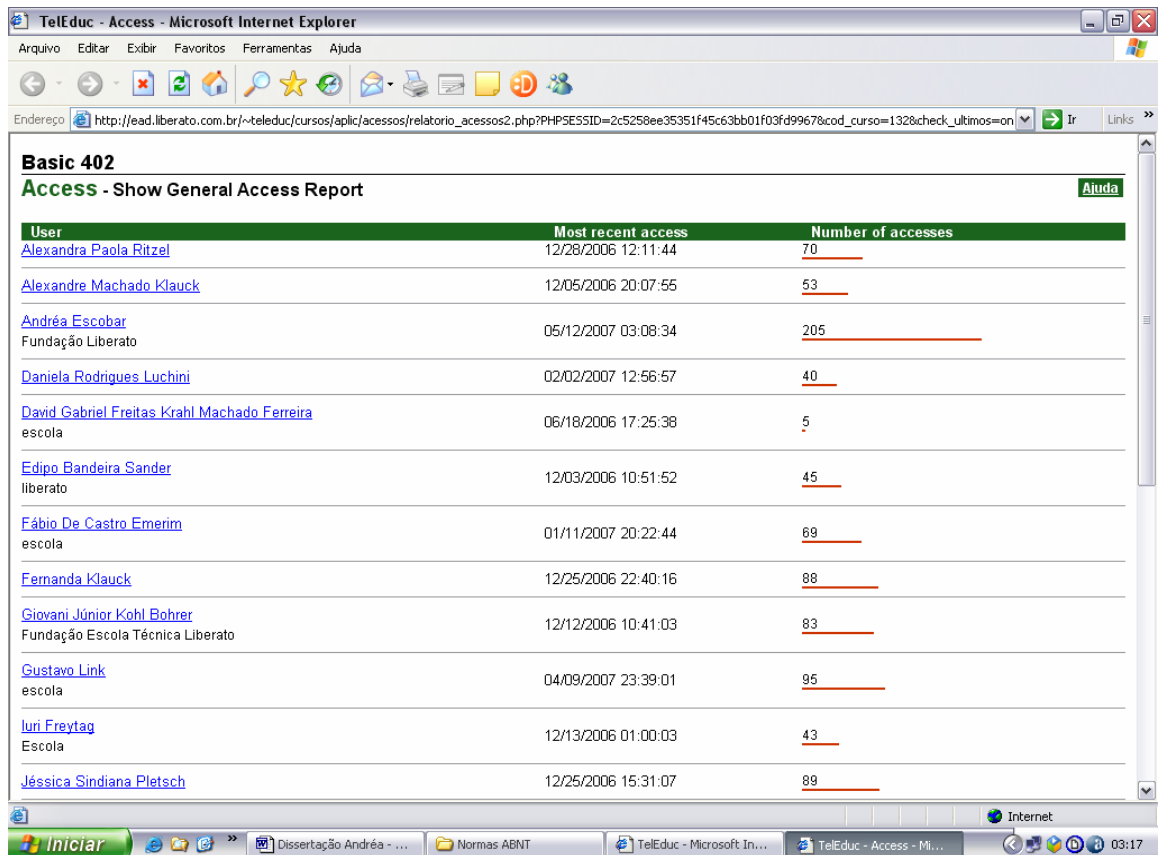


Figura 3.8: Acessos

Intermap: possibilita visualizar a participação dos envolvidos no curso e a interação dos participantes nas ferramentas de comunicação do curso (Correio, Fóruns de Discussão e Bate-Papo) através de gráficos ou tabelas. Pode-se saber sobre a participação através do número de mensagens enviadas no grupo por indivíduo e por ferramenta e visualizar a interação entre os participantes. É possível selecionar o período (dias e meses) que se quer consultar. Em síntese, o formador consegue, através do uso deste recurso, detectar os alunos que estão participando e se comunicando entre si.

Na figura 3.9, vemos um mapa de interação do correio organizado em forma de gráfico, referente ao período de 13 de março a 14 de abril, com todos os participantes do grupo 402.

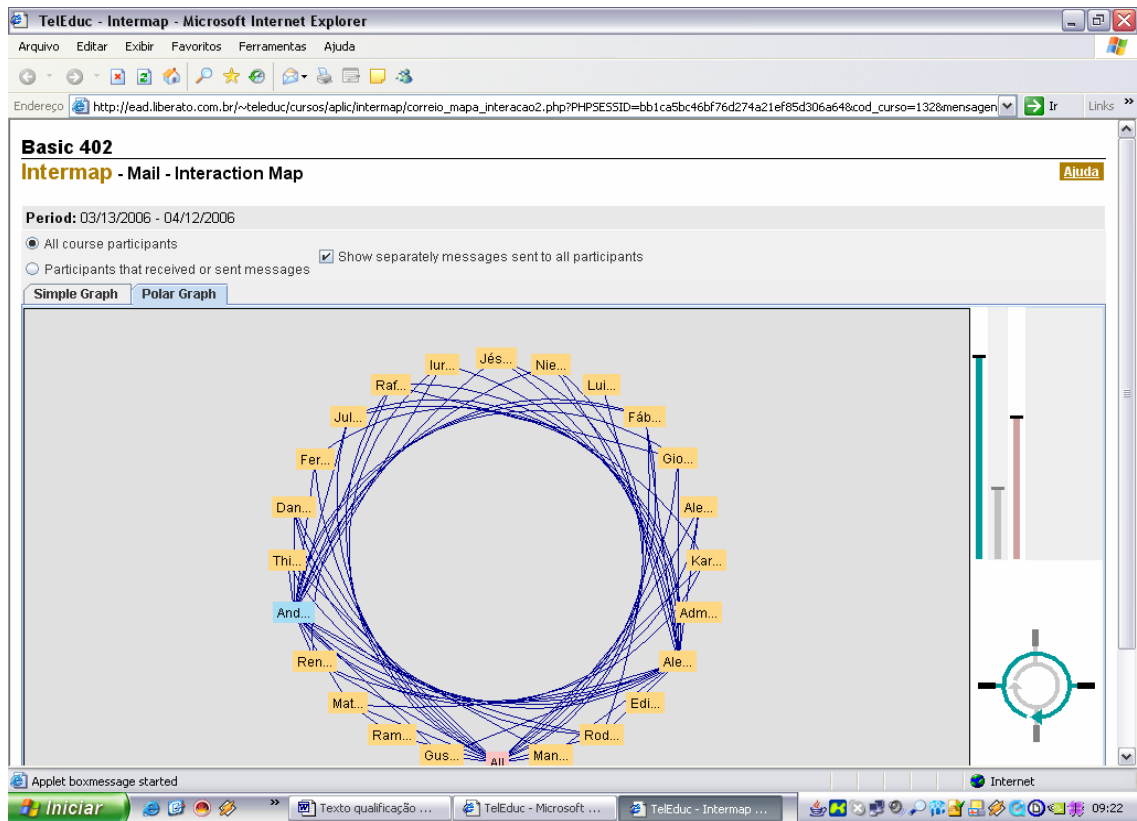


Figura 3.9: Intermap

Administração: disponibiliza materiais nas diversas ferramentas do ambiente, bem como configura opções em algumas delas e gerencia os participantes do curso. Este dispositivo, entre outras funções, permite que o formador visualize e/ou altere dados e o cronograma do curso, que escolha e destaque ferramentas, que inscreva alunos e convidados e que envie senhas.

Na figura 3.10, vemos a lista das opções referentes à Administração.

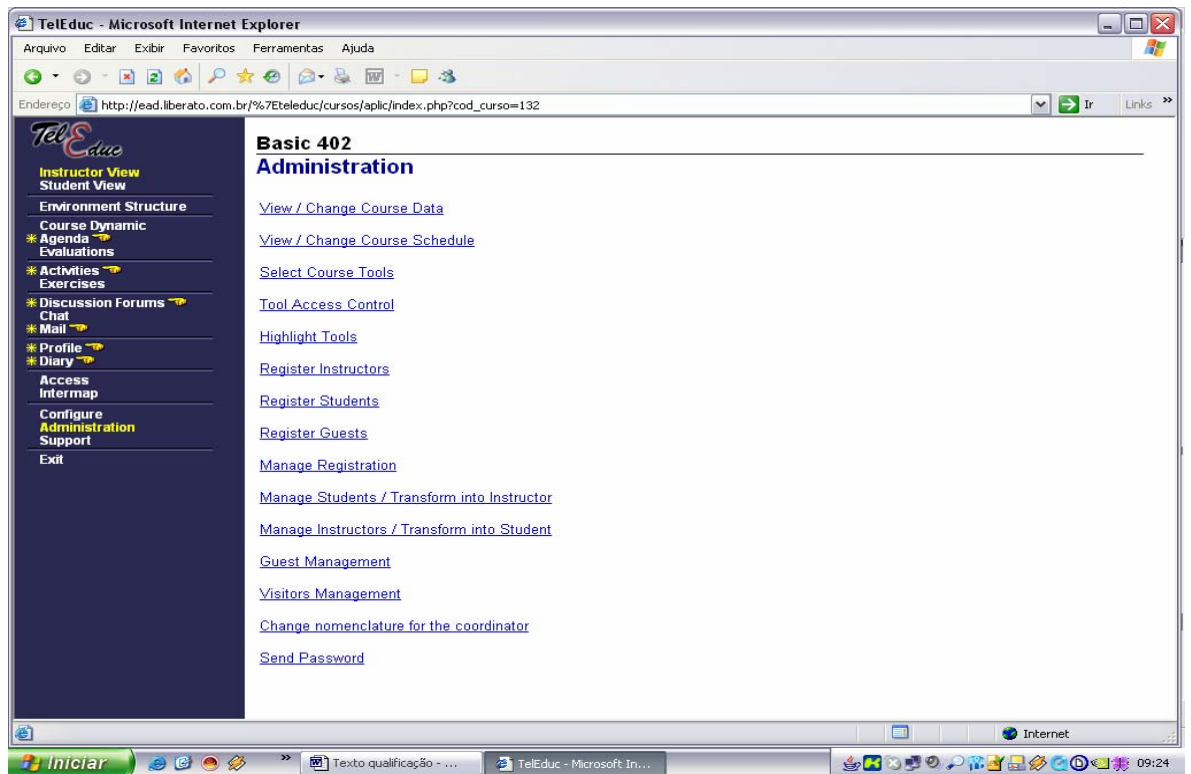


Figura 3.10: Administração

Suporte: permite o contato com o suporte do ambiente (administrador do TelEduc) por meio do correio eletrônico.

3.2.5 O Curso

O Curso³⁹ proposto pela disciplina de Língua Inglesa para os alunos classificados como pertencentes aos níveis básico 4, intermediário e avançado de Inglês tem como objetivo principal oferecer uma modalidade online de educação na língua em questão através do uso de um ambiente virtual de aprendizagem. As aulas on-line do curso englobam conteúdos e habilidades a serem desenvolvidos pelos alunos através de

³⁹ Em 2006, as professoras e os alunos chamaram o curso de EIAD, Ensino de Inglês a Distância. No ano de 2007, o curso passou a ser chamado de ELIAVA, Educação em Língua Inglesa a partir de um Ambiente Virtual de Aprendizagem. A mudança na denominação buscou contemplar a noção de educação enquanto processo que envolve ensino e aprendizagem. Além disso, o grupo de professoras não considerava o termo 'distância' adequado, uma vez que o curso pressupunha encontros face a face e também por acreditarem que, apesar de distantes fisicamente nos ambientes digitais, os indivíduos podem estar próximos nas ações que desempenham ao interagir com o outro.

atividades de leitura e escrita, as quais pressupõem a interação e a colaboração entre os participantes na e a partir da sala de aula virtual.⁴⁰

As ferramentas do TelEduc que têm sido mais largamente utilizadas em tais práticas são a agenda, atividades, exercícios, o fórum de discussões, o correio, o perfil, o diário e o portfólio. As professoras instruem os alunos quanto à escolha da opção acesso em relação às atividades desenvolvidas ao utilizar as ferramentas ‘atividades’, ‘exercícios’ e ‘diário’ (‘totalmente compartilhado’, em que todos podem acessar; ‘compartilhado com formadores’, onde a professora tem acesso e ‘não compartilhado’, onde somente o aluno tem acesso). Além das práticas nos ambientes digitais, o curso envolve práticas orais e avaliações em aulas na escola.

As aulas nos ambientes digitais têm como objetivos específicos:

- a) oferecer um programa que permita ao aluno produzir de acordo com o seu nível de conhecimento da língua inglesa, bem como expandi-lo;
- b) desenvolver atividades que propiciem ao aluno vivenciar e explorar as tecnologias de informação, bem como colaborar e interagir com os colegas;
- c) inserir o aluno em contextos de interação e colaboração local e global, onde ele tenha a oportunidade de experienciar e desenvolver a língua em uso;
- d) desenvolver projetos que levem o aluno a refletir sobre sua condição de indivíduo em relação ao mundo globalizado, estabelecendo relações entre sua cultura e a de outros povos;
- e) criar espírito de autonomia, incentivando-o a se auto-organizar, a gerenciar prazos e datas, a desenvolver trabalhos com qualidade, e a buscar auxílio e soluções tanto para as problematizações propostas quanto para o esclarecimento de suas dúvidas.

A frequência nas aulas que envolvem práticas online é efetivada a partir da realização plena das atividades até as datas estabelecidas e uma nota é dada de acordo com a qualidade e o comprometimento do aluno para com o trabalho. Para cada atividade realizada, o aluno tem o número correspondente de presenças pré-estabelecidas para aquela atividade. Quando há problemas técnicos, em relação aos prazos ou mesmo de compreensão da proposta da atividade ou da nota atribuída, o aluno

⁴⁰ O curso tem como pressuposto básico a concepção vigotskiana que considera a aprendizagem como um fenômeno social. Portanto, a interação, tanto nas aulas on-line quanto nas face a face, foi planejada de forma que os participantes realizem ações de linguagem colaborativamente através de tarefas organizadas para o aprendizado dos alunos.

deve entrar em contato com a professora utilizando o correio do sistema, o e-mail externo ou pessoalmente na escola.

A fim de expor o programa do curso proposto para o nível Básico 4 e, conseqüentemente, para a turma foco desse estudo, descrevo os objetivos das unidades e as habilidades e as atividades envolvidas em cada uma de forma sucinta e em uma tabela para melhor visualização.

Tabela 3.2
Descrição das Unidades do Curso

Unid.	Objetivos	Habilidades	Atividades
1	Conhecer e interagir com os demais componentes da turma e com o sistema.	- Falar, escrever e interagir com os colegas e professora. - Circular pelo sistema e usar ferramentas.	* Participar em práticas orais. * Escrever próprio perfil e ler perfil dos demais. * Enviar e-mail de boas-vindas.
2	a) Conhecer e navegar em um site voltado para o ensino e aprendizagem de inglês (Dave's Café). b) Ler opiniões e participar em fóruns de discussão em site. c) Relatar atividades e opinião sobre elas no Diário.	- Ler e escrever. - Expressar opiniões e idéias. - Selecionar tópicos de interesse. - Relatar atividades desenvolvidas, bem como opiniões e o que aprendeu com elas.	* Navegar no site a fim de conhecê-lo. * Ler opiniões em um dos fóruns de discussão do site (Grammar boring??). * Participar em pelo menos dois fóruns de acordo com interesse ou criar um novo. * Relatar atividades desenvolvidas no Diário.
3	a) Refletir sobre o que é gramática e sobre o papel dela no aprendizado da língua materna e de uma língua estrangeira. b) Estudar um ponto gramatical a partir de um site voltado para a aprendizagem de inglês (<i>English Club</i>). c) Fazer exercícios sobre o ponto gramatical em foco e desenvolvidos	- Ler texto, responder perguntas e opinar sobre ele. - Opinar e interagir em um fórum de discussão. - Estudar de forma autônoma buscando ajuda quando necessário. - Avaliar o próprio desempenho.	* Ler texto, responder a perguntas e expressar opiniões. * Refletir em relação ao próprio aprendizado de inglês e sobre o papel da gramática nesse aprendizado e participar em um Fórum de Discussão no sistema. * Estudar um ponto gramatical (verb tenses) em um site voltado para a aprendizagem de inglês através da leitura de explicações e exemplos e realização de 'quiz'. * Fazer exercícios sobre o

	pela professora para a turma.		ponto gramatical. Comparar as respostas para os exercícios objetivos com uma grade. Avaliar desempenho e buscar auxílio para compreender respostas diferentes da grade.
4	<p>a) Preparar-se e fazer uma apresentação oral.</p> <p>b) Fazer e responder perguntas oralmente e por escrito.</p> <p>c) Interagir com os colegas na aula presencial e pelo correio do sistema</p>	<p>* Falar, ouvir, perguntar e fazer anotações.</p> <p>* Escrever e responder e-mails, interagindo com diferentes colegas.</p>	<p>* Apresentar oralmente um histórico sobre o próprio aprendizado de inglês. Responder às perguntas dos colegas.</p> <p>* Fazer perguntas oralmente.</p> <p>* Ouvir e anotar perguntas para três colegas para perguntar por e-mail.</p> <p>* Enviar e-mail para os três colegas selecionados fazendo as perguntas anotadas na aula presencial.</p> <p>* Responder aos e-mails recebidos.</p>
5	<p>a) Estudar habilidade de leitura de forma autônoma.</p> <p>b) Navegar em sites em que pessoas comuns postam seus textos.</p> <p>b) Ler textos e escrever relato.</p> <p>c) Escrever próprio texto.</p> <p>d) Opinar e fazer sugestões para melhorar os textos dos colegas.</p> <p>e) Melhorar o seu texto levando (ou não) em conta as opiniões e sugestões do grupo.</p> <p>f) Ler as versões finais dos textos dos colegas e escolher o que mais gostou.</p>	Ler, escolher, escrever, reescrever, opinar, sugerir, compreender colocações referentes a opiniões, idéias, vocabulário, gramática, coerência e coesão dos textos.	<p>* Fazer um teste relacionado à leitura de textos em um site voltado ao aprendizado de inglês.</p> <p>* Ler 'short stories' escritas e postadas em um site que divulga produções literárias e escrever relato no Portfólio do sistema.</p> <p>* Escrever uma 'short story'.</p> <p>* Comentar as 'short stories' dos colegas postadas no Portfólio fazendo sugestões para melhorá-las em conteúdo e aspectos lingüísticos.</p> <p>* Reescrever a sua 'short story' levando (ou não) em consideração as sugestões dos colegas e professora.</p> <p>* Ler as 'short stories' do grupo e votar na que mais gostou.</p>
6	a) Participar de	- Pensar sobre tópicos a	* Preparar-se para

	<p>apresentação de convidado, fazer perguntas, tomar notas.</p> <p>b) Escrever texto retomando e opinando sobre apresentação.</p>	<p>serem desenvolvidos em uma apresentação e preparar perguntas conforme o interesse.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ouvir, tomar notas e fazer perguntas. - Escrever texto usando suas notas. 	<p>apresentação de jovem brasileira que fez intercâmbio no exterior.</p> <ul style="list-style-type: none"> * Ouvir a apresentação, tomar notas sobre os pontos pré-estabelecidos e outros de interesse e fazer perguntas. * Escrever um texto sobre pontos relevantes da apresentação da jovem e postar no Portfólio.
7	<p>a) Fazer um amigo na Internet.</p> <p>b) Apresentar o amigo para o grupo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever próprio perfil e e-mails, - Apresentar o amigo para os colegas oralmente. 	<ul style="list-style-type: none"> * Cadastrar-se, fazer seu perfil, ler perfis e escolher pessoas de acordo com o interesse em um site especializado em promover amizades na Internet.. * Enviar e-mails para pessoas escolhidas ou responder para outras que tenham visto o perfil do aluno no site. * Tentar criar vínculos com o amigo, conhecer seu estilo de vida, crenças, opiniões, como descreve seu país, etc. * Apresentar o amigo para a professora e os colegas através de relato e outros (e-mails e fotos enviados, cartões, mapas, etc.).
8	<p>a) Interagir com o/um amigo da Internet trocando informações culturais.</p> <p>b) Escrever relato sobre as interações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever e-mails e relato contando, fazendo e respondendo a perguntas, refletindo sobre aspectos culturais do Brasil e de outro(s) país(es). 	<ul style="list-style-type: none"> * Interagir com o / um amigo da Internet trocando informações culturais (sobre os países, vida dos adolescentes, escola, trabalho, comida, música, namoro, leis, etc.). * Escrever relato sobre a interação, anexar e-mails trocados e postar no Portfólio.
9	<p>a) Interagir com pessoas de outras partes do mundo e compartilhar informações e idéias sobre pessoas, países e</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever, ler, perguntar, responder e refletir sobre si, seu país e sua cultura, bem como sobre o outro, seu país e sua cultura. - Escrever sobre a 	<ul style="list-style-type: none"> * Interagir com pelo menos uma pessoa de outro país por e-mail ou através de salas de bate-papo e compartilhar informações sobre cultura. * Escrever texto sobre o que

	<p>culturas.</p> <p>b) Ler mensagens postadas em um fórum sobre estereótipos, características e diferenças entre pessoas de diferentes países.</p> <p>c) Participar em um fórum no sistema sobre estereótipos e diferenças culturais relativos a países, estados, cidades, ...</p>	<p>experiência de interação, sobre o que aprendeu e ensinou.</p> <p>- Ler mensagens em um fórum de discussões.</p> <p>- Escrever mensagens e interagir com o grupo em um fórum de discussões.</p>	<p>aprendeu com a experiência; sobre a outra pessoa, seu país e sua cultura e o que ‘ensinou’ para a pessoa com quem se correspondeu. Postar o texto no Portfólio anexando as mensagens recebidas e enviadas.</p> <p>* Ler mensagens em um fórum (English Club) sobre estereótipos, características e diferenças entre pessoas de diferentes países.</p> <p>* Participar em um fórum no sistema sobre estereótipos e diferenças culturais relativos a países, estados, cidades, ...</p>
10	<p>a) Refletir sobre si e o curso.</p> <p>b) Refletir sobre aprendizagem e participar em um fórum sobre esse tópico.</p> <p>c) Getting together</p>		
11	<p>a) Ler e escrever sobre o Natal.</p> <p>b) Enviar cartões pela Internet para o grupo.</p>	<p>- Ler, escrever, refletir sobre hábitos e crenças relativos ao Natal.</p> <p>- Escrever e enviar cartão de Natal online para o grupo.</p>	<p>* Ler histórias sobre o Natal.</p> <p>* Escrever sobre formas com que o Natal é comemorado, por quê, etc. e postar no Portfólio.</p> <p>* Enviar cartões de Natal usando site de cartões.</p>

Entre algumas considerações que as professoras têm feito sobre os cursos nessa modalidade estão a necessidade de, muitas vezes, precisar apontar para o aluno questões relativas a vocabulário, estruturas, pontos gramaticais, pronúncia e habilidades para que ele busque seu desenvolvimento lingüístico. Em algumas ocasiões, é necessário que se ofereçam explicações e exercícios mais específicos sobre a língua. Além disso, outra reflexão feita pelas professoras do curso se refere às dificuldades de interação entre os alunos, assim como de autonomia para buscar os recursos para a aprendizagem de uma forma sistemática para realizar as atividades no sistema.

Outra consideração feita pelas professoras é a não viabilidade de uso da ferramenta Chat em nossos cursos, a qual possibilitaria a comunicação sincrônica entre

alunos e professoras. As dificuldades levantadas em relação ao uso do Bate-Papo se referem ao estabelecimento de um dia e horário em que todos os participantes pudessem acessar e à disponibilidade de computadores e Internet para os alunos. Considerando que alguns estudantes dependeriam dos laboratórios da escola e que, para acessar o sistema, deveriam estar na instituição nos dias e horários estabelecidos; que muitos dos alunos possuem Internet discada e, por essa razão, sofrem limitações decorrentes desse tipo de conexão, como maior tempo para realizar as atividades e custos financeiros e ainda levando em conta que os nossos adolescentes têm outras atividades fora da escola, o grupo que planeja o curso optou por não utilizar o recurso do Chat.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA REGISTROS DA EXPERIÊNCIA E PARA REFLEXÃO SOBRE ESSES REGISTROS

3.3.1 Instrumentos e procedimentos para registros da experiência

Os registros a serem utilizados neste estudo foram coletados a partir do trabalho com uma das turmas de nível básico 4 com aulas na modalidade online, a partir de um ambiente virtual de aprendizagem, na disciplina de Língua Inglesa no ano de 2006 na Fundação Liberato.

Uma parte dos dados foi proveniente dos textos produzidos e das mensagens enviadas pelos alunos ao realizarem avaliações sobre a experiência de ensino e aprendizagem. Essas produções ficam armazenadas no sistema e são acessadas a partir do link para TelEduc, hospedado na página da escola (<www.liberato.com.br>), mediante o fornecimento de *login* e senha. Além disso, a professora / pesquisadora, no período inicial da pesquisa, imprimiu os textos dos alunos e descreveu suas percepções sobre eles em um caderno de campo. Essas anotações, bem como a frequência com que os alunos procuravam a professora através do sistema e / ou presencialmente na escola, determinaram a escolha dos sujeitos que seriam acompanhados mais de perto pelo período restante do estudo.

Além dos registros dos participantes no sistema e da frequência com que os alunos buscavam a ajuda da professora através do ambiente virtual de aprendizagem ou

na escola, foram utilizados os seguintes instrumentos, justificando o processo de reflexão que constituiu a pesquisa:

1) Aplicação de questionário aos sujeitos e a outros oito alunos escolhidos por sorteio (Apêndice A).

2) Avaliações do curso e ficha de acompanhamento individual (duas avaliações foram desenvolvidas no ambiente virtual e outra foi realizada nos encontros face a face).

3) Realização de entrevistas semi-estruturadas com os alunos através de gravação em áudio (Apêndices B, C, D, E, K, L e M).

3.3.2 Instrumentos e procedimentos para reflexão a partir dos registros da experiência

As produções realizadas no ambiente e os demais registros relativos ao estudo fundamentaram a teorização sobre a experiência de ensino e aprendizagem. Porém, como a quantidade de registros de pesquisa foi bastante grande e para que a reflexão sobre eles fosse viável, selecionei sujeitos para um acompanhamento longitudinal (no prazo de desenvolvimento da pesquisa). Cabe ressaltar que essa seleção, como já relatei anteriormente, se deu a partir do que se mostrou nos dados, mais especificamente nos textos produzidos e mensagens enviadas através do fórum de discussão e do correio interno ao sistema e em relação ao número de acessos ao ambiente virtual e à frequência com que os alunos buscavam a ajuda da professora na escola. Os critérios de seleção desses sujeitos foram os seguintes:

- níveis de adaptação às aulas no ambiente virtual, relacionados à compreensão da proposta de educação em língua estrangeira a partir de um ambiente virtual de aprendizagem com aulas na modalidade online e ao uso do próprio sistema e de suas mídias;

- engajamento nas atividades online, ambos caracterizando e subsidiando a seleção dos sujeitos da seguinte forma:

a) aluno que se adaptou totalmente à proposta de educação em língua estrangeira com aulas na modalidade online a partir do ambiente virtual de aprendizagem e engajou-se nas atividades sem a necessidade de procurar a professora pessoalmente (com exceção dos encontros presenciais ou ao acaso na escola e os momentos em que foram realizadas as entrevistas relativas a esta pesquisa);

b) aluno que se adaptou parcialmente à proposta de educação em língua estrangeira com aulas na modalidade online e engajou-se nas atividades, buscando a ajuda da professora pessoalmente em algumas ocasiões (excetuando os encontros presenciais ou ao acaso na escola e os momentos em que foram realizadas as entrevistas relativas a esta pesquisa);

c) aluno que não se adaptou à proposta de educação em língua estrangeira com aulas na modalidade online e teve dificuldades em engajar-se nas atividades, buscando a ajuda da professora pessoalmente em muitas ocasiões (excetuando os encontros presenciais ou ao acaso na escola e os momentos em que foram realizadas as entrevistas relativas a esta pesquisa).

Os registros e instrumentos relativos aos participantes selecionados foram armazenados ou transcritos, de acordo com o tipo de registro. Todos os textos produzidos pelos participantes no ambiente virtual ficam armazenados no sistema. Aqueles textos dos sujeitos selecionados foram também arquivados a partir de editor de textos através dos procedimentos de ‘copiar’ e ‘colar’ a fim de que pudessem ser manipulados mais facilmente.

Os excertos selecionados provenientes das respostas dos participantes às questões dos questionários foram digitados e armazenados em arquivo de texto. As gravações das entrevistas foram transcritas para armazenamento e posterior utilização. Apesar de esta pesquisa ter um cunho qualitativo, lançou mão de recursos de ordem quantitativa a fim de embasar as reflexões.

Neste capítulo, foram apresentados os métodos de pesquisa, o contexto de produção e especificações sobre os instrumentos e os procedimentos para o registro da experiência e o tratamento a ser dado aos registros e instrumentos quando da reflexão sobre os mesmos.

4 APRESENTAÇÃO E REFLEXÕES A PARTIR DOS REGISTROS DA EXPERIÊNCIA

Tomo consciência de mim, inicialmente,
através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o
tom que servirão para a formação original da
representação que terei de mim mesmo (...)

Bakhtin

Este capítulo trata da apresentação e da reflexão sobre os registros da experiência de ensino e aprendizagem foco deste estudo e tem como propósito responder às questões que motivaram a pesquisa. Apesar de terem sido reunidos muitos registros representativos na experiência, esta discussão se centra nos sentidos construídos que se referem ao contexto próximo, às interações e às diferentes aprendizagens e, em função disso, são selecionados certos registros em detrimento de outros.

Entendo que, na construção de sentidos, o indivíduo revela como situa o contexto, as aprendizagens e as interações, bem como seu percurso único enquanto ser humano que se constitui como sujeito ao dialogar com o outro e ao construir esses sentidos. Assim, o ser humano busca na sua história, nas suas ações e no diálogo com o outro as condições para construir novos sentidos e se (re) constituir como sujeito, processos que envolvem constante aprendizagem e possibilitam o desenvolvimento. Nessa perspectiva, o contexto sociocultural, as aprendizagens e as interações são elementos inseparáveis na constituição do sujeito e na construção de sentidos. Em função disso, explicito que a separação desses elementos, tanto nas perguntas de pesquisa quanto na apresentação e na reflexão sobre os registros que são o foco deste capítulo, tem o intuito de organizar a exposição dos sentidos construídos.

A apresentação dos registros e as reflexões feitas neste capítulo se relacionam aos sentidos construídos pelos participantes do evento educacional em referência ao contexto de produção, às interações e às aprendizagens que ocorreram no ambiente e a partir dele, inclusive àquelas ocorridas em função da pesquisa⁴¹. Tais sentidos foram

⁴¹ As avaliações foram atividades do curso aplicadas em todas as turmas que tinham aulas na modalidade on-line. As entrevistas, por outro lado, ocorreram em função desta pesquisa.

construídos durante o curso, por meio dos textos dos questionários, das falas das entrevistas e atividades das aulas.

Os registros dos questionários e entrevistas, bem como as produções escritas coletadas no espaço do AVA, refletem fielmente as ações de linguagem dos participantes e dos sujeitos da pesquisa⁴². Entretanto, a discussão sobre os sentidos construídos pelos alunos é feita a partir do meu olhar enquanto professora / pesquisadora, posição que se relaciona a uma visão que entende que o olhar do pesquisador sobre os registros nunca é neutro, isto é, envolve recortes subjetivos da realidade e interpretações pessoais que levam em conta os sentidos que o indivíduo que conduz a pesquisa constrói em relação aos dados no processo de realização de seu estudo. Por isso, apesar de este estudo se centrar nos sentidos construídos pelos alunos, a questão de pesquisa se relaciona também aos sentidos construídos pela professora-pesquisadora, uma vez que esta também configura os seus próprios sentidos ao refletir sobre aqueles referentes aos alunos.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS REGISTROS

Nesta seção, são apresentados os registros da pesquisa: o questionário, as avaliações, a ficha de acompanhamento individual e as entrevistas. Os três primeiros instrumentos relacionam opiniões, comentários e relatos dos participantes e dos sujeitos da pesquisa. Já as entrevistas se referem às interações entre professora e sujeitos.

4.1.1 O Questionário

O questionário em questão (Apêndice A) foi aplicado aos três alunos sujeitos desta pesquisa e a outros oito estudantes da turma 402. O objetivo desse instrumento era saber um pouco mais da realidade dos indivíduos fora da escola, suas rotinas e hábitos, atividades de tempo livre, preferências, bem como conhecer um pouco de suas famílias. Além disso, esse questionário buscava que os respondentes traçassem um histórico sobre as experiências deles em relação a computadores, Internet, ambientes virtuais e ao

⁴² As transcrições das produções escritas e das entrevistas, por isso, são feitas considerando a linguagem efetivamente usada pelos alunos. Assim, os erros ortográficos ou de digitação nos registros escritos e pausas nas entrevistas são transcritos como foram produzidos.

aprendizado de Língua Inglesa. Relato, a seguir, de forma breve, alguns pontos sobre as respostas dos alunos às questões do questionário⁴³.

Esses participantes descreveram rotinas, hábitos, costumes, hábitos e atividades de tempo livre muito semelhantes. A maioria relatou que, em casa, nos dias de semana, estuda e assiste televisão. Alguns ajudam nas tarefas domésticas, como limpar a casa e preparar as refeições. No tempo livre, às noites e finais de semana, esses adolescentes assistem televisão, escutam música, visitam parentes, saem para dançar, vão a festas ou shows, jogam ou navegam pela Internet e conversam no *messenger* com amigos. Os meninos e meninas que responderam ao questionário disseram que, como eles, seus pais e irmãos são muito ocupados com trabalho, estudo, afazeres domésticos e que a família, na maioria dos casos, acaba por se encontrar somente para as refeições e nos finais de semana.

Quanto ao aprendizado e às experiências com a Língua Inglesa, os onze alunos julgaram que adquiriram os conhecimentos nas escolas e alguns em cursos de idiomas. Eles relataram, também, que aprenderam e aprendem a partir de outras atividades, principalmente relacionadas ao lazer, como filmes, músicas, jogos eletrônicos e Internet. A maioria diz que gosta ou que não tem grandes dificuldades no aprendizado de Língua Inglesa.

Em relação ao aprendizado e às experiências com computadores, Internet e ambientes virtuais de aprendizagem com fins educacionais, os alunos apresentam um histórico diverso: vários relataram que usaram o contexto digital muito pouco em atividades escolares de forma sistemática, outros que têm utilizado desde crianças; um dos estudantes comentou, inclusive, que começou a aprender sobre computadores somente na Fundação Liberato. Quatro alunos escreveram que já tinham usado ambientes digitais em experiências de ensino e aprendizagem: dois estudantes relataram que tiveram aulas de informática nas escolas de origem; um comentou que utilizava o computador e a Internet para realizar atividades diversas e outro que usava esses recursos em aulas de inglês que fazia em um Instituto de Línguas de uma universidade.

Na questão sobre a experiência, tempo e frequência de uso de computadores, muitos alunos relataram que já utilizam o equipamento há vários anos. Muitos disseram,

⁴³ No capítulo sobre a Metodologia, apresento os três sujeitos deste estudo a partir deste questionário.

ainda, que usam esses recursos todos os dias para digitar trabalhos ou realizar várias atividades através da Internet.

Quanto ao uso da Internet, muitos disseram que acessam a rede mundial de computadores todos os dias, sendo que alguns dos estudantes que têm acesso a ela em casa disseram que sofrem limitações por possuírem conexão discada; então, para não pagarem os custos altos das tarifas telefônicas, eles acessam a rede com mais frequência aos fins de semana, quando os valores das ligações são mais baixos. Quanto aos usos que fazem da Internet, os adolescentes relataram que realizam pesquisas diversas, entram no Orkut, conversam no MSN e em salas de bate-papo, fazem as atividades de Inglês, escutam músicas, assistem vídeos e filmes e baixam arquivos variados.

4.1.2 A Primeira Avaliação do Curso

A primeira avaliação, a qual fez parte das atividades do primeiro trimestre do curso, foi organizada pelas professoras e pela supervisora da disciplina com o objetivo de ouvir o que os alunos tinham a dizer sobre o andamento das aulas até então a fim de que as opiniões pudessem ser consideradas em planejamentos futuros. Esse questionário foi aplicado na modalidade on-line no início do segundo trimestre de 2006.

Na figura 4.1, é possível visualizar o questionário na íntegra. Solicitamos aos alunos que elaborassem suas respostas em Português para que a supervisora e outros colegas do Centro Pedagógico e Direção de Ensino pudessem ter acesso às informações.

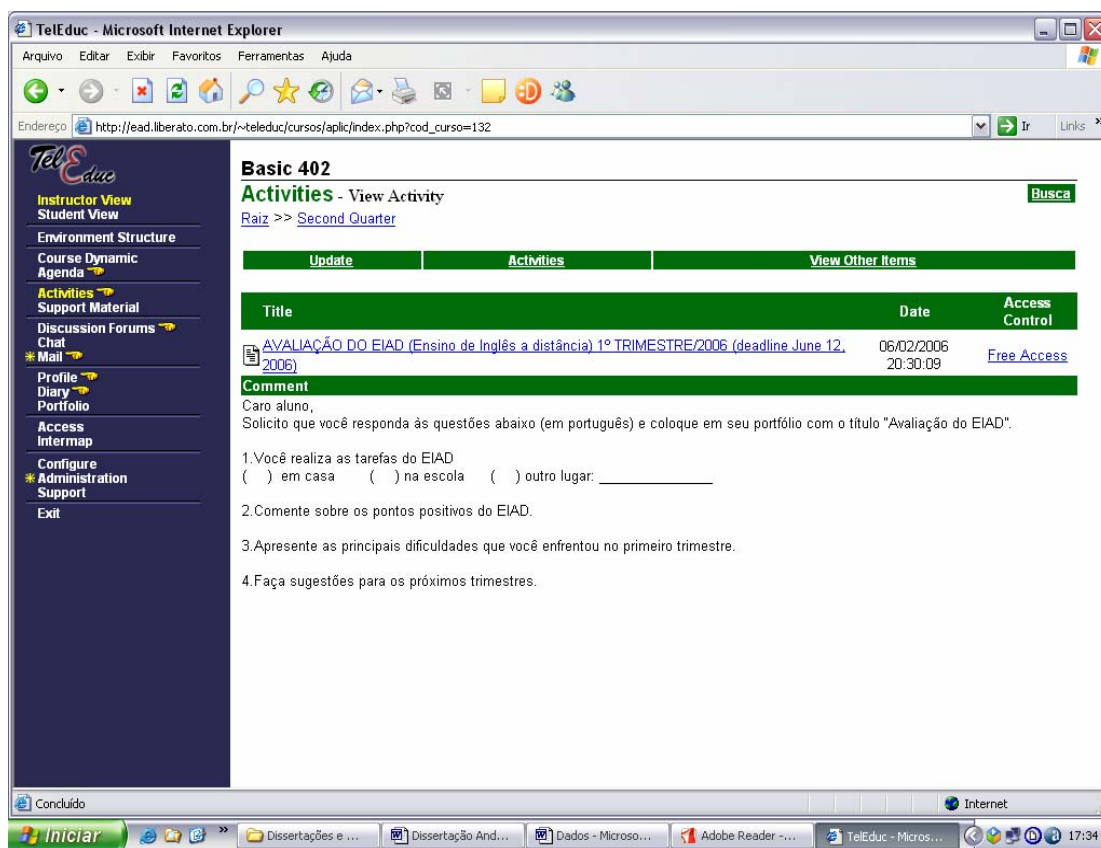


Figura 4.1: Questionário de Avaliação

Do total de vinte e dois alunos da turma foco desta pesquisa, dezoito responderam ao questionário (Apêndice F), o qual não era um dos instrumentos que compunha a nota do período e, provavelmente por isso, três pessoas não enviaram suas respostas, sendo que o índice de retorno foi de 86,3 %. A seguir, apresento as questões formuladas, os resultados e os respectivos comentários daqueles dezoito alunos.

Questão 1

A pergunta de número 1 se relaciona ao lugar onde os alunos tinham acesso ao computador e à Internet para realizar as tarefas do curso. Nessa questão, havia as opções 'em casa', 'na escola' e 'outro lugar', sendo que esta última escolha era seguida de dois pontos e uma linha para que houvesse a especificação. Os resultados apontaram que, dos dezoito alunos que responderam ao questionário, doze realizavam as atividades on-line somente em casa; dois somente na escola; quatro em casa e na escola e um na escola ou na casa de amigos. Constata-se que a maioria dos participantes da pesquisa tem computadores conectados à Internet em suas casas e que todos dispõem dos recursos em algum lugar.

Questão 2

Na pergunta número 2, os alunos eram convidados a comentar sobre os pontos positivos do curso, sendo que dois aspectos principais foram mencionados: o primeiro se refere mais especificamente a questões técnicas e de organização da disciplina usando um AVA para viabilizar uma prática de ensino e aprendizagem on-line e o segundo se relaciona a aspectos de ensino e aprendizagem decorrentes da abordagem educacional utilizada. Uma vez que a questão é aberta, ou seja, não há opções de resposta para serem escolhidas, alguns alunos citaram apenas um dos aspectos, outros escreveram sobre ambos. Além disso, diferentes pontos sobre o mesmo aspecto foram arrolados por um mesmo indivíduo.

A) Aspectos técnicos e organizacionais

Esses aspectos foram mencionados por quinze alunos (78,94%), sendo que os pontos levantados em relação a eles foram os seguintes:

a) Facilidade para fazer as atividades por não haver restrições de tempo e lugar: quatorze alunos (73,68%).

b) Facilidade por não precisar ir tanto à escola especialmente para as aulas da disciplina: sete alunos (36,84%).

c) Praticidade: três alunos (25,78%).

d) Mais tempo para realizar as atividades: quatro alunos (21,05%).

e) Facilidade de uso do ambiente: um aluno (5,26%).

f) Facilidade em comparecer às aulas: um aluno (5,26%).

Apesar de a questão se referir a aspectos positivos, dois alunos mencionaram pontos negativos:

g) Dificuldade em participar por não ter computador em casa: um aluno (5,26%).

h) Dificuldade em usar o ambiente: um aluno (5,26%).

B) Aspectos sobre ensino e aprendizagem

Esses aspectos foram mencionados por dez alunos (52,63%), sendo que os pontos levantados em relação a eles foram os seguintes:

a) Bons resultados de aprendizagem e jeito diferente de aprender: cinco alunos (26,31%).

b) Oportunidade de conhecer pessoas diferentes: quatro alunos (21,05%).

c) Contato com novas tecnologias: três alunos (15,78%).

d) Possibilidade de sair da rotina em que o professor expõe o conteúdo e os alunos estudam para fazer trabalhos e provas: dois alunos (10,52%).

Questão 3

A terceira questão do primeiro questionário de avaliação solicitava que os alunos relatassem as principais dificuldades encontradas no curso durante o primeiro trimestre. Em relação a essa questão, as respostas também podem ser categorizadas de acordo com aspectos técnicos e organizacionais e aspectos sobre ensino e aprendizagem. Dos dezenove alunos que responderam ao questionário, treze deles (68,42%) mencionaram dificuldades relativas a aspectos técnicos e organizacionais, enquanto seis estudantes relataram apresentar dificuldades referentes a aspectos relacionados a ensino e aprendizagem mais especificamente. Um aluno (5,2%) escreveu que tinha dificuldades em relação aos dois aspectos e um aluno (5,2%) disse não apresentar dificuldades de nenhuma ordem. Como essa questão também é aberta, os alunos poderiam citar dificuldades referentes a um ou a ambos os aspectos e, ainda, diferentes pontos sobre o mesmo aspecto.

A) Aspectos técnicos e organizacionais

As dificuldades em relação aos aspectos técnicos e organizacionais foram mencionadas por treze alunos (68,42 %) dos dezenove que responderam ao questionário.

a) Fazer as tarefas no prazo: nove alunos (47,36%).

b) Acessar o sistema regularmente e organizar o próprio horário de acordo com a programação do curso: dois alunos (10,52%).

c) Ficar ‘perdido’ nos sites de apoio: dois alunos (10,52%).

d) Realizar as tarefas que requerem mais tempo e dedicação: um aluno (5,2%).

e) Acessar o sistema por este estar fora do ar: um aluno (5,2%).

f) Não ter Internet em casa: um aluno (5,2%).

B) Aspectos sobre ensino e aprendizagem

As dificuldades em relação a aspectos referentes a ensino e aprendizagem foram mencionadas por seis alunos (31,57%) dos dezenove que responderam ao questionário.

a) Fazer as tarefas em função do nível lingüístico a ser utilizado: três alunos (15,78%).

b) Dificuldades na compreensão das tarefas: um aluno (5,2%).

Questão 4

Na questão de número 4 dessa avaliação, os alunos tinham espaço para fazer sugestões. Do total dos comentários relativos a essa questão, sete estudantes (36,84%) relataram que não tinham nenhuma sugestão ou mencionaram que o curso deveria continuar com a mesma proposta, sendo que um desses alunos disse que as tarefas são bem explicadas; outro, que os prazos são longos e outro, ainda, escreveu que as atividades estão no nível de conhecimento dos alunos. Os demais doze alunos (63,16%) fizeram sugestões, sendo que três deles (15,79%) apontaram questões relativas a aspectos técnicos e organizacionais e nove deles (47,37%) fizeram referência a pontos sobre ensino e aprendizagem mais especificamente. O detalhamento em relação às sugestões é feito a seguir.

A) Aspectos técnicos e organizacionais

Prazo maior para realização das tarefas: dois alunos (10,52 %).

B) Aspectos sobre ensino e aprendizagem

a) Mais atividades de interação com alunos da turma, da escola e de fora: dois alunos (10,52%).

b) Atividades planejadas de acordo com o grau de conhecimento do estudante: um aluno (5,2%)

c) Atividades variadas como as do primeiro trimestre: um aluno (5,2%).

d) Atividade com música: um aluno (5,2%).

4.1.3 Ficha de Acompanhamento Individual e segunda Avaliação do Curso

A Ficha de Acompanhamento Individual e a Avaliação do Curso fizeram parte de um mesmo documento, o qual foi elaborado pelas professoras que trabalhavam com os cursos on-line com o auxílio da supervisora da disciplina. A ficha e a avaliação foram entregues em papel no dia das avaliações escritas e deveriam ser devolvidas na semana seguinte, no dia da avaliação de fala, a fim de que as famílias também pudessem opinar.

Depois que os documentos foram lidos pela professora de cada grupo, esses foram colocados na pasta individual⁴⁴ de cada aluno. Aqueles estudantes que apresentaram algum tipo de dificuldade receberam um comunicado para que os pais procurassem a respectiva professora do filho no dia da entrega de notas⁴⁵.

Os objetivos da ficha de acompanhamento e da segunda avaliação do curso eram fazer com que os alunos refletissem sobre o próprio desempenho através da observação dos pontos em relação aos quais precisariam ficar mais atentos no terceiro trimestre. Solicitamos, também, que os estudantes avaliassem o curso e as aulas. Pedimos ainda a ciência dos pais ou responsáveis e colocamos que estes poderiam participar da avaliação opinando sobre as aulas e o curso. Dos vinte e dois alunos da turma 402, dezoito (81,82%) entregaram o documento preenchido e quatro (18,18%) não o fizeram.

4.1.3.1 Ficha de Acompanhamento Individual

Na ficha de acompanhamento individual, os alunos deveriam assinalar os pontos que julgavam carecer de sua maior atenção no terceiro trimestre do ano letivo. Ao lado da coluna para as marcações do aluno, havia uma outra para que o professor também assinalasse a fim de ratificar a avaliação do aluno sobre si mesmo ou alertar para algum item que carecesse de maior empenho desse aluno. A respectiva ficha pode ser visualizada na figura 4.2.

⁴⁴ A pasta individual é um material organizado pelos alunos onde são arquivados vários documentos: boletins, comunicados, justificativas de faltas, combinações diversas, etc. e que fica à disposição dos estudantes e dos professores no Centro Pedagógico. Os pais, em dias de reunião, recebem as pastas com as avaliações e observações, como por exemplo, recomendações e pedidos para conversar com determinados professores.

⁴⁵ A escola organiza encontros com os pais dos alunos, geralmente aos sábados pela manhã, para que as famílias participem conhecendo a escola, os cursos e os professores; recebendo os resultados do processo de avaliação de determinado período; conversando e opinando a respeito de estratégias para o sucesso da aprendizagem de seus filhos.

RECOMENDAÇÕES PARA O 3º TRIMESTRE	AVALIAÇÃO	
	ALUNO	PROFA.
a) Acessar o curso semanalmente, verificando informações e instruções relativas ao seu desenvolvimento (agenda, correio, atividades, etc.).		
b) Realizar as tarefas nas datas estabelecidas.		
c) Empenhar-se para realizar as tarefas com qualidade.		
d) Contatar a professora quando tiver dificuldades em geral.		
e) Engajar-se nas tarefas que pressupõem colaboração entre os participantes do grupo, fazendo sua parte em tempo hábil (enviar e responder mensagens, fazer e receber comentários, participar de fóruns, etc.).		
f) Manter interação com a professora e os colegas usando um nível adequado e respeitoso de linguagem.		
g) Recuperar atividades atrasadas a fim de evitar a computação de faltas e maiores perdas em relação à nota.		
h) Continuar se empenhando para manter bons resultados.		

Figura 4.2: Ficha de Acompanhamento Individual

Os dezoito alunos que retornaram a ficha para a professora assinalaram recomendações diferentes em relação ao próprio desempenho e organização no trimestre que seria iniciado. O panorama das recomendações com o número e o percentual de alunos que marcou cada item em relação aos dezoito indivíduos que entregaram a ficha de acompanhamento é o seguinte:

a) Acessar o curso semanalmente, verificando informações e instruções relativas ao seu desenvolvimento (agenda, correio, atividades etc.): 12 alunos (66,66%).

b) Realizar as tarefas nas datas estabelecidas: 14 alunos (77,77%).

c) Empenhar-se para realizar as tarefas com qualidade: 5 alunos (27,77%).

d) Contatar a professora quando tiver dificuldades em geral: 7 alunos (38,88%).

e) Engajar-se nas tarefas que pressupõem colaboração entre os participantes do grupo, fazendo sua parte em tempo hábil (enviar e responder mensagens, fazer e receber comentários, participar de fóruns, etc.): 8 alunos (44,44%).

f) Manter interação com a professora e os colegas usando um nível adequado e respeitoso de linguagem: 6 alunos (33,33%).

g) Recuperar atividades atrasadas a fim de evitar a computação de faltas e maiores perdas em relação à nota: 14 alunos (77,77%).

h) Continuar se empenhando para manter bons resultados: 16 alunos (88,88%).

4.1.3.2 Segunda Avaliação do Curso

Na segunda avaliação do curso, os alunos eram convidados a escrever sobre o curso a fim de que o grupo de professoras e a supervisora da disciplina pudessem avaliar as aulas até então e, como em relação à primeira avaliação, levar as colocações dos alunos em consideração em planejamentos futuros. A segunda avaliação pode ser visualizada na figura 4.3 e um panorama com o resultado geral de todos os alunos da escola que responderam ao questionário pode ser visto no Anexo A.

AVALIAÇÃO DO EIAD	
Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis.	
1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Figura 4.3: Segunda Avaliação do Curso

Os dezoito alunos que retornaram a segunda avaliação para a professora fizeram considerações que foram agrupadas nas mesmas categorias da primeira:

aspectos técnicos e organizacionais referentes ao contexto e aspectos mais específicos sobre ensino e aprendizagem. Às questões do questionário de avaliação, seguem-se as colocações dos alunos agrupadas de acordo com as categorias citadas, bem como o número e o percentual de estudantes que escreveu sobre cada ponto.

Questão 1

A questão de número 1 solicitava que os alunos comentassem os pontos positivos do curso e, como na primeira avaliação, as respostas dos alunos foram divididas em duas categorias: a primeira se refere mais especificamente ao contexto do ambiente virtual e que envolve questões técnicas e de organização da disciplina usando um AVA para viabilizar uma prática de ensino e aprendizagem on-line. A segunda categoria se relaciona a aspectos de ensino, de aprendizagem e de interação decorrentes da abordagem educacional e das atividades desenvolvidas no curso. Como resultado de a questão ser aberta, isto é, de não haver opções de resposta para serem escolhidas, mas linhas para que os alunos escrevam o que desejam, alguns estudantes citam um dos aspectos e outros escrevem sobre ambos. Ressalto, ainda, que a divisão em categorias é um recurso para organizar os registros já que, muitas vezes, os aspectos técnicos e de organização relativos ao contexto e aqueles referentes a ensino, aprendizagem e interação acabam por se inter-relacionar.

A) Aspectos técnicos e organizacionais

Em relação aos pontos positivos do curso, os aspectos técnicos e organizacionais foram mencionados por onze alunos (61,11%) dos dezoito que retornaram a avaliação, sendo que os pontos positivos levantados em relação a eles foram os seguintes:

a) Utilizar um meio inovador e motivador de aprendizagem: 8 alunos (44,44%).

b) Não precisar comparecer às aulas da disciplina na escola todas as semanas em mais um turno inverso: 5 alunos (27,77%).

c) Trabalhar de acordo com o seu ritmo e ter mais tempo para fazer as atividades: 3 alunos (16,66%).

d) Poder realizar as tarefas em casa e a qualquer hora: 2 alunos (11,11%).

e) Haver mais recursos para realizar as atividades (Internet, sites de busca, para aprendizagem de línguas etc.): 2 alunos (11,11%).

f) Ser prático: 1 aluno (5,5%).

B) Aspectos relativos a ensino, aprendizagem e interação

Os pontos positivos referentes a aspectos sobre ensino e aprendizagem foram mencionados por doze alunos (66,66%), sendo os seguintes:

- a) Usar recursos do mundo digital para aprendizagem: 3 alunos (16,66%).
- b) Poder aprender de forma mais autônoma, usando sites especializados: 1 aluno (5,5%).
- c) Interagir com pessoas de lugares diferentes: 2 alunos (11,11%).
- d) Aprender a língua através de seu uso: 1 aluno (5,5%).
- e) Conversar com colegas sobre assuntos diferentes: 1 aluno (5,5%).
- f) Realizar tarefas com mais qualidade por ter mais tempo: 1 aluno (5,5%).

Questão 2

A segunda questão dessa avaliação solicitava que os alunos relacionassem as suas dificuldades em relação ao curso. Tais dificuldades são apresentadas a seguir, considerando as categorias já utilizadas na questão anterior.

A) Aspectos técnicos e organizacionais

- a) Acessar o TelEduc quando página não abre: 6 alunos (33,33%).
- b) Fazer as atividades seguindo os prazos estabelecidos: 5 alunos (27,77%).
- c) Acessar o ambiente regularmente: 3 alunos (16,66%).
- d) Acessar o sistema por possuir Internet discada ou não possuir Internet em casa: 3 alunos (16,66 %).
- e) Anexar arquivos no Portfólio: 2 alunos (11,11%).
- f) Usar computador, Internet e / ou o sistema: 2 alunos (11,11%).

B) Aspectos referentes a ensino, aprendizagem e interação

- a) Não praticar a conversação oral com colegas com frequência: 3 alunos (16,66%).
- b) Realizar as atividades: 2 alunos (11,11%).
- c) Entender a proposta ou a instrução da atividade: 1 aluno (5,5%).
- d) Não saber se está fazendo as tarefas on-line de forma correta porque o professor não está junto: 1 aluno (5,5%).

Questão 3

A terceira questão dessa avaliação solicitava que os alunos relacionassem as suas sugestões para o aprimoramento do curso, sendo que quatro alunos dos dezoito que

retornaram a avaliação disseram não ter nada para sugerir. As colocações feitas pelos outros quatorze alunos em relação às categorias já utilizadas na primeira e na segunda questões dessa avaliação são apresentadas a seguir.

A) Aspectos técnicos e organizacionais

a) Ter menor número de atividades, mas que elas sejam mais complexas e/ou que o prazo para realização seja maior: três alunos (16,66%).

b) Colocar as atividades cujo prazo para entrega é o mesmo sob o mesmo ícone em 'Atividades': um aluno: (5,5%).

c) Melhorar o acesso com senha: um aluno: (5,5%).

B) Aspectos referentes a ensino, aprendizagem e interação

a) Ter mais aulas presenciais para práticas de fala, compreensão oral e exercícios de pronúncia: três alunos (16,66%).

b) Não ter atividades que valham nota: dois alunos (11,11%).

c) Usar mais sites voltados para o ensino e aprendizagem de inglês: um aluno (5,5%).

d) Diminuir o número de tarefas que necessitam de acesso a outros sites: um aluno (5,5%).

e) Planejar trabalhos que não dependam da colaboração de outras pessoas na Internet: um aluno (5,5%).

f) Programar atividades que não dependam uma da outra: um aluno (5,5%).

g) Aprender mais coisas: um aluno (5,5%).

h) Fornecer mais esclarecimentos sobre como fazer as tarefas: um aluno (5,5%).

i) Mandar retorno dos trabalhos para os alunos rapidamente: um aluno (5,5%).

j) Não ter aulas on-line, somente aulas presenciais: um aluno (5,5%).

Nas tabelas apresentadas a seguir, com o propósito de que as informações sejam visualizadas mais facilmente, apresento um resumo com os resultados da primeira e da segunda avaliação.

Tabela 4.1
Aspectos técnicos e organizacionais da primeira e da segunda avaliação

Aspectos Técnicos e Organizacionais	Categorização	Primeira Avaliação	Segunda Avaliação
Positivos	Facilidade para fazer as atividades por não haver restrições de tempo e lugar	73,68%	11,11%
	Facilidade por não precisar ir tanto à escola especialmente para as aulas da disciplina	36,84%	27,77%
	Praticidade	25,78%	5,5%
	Mais tempo para realizar as atividades	21,05%	16,66%
	Facilidade de uso do ambiente	5,26%	X
	Facilidade em comparecer às aulas	5,26%	X
	Disponibilidade de mais recursos para realizar as atividades (Internet, sites de busca, para aprendizagem de línguas, ...)	11,11%	X
	Utilização um meio inovador e motivador de aprendizagem	44,44%	X
Negativos	Dificuldade em participar por não ter computador em casa ou por ter Internet discada	5,26%	16,66%
	Dificuldade em usar o ambiente	5,26%	11,11%
	Realização das tarefas no prazo	47,36%	27,77%
	Acesso regular ao sistema e organização do próprio horário de acordo com a programação do curso	10,52%	16,66%
	Realização das tarefas que requerem mais tempo e dedicação	5,2%	X
	Acesso ao sistema por este estar fora do ar	5,2%	33,33%
	Colocação de arquivos no Portfólio	X	11,11%
Sugestões	Prazo maior para realização das tarefas	10,52%	
	Ter menor número de atividades, mas que elas sejam mais complexas e / ou que o prazo para realização seja maior	X	16,66%
	Colocar as atividades cujo prazo para entrega é o mesmo sob o mesmo ícone em 'Atividades'	X	5,5%
	Melhorar o acesso com senha: um aluno	X	5,5%

X = Não mencionado

Tabela 4.2
Aspectos relativos a ensino, aprendizagem e interação
da primeira e da segunda avaliação

Aspectos relacionados a ensino, aprendizagem e interação	Categorização	Primeira Avaliação	Segunda Avaliação
Positivos	Bons resultados de aprendizagem e jeito diferente de aprender	26,31%	X
	Oportunidade de conhecer pessoas diferentes	21,05%	11,11%
	Contato com novas tecnologias	15,78%	X
	Possibilidade de sair da rotina de aulas expositivas	10,52%	X
	Usar recursos do mundo digital para aprendizagem	X	16,66%
	Poder aprender de forma mais autônoma, usando sites especializados	X	5,5%
	Aprender a língua através de seu uso	X	5,5%
	Conversar com colegas sobre assuntos diferentes	X	5,5%
	Realizar tarefas com mais qualidade por ter mais tempo	X	5,5%
Negativos	Fazer as tarefas em função do nível lingüístico a ser utilizado	15,78%	X
	Ficar ‘perdido’ nos sites de apoio	10,52%	X
	Entender as tarefas	5,2%	5,5%
	Não praticar a conversação oral com colegas com frequência	X	16,66%
	Realizar as atividades	X	11,11%
	Não saber se está fazendo as tarefas on-line de forma correta porque o professor não está junto	X	5,5%
Sugestões	Mais atividades de interação com alunos da turma, da escola e de fora	10,52%	X
	Atividades planejadas de acordo com o grau de conhecimento do aluno	5,2%	X
	Atividades variadas como as do primeiro trimestre	5,2%	X

	Atividade com música	5,2%	X
	Ter mais aulas presenciais para práticas de fala, compreensão oral e exercícios de pronúncia	X	16,66%
	Não ter atividades que valham nota	X	11,11%
	Usar mais sites voltados para o ensino e aprendizagem de inglês	X	5,5%
	Diminuir o número de tarefas que necessitam de acesso a outros sites: um aluno	X	5,5%
	Planejar trabalhos que não dependam da colaboração de outras pessoas na Internet	X	5,5%
	Programar atividades que não dependam uma da outra	X	5,5 %
	Aprender mais coisas	X	5,5 %
	Fornecer mais esclarecimentos sobre como fazer as tarefas	X	5,5 %
	Mandar retorno dos trabalhos para os alunos rapidamente	X	5,5%
	Não ter aulas on-line, somente aulas presenciais	X	5,5%

X = Não mencionado

4.1.4 Terceira Avaliação do Curso

A terceira avaliação do curso foi uma das atividades on-line da segunda unidade de trabalho do terceiro trimestre. As instruções, os objetivos e o questionário podem ser visualizados na figura 4.4. As perguntas pedem que os alunos reflitam sobre si mesmos enquanto aprendizes durante o desenvolvimento do curso levando em conta os objetivos, as atividades realizadas e a interação com os colegas e com a professora.

Comment

Considering the objectives of this online course which are listed below, we ask you to reflect upon what we have done until now this year and answer the questionnaire which follows.

OBJETIVOS:

- oferecer um programa que permita ao aluno produzir de acordo com o seu nível de conhecimento da língua inglesa;
 - desenvolver atividades que propiciem ao aluno vivenciar e explorar as tecnologias de informação;
 - inserir o aluno em contextos de interação e colaboração local e global, onde ele tenha a oportunidade de experienciar e desenvolver a língua em uso;
 - desenvolver projetos que levem o aluno a refletir sobre sua condição de sujeito em relação ao mundo globalizado, estabelecendo relações e valorizando sua cultura e a de outros grupos sociais e povos;
 - criar espírito de autonomia, incentivando-o a se auto-organizar, a gerenciar prazos e datas, a desenvolver trabalhos com qualidade, e a buscar auxílio e soluções tanto para as problematizações propostas quanto para o esclarecimento de suas dúvidas.
- (retirado do Projeto EIAD)

QUESTIONNAIRE

I - Reflect upon you and this course:

- 1) Mention one thing that you have done which has proved to be effective for your learning/practice in this course this year. Explain why.
- 2) Mention one thing you liked about this course. Justify your answer.
- 3) Mention one thing that could be different in this course. Justify your answer.
- 4) Mention one thing you have learned about yourself as a learner of a foreign language in this course. Justify your answer.

II- Reflect upon you and the other participants of this course:

- 1) What have you learned from the interactions (mail, discussion forum, etc...) with the teacher, your classmates and the e-pals? Justify your answer.
- 2) What have you learned from the feedback you received from the teacher, classmates and e-pals? Analyze the portfolio, the diary and the mail and use examples from them to illustrate your answer.

NOTE: Send your comments to the teacher through the TelEduc mail. Feel free to write your answers in Portuguese.

Figura 4.4: Descrição da Terceira Avaliação

A primeira parte da última avaliação realizada com a turma 402 tinha como objetivo fazer com que os estudantes refletissem sobre si próprios em relação ao curso, enquanto a segunda parte se referia a reflexões envolvendo o aluno e os demais participantes.

Dos vinte e dois alunos da turma 402, apenas onze (50 %) enviaram as respostas para o questionário, o que representa um percentual baixo para os parâmetros de nossa escola. As suposições para o baixo retorno podem ser várias: atividade não valia notas nem faltas, proximidade do final do ano letivo e muitos afazeres de outras matérias, a realização anterior de outras duas avaliações. Apesar do baixo índice de

retorno dessa avaliação, as colocações enviadas foram de grande importância para a avaliação do curso e para esta pesquisa.

Questão 1 – Primeira Parte

A questão de número um pedia que cada aluno mencionasse algo que tivesse feito e que, na sua opinião, tivesse sido eficiente para a sua aprendizagem no curso, bem como que explicasse o porquê da importância dessa atividade. Os estudantes relataram pontos bastante diferenciados⁴⁶.

a) Atividades com *e-friends*

Razões: a comunicação em uma situação real proporciona que o indivíduo exercite a compreensão e a produção escrita e aprenda sobre outras pessoas e culturas.

Uma das coisas que eu fiz que provou ser eficaz o teleduc foi o e-pals, pois tive como conversar com uma pessoa em inglês e muitas vezes interpretar os dialetos que ela dizia e tive a oportunidade de conhecer pessoas de outros países.

Ter que se corresponder com um estrangeiro, porque assim somos obrigados a nos adaptar a conversa, e se não soubermos uma palavra, temos que achar algum sinônimo.

[...] O contato com estrangeiros foi importante para a minha aprendizagem de inglês, pois por meio do que eles falavam acabei aprendendo um pouco de vocabulário.

b) Exercícios e atividades em geral

Razões: os exercícios e atividades fizeram com que os alunos exercitassem, desenvolvessem autonomia e motivassem por dar mostras do desempenho.

Uma coisa que eu fiz que provou ser eficaz na prática do curso foi os exercícios pelo teleduc. Isso foi muito importante pois foi o melhor modo de exercitar o que eu já sabia.

Bom, uma coisa que provou que o teleduc é realmente eficaz são as próprias atividades que exigem com que nós, alunos, muitas vezes, corram atrás de um dicionário para compor respostas para as atividades.

Acho que os exercícios que foram dados ajudaram a mostrar o meu desempenho e aprendi muito com eles.

c) Ouvir e falar com pessoas fora do AVA

Razões: Prática de compreensão e produção oral

Acho que a apresentação da Bruna foi a atividade que nos deu a chance de praticar mais do que qualquer outra, porque ela nos contou sobre o

⁴⁶ Todas as colocações dos alunos feitas nos diferentes registros e utilizadas neste capítulo foram transcritas fielmente, isto é, tal qual apareceram nos documentos, incluindo problemas de digitação, ortografia, pontuação, concordância, etc.

intercâmbio que ela fez nos EUA, e em inglês e isso nos ajudou a praticar a nossa capacidade de entender o inglês.

Uma das coisas que eu fiz que provou ser eficaz para minha prática foi conversar com outras pessoas em inglês, meu tio, por exemplo, conversamos por alguns minutos em inglês em uma reunião familiar e eu entendi pelo menos 90 % das coisas que ele falava.

d) Aprendizados em geral, uso do dicionário e organização

Razões: aprendizagem sobre uso de recursos para mediar a própria aprendizagem e sobre autonomia no gerenciamento de agenda e atividades.

Usar o dicionário e uma coisa que ajudou muito pois não havia um professor de inglês ao meu lado para sempre esclarecer minhas dúvidas.

Aprendi a me organizar, lidando com datas que não poderiam ser esquecidas.

e) Nenhum tipo de aprendizagem.

Razão: ensino e aprendizagem na modalidade on-line não são eficientes.

Neste ano eu não fiz nada para me ajudar na prática de inglês, pois esse sistema de ensino a distância é, na minha opinião, totalmente ineficiente, pois há pouco (muito pouco) contato físico com os professores.

Questão 2 – Primeira Parte

A questão de número dois da primeira parte pedia que os alunos mencionassem algo de que tenham gostado sobre o curso e justificassem a resposta.

a) Atividades on-line.

Justificativa: não precisar comparecer à escola para aulas na disciplina toda semana e poder realizar as atividades em casa.

A coisa mais boa desse curso é que pode ser feito em casa, mesmo tendo os problemas mencionados acima.

A coisa que mais gostei no curso foi a ausência de aulas semanais, com o tempo livre, pude usá-lo para estudar outras matérias e muitas vezes, relaxar um pouco.

Uma coisa que eu gostei bastante desse curso foi não ter que comparecer a escola com tanta frequência, com ensino a distância. Eu acho que se a tecnologia nos permite isso, por que não usufruir dela? Gostei muito do curso.

I liked the course because I don't need to go to school everyweek (...)

Gostei por ser um curso que pode ser feito a distância, em casa principalmente.

Não é preciso perder tempo na escola (...)

O bom desse curso de inglês é que eu posso fazer tudo na minha casa [...].

b) Outros pontos mencionados: atividades em geral, comunicação com outras pessoas, encontro com aluna de intercâmbio, mais tempo e liberdade para fazer os trabalhos, produção de textos, independência em relação à própria aprendizagem.

Eu gostei das atividades em geral, mesmo não tendo feito algumas, mas eu gostei, porque nós nos comunicamos com outras pessoas, fizemos amigos de outras partes do mundo e isso é bem legal.

Gostei do exercício com a aluna de intercâmbio. Isso foi muito diferente de tudo o que eu já havia feito em inglês.

I liked the course because [...] and to do the works with more time.

A facilidade para entrar e a liberdade para fazer as tarefas e também a criação de texto que fez com que estimulasse o aluno a pensar interpretar e redigi-lo.

A maneira que ele abordou o escrever aprendi muito escrevendo muito.

Não é preciso perder tempo na escola, fazemos os exercícios quando estamos dispostos.

O bom desse curso de inglês é que eu posso fazer tudo na minha casa, através do computador que é uma ferramenta fácil de ser utilizada. Eu posso escolher a hora em que vou ler as matérias e realizar as atividades, o que faz com que eu seja mais independente na aprendizagem.

Questão 3 – Primeira Parte

A questão três da primeira parte solicitava que os alunos mencionassem algo que poderia ser diferente no curso e ainda que justificassem essa escolha.

a) Falta de mais aulas em que a fala seja exercitada

Justificativa: a produção oral é considerada como parte fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno.

Acho que o curso está bom, mas acho que seria melhor com mais aulas de fala, para treinar.

Eu acho que os exercícios de fala deveriam ser mais freqüentes. Porque não sou muito bom na fala e se não exercito não aprendo.

A parte falada q no caso eh a mais importante foi minimamente aplicada nesse curso sendo que minha habilidade d escrever aumentou 100% e a de comunicação continua a mesma.

c) Problemas com o link para o TelEduc no site da escola.

Justificativa: os problemas com a página do TelEduc hospedada no site da escola gera dificuldades no acesso do aluno ao curso e, conseqüentemente, complica a realização das atividades.

Eu acredito que a única coisa que tem que melhorar no curso é a homepage, teve muitos erros, não acessava, não aparecia o menu, mas felizmente, isso já vem melhorando faz um tempo.

Acho que a única reclamação é que na maioria dos domingos o Teleduc não funciona. E assim sou obrigada a fazer na segunda-feira.

d) Outros pontos mencionados: necessidade de encontros presenciais, mais prazo para realizar as atividades, mais trabalhos ao invés de temas, dispositivo para retornos da professora quanto aos trabalhos que vão sendo realizados, justificativa de faltas, disponibilização de dicionário no ambiente de aprendizagem.

Esse curso deveria mudar bastante; começando pela forma das aulas, deveria ter pelo menos 2 encontros pessoais (aula) com os professores, as tarefas deveriam ter mais tempo para serem cumpridas, pois nem sempre o link na página da Liberato está disponível. Esse curso deveria se adaptar as dificuldades existentes, porque ele necessita de duas coisas básicas: computador e Internet. E estas são coisas que não podemos controlar, pois nem sempre a Internet está disponível e nem os recursos do computador.

Acho o curso excelente, mas a única coisa que eu mudaria seria em relação a entrega de trabalhos, pois quando é época de muitas provas, estudo muito e acabo me esquecendo de entrar na Internet.

I would like if we have more works and don't homework.

Uma coisa que poderia ser adicionada é uma pauta ou um arquivo contendo as notas dos alunos a medida que ele vai fazendo o trabalho e a professora corrigindo.

A questão das faltas, por não podemos justificar as faltas que ocasionalmente podem ser provocadas por problemas no computador.

Acredito que o curso está bom assim, seria interessante que o site fornecesse um dicionário, para auxiliar na hora da realização de certas tarefas.

Questão 4 – Primeira Parte

A questão de número quatro da primeira parte pedia que os alunos mencionassem algo que tivessem aprendido sobre si mesmos enquanto estudantes de uma língua estrangeira. Os pontos mencionados foram os mais diversos.

O comentário abaixo demonstra que o aluno necessita da presença física do professor, que ele considera que somente as aulas presenciais são reais e que, para aprender, ele precisa do trabalho com o docente na sala de aula convencional.

Eu aprendi que sem professor não se aprende nada. É necessário ter aulas reais em vez de aulas virtuais, pois só assim o aluno aprende realmente.

No seguinte relato, o aluno percebeu que não sabe exatamente o que aprendeu sobre si enquanto aprendiz ao longo do curso, porém comenta que gosta da língua e tem facilidade em aprendê-la. Na verdade, esses são aspectos que ele aprende ou confirma sobre si mesmo enquanto estudante da língua estrangeira no curso.

Sei lá, eu sei que eu gosto de inglês e sempre tive facilidade de aprender essa língua.

O aluno a seguir relata que, em sua opinião, aprendeu a se apresentar por escrito e a se comunicar com outras pessoas no curso. Ele sinaliza que não compreendeu a pergunta e fala sobre habilidades que desenvolveu, não exatamente sobre características que tenha aprendido sobre si mesmo enquanto aluno de língua inglesa.

Que eu aprendi sobre mim mesmo? Como assim? Não entendi essa questão, mas vou tentar. Bom, eu aprendi a fazer perfil e me comunicar com outras pessoas.

O relato a seguir demonstra que o aluno percebe a motivação e o empenho como fatores que estão relacionados ao aprendizado de uma língua e que conduzem à aprendizagem. Assim, comenta que não adianta partir do pressuposto de que não entende, pois com estudo e prática é possível aprender. O estudante também comenta que mudou um pouco a sua opinião sobre a educação a distância, a qual julgava inútil e, na prática do curso, se mostrou diferente, fazendo-o reconhecer que, inclusive, aprendeu ‘muito com este aqui’.

Aprendi que eu não devo ouvir uma língua estrangeira e pensar “Nossa nunca vou entender isso!”, pois afinal, com muito estudo e muita pratica, é possível falar qualquer língua, aprendi também que os ensinios a distancia não são tão inúteis quanto eu pensava, até porque, aprendi muito com este aqui.

Houve o reconhecimento dos alunos quanto às habilidades nas quais têm mais facilidade e dificuldade nos seguintes comentários.

Aprendi que eu tenho mais facilidade na parte de interpretação de textos, e mais dificuldade na parte oral.

Eu escrevo textos melhor do que eu converso na lingua inglesa.

Os comentários relativos aos aprendizados sobre o estudo de uma língua estrangeira feitos pelos demais alunos se referiram aos seguintes aspectos: à percepção de que teve ‘grandes erros’, à comprovação de que sabe mais inglês do que imaginava, à constatação de que não aprendeu nada ou de que ainda precisa estudar bastante para expressar suas idéias.

Eu aprendi a escrever um pouco mais correto, pois tive grandes erros.

Descobri que sei mais inglês do que imaginava e que preciso expandir meu vocabulário.

Nada.

Aprendi que ainda tenho que estudar inglês bastante, porque senti certa dificuldade na hora de expressar minhas idéias em inglês.

Questão 1 – Segunda Parte

A questão de número um da segunda parte solicitava que os alunos relatassem o que tinham aprendido em relação às interações que tinham ocorrido no curso com a professora, com os colegas e com os e-friends.

a) Ponto mencionado: interação com os e-friends

Muitos alunos relataram que tiveram aprendizados consideráveis a partir da interações com os e-friends. Eles mencionaram que aprenderam sobre outras culturas a partir das interações, bem como aspectos sobre a língua estrangeira. Um dos estudantes comenta que, por ter que usar a língua estrangeira para se comunicar com um e-friend,

precisou procurar palavras para efetivar a interação, o que o levou a aprender vocabulário.

[...] Gostei das atividades propostas, a maioria realmente me fez evoluir, como as atividades dos e-friends (...)

[...] através do e-pals, aprendi sobre outras culturas, das quais não teria acesso se não fosse pelo Teleduc.

Aprendi bastante com o e-pals como palavras que eu não conhecia e alguns dialetos.

Acho que, com certeza, a coisa que mais aprendi foi em relação a outras culturas, pois pude interagir com pessoas de outros países ou que já moraram em outros países, que falam a língua inglesa.

Tenho aprendido a melhor me comunicar com pessoas que eu não conheço sem ter um certo receio que eu tinha antes.

Aprendi bastante, principalmente com os novos amigos que fiz no InterPals. Eles me ensinaram sobre o lugar onde moram, pude ter contato com gente com cultura diferente da minha e aprendi mais sobre vocabulário, pois tive que procurar certas palavras para me comunicar com eles.

b) Interação com os colegas da turma

A interação com os colegas da turma não foi mencionada por tantos alunos. Aqueles que escreveram sobre esse aspecto relataram que a interação nos fóruns de discussão se desenvolve de uma maneira satisfatória e que é preciso aprender a respeitar a opinião dos colegas ao interagir com eles. Um dos participantes comentou que não utilizou muito as ferramentas do curso para interagir com os colegas, mas avalia positivamente as experiências que teve, demonstrando ainda que prefere as interações face a face.

Os fóruns de discussão do sistema sempre progredem de uma maneira legal, com uma evolução satisfatória.

Interagindo com os outros participantes do curso, aprendi a respeitar a opinião dos outros [...].

[...] Também acho que aprendi com a opinião dos outros em relação a alguns assuntos.

Neste curso não conversei tanto com os meus colegas através do TelEduc, e sim pessoalmente, na escola, mas foi bem legal.

c) Aprendizado de fala

A fala foi citada por dois alunos em relação aos encontros face a face. Um dos estudantes relata que teve um aprendizado considerável quanto à sua habilidade de falar uma vez que buscou desenvolvê-la na escola e fora dela. Tal desenvolvimento, segundo o aluno, fez com que ele tivesse mais facilidade em se comunicar na língua estrangeira. Esse mesmo estudante, porém, considera que as atividades on-line não substituem as aulas face a face, uma vez que somente nessas é possível ouvir e falar.

O outro aluno que comenta sobre o aprendizado de fala demonstra a importância que deu às práticas que envolveram fala e interação com os colegas da turma ao citar o *Getting Together*, encontro que priorizou a interação e a comunicação entre os membros da turma através de atividades lúdicas.

Durante esse ano acredito que tive um desenvolvimento considerável quanto a minha maior dificuldade na língua inglesa... A fala. Tenho hoje mais facilidade de transmitir o que quero em língua inglesa, tanto porque, além das atividades de aula busquei mais esse tipo de comunicação verbal durante o ano de 2006 [...]. Na minha opinião o sistema de educação a distância está longe de ser avaliado como totalmente eficaz, tanto porque na minha opinião nada substitui as aulas presenciais, pelo fato de poder ouvir e falar, o que não é atualmente possível no sistema do Teleduc.

[...]. As poucas aulas presenciais foram ótimos momentos, principalmente o *Getting Together*, realizado no último trimestre.

d) Outro ponto mencionado

Um aluno relatou que aprendeu que ele e os demais membros da turma de inglês utilizam os mesmos recursos fora da escola para aprender a língua.

Todos usamos os mesmos métodos para aprender inglês (música, filmes, etc.).

Questão 2 – Segunda Parte

A questão de número dois da segunda parte solicitava que os alunos relatassem o que tinham aprendido com os retornos que tinham recebido da professora, dos colegas e dos *e-friends*. Também deveriam analisar os comentários do portfólio e do diário e as mensagens do correio a fim de refletirem sobre os retornos e de ilustrarem as respostas.

a) Aprendizado com retornos dados pela professora e pelos colegas.

Os comentários abaixo mencionam o aprendizado a partir dos retornos dados pela professora e pelos colegas. Enquanto o primeiro aluno relata que os comentários da professora permitiram a correção de ‘muitas coisas’, o segundo estudante expõe que a opinião dos colegas foi muito importante para que ele reescrevesse um texto.⁴⁷

Aprendi muitas coisas com o que foi mandado pela professora e colegas, pois assim a professora pode corrigir muitas coisas [...];

[...] a opinião dos colegas na elaboração dos textos foi de extrema importância.

b) Aprendizado com gabarito para exercícios realizados

A correção de exercícios sobre vocabulário e pontos gramaticais baseados nos principais ‘problemas’ encontrados nas produções dos alunos foi considerada por dois participantes como geradoras de aprendizagem. A interação com a professora a partir

⁴⁷ Esse comentário se refere a uma atividade da unidade 5, a qual foi descrita em 3.2.5.

dos exercícios, do gabarito e dos retornos sobre a atividade desenvolvida foi significativa para esses estudantes.

Aprendi muito com o gabarito, com certeza, é muito bom saber o que errou, para no futuro não cometer o mesmo erro.

[...] Também a correção dos exercícios ajudou muito (...)

c) Diversos pontos mencionados

Ao interagir com os integrantes de seu grupo, um dos alunos menciona que descobriu que ele e seus colegas não têm o mesmo nível de conhecimento da língua, uma vez que julga que eles não experienciaram a língua estrangeira da mesma forma que ele. Ele expõe, ainda, a sua opinião de que o curso não proporcionou esse contato com a língua, uma vez que ele envolve obrigatoriamente a prática da fala. Esse aluno enfatiza que a produção e a compreensão escrita com as quais trabalhou no ambiente virtual não são constituidoras da língua.

Descobri q meus colegas não tiveram contato com a língua estrangeira assim como eu pois erros de gramática simples saum feitos e que poderiam ser resolvidos com mais fala!

Eu não percebi nada neste quesito que possa ter feito eu aprender algo em especial, apenas o programa como um todo.

4.1.5 As Entrevistas

As entrevistas se constituíram em momentos muito significativos para a minha própria construção de sentidos sobre a pesquisa. Além de terem se configurado em espaços dialógicos para que eu, pesquisadora-professora, e os três alunos selecionados repensássemos as ações realizadas nas práticas educacionais, as entrevistas permitiram que nós nos caracterizássemos como sujeitos, reconhecendo o eu e o outro e construindo sentidos em nossas interações.

Na dialogia desses encontros, percebo que eu, enquanto entrevistadora, e os entrevistados desafiamos nossos papéis e construímos sentidos em conjunto sobre os tópicos e também sobre o instrumento entrevista. Além disso, conheci os sujeitos desta pesquisa, o que proporcionou o meu enriquecimento como ser humano e, arrisco dizer, o mesmo aconteceu com eles em relação a mim. Como exemplos desses movimentos em que construímos sentidos e interagimos nos conhecendo e constituindo enquanto sujeitos em nossas interações, cito os excertos abaixo.

Excerto 1: professora-pesquisadora parafraseia o que o aluno disse, complementa e instiga uma reflexão.

Mateus: Antes, computador para mim sempre foi, antes de entrar aqui para a Liberato, eu entrava no meu computador ou (inaudível) ficava brincando na Internet ou qualquer coisa ou pegava e entrava no computador só para me divertir mesmo, fazendo coisa interessante que eu gostava de fazer. Antes eu nunca fui de entrar em chat, falar com outras pessoas eu falo pelo MSN. Fora isso, o Orkut às vezes e Chat na Internet e salas de outros países eu nunca tinha cogitado a possibilidade. Eu entrei aqui e daí tu, quais as atividades tu começa a ver tipo com outros olhos. Tu começa a ver como se fosse uma ferramenta para... Tu tá exercitando com alguma coisa que tu gosta de fazer. Eu gosto de falar inglês, eu gosto de aprender inglês, eu gosto de falar com pessoas e trocar informações. Eu acho que provavelmente mudou totalmente, mudou assim noventa por cento a minha visão de computador e Internet com o uso deles agora, sabe? Tem uma grande diferença que tinha ano passado.

Pesquisadora: Tu podes dizer que antes tu via como lazer e hoje tu vê como lazer e como recursos para aprendizagem?

Mateus: É, antes era totalmente aquilo, às vezes para fazer pesquisa. Agora eu estou usando ele... não que não seja um lazer ficar lá batendo papo com pessoas da Alemanha, por exemplo, ou como eu falei, mas isso é uma atividade didática e é muito bom. Eu gostei assim de fazer as atividades. Eu acho que, que só sair do ambiente fazendo isso, eu aprendi a usar o computador, (inaudível) uma ferramenta no computador e estou exercitando a minha língua inglesa.

Excerto 2: professora-pesquisadora explica pergunta não compreendida pelo entrevistado e instiga uma reflexão.

Pesquisadora: E o que, na tua opinião, se pode aprender ao interagir com pessoas usando a Internet?

Ramon: A interagir com outras pessoas? O que que eu aprendo? Daí eu acho que não aprende muita coisa. Interagir, assim...

Pesquisadora: Se comunicar com outras pessoas, com os teus amigos ou com pessoas desconhecidas do Brasil ou de outros países?

Ramon: Ah, facilita. Facilita bastante, sabe? Mas acho que para aprender alguma coisa... Bom, serve, digamos assim, para botar a fofoca em dia, sabe? Mas, por exemplo, porque eu não consigo ter uma conversa instrutiva no MSN, sabe? Eu não consigo conversar com alguém e ensinar alguma coisa aprender alguma coisa, sabe? Eu não uso, assim. Eu acho que ninguém usa. Ah, tem gente que usa o MSN para trabalho, sabe? Mas eu não uso, só uso assim para conversar com os amigos e combinar alguma coisa... E aprender...

Excerto 3: professora-pesquisadora instiga reflexão, também reflete e instiga que o aluno reflita e que desenvolva a idéia.

Ramon: Uma coisa muito boa que eu aprendi assim foi a me apresentar. Não sei porque, mas toda vez que eu penso no inglês, eu... Se eu for dizer o que eu aprendi no TelEduc, for a me apresentar. Não sei porque. Eu acho que o fato de escrever ali o meu perfil, de me apresentar, de escrever o meu perfil no e-pals, de falar, sabe? Bah, eu acho que eu aprendi com isso.

Pesquisadora: É ter que pensar assim. Bah, quem eu sou e como eu vou me apresentar para outras pessoas.

Ramon: É, do modo que mostra assim como eu sou (inaudível). Eu não sei explicar direito, mas eu acho que eu aprendi isso. A me apresentar.

Pesquisadora: Ao invés de só dizer eu sou um ser humano como todos os outros, não falando sobre o que me faz diferente.

Ramon: É, eu sou o Ramon, que eu gosto disso, eu gosto daquilo.

Nos Apêndices A, B, C, D e E são mostradas as informações sobre as entrevistas para os sujeitos, bem como os roteiros para as mesmas. As transcrições das entrevistas com os alunos e sujeitos desta pesquisa aparecem na íntegra nos Apêndices I, J, K, L e M.

Enquanto Mateus e Ramon foram entrevistados em dois momentos, Fernanda optou em realizar ambas as entrevistas no mesmo dia. Na seção seguinte, a qual trata das reflexões acerca dos registros, as entrevistas aparecem novamente em vários momentos.

4.2 REFLEXÕES A PARTIR DOS REGISTROS

Nesta seção, são apresentadas as reflexões feitas a partir dos registros pelos participantes e sujeitos do estudo e pela professora-pesquisadora.

4.2.1 Os sentidos construídos em relação ao contexto próximo: computadores, Internet e AVA

Seguindo a perspectiva vigotskiana (VYGOTSKY, 1993), a qual concebe o contexto sociocultural, considerando-se as condições materiais e as experiências dos seres humanos como inseparáveis dos sentidos construídos pelos sujeitos, reflito, nesta seção, sobre os sentidos construídos pelos alunos em relação ao contexto próximo do curso, no caso, computadores, Internet e AVA.

4.2.1.1 As possibilidades do contexto próximo

Ao serem questionados sobre o uso de computadores e Internet, os três alunos sujeitos desta pesquisa tecem diferentes comentários acerca da sua compreensão sobre ambos. Nas suas falas, longe de serem meras ferramentas com usos limitados, o computador e a Internet se configuram como instrumentos cheios de possibilidades, as quais vão sendo expandidas com os avanços tecnológicos e com as descobertas que os seres humanos vão fazendo através das práticas e vivências. Os usos que trazem benefícios e a quase impossibilidade de conceber um mundo sem computadores e Internet aparecem nos seguintes extratos das entrevistas de Fernanda e Mateus.

Fernanda: Eu acho que... é uma coisa assim que... é bem avançada assim porque traz assim meio que a cara do futuro assim porque acho que é assim uma coisa que vai auxiliar bastante, sabe? Em tudo, já auxilia. E acho que sem ele assim seria super... as coisas seriam meio perdidas assim. Tipo agora, que nem eu vou dar um exemplo assim. Meus pais eles estão fazendo um negócio novo, sabe? Eles estão tentando botar toda essa tecnologia para o

negócio que eles já tem. Só que como eles já são mais velhos assim, eles precisam de ajuda para isso. Daí eu vou começar a auxiliar eles nisso, sabe? Eu acho que só assim, sabe para ir para frente porque todo mundo agora que vem procurar o serviço assim, procura uma coisa que já seja mais avançada, que já tenha aquela organização.

Mateus: Olha, provavelmente são, hoje em dia, as ferramentas de trabalho, estão entre as ferramentas de trabalho mais importantes porque eles permitem a troca de informações, tem muita coisa que só funciona através deles. O mundo não gira se a rede de Internet parar. Os computadores hoje em dia estão ligados com o funcionamento das máquinas e com até com a ligação entre as pessoas. É fundamental. É ...o mundo tá tão interligado hoje em dia pelos computadores que a falta deles seria um grande... retrocesso para a humanidade.

Fernanda relata que seus pais são proprietários de um negócio e que, apesar de contarem com computador e Internet em sua casa, a família notou a necessidade de usarem esses recursos para organizar a empresa e oferecer outras possibilidades aos clientes. Já Mateus expressa a importância dos computadores e da rede mundial que os interliga em grande parte das ações humanas na nossa sociedade. Tais colocações remetem a como Lévy (1996), já na década passada, concebia o futuro do ciberespaço: segundo previa o autor, em algumas dezenas de anos, aquele iria se tornar fundamental nas atividades econômicas e o principal recurso internacional da memória, pensamento e comunicação coletivos. Tal previsão tem se concretizado em inúmeras práticas de nosso dia-a-dia, fazendo com que pensemos, inclusive, em um caos caso a rede internacional de computadores sofra uma pane mais abrangente, o que nas palavras de Mateus sobre uma falta dos computadores, é expresso por ‘um retrocesso para a humanidade’.

É possível relacionar a concepção de Vygotsky, segundo a qual os seres humanos vislumbram os usos dos instrumentos e signos e os reinventam em suas práticas, à constatação de Ramon quanto aos usos que as pessoas podem fazer dos computadores e da Internet. Segundo o aluno, não são os instrumentos os responsáveis pelas ações boas ou ruins, mas as próprias pessoas que, ao descobrir diferentes usos para os recursos que têm disponíveis, acabam por realizar atividades que causam benefícios ou malefícios a si mesmas ou a outrem. Refletindo sobre a natureza dicotômica do ser humano, Ramon conclui que são as intenções das pessoas que determinam o emprego do computador e da Internet para ações positivas ou negativas. Para exemplificar, ele cita fatos, como a invenção e a propagação intencional dos vírus de computador, a atitude de pessoas que instruíram um jovem sobre como se suicidar pelo Orkut e a

divulgação e incentivo da pornografia. Tal reflexão de Ramon aparece no extrato abaixo de uma de suas entrevistas.

Ramon: Bom, eu penso assim ó. Computadores é bom e a Internet é boa até certo ponto. Depende do que a pessoa pega o computador para utilizar. Por exemplo, assim, eu uso o computador para jogar e para usar a Internet, para ver notícia, aprender coisas. Só que depende, tem muita coisa na Internet que não... não tem como a gente aproveitar. Como por exemplo, aquele jovem que se matou na frente do Orkut, sabe? Ele ficava conversando com pessoas e perguntando o que que ele tinha que fazer e pessoas ficavam instruindo ele, dando instruções para ele se matar. Daí eu penso assim, bah, isso ... isso não é uma coisa construtiva, sabe? Isso não é uma coisa que devia existir. Por exemplo assim, eu também penso assim ó, o vírus, sabe?. A Internet é muito bom, sabe? É muito bom tu ter ali, poder, quando tem uma dificuldade, uma dúvida, tu poder apelar para ela, sabe? Ir lá, botar no Google e pesquisar, só que se tu for ver também, tudo tu tem que controlar, né? Tudo que tu pode fazer pode ter vírus. Daí eu penso assim, porque uma coisa tão boa para a humanidade, por que tem que ter alguém para estragar, sabe? Não sei qual a intenção de fazer um vírus? É destruir? Daí eu penso assim, o computador é bom, mas até um certo ponto. Até um certo ponto que fica... depois ele vira apelativo, sabe? Daí eu acho também muita pornografia, muita na Internet. Eu acho que isso devia diminuir.

Provavelmente os objetivos primeiros de criação do computador e da Internet não eram o de espalhar vírus ou permitir a comunicação entre indivíduos para que eles incentivassem suicídios, mas as pessoas descobriram essas possibilidades. Não podemos culpar a existência do computador e da Internet por essas ações, apesar de que eles, com certeza, as tornam possíveis. A invenção e o emprego que se faz dos instrumentos dependem dos seres humanos.

4.2.1.2 O redimensionamento das noções de espaço e tempo no contexto próximo

O uso do computador, da Internet e de um AVA na experiência de ensino e aprendizagem possibilitou um redimensionamento das noções de espaço e tempo. O ambiente, por causa de sua característica de virtualidade, possibilita que a concepção de aula enquanto evento com horário e espaço delimitados ceda lugar à organização de eventos de aprendizagem caracterizados pelo ‘fazer’ e não pelo ‘estar presente fisicamente’ em determinado horário e local. Essa característica remete ao conceito de virtual proposto por Lévy (1996), o qual compreende uma ‘desterritorialização’ e uma nova concepção de tempo, considerados reais e que se atualizam pelas ações no ciberespaço. Tal concepção se verifica na fala de Mateus no seguinte excerto da segunda entrevista:

Mateus: Mas se bem usado, pode ser muito bom. Comparecer à aula, por exemplo, é mais fácil.

Pesquisadora: Como assim? Por que não tem muita aula na escola?

Mateus: Não, lá no Teleduc mesmo. Não é porque a gente não fique no mesmo lugar e junto ao mesmo tempo que não dá para chamar de aula, né? Acho que é uma aula sim, só que diferente. Quando a gente recebe um comentário do professor por e-mail também aprende. Ou conversando com a turma no fórum, vendo as opiniões, escrevendo... Às vezes eu fico na sala de aula normal e não presto muita atenção, meio que só respondo a chamada e fico lá de bobeira, me perco com o professor falando. Isso é aula? Bom, não dá para dizer que eu estou presente, né?

Pesquisadora: Presente só de corpo, mas não de alma?

Mateus: É.

Quando Mateus comentou que era mais fácil comparecer às aulas on-line, eu pensei que ele estava se referindo ao fato de não ter que ir à escola. Porém, ele próprio expôs a sua compreensão sobre como uma aula pode acontecer sem que os participantes estejam no mesmo espaço físico e/ou de tempo e, isso sim caracterizando o evento aula, onde se produz e se aprende. Ele também sinaliza que está mais presente em aulas on-line do que em algumas aulas na escola, onde pode ficar ‘só de bobeira’.

Outros quatorze alunos, 73,68% dos dezenove que retornaram a primeira avaliação do curso, ao comentarem sobre os aspectos positivos do uso do AVA para potencializar práticas on-line na disciplina de Língua Inglesa, ressaltam a facilidade em participar por não haver restrições de tempo e lugar, o que também se relaciona às possibilidades características dos espaços digitais em função da virtualidade como a concebe Lévy (*op. cit.*), através da qual tempo e espaço tomam outra dimensão. Alguns dos comentários daqueles quatorze alunos são citados abaixo:

Os temas podem ser feitos em qualquer lugar (em casa, no Liberato...) porque ficam armazenados no site.

Poder fazer as tarefas em casa, quando temos tempo e vontade de realizá-las.

Um ponto positivo é que o aluno tem muito mais tempo para realizar as tarefas, além disso podendo fazê-las em casa [...].

O primeiro relato menciona a possibilidade de que as tarefas sejam realizadas em qualquer lugar onde se possa acessar o computador, pois a sala de aula virtual está sempre aberta para que o aluno entre e desenvolva suas atividades.

No segundo relato, o participante da pesquisa cita o redimensionamento do tempo e da própria vontade em realizar as atividades nas práticas virtuais como fatores que facilitam a organização dos eventos de ensino e aprendizagem. Essa organização se contrapõe a de aulas face a face em virtude de que, nestas, o aluno não pode escolher os horários dos encontros, uma vez que estes são determinados de acordo com o

planejamento da escola e das disciplinas e, além disso, a disposição do estudante em participar do evento não é levada em conta.

Já no terceiro relato, o aluno menciona o fato de que, nas práticas on-line, ele tem mais tempo de realizar as atividades. O estudante parece comparar as aulas face a face e as on-line e considera que ele pode trabalhar de acordo com o seu ritmo em função do tempo ser determinado por ele mesmo. Considerando que os ritmos e também as motivações dos alunos são diferentes, essa é uma possibilidade importante que os ambientes virtuais oferecem para que sejam respeitadas as características individuais.

Os participantes da pesquisa também citaram a facilidade de não precisarem comparecer tanto à escola, especialmente para as aulas da disciplina, como um ponto positivo em relação à utilização do AVA: 36,84% dos alunos na primeira avaliação e 27,77 % na segunda mencionaram esse aspecto. Para esses alunos, o fato de não ter mais um turno inverso e de poder realizar as atividades em casa é um elemento bastante motivador e se relaciona intimamente ao redimensionamento do tempo e do espaço possibilitado pelo virtual. Algumas das colocações sobre esse ponto são citadas abaixo.

A coisa mais boa desse curso é que pode ser feito em casa, mesmo tendo os problemas mencionados acima.

A coisa que mais gostei no curso foi a ausência de aulas semanais, com o tempo livre, pude usá-lo para estudar outras matérias e muitas vezes, relaxar um pouco.

Uma coisa que eu gostei bastante desse curso foi não ter que comparecer a escola com tanta frequência, com ensino a distância. Eu acho que se a tecnologia nos permite isso, por que não usufruir dela? Gostei muito do curso.

Gostei por ser um curso que pode ser feito a distância, em casa principalmente.

[...] sem precisar ir com tanta frequência a escola.

Não é preciso perder tempo na escola [...].

O bom desse curso de inglês é que eu posso fazer tudo na minha casa [...].

Posso afirmar que um dos pontos positivos do método EIAD é a fato de não precisarmos comparecer todas as semanas em aulas teóricas em sala de aula, isso contribui muito no tempo que podemos reservarmos para outras atividades.

Em colocações de outro aluno, porém, há um sentimento de descrença em relação às possibilidades de expansão do espaço e do tempo nas aulas on-line. Ele demonstra não ter sentido a presença da professora no ambiente virtual. Além disso, o estudante julga que as aulas virtuais não são reais e que somente as últimas, ou seja, as aulas ‘presenciais’, tornam a aprendizagem possível, eventos que têm lugar no espaço

físico da sala de aula, num horário definido conforme a organização da escola e onde a presença física do professor é visível para ele.

Eu aprendi que sem professor não se aprende nada. É necessário ter aulas reais em vez de aulas virtuais, pois só assim o aluno aprende realmente.

No comentário de Ramon sobre o uso do AVA nas disciplinas de inglês e de física, ele, como em outros relatos de alunos citados anteriormente, demonstra compreender o ambiente como um facilitador para que o espaço e o tempo tenham outros contornos, inclusive respeitando diferenças individuais.

Em aula tu tem uma limitação, que é de 50 minutos por período e uma sala, entendeu? Ali não, como diz, na Internet tu tem um mundo na tua mão e o tempo que tu tiver disponível, livre em casa, que se souber usar, é perfeito, sabe?

O aluno finaliza comentando a importância de saber usar esse ‘mundo’ que possuímos em nossas mãos, bem como e o ‘tempo’ que temos disponível de forma o mais racional e proveitosa possível.

4.2.1.3 O contexto próximo e as formas de distração

Os participantes da pesquisa que responderam ao questionário fazem uso de recursos da Internet principalmente para se divertir, isto é, utilizam a rede como uma forma de distração⁴⁸, uma vez que os recursos mais citados foram o MSN, o Orkut, salas de bate-papo, *sites* para baixar músicas. Alguns comentários sobre a questão do questionário que perguntava sobre a frequência, a quantidade de tempo e os usos que os participantes da pesquisa fazem da Internet são colocados abaixo para ilustrar esse caráter do uso dos recursos da Internet como atividades de divertimento.

Navego na Internet todos os dias, inclusive dias em que tenho aulas, fico navegando por durante mais ou menos seis horas por dia, conversando com amigos, fazendo pesquisas para a escola e entrando em meu “ORKUT”.

Entro na Internet quase todo dia por uma hora mais ou menos, uso mais por causa do MSN, entro também no orkut e em salas de bate-papo.

Pelo menos uma vez por semana eu acesso a Internet, para fazer trabalhos, atividades do Inglês, e me comunicar com amigos através de sites como o Orkut e também através do MSN.

Eu uso Internet quase todos os dias, duas horas (em média) por dia. Uso para fazer pesquisas, acessar o Orkut, conversar e fazer tema de inglês.

⁴⁸ Faz-se importante a referência à definição da palavra distração conforme o dicionário em função da discussão sobre seus sentidos nessa parte da reflexão. Conforme o Dicionário Brasileiro Globo, distração significa ‘falta de atenção; inadvertência; abstração; irreflexão; palavra ou ato irrefletido; recreação; divertimento.

Mateus, porém, em suas entrevistas, relaciona o contexto próximo e distração em um outro sentido. Para ele, os recursos disponíveis acabam por facilitar a perda da ‘linha de raciocínio’. Mesmo quando ele tem por objetivo fazer uma determinada atividade, como uma pesquisa, os recursos atraem a sua atenção para outros objetos e provocam sua desatenção em relação ao propósito de ter entrado no ambiente.

Mateus: Mas eu acho que, para mim, é ótimo. Eu não gosto de trabalhar com o computador, com sistemas e, para mim está sendo bom, mas eu acho que essa falta de contato e, por ser mesmo no computador, tu liga o computador e tem um distrativo aqui, um distrativo ali e aí tu acaba não fazendo (inaudível), fazendo ela, deixa para se divertir um pouco. Isso é um pouco de problema, mas, no geral, é muito bom.

Mateus: Olha, usar o computador como estudo (inaudível). O computador é para, é para fazer pesquisa, esse tipo de coisa, mas também tem muita coisa que pode te distrair bastante a atenção. Então se é um uso racional, é ótimo, se tu sabe que tu ta usando para uma coisa que não vai se distrair, não vai perder a tua linha de raciocínio, tu vais continuar trabalhando ali, daí assim tu está, tu está ganhando alguma coisa usando isso. (...) Vai muito de como as pessoas querem usar e como as pessoas têm consciência em usar desse ambiente.

O último comentário de Mateus resume o fato de que o uso do contexto próximo depende das escolhas que as pessoas fazem, inclusive para se divertir. Tais escolhas são dos sujeitos, apesar de o meio oferecer muitos atrativos que podem conduzir à distração. Conforme mostra Mateus, quando se faz um ‘uso racional’ dos recursos, pode-se ‘ganhar alguma coisa’ com isso.

4.2.1.4 As dificuldades enfrentadas em relação ao contexto próximo

Relacionando as dificuldades enfrentadas por alguns alunos quanto ao uso de computadores, Internet e AVA com as condições do contexto familiar e as experiências socioculturais vivenciadas, as colocações que são apresentadas a seguir mostram como os alunos construíram sentidos sobre esses aspectos.

A principal dificuldade que tive no primeiro trimestre foi que as vezes ficava “perdido” no site, ocasionando o atraso das tarefas solicitadas (Fábio).

[...] não conseguir me escrever no TELEDUC. Mas com a ajuda da professora conseguimos concluir a inscrição (Ramon).

Os relatos que fizeram parte da primeira avaliação do curso evidenciam que o as condições materiais e as experiências a que têm ou tiveram acesso, como também a maneira pela qual se constituem como sujeitos a partir de suas vivências, são inseparáveis dos sentidos que são construídos pelos alunos na dinâmica dialógica que têm lugar no curso, corroborando a perspectiva vigotskiana (VYGOTSKY, 1993) que

concebe o sentido como inseparável do contexto e dos sujeitos que o constroem. Vemos que, nos relatos acima, enquanto Fábio demonstra que não tinha o conhecimento necessário para poder atuar no AVA e, por isso, ficava ‘perdido’; Ramon, ao expor sua dificuldade em conseguir efetivar sua inscrição no ambiente virtual, relata que teve a ajuda da professora para se inscrever.

Outros relatos mostram que as condições do contexto, incluindo o acesso dos alunos a recursos materiais e as características técnicas do ambiente, influenciam de forma direta as participações dos sujeitos no ambiente virtual, como nos comentários abaixo, os quais fizeram parte da segunda avaliação do curso.

Não gosto muito do ensino a distância porque aqueles que não tem acesso a Internet em casa como eu, saem muitas vezes prejudicados (Alexandre).

As principais dificuldades são quanto ao acesso, que muitas vezes as páginas não abrem, ou o portfólio não anexa os arquivos necessários. Também tenho dificuldade quanto ao acesso do site durante a semana, pois possuo Internet discada e algumas tarefas precisam ser feitas continuamente, ou seja, durante o final de semana e também durante a semana (Fernanda).

A entrega das atividades na data marcada, por problemas com o computador residencial (Jéssica).

Tenho dificuldade para entrar na Internet pois é discada e isso acaba sendo ruim para mim fazer minhas tarefas (Renan).

Me atrapalho no site (me perco) (Fábio).

Muitas vezes não é possível conectar-se ao programa (Rodrigo).

As vezes o site sai do ar e não funciona, mas meu único problema é que não tenho Internet em casa, portanto tenho que acessar de outro lugar (Édipo).

Tenho dificuldade em acessar o site algumas vezes (Karina).

Os comentários acima relacionam as dificuldades materiais de alguns alunos por não terem computador em casa ou por possuírem Internet discada e as condições do ambiente virtual de aprendizagem, o qual muitas vezes saiu do ar à noite e nos fins de semana, com as participações dos alunos no curso, além de influenciarem a forma como aqueles estudantes se constituíram como sujeitos nas práticas e os sentidos que construíram para elas.

Os problemas técnicos a que se referiram Rodrigo, Édipo e Karina nos relatos acima, os quais se relacionam ao fato de que a página do TelEduc a partir do site da escola não podia ser acessada em muitos momentos, fizeram com que muitos alunos reinventassem a proposta de comunicação com a professora a partir dos recursos que tinham disponíveis e, assim, buscassem a alternativa de usar o *e-mail* externo a fim de que pudessem relatar as dificuldades e, inclusive, solicitar as instruções do que precisava ser feito ou até mesmo enviar as tarefas realizadas através desse outro ambiente.

Por outro lado, o responsável pelo setor de informática da escola providenciou para que, de alguma forma, a hospedagem do ambiente apresentasse menos problemas ao longo do ano, o que é constatado por um dos alunos na terceira avaliação do curso.

Eu acredito que a única coisa que tem que melhorar no curso é a homepage, teve muitos erros, não acessava, não aparecia o menu, mas felizmente, isso já vem melhorando faz um tempo.

Para finalizar essa seção, ressalto que, apesar da importância do contexto sociocultural em que acontecem as ações humanas, no caso desta experiência usando computadores, Internet e um AVA em uma modalidade on-line, os aparatos tecnológicos não determinam as ações humanas, mas certamente exercem influência sobre elas, assim como as promovem.

4.2.2 Os sentidos construídos em relação às aprendizagens e às interações

As colocações dos participantes da pesquisa sobre as aprendizagens que ocorrem com o uso do computador, da Internet e dos AVAs são diversas. Seleciono os seguintes tópicos considerando os objetivos deste estudo: aprendizagens relativas ao contexto próximo, às interações e à língua estrangeira.

4.2.2.1 Aprendizagens relativas ao contexto próximo

4.2.2.1.1 Computador e Internet como recursos que potencializam a aprendizagem

Ao serem questionados nas entrevistas sobre o que se aprende e o que se pode aprender quando se usa o computador e a Internet, Mateus e Ramon centram seus comentários na última. Em suas respostas, consideram-na como um grande banco de dados, o qual possibilita aprender sobre qualquer tópico.

Mateus: Olha... a quantidade de material e informação disponível hoje na Internet é uma coisa absurda. Eu duvido que tenha alguma coisa que não existe na Internet ainda. Então tu pode aprender tudo. Totalmente tudo.

Ramon: Depende do que se interessa em aprender. Mas, na verdade, tu pode aprender tudo na minha opinião. Tu pode aprender... Por exemplo, eu aprendi a fazer dobradura na Internet. Mas tem gente que aprende muita coisa, usa a Internet para tudo [...].

Ambos usam a palavra ‘tudo’ para se referir aos conteúdos que são disponibilizados na Internet. Ramon, porém, enfatiza que a escolha do que se vai

aprender, uma vez que a quantidade de informações é imensa, depende do interesse do indivíduo e exemplifica que aprendeu a fazer dobraduras na Internet. Nesse sentido, o aluno evidencia como utiliza os recursos para mediar a sua aprendizagem, transformando informações em conhecimento. Ramon mostra o recorte que, como aprendiz, faz nas informações, considerando para o que se sente motivado e para o que está preparado para aprender dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal. Dessa forma, é o estudante que regula a ação e a colaboração com o ‘outro’ e, assim, é capaz de transformar um fenômeno interpessoal em intrapessoal e tornar possível seu próprio desenvolvimento.

Para Ramon, não é somente importante o grande número de informações que a Internet oferece, mas o fato de que o sujeito vai fazer escolhas para utilizar os conteúdos disponibilizados de acordo com seu interesse e com o que é capaz de fazer na interação com esse ‘outro’ em ações mediadas pela rede, a fim de efetivar a aprendizagem e o desenvolvimento.

Em outras duas seqüências de turnos de fala de uma entrevista entre mim e o aluno Ramon, ele relata os sentidos que tem construído sobre o uso do computador e da Internet a partir de suas vivências com esses instrumentos, tanto na escola anterior quanto na Fundação Liberato.

Ramon: Bom, antes o computador para mim era jogo. Eu quando... Considerava o computador uma máquina de jogar. Eu não conseguia usar o computador para outra coisa, sério. (inaudível) a Internet discada, eu acessava, mas era muito ruim, daí eu só jogava, jogava, jogava. E a Internet, daí quando veio, daí eu comecei a fazer trabalho, só que era só no ‘control c’, ‘control v’ e imprimir, sabe? Copiava, colava e imprimia e daí tudo tirava dez no caso. Bah, muito ruim isso. Não exercitava, sabe? Não tinha aquela procura, aquela busca em que eu tentava aprender. Eu achava a Internet era viajar, sei eu, era procurar e achar coisas novas que eu não sabia. Aí eu não conhecia assim essa, como é que eu posso dizer, eu não tinha noção do que era estudar pelo computador, sabe? Por exemplo o sistema, eu não tinha noção do que era um sistema de aprendizado, por exemplo o TelEduc. Eu não sabia inaudível). Eu não imaginava....

Pesquisadora: Tu fazia mais pesquisa na Internet, assim copiando e colando...

Ramon: É, era muito folgado assim.

Pesquisadora: Não era nem pesquisa, né?

Ramon: É, cópia.

Pesquisadora: Mas os professores não chegavam a...

Ramon: Jura...

Pesquisadora: A notar isso? Simplesmente...

Ramon: Nem sabiam. Eles achavam que, sei lá.

Pesquisadora: Mas o professor nota quando é algo escrito pelos alunos. Vocês acham que não?

Ramon: Ah, professora, mas também muito professor que é assim, ó. Bom, ele pesquisou, ah, vou dar a nota dele, sabe? Eu acho que tem professor que

não se interessa que nem outros professores. Essa escola aqui é muito diferente...

Pesquisadora: A gente tem que aprender a usar o recurso do computador assim, né? E não copiar e colar, mas...

Ramon: É isso que eu aprendi aqui. Sabe, isso mudou meu ponto de vista, mudou muito depois que eu comecei a usar o TelEduc e usar computador para fazer trabalho de várias matérias, pelo menos, sabe? Tem muitas matérias que (inaudível) se surgir qualquer dúvida ali, se tu procurar bem, tu acha, sabe? Daí tu tem que usar computador para aprender, não para...

Pesquisadora: Se enganar que está aprendendo...

Ramon: É, tu tem que aprender com ele. Tu tem que aprender a lidar com ele. Tu tem que aprender o que tu procura com ele, sabe? Tu não pode... Tu tem que tentar... Ele tem, tem que te dar a informação e tu assimilar a informação. Não é ele te dar a informação e tu passar para o professor, sabe? Como a gente fazia... Daí, isso, bah, mudou muito.

Ramon, descobrindo as facilidades de ‘pesquisar’ na Internet, relata que passou a copiar, colar e imprimir textos e entregá-los para os professores da sua escola anterior como se fossem seus. Ele comenta que através dessa dinâmica, a qual possibilita que a informação fornecida pelo recurso seja repassada para o professor, não há aprendizado. Considerando isso, conclui-se que o computador e a Internet precisam ser instrumentos mediadores da aprendizagem e os conteúdos e habilidades devem se localizar dentro da zona de desenvolvimento proximal. Para isso, a intervenção do professor através de tarefas planejadas de forma a propiciar que os alunos trabalhem dentro da ZDP e que o conhecimento seja construído é fundamental.

A atividade de Ramon que envolveu copiar, colar e imprimir textos da Internet e entregar como seus resultados de pesquisa não se constituiu, retomando a concepção vigotskiana de aprendizagem e desenvolvimento, como um fenômeno interpessoal, o qual envolve interação e colaboração com o outro em um processo mediado pela linguagem e pelos instrumentos simbólicos.

Ramon reconhece que ao receber a informação do computador e repassá-la para o professor, além da questão ética de estar enganando ao mestre e a si mesmo, não aprendeu com o que realizou. Não houve uma atividade de aprendizagem compartilhada socialmente e com a colaboração do outro para que fossem deflagrados os fenômenos intrapessoais que conduziriam ao desenvolvimento. Como resultado, a atividade não teve significado para Ramon, uma vez que não houve um contexto em que fossem viabilizadas ações conjuntas e em interação.

O relato de Ramon sobre sua experiência em coletar informações através do computador e da Internet remete ao comentário de Valentini e Soares (2005), o qual ressalta não ser o aparato tecnológico em si o determinante da aprendizagem. Para que a

aprendizagem tenha espaço, um planejamento pedagógico adequado é necessário a fim de que os instrumentos, entre eles os computadores e a Internet, realmente mediem a aprendizagem e que os discentes atuem ativamente em processos que efetivamente gerem conhecimentos.

4.2.2.1.2 Internet e AVAs como espaços que potencializam a aprendizagem e as interações

Mateus, ao ser questionado acerca de sua opinião sobre o uso de ambientes virtuais de aprendizagem, mais especificamente o TelEduc, e a Internet, comenta que são ‘lugares’ que os jovens gostam e têm facilidade de trabalhar. Além disso, possibilitam a comunicação com diferentes pessoas e o acesso a informações.

Mateus: Olha, ambientes virtuais para aprendizagem têm dois lados positivos e um negativo. Os lados positivos são: um é que tu pode estar num meio em que tu.... Em que a maioria dos jovens têm facilidade e gosta de trabalhar, que é o computador, que vai (inaudível) e o segundo lado positivo é que tu está usando uma ferramenta, principalmente para o inglês, que tu podes interagir com qualquer outra pessoa ou em qualquer outro lugar e pegar a informação que tu quiser, uma coisa que tu pode, pode na disciplina de língua estrangeira, tu pode pegar, interagir com pessoas de outros países, adquirir conhecimentos, sabe?

Especificamente em relação ao uso do TelEduc, o qual Mateus e Ramon utilizam na disciplina de Física e de Língua Inglesa, o primeiro aluno cita a inserção do ambiente na Internet, o que propicia que essa seja utilizada de forma a expandir as possibilidades do ambiente virtual de aprendizagem. Tanto Mateus quanto Ramon consideram a ampliação do tempo e do espaço das aulas da escola em virtude do uso do AVA.

Mateus: Já, por exemplo, no TelEduc de física, a gente tá pegando, pega uns exercícios que a gente tem, auxílio das aulas práticas tudo ali. Em inglês tu está estudando, tu não sabes alguma palavra, tu podes procurar no dicionário físico, pegar o dicionário na tua prateleira, mas também ir num site e procurar. Dá no mesmo

Ramon: Eu acho legal a interação assim, o fato de tu precisar estar em casa, assim, precisar da ajuda, poder entrar em contato, sabe? Eu acho que facilita muito, em muitos pontos. Várias áreas que tu consegue ali, tu não consegue acompanhar em aula, por exemplo.

Ramon: É. É uma coisa que pinta na hora que tu tá fazendo, daí surgiu a dúvida e tem como tu entrar em contato.

Ramon: (...) Mas é bom o contato que nem o contato que a gente tem com o professor, que é muito maior, sabe? Porque ali ele pode dar atenção para um aluno sem deixar o outro empenhado, sabe? Por exemplo, a senhora pode me ajudar, coisa talvez que a senhora talvez não poderia fazer em aula para um

aluno. Um aluno lá tá em dificuldade em algum ponto, não vou parar para explicar tudo de novo para ele, sabe? Eu tenho mais 31 alunos esperando a dificuldade dele sabe? Talvez até algum tenha a mesma dificuldade que eu, no caso. Só que eu acho que ali no sistema, esse fato de poder ir direto aos problemas daquele aluno, sabe? Poder responder direto as perguntas dele para ele (inaudível).

Mateus lembra que pode utilizar recursos da Internet para realizar as atividades de inglês. Ele cita os dicionários disponibilizados on-line, os quais têm o mesmo papel de um dicionário impresso e diz que não faz diferença usar um ou outro, ou seja, o objetivo do aluno vai ser cumprido de uma forma ou de outra.

Tanto Mateus quanto Ramon entendem o uso do TelEduc na disciplina de Física como um espaço que expande as limitações de lugar e tempo da sala de aula regular. Através desse ambiente, conforme relata Mateus, é possível acessar materiais disponibilizados, por exemplo, para auxiliar na compreensão das aulas práticas. Já Ramon considera importante poder entrar em contato com o professor quando precisa de ajuda ou esclarecimentos sobre pontos que não conseguiu acompanhar em aula. Quanto ao auxílio, esse estudante comenta que, na disciplina de inglês, através do AVA, tem a possibilidade de interagir com a professora a fim de solucionar dúvidas de uma forma que, normalmente, não poderia ser feita em uma aula face a face em função do número de alunos.

Fernanda: Eu só uso no inglês. E eu acho que, eu já até escrevi isso, eu acho muito bom, sabe, que é uma forma diferente, não é aquela coisa monótona de sala de aula, sabe? (...)E eu acho que essa forma de usar a Internet para aprender inglês, eu acho que é uma coisa que vai representar muito, sabe, porque tu acaba aprendendo duas coisas, a usar a Internet e o inglês, sabe? É uma forma diferente, não é aquele negócio de um quadro negro, um monte de coisas de gramática que acaba se tornando chato, sabe? Chega uma hora que tu não agüenta mais aquilo sabe, e eu acho que foi muito bom assim. Esse ano foi meu primeiro ano, que eu tive esse negócio de ter uma sala de aula virtual e eu achei muito legal porque tipo tu tinha a hora que tu sentia, o momento que tu tinha para ter aula, tu ia lá e tinha. Eu acho muito legal.

Fernanda, que somente usa o AVA na disciplina de inglês, considera que a utilização do ambiente virtual e da Internet para viabilizar uma modalidade on-line de ensino e aprendizagem de língua estrangeira faz com que tenhamos práticas diferentes e menos monótonas do que as de sala de aula regular. Os ambientes são, sem dúvida, atraentes. Porém, relembando as colocações de Valentini e Soares (2005), não são os aparatos tecnológicos em si que determinam a aprendizagem, mas o planejamento pedagógico adequado. Essa consideração também remete a concepção de Vygotsky (1998) sobre como a aprendizagem precisa ser coerentemente organizada de forma a conduzir ao desenvolvimento. Assim, apesar da importância dos instrumentos,

tecnológicos ou não, estes não se constituirão em mediadores de aprendizagens se não houver uma organização pedagógica condizente. Essa organização, a qual leva em conta a ZPD dos alunos, os instrumentos e a interação com o outro deflagram a aprendizagem e possibilitam que os sujeitos construam novos sentidos e conhecimentos.

4.2.2.1.3 Internet e AVAs como espaços que limitam a aprendizagem e a interação

Dois aspectos referentes à virtualidade do ambiente apareceram nas colocações dos alunos nas três avaliações e em outros comentários informais na escola como fatores que limitaram a aprendizagem na experiência foco deste estudo. O primeiro aspecto está relacionado à impossibilidade de praticar a fala através do AVA e o segundo se refere à sensação de falta da presença da professora, a qual tem uma ligação com outras colocações dos alunos.

A falta da prática de fala

A menção das poucas aulas face a face para praticar a produção oral foi uma colocação constante dos alunos. Respondendo a questões sobre o que poderia ser diferente no curso e a pedidos de sugestões para o desenvolvimento das aulas ou ainda avaliando a sua própria habilidade ou a de colegas, os participantes da pesquisa citaram, direta ou indiretamente, a importância de falar em inglês para o aprendizado eficaz da língua.

Apesar de muitos alunos mencionarem como positivo o fato de não precisarem comparecer todas as semanas na escola para aulas face a face da disciplina, é também marcante o número de comentários e sugestões que, contradizendo as opiniões anteriores, citam a necessidade de aulas em que os estudantes possam se encontrar no mesmo espaço físico e de tempo para praticar a fala. Alguns desses relatos que expõem essa necessidade são transcritos abaixo.

Acho que o curso está bom, mas acho que seria melhor com mais aulas de fala, para treinar.

Comunicação eh algo essencial para o aprendizado.

Mais aulas para melhorar a fala.

Falta de prática oral [...].

Aulas presenciais às vezes para praticar pronúncia.

Aulas presenciais de fala (pronúncia) – *listening*.

Em outros relatos que também enfatizam indiretamente a importância das aulas face a face para praticar a fala, os alunos se referem a sua própria condição de aprendizes de língua estrangeira e expõem a importância que atribuem à língua falada e à necessidade que sentem de praticá-la.

Eu acho que os exercícios de fala deveriam ser mais freqüentes. Porque não sou muito bom na fala e se não exercito não aprendo.

A parte falada q no caso eh a mais importante foi minimamente aplicada nesse curso sendo que minha habilidade d escrever aumentou 100% e a de comunicação continua a mesma.

Eu escrevo textos melhor do que eu converso na língua inglesa.

Descobri q meus colegas e amigos não tiveram contato com a língua estrangeira assim como eu pois erros de gramática simples saum feitos e que poderiam ser resolvidos com mais fala!

O fato de ser um ambiente virtual e não presencial me prejudica pois minha maior dificuldade é mesmo a pronúncia e fala.

Neste curso não conversei tanto com meus colegas através do TelEduc [...].

Não pratica a conversação com outros colegas, o que prejudica as apresentações orais.

Eu sinto falta de aulas presenciais, minha pronúncia de inglês está começando a “atrofiar”.

[...] As poucas aulas presenciais foram ótimos momentos, principalmente o Getting Together, realizado no último trimestre.

No seguinte comentário, um dos participantes da pesquisa considera que as aulas *on-line* não ‘substituem’ as ‘presenciais’ nas quais é possível trabalhar a compreensão e a produção oral. Esse aluno cita a palavra ‘atualmente’ para se referir à impossibilidade de trabalhar esses aspectos através do AVA no presente por falta de recursos no ambiente para tal.

Na minha opinião nada substitui as aulas presenciais, pelo fato de poder ouvir e falar, o que não é atualmente possível no sistema do teleduc.

Ramon, um dos sujeitos da pesquisa, também evidencia a necessidade de que a fala fosse mais desenvolvida na disciplina. O aluno, contudo, não culpa o sistema por isso, uma vez que esse possibilita a prática da escrita. O que parece ser dito pelo sujeito da pesquisa nas entrelinhas é que a organização do curso deveria ser diferente de forma a contemplar a fala.

Ramon: Não, eu acho que é só essa parte que a gente devia praticar mais é a fala. Mas eu acho que não é culpa do sistema. Tem bastante escrita.

O aluno Mateus, ao expor sua opinião sobre como seria se houvesse mais aulas face a face no curso, comenta que a interação nesse tipo de encontro ajuda a desenvolver a capacidade de falar.

Pesquisadora: E ajudaria se a gente tivesse mais encontros presenciais com outras atividades?

Mateus: Sim. Eu gosto dessas atividades de encontro presencial em que tu se junta só para falar de um assunto, só para conversar, só para jogar conversa fora, só que em inglês. Eu acho que ajuda muito, muito a desenvolver a língua, a desenvolver a capacidade de falar, de argumentar, de expor a tua opinião, de depois que tu entendeu o que as outras pessoas estão querendo dizer, é..., tem ajudado bastante.

Mateus, ao ser questionado sobre como vislumbra a possibilidade de utilizar salas de bate-papo⁴⁹, periféricos como microfone e câmera e recursos para teleconferências⁵⁰, comenta a possibilidade de uso desse último recurso, através do qual é possível potencializar a presença do outro ao invés de somente enxergar o texto escrito. Para o aluno, esse tipo de recurso possibilita a ele conhecer pessoas enquanto pratica a língua.

Mateus: Olha, eu já tinha visto (inaudível) teleconferência, eu acho magnífico assim, esplêndida a idéia de teleconferência porque assim é, tu vendo a pessoa, está falando com ela. Tu tem um contato visual, tu não está vendo palavras, tu está interagindo com uma pessoa. Tu está conhecendo... conhecendo as pessoas e ao mesmo tempo aprendendo e exercitando a tua língua. Eu vejo que quando, se um dia chegar a ter essas ferramentas, todos tiverem essas ferramentas, vai facilitar e melhorar muito o sistema.

Em outro extrato de suas entrevistas, ao descrever as atividades que são desenvolvidas a partir do AVA, Mateus comenta que essas se caracterizam como eventos de interação, através dos quais o aluno exercita a fala e a expressão na língua, bem como suas habilidades de argumentar, opinar e responder perguntas.

Pesquisadora: E como é que tu avalia, Mateus, as aulas e as atividades da disciplina que são realizadas no ambiente virtual?

Mateus: As de língua estrangeira?

Pesquisadora: Sim, é. De língua estrangeira.

Mateus: As atividades, assim, são atividades de interação (inaudível), na maioria das vezes, e de escrita, bastante escrita. Tu tá praticando a parte do teu conhecimento geral da língua, de saber falar, de saber se expressar, atividades de interação que tu precisas saber argumentar, saber dar tua opinião, saber falar a respeito, falar, responder perguntas. Eu avalio como uma coisa extremamente positiva isso, esse lado todo da, do inglês no computador, porque, onde o computador, a própria programação já é em inglês.

⁴⁹ Apesar de o TelEduc disponibilizar a ferramenta Chat para a comunicação síncrona entre os participantes dos cursos organizados a partir do ambiente, a equipe que planeja os cursos optou por não utilizar este recurso por vários fatores, os quais são expostos detalhadamente em 3.2.5. As razões são as mesmas que levaram a decisão de não procurarmos outros ambientes através dos quais pudéssemos realizar encontros síncronos on-line com voz e imagem.

⁵⁰ Teleconferências são encontros síncronos com voz e imagem através do qual um ou mais palestrantes falam sobre um assunto e os demais participantes podem, em função dos recursos utilizados, ver e ouvir a palestra, bem como fazer perguntas. O termo 'teleconferência' também é usado para designar os recursos técnicos que envolvem som e imagem e que possibilitam os encontros de pessoas que estão distantes geograficamente no mesmo espaço de tempo.

A presença da professora no AVA

Em um momento de suas entrevistas, Ramon relata que seu contato com os professores através do AVA é maior do que na sala de aula regular. Ele comenta que, no ambiente virtual, o professor pode auxiliar o aluno de uma forma mais eficaz do que nas aulas, uma vez que nestas há muitos estudantes e as dificuldades individuais nem sempre podem ser consideradas.

Ramon: [...] Mas é bom o contato que nem o contato que a gente tem com o professor, que é muito maior, sabe? Eu acho. Porque ali ele pode dar atenção para um aluno sem deixar o outro empenhado, sabe? Por exemplo, a senhora pode me ajudar, coisa talvez que a senhora talvez não poderia fazer em aula para um aluno. Um aluno lá tá em dificuldade em algum ponto, não vou parar para explicar tudo de novo para ele, sabe? Eu tenho mais 31 alunos esperando a dificuldade dele sabe? Talvez até algum tenha a mesma dificuldade que eu, no caso. Só que eu acho que ali no sistema, esse fato de poder ir direto aos problemas daquele aluno, sabe? Poder responder direto as perguntas dele para ele (inaudível).

Em contrapartida, um participante da pesquisa considera que, em função das aulas on-line, houve muito pouco contato com o professor, ponto determinante para que, na sua opinião, ele aprenda. Segundo ele, nas aulas on-line não há professor e, por isso, não se aprende nada. Os relatos desse aluno sobre os pontos mencionados estão abaixo.

Neste ano eu não fiz nada para me ajudar na prática de inglês, pois esse sistema de ensino a distância é, na minha opinião, totalmente ineficiente, pois há pouco (muito pouco) contato físico com os professores.

Eu aprendi que sem professor não se aprende nada, é necessário ter aulas reais em vez de aulas virtuais, pois só assim o aluno aprende realmente.

Ramon, em outra parte de uma suas entrevistas, fala sobre a dificuldade que tem em relação às aulas on-line em função de o professor não estar sempre ao lado. Apesar de ter comentado que o contato com o professor é maior no ambiente virtual, propiciando, inclusive, mais oportunidades de ajuda quanto à solução de dúvidas, no excerto abaixo, o aluno expõe sua dificuldade quanto à organização em função de que, no ambiente virtual, o mestre não está sempre ‘em cima, cuidando, mandando, falando...’.

Pesquisadora: Eu acho que tu já falou, essas foram as tuas principais dificuldades em relação às aulas?

R: É, a minha dificuldade...

P: Mais alguma, assim, em realizar as atividades?

R: Dificuldade de não ter o professor sempre ao lado.

P: E também por não ter um professor assim cobrando... assim as coisas?

R: É, isso também.

P: Autonomia que nos falta para seguir uma agenda?

R: É, na data assim. Tudo em dia. É, eu acho que o professor ali, em cima, cuidando, mandando, falando...

Os dois alunos fizeram colocações aparentemente contraditórias em relação à percepção da presença da professora no AVA, uma vez que têm olhares diferentes em relação às experiências.

4.2.2.2 Aprendizagens relativas às interações

Na teoria sociocultural, as interações permitem que o ser humano transforme a si mesmo e ao seu mundo, aprendendo e se desenvolvendo. Aprendizagem e interação, na perspectiva vigotskiana, estão intimamente ligadas em processos que estabelecem sentidos e conferem novos significados para as ações dos seres humanos nos contextos socioculturais em que estes se inserem. Nesse sentido, as palavras de Mateus, no excerto abaixo, relacionam a aprendizagem com a vida ao dizer que, se estamos vivendo, conseqüentemente estamos aprendendo de alguma forma. O aluno desenvolve essa idéia exemplificando que, nas diferentes práticas do dia-a-dia, aprendemos sobre as pessoas, conteúdos e informações sobre diferentes contextos socioculturais.

Mateus: Além do conhecimento da língua eu acho que, se tu tá vivendo, tu tá aprendendo, se tu tá conversando com alguém novo, tu tá aprendendo sobre aquela pessoa, tu tá aprendendo sobre o país dela, se tu perguntar qualquer coisa que tu perguntar e for respondida (inaudível) é uma informação que tu nunca tinha tido antes, então é uma vantagem grande ter isso, eu acho que a grande aprendizagem minha foi a troca de informações, de conhecer as pessoas, de saber como elas reagem à pergunta, se elas são ou não prestativas, tu podes conhecer o caráter das pessoas em geral, conhecer a cultura dos países, isso aí que o computador te oferece de conhecimento.

Em outros dois comentários de Mateus sobre interação e aprendizagem, ele relaciona ambas e salienta a sua constituição enquanto sujeito através delas. O aluno relata que, nos momentos em que interage com outras pessoas, ele aprende e vai valorizando o seu eu mesmo. No excerto seguinte, ele comenta uma experiência na disciplina de inglês através da qual interagiu com uma menina da Alemanha e que, de acordo com seu próprio raciocínio, deve ter propiciado aprendizagens.

Mateus: (...) se tu interage com pessoas de outros países tu pode pegar muita coisa sobre cultura da pessoa, cultura do país, modo de vida das pessoas, a realidade, costumes, tu pega muita informação assim que é útil, tu pega muita coisa interessante, tu aprende, tu vai valorizando o teu eu mesmo. Sabe? Tu vai ficando mais culto, ao mesmo tempo que está interagindo, tu tá se divertindo, interagindo, conhecendo pessoas novas, conhecimento de pessoas que pode vir a calhar ou que pode ser interessante para um momento futuro. Acho que esse tipo de interação é legal, é bom.

Mateus: [...]. Aliás, pro inglês essa que tivemos que entrar no Interpals eu ainda estou me correspondendo com a garota, uma pessoa muito interessante. Da Alemanha.

Na terceira avaliação, vários alunos fizeram relatos sobre a aprendizagem que tiveram ao interagir com estrangeiros em três unidades de trabalho⁵¹. Para muitos, essas interações com pessoas de outros países foram as que geraram mais aprendizagens, conforme constatamos nos relatos abaixo.

Eu gostei das atividades em geral, mesmo não tendo feito algumas, mas eu gostei, porque nós nos comunicamos com outras pessoas, fizemos amigos de outras partes do mundo, e isso é bem legal.

Aprendi coisas sobre o local em que ele vivem e também o modo de viver deles.

[...] através do e-pals, aprendi sobre outras culturas, das quais não teria acesso se não fosse pelo teleduc.

Aprendi bastante com o e-pals como palavras que eu não conhecia e alguns dialetos.

Acho que, com certeza, a coisa que mais aprendi foi em relação a outras culturas, pois pude interagir com pessoas de outros países ou que já moraram em outros países, que falam a língua inglesa [...].

Ter que se corresponder com um estrangeiro, porque assim somos obrigados a nos adaptar a conversa, e se não soubermos uma palavra, temos que achar algum sinônimo.

[...] O contato com estrangeiros foi importante para a minha aprendizagem de inglês, pois por meio do que eles falavam acabei aprendendo um pouco de vocabulário.

Aprendi bastante, principalmente com os novos amigos que fiz no InterPals. Eles me ensinaram sobre o lugar onde moram, pude ter contato com gente com cultura diferente da minha [...].

Fernanda relata sobre o vínculo que estabeleceu com a amiga estrangeira com quem interagiu em função das atividades do curso. Além disso, a aluna comenta que somente conversou com os colegas da turma de inglês que pertencem à mesma turma regular dela e acrescenta que, com os demais, não houve interação.

Fernanda: Eu acho que a única que, assim, a única pessoa que eu acho que eu criei esse vínculo, foi com aquela pessoa que a gente teve que conversar que era de outro país. Com essa eu conversei bastante. Tanto que eu tenho o MSN dela, daí, um dia era feriado nacional, não sei se era dia sete, acho que era dia sete de setembro. Aí eu conversei com ela pela Internet coisa não sei o quê. Daí eu expliquei para ela que era feriado nacional. Daí ela me falou sabe, daí ela falou dos cantores que ela gosta, que ela até tinha a foto de uma cantora. Essa eu conversei, mas assim, da sala, assim, os únicos que eu tive contato foram os meus próprios colegas e tu, sabe? Daí vinha tirar dúvida sobre a atividade que tinha fazer, essas coisas, sabe? Só que os colegas das outras turmas eu nem conversei assim.

Essa falta de interação com os colegas da turma de inglês é retomada por Fernanda quando ela explica a dinâmica de suas participações nos fóruns de discussão do AVA. Ela relata que, apesar de ler as mensagens postadas pelos outros, não

⁵¹ As referidas unidades são as de número 7, 8 e 9, as quais são descritas na parte que trata do curso no capítulo da Metodologia.

conseguiu acessar a mensagem de nenhum colega e responder a ela. Fernanda, tanto no comentário anterior quanto neste, demonstra a dificuldade em interagir com os próprios colegas da turma.

Fernanda: Assim, dentro do sistema, assim, ah, a gente tinha atividades que tinham que ser feitas assim com eles. Mas eu tive, assim, pouco contato assim de trocar idéias, assim, realmente, sabe? Os fóruns que a maioria deles eu deixava a minha opinião e lia a dos outros, sabe? Mas eu não mandava a minha opinião sobre a do outro, entende? Eu lia, daí às vezes eu, bah, o último que teve agora...Eu não me lembro mais direito sobre o que era, mas eu deixei, sabe, tipo a minha. Eu lia a deles e aí eu deixei a minha, só que eu não fui no deles, sabe, para deixar a minha opinião. Eu li, fiz um geral e deixei a minha.

Mateus, ao comparar as interações com as pessoas de fora do sistema com aquelas estabelecidas com os colegas da turma de inglês, constrói sentidos que lembram os de Fernanda. Para aquele aluno, o contato com os demais participantes do curso é menor do que com as pessoas com quem ele interage em salas de bate-papo, por exemplo, o que o faz constatar a controvérsia de estar mais próximo em termos de vínculos de quem está longe geograficamente do que de quem frequenta o mesmo ambiente virtual e estuda na mesma escola. Mateus comenta que a única exceção é o contato que tem com Ramon, seu colega na turma regular.

Mateus: Eu tenho muito (ênfático) menos contato com os colegas da minha turma do que com as pessoas que eu interajo fora em sites de bate-papo e coisas porque, assim, é que coisa que parece que tu está tão perto, mas está muito mais longe, certo? Tu não tens (inaudível) Chat e falar com pessoas de outros países, então tu acaba ficando mais próximo de quem está longe do que de quem está perto. À exceção do meu amigo Ramon que é impossível não falar com ele. Eu acho que é isso.

Ramon, em uma de suas entrevistas, faz um comentário muito semelhante ao de Mateus. Para aquele aluno, é mais fácil estabelecer vínculos com o colega de sua turma regular, o qual ele encontra fisicamente nas aulas das outras disciplinas, do que com os demais participantes da turma 402.

Ramon: É, o Boldan eu vejo todo dia, né? Mas com a 402, assim, eu acho que não dá muito. Não tem união, sabe? Talvez tenha entre certas pessoas. Por exemplo, eu e o Boldan porque ele me conhece de outro lugar, sabe? Da minha turma 3123. Mas dali, do grupo mesmo, acho que falta muita união.

Em outro comentário, Ramon relata a falta de contato entre os colegas da turma, o que, em sua opinião, se deve ao fato de que não há oportunidade de conversar, provavelmente face a face, em mais aulas.

Ramon: Eu acho ruim o fato de, assim, porque falta contato com o aluno, sabe? Falta contato com o colega. Falta aquele fato de conversar em aula, sabe?

A falta de vínculos entre os colegas da turma 402 causa um desconforto em Fernanda quando há aulas presenciais, principalmente por que nestes momentos os alunos têm que se expor em práticas de fala. O relato da aluna que contém a descrição desse sentimento aparece a seguir.

Fernanda: (...) Só que, dentro da sala de aula, eu me sentia com muita vergonha, sabe? Muita vergonha. Porque tipo...Até porque eu não tive aquela conversa, tipo eu não peguei MSN, nada de ninguém para conversar assim. Quem tem, ãh, por e-mail no próprio sistema, sabe? Só que daí chegava dentro da sala e eu não tinha conversado com as pessoas. Daí, meu, eu ficava com muita vergonha. Daí até para, sabe, para me...Assim, para falar, inglês eu ficava muito envergonhada, sabe? Tipo aquele medo de errar, sabe, na frente das pessoas que tu nunca conhece, é muito maior, sabe, e daí eu ficava meio assim, tímida, sabe, até porque a nossa turma de inglês ali é muito guri e eles são muito, assim, sabe? De rir alto, essas coisas. Daí eu já me sentia meio mal, sabe? Daí eu ainda não conhecia eles direito e daí eu ficava com mais vergonha ainda. Daí eu não sabia como agir direito.

Os sentimentos que essa aluna, bem como Ramon e Mateus expressam, evidenciam que a turma 402 não se configurou como um grupo que estabeleceu relações, as quais desencadeassem aprendizagens a partir de ações compartilhadas e em colaboração entre os sujeitos.

Mateus aponta uma solução para a questão de interação entre os alunos da turma. Para ele, o trabalho poderia ser organizado de forma que houvesse mais encontros face a face na escola de forma que os estudantes se conhecessem para que fossem criados vínculos e, a partir disso, que eles trabalhassem no ambiente virtual de aprendizagem e continuassem a se conhecer nas atividades desenvolvidas através desse espaço.

Mateus: É. É meio engraçado com os colegas da escola. A gente tinha que ter mais aulas aqui na escola para se conhecer e depois trabalhar e continuar se conhecendo no Teleduc.

As colocações de Juliano e Ramon em relação à interação dos alunos com a professora no ambiente virtual demonstram que também esta precisa ser repensada nos cursos on-line oferecidos na disciplina. Enquanto Ramon percebe a existência de interação com a professora no AVA, Juliano comenta que a presença física do docente em aulas face a face é fundamental para que a aprendizagem aconteça, dando a entender que, nas aulas on-line, não há interação e, portanto, não há aprendizagem.

Ramon. Eu acho ruim o fato de, assim, porque falta contato com o aluno, sabe? Falta contato com o colega. Falta aquele fato de conversar em aula, sabe? Mas é bom o contato que nem o contato que a gente tem com o professor, que é muito maior, sabe? Eu acho. Porque ali ele pode dar atenção para um aluno sem deixar o outro empenhado, sabe? Por exemplo, a senhora pode me ajudar, coisa talvez que a senhora talvez não poderia fazer em aula

para um aluno. Um aluno lá tá em dificuldade em algum ponto, não vou parar para explicar tudo de novo para ele, sabe? Eu tenho mais 31 alunos esperando a dificuldade dele sabe? Talvez até algum tenha a mesma dificuldade que eu, no caso. Só que eu acho que ali no sistema, esse fato de poder ir direto aos problemas daquele aluno, sabe? Poder responder direto as perguntas dele para ele (inaudível).

Ramon: Eu acho que interação com o professor é muito boa. Por exemplo, a gente conversar, sabe? Eu acho legal porque assim, por exemplo, com o que eu conheço da senhora, eu não conheci nenhum professor. Eu conheci muito mais a senhora do que qualquer um outro professor.

Neste ano eu não fiz nada para me ajudar na prática de inglês, pois esse sistema de ensino a distância é, na minha opinião, totalmente ineficiente, pois há pouco (muito pouco) contato físico com os professores. (Juliano)

Em relação a interações a partir de outras atividades desenvolvidas na Internet e sem vínculo direto com o curso de língua inglesa, Mateus e Ramon relatam, em suas entrevistas, as ações que realizam e as aprendizagens que julgam ter com elas.

Mateus: Sim. Falar com os amigos não... geralmente não dá para aproveitar, acaba não aprendendo muita coisa. A gente acaba falando bobagem, só para se divertir. Mas às vezes até se consegue alguma coisa interessante sim. Dependendo do que se está falando, se tu tá falando sobre alguma coisa que tu não sabe, então tu tá aprendendo, sabe? É só, acho que... informativo.

Ramon: Ah, facilita. Facilita bastante, sabe? Mas acho que para aprender alguma coisa... Bom, serve, digamos assim, para botar a fofoca em dia, sabe? Mas, por exemplo, porque eu não consigo ter uma conversa instrutiva no MSN, sabe? Eu não consigo conversar com alguém e ensinar alguma coisa aprender alguma coisa, sabe? Eu não uso, assim. Eu acho que ninguém usa. Ah, tem gente que usa o MSN para trabalho, sabe? Mas eu não uso, só uso assim para conversar com os amigos e combinar alguma coisa... E aprender..

Ramon: Olha, aprender pode até aprende um pouco sobre a cultura local, sobre aquela localidade. Quando eu conversava com essa pessoa de São Paulo, a gente conversou um pouco sobre a violência de lá, sabe? A gente debateu um pouco sobre isso. Também a gente conversou sobre os climas, mas aprender alguma coisa para levar para a vida, acho que não.

Mateus, em uma de suas entrevistas, faz um comentário, já citado anteriormente, em que relaciona vida e aprendizagem. Para ele, se estamos vivendo, conseqüentemente estamos aprendendo. Se por um lado é verdade que estamos aprendendo a todo o momento nas ações que desempenhamos e nas interações que temos com nossos semelhantes, também é verdade que o ser humano necessita de atividades organizadas com intuito de conduzir à aprendizagem. Nos relatos acima, por exemplo, Mateus e Ramon sugerem que as práticas que desempenham no ciberespaço e que não são vinculadas a atividades educacionais organizadas, de certa forma, deixam a desejar em relação à aprendizagem, o que transparece em algumas expressões usadas por esses alunos como: ‘geralmente não dá para aproveitar, acaba não aprendendo muita coisa’ e ‘porque eu não consigo ter uma conversa instrutiva no MSN’.

Este raciocínio remete à asserção de Vygotsky (1988) sobre aprendizagem relacionada a uma organização adequada de atividades, a qual ativa os processos de desenvolvimento. As colocações de Mateus e Ramon e a afirmação de Vygotsky remetem à importância que o estudioso russo atribuía às intervenções pedagógicas que ocorrem na escola enquanto mediadoras da aprendizagem, destacando a importância dos professores para conduzir a mediação, detectar o nível de desenvolvimento potencial e promover o trabalho dentro da zona de desenvolvimento proximal.

4.2.2.3 Aprendizagens relativas à Língua Estrangeira

No seguinte comentário de um dos participantes da pesquisa e no excerto abaixo de uma das entrevistas de Ramon, temos posições antagônicas para as concepções de teoria e prática no ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Posso afirmar que um dos pontos positivos do método EIAD é a fato de não precisarmos comparecer todas as semanas em aulas teóricas em sala de aula, isso contribui muito no tempo que podemos reservarmos para outras atividades.

Ramon: Olha, assim ó, duas coisas. Eu acho que tem duas falhas, sabe? Uma é a falta de uso do inglês, a falta da prática de falar o inglês, sabe? De exercitar o inglês. Eu acho que isso a gente não tem quase nada, né? Tirando a apresentação e ainda um texto decorado, de uma conversa onde a pessoa fala mais. Por exemplo, ali no TelEduc tu escreve, tu mostra em palavras o que tu pensa, mas não sai a mesma coisa do que se tu for falar. Não é o mesmo exercício, a prática do, por exemplo, a gente fica só na...

Pesquisadora: Escrevendo?

Ramon: É, só ali na teórica do inglês, sabe? Não está praticando o inglês. Eu acho que isso é um ponto a menos.

Pesquisadora: É, talvez seja uma prática, mas uma prática de escrita.

Ramon: É uma prática, é assim, eu acho, eu acho, eu considero assim... Eu falo o teórico do inglês, sabe? Porque tu aprender ali é, a proposta inicial do inglês é aprender a escrever, depois é que tu vais aprender a falar em inglês, a ouvir em inglês, sabe? Eu acho que falta muito, é um ponto muito fraco. Outro ponto muito fraco é a ajuda que tu tem ali, né? Por exemplo, se tu for honesto e for fazer assim o exercício, mas se não qualquer coisa ali tu pode usar o tradutor. Se tu não souber usar, tu te deixa levar, sabe? (inaudível) Facilita muito, às vezes tem as expressões também, sabe?

Enquanto o comentário de um dos participantes para uma das avaliações relaciona as aulas face a face como teóricas, Ramon desenvolve o sentido oposto. Na opinião dele, as aulas on-line é que são teóricas. Os alunos concebem os espaços de forma oposta, um no qual se aprende sobre a língua e outro no qual se vai usá-la. Porém, os sentidos que constroem para o fenômeno de aprendizagem de língua estrangeira se aproximam na medida em que consideram que primeiro se aprende aspectos sobre o


sistema lingüístico para depois usá-los. Essa concepção se opõe à do curso, a qual prevê o ensino da língua através do seu uso.

Mateus, por outro lado, compreende que, nas interações com as outras pessoas, aprendemos sobre elas e a como se relacionar com elas. Além disso, o aluno considera que, no uso da língua em interação, aprendemos a usá-la, por exemplo, desenvolvendo vocabulário e negociando sentidos para que sejamos compreendidos.

Mateus: Olha, o que eu posso aprender sobre a interação com as outras pessoas é assim. Eu acabo aprendendo sobre as pessoas, como se lidar com as pessoas. Isso é relação humana, não precisa ser necessariamente humana, pode ser por via e-mail, porque a pessoa está mostrando a personalidade dela no momento que ela está falando também, sabe? Hoje, aqui no inglês, tu aprende a lidar com as pessoas, tu aprende a, tu aprende a desenvolver teu vocabulário, tu acaba se esforçando mais porque muitas vezes a pessoa não entende e tem que tentar explicar e isso é muito bom pois tu acaba exercitando todo o teu conhecimento sobre aquela língua. Eu acho que falar, assim, com essas pessoas é um aprendizado bem básico.

As práticas on-line previam a interação entre os participantes do curso e entre eles e outras pessoas que falam inglês. Como mencionado na parte que trata das interações, os alunos atribuíram diferentes sentidos à comunicação que ocorreu no curso. Enquanto muitos citaram as interações com o *e-friend* como positivas e como significativas para o seu aprendizado, as interações on-line com os colegas de aula não cumpriram esse objetivo nas palavras de outros. Já as interações com a professora foram positivas e geraram aprendizagens segundo o relato de alguns, enquanto outros comentam que elas não se efetivaram.

Essas avaliações sobre a falta de interação com os colegas da turma de inglês e com a professora não implicam dizer que esses momentos não aconteceram e, como exemplo, cito a seguinte situação, a qual se refere a uma interação entre mim e uma aluna, a qual foi efetiva e gerou aprendizagem. Ao ler o relato que ela havia feito sobre o amigo que ela tinha conhecido através de um *site* (figura 3.11), notei que ela utilizava o verbo *'pretend'* como 'pretender'. Uma vez que este verbo é um falso cognato e seu significado em Português é 'fingir', escrevi o comentário sobre o texto dela (figura 3.12) fazendo perguntas, mas não 'ensinando' de forma expositiva sobre o verbo em questão (figura 3.13) e, sem que eu esperasse, ela enviou um e-mail relatando que tinha procurado o significado em um dicionário e tinha entendido a diferença.

Individual Portfolios		
View Other Items	Record of Previous Changes	Comment
Title	Date	Access Mode
 My e-Friend!	09/07/2006 18:58:37	Unrestricted Access

Text

Alice is a 16 years old Italian girl; she is thin, and has a long, curly, brown hair. She lives in Florença, witch is really knew for its pretty palaces and cathedral, she loves living there, but just because she have nice friends, school, and likes the city, not because of the monumental contractures that we listen about Florença, because Alice don't care about arts, and she had just visited this places once, and it was with her school!

She doesn't know much about Brazil, just know the Brazilian soccer players name, Brazilian carnaval, and few Brazilian music.

She doesn't like to go to discos or shows, but she likes to go to her friend's house, or go to the movies with them.

She loves pizza, and pasta, as she sad: "like any Italian".

Alice love soccer! So she became really, really, really happy with the result of the last world cup! She even told me that she didn't understand what happened with the Brazilian time there! Every week she have English classes, she loves to go to the gim, goes almost every day, and she does swimming classes too!


In her free time she likes to watch TV, and listen to music, like almost every young girls of the world.

She told me that she is in that site because she have to do a work for school too, she is doing a work about soccer, that is something that she likes to talk about, and she intend do find out what normal people think about soccer around the world. She asked me so many questions! Even more that I did.

Well, she said that she doesn't like to go to school very much, but there are some subjects that she prefers, like history and chemtry. And she loves to learn languages, she is finishing her English course, and intend to do a French one next year.

Figura 4.5: Texto sobre e-friend colocado no Portfólio da aluna

Portfolio – Comment

 My e-Friend!

Author	Date
Andrea Escobar	09/06/2006 19:26:53
Comment	

How can someone who lives in Florence not visit the wonderful places they have there? She is nuts!!!! It must have been very nice to talk to someone from Italy. Were you the one who found her? You've got two surnames which are Italian, right? Didn't she ask you about this?

By the way, what's the difference between 'pretend' and 'intend', Juliana? Which one means 'pretender'? What is the meaning of 'pretend'? Can you give me an example?

Figura 4.6: Comentário da professora sobre o texto da figura 3.11 colocado no Portfólio da aluna

Sender	Recipients	Date
Karina	Andrea Escobar	09/07/2006 19:07:02
Subject		
Pretend or Intend?		
Message		
<p>Yes this was a huge mistake at my text! ahuahua And I wrote it in two diferent parts! I look out into the dictionaries and found the real meanig of pretend(fingir), and l've changed it in my text! Well you asked us to remmember you to send our grates, so: Send my grate, please! ;] Well, see you!</p>		

Figura 4.7: E-mail enviado pela aluna

De acordo com as reflexões acerca dos registros, foi possível perceber que os sentidos construídos pelos indivíduos sobre a prática pedagógica foram muitas vezes contraditórios e em outras se alinharam. Esses registros revelaram que os sujeitos construíram sentidos sobre o contexto próximo, sobre as interações e sobre as aprendizagens no evento, considerando a experiência de ensino e aprendizagem em si, incluindo nela a organização pedagógica, bem como suas vivências anteriores, o contexto sociocultural e as outras pessoas com que interagiram. A interação entre os estudantes e a professora-pesquisadora propiciou que todos elaborassem sentidos a partir da relação entre o evento pedagógico e a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de estudo que é concluído neste momento, de forma alguma indica que as questões dessa pesquisa estejam permanentemente respondidas e que se tenham esgotado as indagações e reflexões que acompanharam os sujeitos no percurso desse estudo. Porém, foi necessário que fosse estabelecido um fim de modo que as ações que fizeram parte das vivências fossem retomadas e que novas reflexões e vivências fossem vislumbradas.

Este estudo teve como objetivo refletir sobre os sentidos construídos pelos alunos e professora ao utilizar um ambiente virtual de aprendizagem em uma modalidade de Educação On-Line para viabilizar a prática educacional relativa à Língua Inglesa. As reflexões acerca dos sentidos construídos pelos alunos-participantes da pesquisa e pela professora-pesquisadora na experiência permitiram que esses sentidos fossem vislumbrados, os quais estavam, em muitos casos, velados até mesmo para os próprios sujeitos. Isso implica dizer que, no processo de pensar os sentidos, os indivíduos retomaram idéias, crenças, percepções, opiniões e construíram novos sentidos sobre as práticas educacionais.

Ao ir ao encontro das respostas para as indagações que deflagraram este trabalho, eu, professora-pesquisadora, bem como todos os participantes desta pesquisa, tecemos sentidos e tomamos consciência sobre aspectos relativos ao contexto próximo, às aprendizagens e às interações.

Nos momentos em que priorizaram a geração dos diversos registros dessa pesquisa, os alunos voltaram suas reflexões para a experiência de ensino e aprendizagem e para si mesmos enquanto aprendizes e revelaram os sentidos construídos durante esse processo de reflexão, o qual envolveu questões que levaram os participantes a pensar sobre si próprios e argumentar sobre a experiência. A possibilidade de os envolvidos olharem para si e para o evento se relaciona à proposta

de pesquisa com cunho etnográfico, a qual tem por foco a ‘percepção que os participantes têm da interação lingüística e do contexto social em que estão envolvidos’ (MOITA LOPES, 1996).

A abertura para que os indivíduos participantes da pesquisa reflitam também se relaciona à base das pesquisas qualitativas, as quais buscam uma compreensão detalhada dos sentidos construídos pelos sujeitos a partir do contexto. Essa concepção que dá voz aos participantes da pesquisa também se refere ao paradigma construtivista, o qual implica que o pesquisador e os sujeitos deflagrem a construção dos sentidos durante o estudo.

Os sentidos construídos por mim como professora - pesquisadora fizeram com que eu percebesse a importância da realização de pesquisas nos contextos educacionais. As minhas considerações sobre as ações, interações e aprendizagens intrínsecas ao processo pedagógico proporcionaram a reflexão sobre as mesmas e lançaram as bases para a construção de sentidos sobre as práticas educacionais, bem como para propor aprimoramentos em práticas futuras. As reflexões se tornaram possíveis em função dos objetivos que cercearam o estudo. Porém, os conhecimentos que foram internalizados a partir de processos interpessoais e intrapessoais na relação com a fundamentação teórica possibilitaram a significação a partir da transformação dos dados em sentidos. Sem o referencial teórico, muitos dos sentidos construídos a partir dos registros poderiam não ser percebidos pela pesquisadora. Afirmando, assim, que a teoria sociocultural e a concepção de dialogia bakhtiniana estiveram presentes de forma constante nesta investigação.

Em relação ao contexto próximo e às aprendizagens e interações nesse ambiente, saliento que poderiam ser estudadas sob diversos prismas. Nesse estudo, as categorias referentes aos sentidos foram construídas a partir dos objetivos de pesquisa, da fundamentação teórica, das reflexões dos participantes e do olhar da pesquisadora ao considerar todos esses elementos. O recorte precisou ser feito para que gerasse resultados em relação aos sentidos construídos a partir do evento educacional.

Saliento que os instrumentos para registro da experiência, com destaque para as entrevistas, juntamente com a minha prática pedagógica como professora do grupo, possibilitaram a construção de sentidos densos. Além disso, em função das oportunidades de fazer reflexões sobre as vivências na geração dos registros, a relação

entre professora-pesquisadora e sujeitos-pesquisados foram intensificadas, fazendo com que os participantes se reconhecessem como sujeitos e que as reflexões fossem dinâmicas e significativas.

Os sentidos construídos neste estudo permitem que eu saliente que os computadores, a Internet e os AVAs, devido às suas características e possibilidades, podem se configurar como instrumentos potencializadores de aprendizagens e interações, possibilidades essas que vão sendo expandidas com os avanços tecnológicos e com as descobertas que os seres humanos vão fazendo para esses recursos nas práticas, confirmando que a invenção e a concretização dos usos que se faz dos instrumentos dependem dos seres humanos.

Os sentidos construídos nesta pesquisa apontam para um movimento na direção de um redimensionamento das noções de espaço e tempo com o uso de ambientes virtuais de aprendizagem, onde o evento aula, por exemplo, pode ser configurado pelo ‘realizar ações interagindo com o grupo e trabalhando de forma colaborativa’ e não pelo ‘estar presente fisicamente’ em determinado horário e local.

Em função da virtualidade do contexto próximo e da possibilidade de estabelecimento de um outro tempo e um outro lugar, foi possível desenvolver práticas pedagógicas on-line, as quais foram positivas para os alunos que viram as possibilidades de um outro espaço e tempo para organizar as aulas e atividades da disciplina. Um sentido que vai de encontro ao anterior, porém, também foi construído na pesquisa, o qual concebe que, nas aulas on-line, a aprendizagem e as interações não se efetivam. Nessa visão, somente as aulas face a face viabilizam a aprendizagem, já que as suas características são consideradas como essenciais, qualidades essas que identificam a aprendizagem sempre ocorrendo em eventos que têm lugar no espaço físico da sala de aula, em um tempo determinado e onde a presença do professor é visível.

Ao relacionar as dificuldades enfrentadas por alguns alunos quanto ao uso do computador, da Internet e do AVA, houve evidência de que as condições materiais são inseparáveis dos sentidos construídos, bem como também são as experiências a que têm ou tiveram acesso os indivíduos e a constituição dos sujeitos a partir das vivências.

As aprendizagens que se deram através do diálogo com os entrevistados comprovaram que os recursos tecnológicos não são os fatores determinantes para que a aprendizagem aconteça. Mesmo instrumentos de última geração não serão eficazes se

não houver um planejamento pedagógico adequado, uma vez que informações não implicam conhecimento e recursos para comunicação não necessariamente estabelecem interações que desencadeiam aprendizagens.

Em relação às interações, vários alunos conceberam como significativa a interação com o amigo virtual, a qual possibilitou que os estudantes aprendessem a língua através do seu uso. Quanto às interações com a professora, os sentidos construídos foram contraditórios: um aluno relatou que interagiu e conheceu mais a professora com a qual interagiu através do ambiente virtual do que os demais professores, enquanto outro estudante comentou não aprender nada com as atividades *on-line*, uma vez que, neste espaço, não percebe a presença de um professor. Os sentidos construídos sobre as interações com os colegas da turma demonstraram a insatisfação com o fato de ela, na opinião dos alunos, não ter sido efetiva. Constatando que, por não interagirem e colaborarem uns com os outros para construir conhecimentos em conjunto, os estudantes demonstraram o seu descontentamento em relação a esse aspecto, o qual pode estar ligado ao planejamento pedagógico e à condução das atividades.

A aprendizagem da língua estrangeira através da interação com as outras pessoas, nas palavras de um dos sujeitos da pesquisa, gerou, além de desenvolvimento através do uso da língua em situações reais, conhecimentos sobre os seres humanos, o que também ocorreu comigo em relação às interações que tive com os alunos que participaram nesta pesquisa.

Todas as ações são geradoras de aprendizagem, porém, as atividades que são organizadas com intuito de promovê-la são aquelas que têm mais crédito na visão dos alunos. Um dos casos se refere às atividades desenvolvidas na Internet sem propósitos pedagógicos, as quais não são concebidas como geradoras de aprendizagem nas vozes de alguns alunos. Dessa forma, os estudantes indiretamente mostram a importância da escola e das intervenções pedagógicas dos professores para que os contextos possam ser utilizados para promover a educação e para que eles se constituam como sujeitos e estabeleçam sentido para as ações, além de utilizar essas ações para promover a aprendizagem no diálogo com o outro.

É possível ainda acrescentar que as experiências e os contextos vivenciados pelos participantes e sujeitos da pesquisa se relacionam de forma estreita com os

sentidos construídos por eles em relação às aprendizagens e interações. Assim, esses sentidos poderiam ser diferentes se a prática pedagógica e a configuração do ambiente fossem outras.

Uma vez que essa pesquisa trouxe à tona aspectos que traduzem os sentidos construídos por alunos sobre os ambientes virtuais e as aprendizagens e interações nesses espaços, saliento que esse estudo pode contribuir para com as práticas pedagógicas daqueles professores que utilizam ou que venham a utilizar ambientes virtuais.

Destaco que, como possibilidade de estudos futuros que dêem continuidade a essa pesquisa, podem ser desenvolvidos trabalhos que priorizem o planejamento de práticas pedagógicas que busquem potencializar interações e aprendizagens nos ambientes virtuais e que contribuam para a configuração desses espaços como lugares de aprendizados.

Ao finalizar, quero ressaltar uma de minhas próprias aprendizagens no processo desse estudo: a fim de ouvir os sentidos construídos pelos alunos, precisei dar vez e ouvir a voz do outro para que eu pudesse construir meus próprios sentidos em relação àqueles construídos pelos alunos e, assim, pudesse constituir a mim mesma como sujeito nessa pesquisa e em meu próprio percurso de conduzir meus alunos ao aprendizado.

REFERÊNCIAS

AULANET. Disponível em <http://groupware.les.inf.puc-rio.br/groupware/>. Acesso em: 20 fev. 2006.

ABRANET. *Associação Brasileira dos Provedores da Internet*. Disponível em <http://www.abranet.org.br>. Acesso em 20 de novembro de 2006.

AVA. Disponível em: <www.ava.unisinos.br/>. Acesso em: 20 fev. 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo*. EDUC, 1996.

CARELLI, Izaura Maria; WADT, Maria Paula Salvador; SPRENGER, Terezinha Maria. Um relato de experiência de três professoras virtuais. In: COLLINS, Heloisa; FERREIRA, Anise (Orgs.). *Relatos de Experiência de Ensino e Aprendizagem de Línguas na Internet*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 129-53.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTRO, Ilsa Helena de Souza. *Intercâmbio de E-Mails Mediando Inter(netspeak): Relações para o desenvolvimento de competências comunicativas em Língua Inglesa*. São Leopoldo: Unisinos, 2005. 165 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

COLLINS, Heloisa. Interação e permanência em cursos de línguas via Internet. In: _____; FERREIRA, Anise (Orgs.). *Relatos de Experiência de Ensino e Aprendizagem de Línguas na Internet*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 51-80.

DEMO, Pedro. *Pesquisa e construção do conhecimento: Metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

Dicionário de Termos "Internet". Disponível em:
<http://orbita.starmedia.com/~neto_suporte/dicionariodetermos.htm>. Acesso em: abr. 2006.

DONATO, Richard. Sociocultural contributions to understanding the foreign and second language classroom. In: LANTOLF, J. P. (ed). *Sociocultural Theory and Second Language Learning*. Oxford: OUP, 2000.

FAUSTINI, Christiane Heemann. Educação a distância: Um curso de leitura em língua inglesa para informática via Internet. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (org.). *Interação e Aprendizagem em Ambiente Virtual*. Belo Horizonte: FALE – UFMG, 2001. p. 249-69.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin**: Psicologia e Educação: um intertexto. 1. ed. São Paulo: Ática, 1994.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas técnicas para o trabalho científico*; Elaboração e formatação. Com explicitação das Normas da ABNT. 14. ed., ampl. e atualiz. Porto Alegre: s.n., 2006.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (org). *O texto na sala de aula – leitura e produção*. São Paulo: Ática, 1997.

GERVAI, Solange M. S. Chats em Contextos de Aprendizagem. In: COLLINS, Heloisa; FERREIRA, Anise (Orgs.). *Relatos de Experiência de Ensino e Aprendizagem de Línguas na Internet*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-104.

GIBSON, William. *Neuromancer*. São Paulo: Aleph, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2001.

História da Internet. Disponível em <<http://www.abranet.org.br/home>>. Acesso em: 27 mar. 2007.

LANTOLF, James P. Introducing sociocultural theory. In: LANTOLF, J. P. (ed.). *Sociocultural Theory and Second Language Learning*. Oxford: OUP, 2000.

LEFFA, Vilson J. Interação simulada: Um estudo da transposição da sala de aula para o ambiente virtual. In: LEFFA, Vilson J. (org). *A Interação na Aprendizagem das Línguas*. 2. ed. Pelotas: Educat, 2006.

LEMOS, André. *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *O que é o Virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. Traduzido por Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editor 34, 1999.

_____. *A Inteligência Coletiva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LITWIN, Edith. *Educação a Distância: Temas para o debate de uma nova agenda*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LONGARAY, Elisabete Andrade & LIMA, Marília dos Santos. O papel da interação na aquisição de segunda língua. *Revista Entrelinhas*, v. III, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em: <www.entrelinhas.unisinos.br>. Acesso em: mar. 2007.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Contribuições da pesquisa sócio-histórica para a compreensão dos contextos interacionais da sala de aula de línguas: foco na formação de professores. *The ESPspecialist*, São Paulo, v. 17, n. 1, jan. 1996. Disponível em: <<http://www2lael.pucsp.br/especialist/>>. Acesso em: nov. 2006.

MARSHALL, Catherine & ROSSMAN, Gretchen B. *Designing Qualitative Research*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1999.

MATTOS, Carmen Lúcia G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: *Revista Espaço*, n. 16, jul./dez. 2001. Disponível em: http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogr_para%Monica.htm> Acesso em: mar. 2006.

MELLO, Guiomar Namó de. Afinal, o que é competência? *Revista Nova Escola*, n. 260, mar. 2003. Disponível em: <<http://novaescola.abril.com.br>>. Acesso em: set. 2006.

Ciência, tecnologia e inovação: desafio para a sociedade brasileira - *livro verde* / Coordenado por Cylon Gonçalves da Silva e Lúcia Carvalho Pinto de Melo. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia / Academia Brasileira de Ciências. 2001.

MOITA LOPES, L.P. da. *Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOLON, Susana I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. Cultura – A dimensão psicológica e a mudança histórica e cultural. *III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural*. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2330.doc>>. Acesso em: nov. 2006.

MORAN, José Manuel (2002). *O que é Educação a Distância*. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>. Acesso em: mar. 2007.

_____. (2003). *Contribuições para uma pedagogia de Educação On-Line*. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moram/contrib.htm>. Acesso em: jan. 2007.

NEVES, José Luis. *Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades*. Disponível em: <www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>. Acesso em: mar. 2006.

NORTE, Mariângela Braga. Estudo cooperativo e auto-aprendizagem de línguas estrangeiras por meio de tecnologias de informação e comunicação. In: BARBOSA, Rommel Melgaço (Org.). *Ambientes Virtuais de Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

OHTA, Amy Snyder. Rethinking interaction in SLA: developmentally appropriate assistance in the zone of proximal development and the acquisition of L2 grammar. In: LANTOLF, J. P. (ed). *Sociocultural Theory and Second Language Learning*. Oxford: OUP, 2000.

OKADA, Alexandra. L. P. & SANTOS, Edméa O. dos. *A construção de ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no ciberespaço*. Disponível em: <http://projeto.org.br/alexandra/pdf/8_anped2003_okada&santos.pdf>. Acesso em: fev. 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotski: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

_____. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, n. 12, set./out./nov./dez. 1999.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Aprendendo inglês no ciberespaço. In: _____ (Org.). *Interação e Aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE – UFMG, 2001. p. 270-305.

_____. Como se aprende uma língua estrangeira? In: ANASTÁCIO, E. B. A.; MALHEIROS, M. R. T. L.; FIGLIOLINI, M. C. R. (Orgs). *Tendências contemporâneas em Letras*. Campo Grande: Editora da UNIDERP, 2005.

_____. Feedback em Ambiente Virtual. In: LEFFA, Vilson J. (org). *A Interação na Aprendizagem das Línguas*. 2. ed. Pelotas: Educat, 2006.

PETTERS, Otto. *Didática do Ensino a Distância: Experiências e estágio da discussão numa visão internacional*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

_____. *A educação a distância em transição*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 003.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: Na construção de uma escola para os próximos 500. Fundação Liberato, Novo Hamburgo, 2000.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROODA. Disponível em: <<http://rooda.edu.ufrgs.br>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

SCHLEMMER, Eliane. Metodologias para educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem. In: BARBOSA, Rommel Melgaço (Org.). *Ambientes Virtuais de Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, Ana Catarina Lima. (2000). *Um Panorama do Ensino de Graduação a Distância no Brasil*. Disponível em: <<http://www.ccuac.unicamp.br/revista/infotec/artigos/anacatarina.html>>. Acesso em: mar. 2007.

TAKAHASHI, Tadao (Org). *Sociedade da Informação no Brasil: Livro verde*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível para download em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/4809.zip>.

TELEDUC. Disponível em: <<http://teduc.nied.unicamp.br/teduc>>. Acesso em 20 fev. 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Bases Teórico-Methodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: Idéias gerais para a elaboração de um Projeto de Pesquisa*. Porto Alegre: UniRitter, 2001. (Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis, v. 4)

VALENTINI, Carla; SOARES, Eliane. Sobre Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAS). In: VALENTINI, Carla Beatriz; SOARES, Eliana Maria do S. (orgs.). *Aprendizagem em Ambientes Virtuais: Compartilhando idéias e construindo cenários*. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

VEER, René Van Der; VALSINER, Jaan. *Vygotsky: Uma síntese*. São Paulo: Loyola, 1996.

VILLELA, Paula. *As TICs precisam ser explicadas na mídia*. Sete Pontos, n. 20, nov. 2004. Disponível em: <http://www.comunicacao.pro.br/setepontos>. Acesso em Dez. 2006.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário



Questionário

Este questionário tem como objetivo gerar dados que servirão de base para a pesquisa intitulada “Interação no Ensino / Aprendizagem de Língua Inglesa em um Ambiente Virtual”, a qual está vinculada ao Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e que tem a professora Andréa Maria Escobar como pesquisadora.

Solicito que você responda ao questionário. Seus dados serão de grande importância para minha pesquisa.

1) Descreva a rotina, hábitos, costumes, preferências e atividades de tempo livre tanto seus quanto de sua família.

2) Descreva o seu aprendizado e experiências com a língua inglesa (na escola e em outros ambientes).

3.a) Descreva seu aprendizado e experiências com computadores e Internet (na escola e em outros ambientes).

b) Há quanto tempo você usa computadores?

c) Você tem computador em casa?

() Não () Sim

De que recursos você dispõe? (softwares e periféricos)

d) Você costuma usar a internet?

() Não () Sim

Com que frequência, por quanto tempo e que usos você faz da Internet?

Você acessa a Internet em outros lugares além de sua casa?

() Não () Sim Quais? _____

4) Você já tinha participado de algum projeto / atividade educacional que utilizasse ambientes virtuais para aprendizagem?

() Não () Sim Relate.

Data: _____

Obrigada por sua participação nessa pesquisa.

Professora Andréa Escobar

APÊNDICE B – Informações sobre a primeira entrevista para os sujeitos



Primeira Entrevista

Esta entrevista tem como objetivo gerar dados que servirão de base para a pesquisa intitulada “Interação no Ensino / Aprendizagem de Língua Inglesa em um Ambiente Virtual”, a qual está vinculada ao Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e que tem a professora Andréa Maria Escobar como pesquisadora.

O evento será gravado para posterior transcrição. Solicito que você responda às perguntas que vou fazer. Seus dados serão de grande importância para minha pesquisa.

Data, horário de início e término e assinatura:

Obrigada por sua participação nessa pesquisa.

Professora Andréa Escobar

APÊNDICE C - Roteiro de perguntas para a primeira entrevista

Dados pessoais

Nome: _____

Idade: _____ Data de nascimento: _____

Série: _____ Curso: _____

Filiação

Nome do pai: _____

Profissão: _____

Grau de escolaridade: _____

Nome da mãe: _____

Profissão: _____

Grau de escolaridade: _____

Irmãos

Nomes: _____

Idades: _____

Profissões e graus de escolaridade: _____

- 1) Qual a sua opinião sobre computadores e Internet?
- 2) Qual a sua opinião sobre aprender línguas estrangeiras / inglês?
- 3) O que você aprende e o que se pode aprender ao usar computadores e Internet?
O que se pode aprender ao interagir com outras pessoas através dos recursos da Internet?
- 4) Você costuma interagir com outras pessoas na Internet? Com que frequência? Com quem? Através de que recursos (e-mail, salas de bate-papo, MSN, Orkut, jogos, etc.)?
Como são essas interações? Qual(is) a(s) língua(s) utilizada(s)? Quais são os tópicos?
Você aprende com essas interações? (Se a resposta for sim) O que você aprende?

APÊNDICE D – Informações sobre a segunda entrevista para os sujeitos**Segunda Entrevista**

Esta entrevista tem como objetivo gerar dados que servirão de base para a pesquisa intitulada “Interação no Ensino / Aprendizagem de Língua Inglesa em um Ambiente Virtual”, a qual está vinculada ao Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e que tem a professora Andréa Maria Escobar como pesquisadora.

O evento será gravado para posterior transcrição. Solicito que você responda às perguntas que vou fazer. Seus dados serão de grande importância para minha pesquisa.

Nome, assinatura, data, horário de início e término:

Obrigada por sua participação nessa pesquisa.

Professora Andréa

APÊNDICE E - Roteiro de perguntas para a segunda entrevista

Roteiro de perguntas para a segunda entrevista

A) Sobre o ambiente virtual de aprendizagem

1) Qual a sua opinião sobre o uso de ambientes virtuais de aprendizagem na escola? E nas aulas de Língua Inglesa? / Qual a sua opinião sobre estudar através do computador? E sobre estudar inglês através do computador?

2) Como você avalia as aulas e as atividades dessa disciplina realizadas no ambiente virtual?

3) Quais foram as suas dificuldades nessa experiência de ensino / aprendizagem?

B) Sobre as interações e aprendizagem no ambiente

1) Como você descreve as interações que aconteceram no ambiente virtual? / Como você descreve seu relacionamento com os colegas da turma através do ambiente digital?

2) Quais as principais dificuldades na interação?

3) Você estabeleceu vínculos com as pessoas com as quais interagiu?

4) Quais as contribuições dessas interações para você?

5) Qual a sua avaliação sobre o aprendizado de inglês nesse ambiente virtual?

6) Você teve outros aprendizados, além da aprendizagem da língua inglesa, com a experiência? Quais?

7) O que significavam para você o computador e a Internet enquanto espaços de interação e aprendizagem antes dessa experiência? O que significam agora?

APÊNDICE F – Registros da primeira avaliação

Basic 402

Portfolio - View Portfolio Item [Busca](#)

Alexandra Paola Ritzel
Root

Individual Portfolios		
View Other Items	Record of Previous Changes	Comment
Title	Date	Access Mode
Avaliação EIAD	06/12/2006 08:51:42	Instructor Access
Text		
<p>1. Você realiza as tarefas do EIAD <input type="checkbox"/> em casa <input type="checkbox"/> na escola <input type="checkbox"/> outro lugar: _____</p> <p>2. Comente sobre os pontos positivos do EIAD. Os temas podem ser feitos em qualquer lugar (em casa, no liberato...) porque ficam armazenados no site.</p> <p>3. Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre. Fazer algumas tarefas no prazo, um pouco de dificuldade com os exercícios de linguagem.</p> <p>4. Faça sugestões para os próximos trimestres. Poderíamos fazer mais atividades de interagir com os outros alunos da turma.</p>		
Comment	Author	
Comment made on 07/03/2006 09:37:27	Andréa Escobar	

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

Alexandre Machado Klauk
Raiz

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar	
Título	Data	Compartilhamento	
avaliações do EIAD	15/06/2006 20:09:59	Totalmente Compartilhado	
Texto			
<p>1. Você realiza as tarefas do EIAD <input type="checkbox"/> em casa <input checked="" type="checkbox"/> na escola <input type="checkbox"/> outro lugar: _____</p> <p>2. Comente sobre os pontos positivos do EIAD. Não gosto muito do ensino à distância porque aqueles que não tem acesso à internet em casa como eu, saem muitas vezes prejudicados.</p> <p>3. Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre. Realizar as atividades no prazo.</p> <p>4. Faça sugestões para os próximos trimestres. Prazo maior para as atividades.</p>			
Comentário	Emissor		
Comentário feito em 03/07/2006 09:40:56	Andréa Escobar		

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

TelEduc

Visão de Formador
Visão de Aluno

Estrutura do Ambiente

Dinâmica do Curso
Agenda
Avaliações

Atividades
Material de Apoio
Leituras
Perguntas Frequentes
Exercícios

Mural
Fóruns de Discussão
Bate-Papo
Correio

Grupos
Perfil
Diário de Bordo
Portfólio

Acessos
Intermap

Configurar
Administração
Suporte

Sair

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Daniela Rodrigues Luchini](#)
[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar	
Título	Data	Compartilhamento	
avaliação do eiad	19/06/2006 02:16:19	Compartilhado com Formadores	

Texto

- Você realiza as tarefas do EIAD
(x) em casa () na escola () outro lugar: _____
- Comente sobre os pontos positivos do EIAD.
~*Poder fazer as tarefas em casa, quando temos tempo e vontade de realizá-las.
- Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre.
~*A única dificuldade foi que muitas vezes eu não consegui acessar o site do teleduc.
- Faça sugestões para os próximos trimestres.
~*Acredito que poderíamos ter mais tempo para entregar as tarefas, devido ao grande volume de tarefas que nos é solicitado em uma única vez.

Comentário	Emissor
Comentário feito em 03/07/2006 09:43:00	Andréa Escobar

Concluído

Internet 100%

Iniciar

Andréa

Dados - Microsoft Word

TelEduc - Windows In...

PT

14:23

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

TelEduc

Visão de Formador
Visão de Aluno

Estrutura do Ambiente

Dinâmica do Curso
Agenda
Avaliações

Atividades
Material de Apoio
Leituras
Perguntas Frequentes
Exercícios

Mural
Fóruns de Discussão
Bate-Papo
Correio

Grupos
Perfil
Diário de Bordo
Portfólio

Acessos
Intermap

Configurar
Administração
Suporte

Sair

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Fernanda Klauck](#)
[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar	
Título	Data	Compartilhamento	
"Avaliação do EIAD"	12/06/2006 17:19:02	Compartilhado com Formadores	

Texto

- Você realiza as tarefas do EIAD
(X) em casa () na escola () outro lugar: _____
- Comente sobre os pontos positivos do EIAD.
É positivo, pois podemos aprender de uma maneira diferente, optendo resultados legais. Não precisamos trabalhar naquela rotina de sempre, escola, trabalho e prova. No EIAD visitamos sites diferentes, trabalhamos com coisas diferentes e conhecemos novas pessoas.
- Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre.
Foi um pouco difícil para mim no primeiro trimestre, pois as tarefas eram um pouco complicadas para o meu pequeno vocabulário, mas isso de certa forma me ajudou também, pois aprendi coisas novas.
- Faça sugestões para os próximos trimestres.
Sugiro que as atividades sejam adaptadas para o nosso grau de conhecimento e que elas sejam diferentes como foram as do primeiro trimestre.

Comentário	Emissor
Comentário feito em 03/07/2006 09:48:09	Andréa Escobar

Concluído

Internet 100%

Iniciar

Andréa

Dados - Microsoft Word

TelEduc - Windows In...

PT

14:25

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Edipo Bandeira Sander](#)

[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar	
Título	Data	Compartilhamento	
avaliação do EIAD	30/08/2006 18:53:35	Compartilhado com Formadores	
Texto			
1.Você realiza as tarefas do EIAD () em casa (+) na escola () outro lugar: _____			
2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD. Nós não precisamos ficar na aula, só fazer as atividades em dia e fazer as avaliações.			
3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre. Como eu não tenho internet em casa, eu fiz algumas atividades e entreguei atrasadas			
4.Faça sugestões para os próximos trimestres. Trabalhar com música seria legal.			
Comentário		Emissor	
Comentário feito em 01/09/2006 10:44:12		Andréa Escobar	

Concluído

Iniciar

Andréa

Dados - Microsoft Word

TelEduc - Windows In...

PT

100%

14:24

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Fábio De Castro Emerim](#)

[Raiz](#)

Outros portfólios		
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar
Título	Data	Compartilhamento
EIAD Evaluation	19/06/2006 11:26:58	Totalmente Compartilhado
Texto		
Caro aluno, Solicito que você responda às questões abaixo (em português) e coloque em seu portfólio com o título "Avaliação do EIAD".		
1.Você realiza as tarefas do EIAD (X) em casa () na escola () outro lugar: _____		
2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD. Em minha opinião o EIAD tem pontos negativos e pontos positivos. Um ponto negativo é que o aluno as vezes acaba se atrapalhando com algumas atividades, pois as vezes fica "perdido" no site, ocasionando os atrasos das tarefas solicitadas. Um ponto positivo é que o aluno tem muito mais tempo para fazer as tarefas, além disso podendo faze-las em casa, sem precisar ir com tanta frequência a escola.		
3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre. A principal dificuldade que tive no primeiro trimestre foi que as vezes ficava "perdido" no site, como já disse e acabei atrasando na entrega de algumas atividades.		
4.Faça sugestões para os próximos trimestres. Nenhuma sugestão, as atividades são bem explicadas, apesar da dificuldades por ser em inglês e os prazos de entregas são longos, o que é muito bom para o aluno.		

Concluído

Iniciar

Andréa

Dados - Microsoft Word

TelEduc - Windows In...

PT

100%

15:26

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Giovani Júnior Kohl Bohrer](#)

[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens		Histórico	Comentar
Título	Data	Compartilhamento	
Avaliação do EIAD	12/06/2006 20:24:53	Totalmente Compartilhado	

Texto

Segue abaixo a lista de perguntas a serem respondidas, em português, solicitando uma avaliação do método de ensino EIAD:

- Você realiza as tarefas do EIAD
(X) em casa () na escola () outro lugar: _____
- Comente sobre os pontos positivos do EIAD.
Posso afirmar que um dos pontos positivos do método EIAD é a fato de não precisarmos comparecer todas as semanas em aulas teóricas em sala de aula, isso contribui muito no tempo, que podemos reservarmos para outras atividades.
- Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre.
A princípio não apresentei muitas dificuldades, consegui me sair bem até, por ser o primeiro trimestre estando adepto desse sistema virtual. Acho que a principal dificuldade, foi me organizar pessoalmente para visitar com frequência o Teleduc a fim de verificar se havia ou não trabalho a ser realizado.
- Faça sugestões para os próximos trimestres.
Acho que para o terceiro trimestre deveria ser mantido esse método de ensino proposto pela professora Andréa, pois ele está a nível dos alunos e não apresenta muitas dificuldades de ser realizado.

Concluído

Windows Taskbar: Iniciar, Andréa, Dados - Microsoft Word, TelEduc - Windows In..., PT, 15:27

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Gustavo Link](#)

[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens		Histórico	Comentar
Título	Data	Compartilhamento	
avaliação do EIAD	17/08/2006 10:34:17	Totalmente Compartilhado	

Texto

- Você realiza as tarefas do EIAD
(X) em casa (X) na escola () outro lugar: _____
- Comente sobre os pontos positivos do EIAD.
os pontos positivos do EIAD são a facilidade maior de comparecer às aulas, e o aprendizado que a interação entre ensino e internet nos dá.
- Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre.
A minha maior dificuldade é manter o acesso regular ao teleduc e a realização de algumas tarefas que requerem mais tempo de trabalho.
- Faça sugestões para os próximos trimestres.
além da troca de informações entre alunos do colégio, também poderia haver uma atividade de conhecimento de alunos brasileiros que estejam cursando inglês também, para trocarmos idéias e dúvidas.

Comentário [Emissor](#)

[Comentário feito em 06/09/2006 10:48:17](#) [Andréa Escobar](#)

Windows Taskbar: Iniciar, Andréa, Dados - Microsoft Word, TelEduc - Windows In..., PT, 15:28

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/diretorio/portfolio_132_49_1//ingles.txt?1171466752 - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/diretorio/portfolio_132_49_1//ingles.txt?1171466752

Google

Pesquisar web...

1.Você realiza as tarefas do EIAD
(X) em casa () na escola () outro lugar: _____

2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD.

Com o EIAD, é possível fazer os trabalhos quando quiser, e não é preciso ir muito para a escola, além de conhecermos pessoas

3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre.

Durante o primeiro trimestre, o unico problema q tive foi o de fazer os trabalhos até a data de entrega.

4.Faça sugestões para os próximos trimestres.

Não penso em nada que possa melhorar o EIAD

Concluído

Windows Taskbar: Iniciar, Andréa, Dados - Microsoft Word, TelEduc - Windows In..., http://ead.liberato.c..., PT, 15:29

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Juliano Esteves Fernandes](#)

[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar	
Título	Data	Compartilhamento	
Avaliação do EIAD	24/08/2006 01:28:58	Totalmente Compartilhado	
Texto			
1.Você realiza as tarefas do EIAD (X) em casa (X) na escola () outro lugar: _____			
2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD. - Mais prático; - Possibilita manter contato com novas tecnologias de ensino.			
3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre. -Nenhuma.			
4.Faça sugestões para os próximos trimestres. - Continue assim.			
Comentário		Emissor	
Comentário feito em 06/09/2006 16:18:50		Andréa Escobar	

Concluído

Windows Taskbar: Iniciar, Andréa, Dados - Microsoft Word, TelEduc - Windows In..., PT, 15:30

Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

TelEduc

Visão de Formador
Visão de Aluno

Estrutura do Ambiente

Dinâmica do Curso

Agenda

Avaliações

Atividades

Material de Apoio

Leituras

Perguntas Frequentes

Exercícios

Mural

Fóruns de Discussão

Bate-Papo

Correio

Grupos

Perfil

Diário de Bordo

Portfólio

Acessos

Intermap

Configurar

Administração

Suporte

Sair

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio

Busca Ajuda

Jessica Sindiana Pletsch

Raiz

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar	
Título	Data	Compartilhamento	
Avaliações do EIAD	03/06/2006 17:37:22	Compartilhado com Formadores	
Texto			
1.Você realiza as tarefas do EIAD (X) em casa () na escola () outro lugar: _____			
2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD. É um jeito diferente de aprender e é muito divertido, pois permite a nós, alunos, conhecer diferentes sites que podem ajudar muito na hora de estudar Inglês e conhecer diferentes opiniões sobre o ensino da lingua inglesa com pessoas de diferentes partes do mundo, como no site Dave's Cafe.			
3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre. Entender algumas atividades propostas.			
4.Faça sugestões para os próximos trimestres. Acho que o sistema do EIAD é muito bom e completo, entao nao tenho sugestoes.			
Comentário		Emissor	
Comentário feito em 03/07/2006 10:01:49		Andréa Escobar	

Concluído

Iniciar

Andréa

Dados - Microsoft Word

TelEduc - Windows In...

PT

15:31

Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/diretorio/portfolio_132_104_1//AVALIA%c7%30%20D0%20 - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/diretorio/portfolio_132_104_1//AVALIA%c7%30%20D0%20EIAD.doc?1171466919

Google

Pesquisar web...

Ferramentas

Final Showing Markup

Show

Hide White Space

AVALIAÇÃO DO EIAD
NOME: Karina Carvalho TURMA ORIGINAL: 4223 TURMA DE INGLÊS: 402

1.Você realiza as tarefas do EIAD
(x) em casa () na escola () outro lugar: _____

2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD.
O bom do EIAD é que o aluno não precisa se deslocar para a escola toda a semana no seu turno contrário para ter aulas de inglês. Através do EIAD também praticamos bastante a escrita em inglês.

3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre.
No primeiro trimestre não tive muitas dificuldades, mas estou tendo no segundo trimestre, por organizar mal meu tempo não consigo realizar as tarefas, mas a única pessoa que pode melhorar isso sou eu.

4.Faça sugestões para os próximos trimestres.
Na minha opinião está tudo bem, não há muito o que melhorar, mas aproveitando a oportunidade gostaria de sugerir que fossem realizadas dois testes orais por trimestre ao invés de somente um.

Zona desconhecida

Iniciar

Andréa

Dados - Microsoft Word

TelEduc - Windows In...

http://ead.liberato.c...

PT

15:32

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Níega Borges Alves](#)
[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens		Histórico	Comentar
Título	Data	Compartilhamento	
Avaliação do EIAD	07/06/2006 20:22:59	Compartilhado com Formadores	
Texto			
1.Você realiza as tarefas do EIAD (x) em casa () na escola () outro lugar: _____			
2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD. eu tenho tempo pra realizar as tarefas, e posso fazê-las em casa, o que torna tudo mais divertido.			
3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre. eu tenho dificuldade em construir certas frases em inglês, até porque tenho que lembrar de várias regras.			
4.Faça sugestões para os próximos trimestres. acho que tudo está ok, não tenho sugestões.			
Comentário		Emissor	
Comentário feito em 03/07/2006 10:05:30		Andréa Escobar	

Concluído

Iniciar | Andréa | Dados - Microsoft Word | TelEduc - Windows In... | PT | 15:34

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Rafael Henrique Steigleder](#)
[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens		Histórico	Comentar
Título	Data	Compartilhamento	
Avaliação do EIAD	08/06/2006 20:16:49	Totalmente Compartilhado	
Texto			
1.Você realiza as tarefas do EIAD (X) em casa () na escola () outro lugar: _____			
2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD. É bom pois os alunos podem fazer antes do previsto os trabalhos			
3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre. Eu não soube que tinha prova do trimestre depois das apresentações			
4.Faça sugestões para os próximos trimestres. Nenhuma...			
Comentário		Emissor	
Comentário feito em 03/07/2006 10:07:34		Andréa Escobar	

Concluído

Iniciar | Andréa | Dados - Microsoft Word | TelEduc - Windows In... | PT | 15:34

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Ramon Ribeiro Jacques](#)

[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar	
Título	Data	Compartilhamento	
Avaliação do EAD	05/06/2006 20:20:40	Totalmente Compartilhado	
Texto			
1.Você realiza as tarefas do EIAD (x) em casa () na escola () outro lugar: _____			
2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD. Fácil acesso e muito legal pelo fato de nos tirar da rotina de aula.			
3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre. Entregar os trabalhos na data pelo fato de no começo do ano não conseguir me escrever no TELEDUC. Mas com a ajuda da professora, conseguimos concluir a inscrição.			
4.Faça sugestões para os próximos trimestres. A professora poderia dar algum material de apoio extra pelo EAD. Para incentivar o aluno para ali mesmo pesquisar, pois as vezes o aluno não se interessa e acaba fazendo o que acha que é, e não o certo, por sua má vontade ou até preguiça.			
Comentário		Emissor	
Comentário feito em 03/07/2006 10:10:54		Andréa Escobar	

Concluído

Iniciar

Andréa

Dados - Microsoft Word

TelEduc - Windows In...

PT

Internet

100%

15:35

TelEduc - Windows Internet Explorer

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Renan Silva Rios](#)

[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar	
Título	Data	Compartilhamento	
EIAD	25/09/2006 13:23:24	Totalmente Compartilhado	
Texto			
1.Você realiza as tarefas do EIAD (X) em casa () na escola () outro lugar: _____			
2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD. Que nao precisamos comparecer muito na escola.			
3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no trimestre. Tive dificuldade em realizar as tarefas em dia pois nao entro na internet com frequencia.			
4.Faça sugestões para os próximos trimestres. que pudesse ter mais aulas em sala de aula para poder realizar melhor as tarefas.			
Comentário		Emissor	
Comentário feito em 08/12/2006 07:49:29		Andréa Escobar	

Concluído

Iniciar

Andréa

Dados - Microsoft Word

TelEduc - Windows In...

PT

Internet

100%

15:35

Windows Internet Explorer - TelEduc

http://ead.liberato.com.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=132

Google

www.liberato.com.br

Pesquisar web...

TelEduc

Basic 402

Portfólio - Portfólio Individual / Ver Item do Portfólio [Busca](#) [Ajuda](#)

[Thiago Araujo](#)
[Raiz](#)

Portfólios Individuais		Portfólios de Grupos	
Ver Outros Itens	Histórico	Comentar	
Título	Data	Compartilhamento	
eiad	13/09/2006 10:11:06	Totalmente Compartilhado	
Texto			
<p>1.Você realiza as tarefas do EIAD () em casa () na escola () outro lugar: as vezes na escola ou na casa de amigos pq estou sem pc em casa.</p> <p>2.Comente sobre os pontos positivos do EIAD.</p> <p>Com o EIAD, é possível fazer os trabalhos quando quiser, e não é preciso ir muito para a escola, além de conhecermos pessoas novas.</p> <p>3.Apresente as principais dificuldades que você enfrentou no primeiro trimestre.</p> <p>Durante o primeiro trimestre, o unico problema q tive foi o de fazer os trabalhos até a data de entrega.</p> <p>4.Faça sugestões para os próximos trimestres.</p> <p>Não penso em nada que possa melhorar o EIAD</p>			
Comentário		Emissor	
Comentário feito em 13/12/2006 22:13:52		Andréa Escobar	

Concluído

Internet 100%

Iniciar | Andréa | Dados - Microsoft Word | TelEduc - Windows In... | PT | 15:36

APÊNDICE G – Registros da segunda avaliação

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

O EIAD é bom, pois é uma forma de ensino diferente, que motiva o aprendizado, que sai da rotina da sala de aula. Proporcionez a conhecer um mundo virtual diferente.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

As principais dificuldades são quanto ao acesso, que muitas vezes as páginas não abrem, ou o post-fido não anexa os arquivos necessários. Também tenho dificuldades quanto ao acesso do site durante a semana, pois possui internet discada e algumas tarifas.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Sugiro que os próximos trabalhos a serem realizados não necessitem da dependência de outras pessoas, pois isso acaba nos prejudicando, pois as pessoas não têm a obrigação de ficarem nos respondendo, enquanto que nós temos a obrigação.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

Mais recursos na hora de fazer o tema (internet, sites...).

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

Fazer os temas até a data marcada, além do site todo semana.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Usar mais sites que ensinam inglês, na hora de fazer tema. Ex.: algum site que auxilie o aprendizado.

AValiação DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

É um meio inovador de educação, onde a participação dos jovens é estimulada, pois está relacionada ao uso da internet.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

A minha principal dificuldade é realizar as atividades em tempo porque eu não possuo internet em casa.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

O número das atividades deveria ser menor, mas elas deveriam ser mais extensas e com um prazo final mais prolongado.

AValiação DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

O EIAD é um bom sistema de aprendizagem, pois podemos realizar as tarefas em casa e utilizando o computador, o que facilita a execução das tarefas.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

Entregar as tarefas no hora marcada é uma dificuldade que tenho, pois às vezes acabo confundindo as datas.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

Permite a utilização em locais de diversos lugares, além de ter a oportunidade de procurar formas diferentes de aprender em sites especializados.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

A vantagem das atividades na data marcada, por problemas com o computador residencial.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Não tenho sugestões.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

Não precisa comparecer à escola, pode fazer as tarefas qualquer hora.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

Não pratica a conversação com outros colegas, o que prejudica as apresentações orais.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Nenhuma ideia.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

Acredito que o IEAD é uma valiosa e prática ferramenta de ensino.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

O fato de ser um ambiente virtual e não presencial, me prejudica pois minha maior dificuldade é mesmo a pronúncia da lá.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Aulas presenciais às vezes para praticar pronúncia.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

Partiu, legal de se trabalhar, meli fazemos e que gostamos, que é fazer digitais e mexer no computador.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

tenso, às vezes fica difícil manter sempre em dia e entrar no sistema sem mexer e clicar de pagar exercícios.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Menos atividades. Uma atividade não depende da outra.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

É uma aula onde você aplica o que aprendeu.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

Realização das tarefas, uso da internet.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Os temas não poderiam valer nota. Aprender mais coisas.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

Que tem mais tempo para fazer os tarefas não precisando comparecer ao colégio.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

Tenho dificuldade para entrar na internet pois é discada e isso acaba sendo ruim para mim fazer minhas tarefas.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Os temas não poderiam valer nota.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

O EIAD É UMA FORMA DIFERENTE DE SE APRENDER, COM ELE
PODEMOS CONHECER PESSOAS DIFERENTES, CONVERSAR ENTRE SI, RELACIONANDO
ASSUNTOS NOVOS E APRENDENDO CADA DIA MAIS.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

TENHO DIFICULDADES COM A SENHA E EM ENTENDER O QUE ESTÁ PEDINDO
MUITAS VEZES.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

ACHO BOM O EIAD, APESAR DE NÃO TER UM BOM CONHECIMENTO SOBRE O
MESMO, É MUITO DIVERTIDO E DIFERENTE SUA FORMA DE APRENDIZAGEM. ACREDITO QUE
NÃO NECESSITA DE MELHORAS APENAS NAS SENHAS, POIS MUITAS VEZES NÃO CONSI-
GO ENTRAR.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

- Bastante tempo para realizar as tarefas.
- Aula interessante (outros sites).
- Não precisa ir tanto à escola.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

- Me atrapalho no site (peço)
- Me esqueço de entrar no TeleDuc
- Não sei se estou fazendo a tarefa de forma correta.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

- Mais tempo para a entrega de trabalhos avaliativos
- Mais esclarecimento de como fazer as tarefas
- Gabarito dos trabalhos avaliativos logo em seguida.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

O melhor aspecto do EIAD é que não tem períodos de aula semanalmente

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

Muitas vezes não é possível conectar-se ao programa

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Simplificar o site, diminuindo os tráfegos que necessitam de acesso a outros sites.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

Gratuito

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

Acesso

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

Nós não temos aula convencional, mas mesmo assim aprendemos com facilidade.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

As vezes o site sai do ar e não funciona, mas meu único problema é que não tenho internet em casa, portanto tenho que acessar de outro lugar.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Mais aulas para melhorar a fala.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

A vantagem do EIAD é que não necessitamos ir à escola muitos vezes ao dia, ao contrário, e também praticamos bastante a escrita e a leitura.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

Tenho dificuldade em acessar o site algumas vezes. Também tenho dificuldade algumas vezes em acessar algum arquivo.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Acho que não há o que melhorar, apenas os alunos devem se comprometer mais.

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

NÃO TEM ASPECTOS POSITIVOS COMENTAR

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

FALTA DE PRÁTICA ORAL, DIFICULDADE DE ACESSO A INTERNET TODA A SEMANA, ATRASOS NAS AVALIAÇÕES, SISTEMA RUIM

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

A ELIMINAÇÃO DO ENSINO A DISTANCIA E A RETOMADA DAS AULAS NA ESCOLA

AVALIAÇÃO DO EIAD

Deve ser respondida pelos alunos, podendo ter a participação dos pais ou responsáveis:

1. Comente sobre os aspectos positivos do EIAD.

É um sistema que nos disponibiliza maior tempo para a realização das tarefas, possibilitando-nos fazer atividades com um melhor nível de qualidade.

2. Relacione suas principais dificuldades em relação ao EIAD.

Disponibilidade (tempo) de acesso ao sistema.

3. Faça sugestões para o aprimoramento do EIAD.

Aulas presenciais de fala (pronúncia) - Listening -

APÊNDICE H – Registros da terceira avaliação

Sender	Recipients	Date
Juliano Esteves Fernandes	Andréa Escobar	12/12/2006 22:44:19
Subject		
Accountability		
Message		
<p>I- 1) Neste ano eu não fiz nada para me ajudar na prática de inglês, pois esse sistema de ensino a distância é, na minha opinião, totalmente ineficiente, pois há pouco (muito pouco) contato físico com os professores.</p> <p>2)A coisa mais boa desse curso é que pode ser feito em casa , mesmo tendo os problemas mencionados acima.</p> <p>3)Esse curso deveria mudar bastante; começando pela forma das aulas, deveria ter pelo menos 2 encontros pessoais (aula) com os professores, as tarefas deverião ter mais tempo para serem cumpridas, pois nem sempre o link na página da Liberato está disponível! Esse curso deveria se adaptar as dificuldades existentes, porque ele necessita de duas coisas básicas: computador e internet. E estas são coisas que não podemos controlar, pois nem sempre a internet está disponível e nem os recursos do computador.</p> <p>4)Eu aprendi que sem professor não se aprende nada, é necessário ter aulas reais em vez de aulas virtuais, pois só assim o aluno aprende realmente.</p> <p>II- 1) Poucas coisas, o sistema é muito simples.</p> <p>2) Infelizmente nada.</p>		

Sender	Recipients	Date
Mateus Henrique Bondan	Andréa Escobar	12/05/2006 18:57:02
Subject		
Accountability		
Message		
<p>Durante esse ano acredito que tive um desenvolvimento considerável quanto a minha maior dificuldade na língua inglesa... A fala. Tenho hoje mais facilidade de transmitir o que quero em língua inglesa, tanto porque, além das atividades de aula busquei mais esse tipo de comunicação verbal durante o ano de 2006. Gostei das atividades propostas, a maioria realmente me fez evoluir, como a atividade dos e-friends. Porém ainda não é o bastante para mim. Na minha opinião o sistema de educação à distância está longe de ser avaliado como totalmente eficaz, tanto porque na minha opinião nada substitui as aulas presenciais, pelo fato de poder ouvir e falar, o que não é atualmente possível no sistema do teleduc.</p> <p>De fato, foi um ano de aprendizados, no mínimo, interessantes. Os fóruns de discussão do sistema sempre progredem de uma maneira legal, com uma evolução satisfatória. As poucas aulas presenciais foram ótimos momentos, principalmente o Getting Together, realizado no último trimestre.</p>		

Sender	Recipients	Date
Ramon Ribeiro Jacques	Andréa Escobar	12/04/2006 06:47:08

Subject

Accountability

Message

1)Uma coisa que eu fiz que provou ser eficaz na prática do curso foi os exercícios pelo teleduc. Isso foi muito importante pois foi o melhor modo de exercitar o que eu já sabia.
 2)Gostei do exercício com a aluna de intercâmbio, Isso foi muito diferente de tudo que eu já havia feito em inglês.
 3)Eu acho que os exercícios de fala deveriam ser mais frequentes. Porque não sou muito bom na fala e se não exercito não aprendo.
 4)Que eu aprendi sobre eu mesmo? Como assim?
 Não entendi essa questão mas vou tentar.
 Bom, eu aprendi a fazer perfil e me comunicar com outras pessoas.

Parte 2

1)Tenho aprendido a melhor me comunicar com pessoas que eu não conheço sem ter um certo receio que eu tinha antes.
 2)Aprendi coisas sobre o local em que eles vivem e também o modo de viver deles. Porque um dos assuntos tratados no fórum é sobre o país de cada um.

Sender	Recipients	Date
Rafael Henrique Steigleder	Andréa Escobar	10/18/2006 23:53:23

Subject

Accountability

Message

REFLEXÃO I

1) Uma das coisas que me provou ser eficaz o teleduc foi o e-pals, pois tive como conversar com uma pessoa em Inglês e muitas vezes interpretar os dialetos que ela dizia e tive a oportunidade de conhecer pessoas de outros países.
 2) A facilidade para entrar e a liberdade para fazer as tarefas e também a criação de texto que fez com que estimulasse o aluno a pensar interpretar e redigi-lo.
 3)Uma coisa que poderia ser adicionada é uma pauta ou um arquivo contendo as notas dos alunos a medida que ele vai fazendo o trabalho e a professora corrigindo.
 4) Eu aprendi a escrever um pouco mais correto, pois tive grandes erros.

REFLEXÃO II

1) Aprendi bastante com o e-pals como palavras que eu não conhecia e alguns dialetos

[Rodrigo Melchiades](#) [Andréa Escobar](#) 11/27/2006 22:15:23

Subject

Accountability

Message

Olá professora! primeiramente queria me desculpar pelo atrazo pois o teleduc estava tendo alguns problemas para acessar...
bom vamos a atividade:

Bom, uma coisa que provou que o teleduc é realmente eficaz são as proprias atividades que exigem com que nós, alunos, muitas vezes, corram atraz de um dicionario para compor respostas para as atividades.

A coisa que mais gostei no curso foi a ausencia de aulas semanais, com o tempo livre, pude usa-lo para estudar outras materias e muitas vezes, relaxar um pouco.

Eu acredito que a unica coisa que tem que melhorar no curso é a homepage, teve muitos erros, não acessava, não aparecia o menu, mas felizmente, isso já vem melhorando faz um tempo. Aprendi que eu não devo ouvir uma lingua estrangeira e pensar: "Nossa nunca vou entender isso!", pois afinal, com muito estudo e muita pratica, é possivel falar qualquer lingua, aprendi tambem que os ensinios a distancia não são tão inuteis quanto eu pensava, até porque, aprendi muito com este aqui.

Interagindo com os outros participantes do curso, aprendi a respeitar a opinião dos outros, e atravez do e-pals, aprendi sobre outras culturas, das quais não teria acesso se não fosse pelo teleduc.

Sender	Recipients	Date
Fábio De Castro Emerim	Andréa Escobar	11/25/2006 00:28:54

Subject

Accountability

Message

I.1) Uma das coisas qe eu fiz que provou ser eficaz para minha prática foi conversar com outras pessoas em inglês, meu tio, por exemplo, conversamos por alguns minutos em inglês em uma reunião familiar e eu entendi pelo menos 90% das coisas que ele falava.

I.2)Uma coisa que eu gostei bastante desse curso foi não ter que comparecer a escola com tanta freqüência, com ensino a distância. Eu acho que se a tecnologia nos permite isso, por que não usufruir dela? Gostei muito do curso.

I.3)Acho o curso excelente, mas a única coisa que eu mudaria seria em relação a entrega de trabalhos, pois quando é época de muitas provas, estudo muito e acabo me esquecendo de entrar na internet.

I.4)Aprendi que eu tenho mais facilidade na parte de interpretação de textos, e mais dificuldade na parte oral.

II.1) Neste curso não conversei tanto com meus colegas através do TelEduc, e sim pessoalmente, na escola, mas foi bem legal. Aprendi a me organizar melhor e dividir o tempo para os temas de todas as matérias. Inclusive o tema de língua inglesa.

II.2) Aprendi muito com o gabarito, com certeza, é muito bom saber o que errou, para no futuro não cometer o mesmo erro. Meu portfólio é um dos mais completos, o que mostra que sempre fiz todos os temas nas datas combinadas, mas por problemas no site, não consegui entrar na internet por muito tempo.

obs: Queria pedir desculpas pela demora, mas como o combinado com a senhora, aqui estou eu para fazer minhas lições atrasada. obrigado!
Fábio de Castro Emerim.

Giovani Júnior Kohl Bohrer	Andréa Escobar	10/18/2006 22:40:36
--	--------------------------------	---------------------

Subject

ACCOUNTABILITY

Message

QUESTIONNAIRE

I - Reflect upon you and this course:

- 1) Usar o dicionario e uma coisa q ajudou muito pois nao havia um professor de ingles ao meu lado para sempre esclarecer minhas duvidas
- 2) A maneira que ele abordou o escrever aprendi muito escrevendo muito
- 3) A parte falada q no caso eh a mais importante foi minimamente aplicada nesse curso sendo que minha habilidade d escrever aumentou 100% e a de comunicação continua a mesma
- 4) Eu escrevo textos melhor do que eu converso na lingua inglesa

II- Reflect upon you and the other participants of this course:

- 1) comunicação eh algo essencial para o aprendizado
- 2) Descobri q meus colegas e amigos não tiveram contato com a lingua estrangeira assim como eu pois erros de gramatica simples saum feitos e que poderiam ser resolvidos com mais fala!

Sender	Recipients	Date
Edipo Bandeira Sander	Andréa Escobar	12/03/2006 09:41:22

Subject

Reflect upon you and this course

Message

- Reflect upon you and this course:

- 1) Mention one thing that you have done which has proved to be effective for your learning/ practice in this course this year. Explain why.

Acho que a apresentação da Bruna foi a atividade que nos deu a chance de praticar mais do que qualquer outra, porque ela nos contou sobre o intercambio que ela fez nos EUA, e em inglês e isso nos ajudou a praticar a nossa capacidade de entender o inglês

- 2) Mention one thing you liked about this course. Justify your answer.

Eu gostei das atividades em geral, mesmo nao tendo feito algumas, mas eu gostei, porque nós nos comunicamos com outras pessoas, fizemos amigos de outras partes do mundo, e isso é bem legal.

- 3) Mention one thing that could be different in this course. Justify your answer.

Acho que o curso está bom, mas acho que seria melhor com mais aulas de fala, para treinar.

- 4) Mention one thing you have learned about yourself as a learner of a foreign language in this course. Justify your answer.

Sei lá, eu sei que eu gosto de ingles e sempre tive facilidade de aprender essa lingua

Sender	Recipients	Date
Niege Borges Alves	Andréa Escobar	10/16/2006 13:38:49

Subject

QUESTIONNAIRE

Message

- 1)Aprendi a me organizar, lidando com datas que não poderiam ser esquecidas. O contato com estrangeiros foi importante para a minha aprendizagem de inglês, pois por meio do que eles falavam acabei aprendendo um pouco de vocabulário.
- 2)O bom desse curso de inglês é que eu posso fazer tudo na minha casa, através do computador que é uma ferramenta fácil de ser utilizada. Eu posso escolher a hora em que vou ler as matérias e realizar as atividades, o que faz com que eu seja mais independente na aprendizagem.
- 3)Acredito que o curso está bom assim, seria interessante que o site fornecesse um dicionário, para auxiliar na hora da realização de certas tarefas.
- 4)Aprendi que ainda tenho que estudar Inglês bastante, porque senti certa dificuldade na hora de expressar minhas idéias em inglês.

II

- 1)Aprendi bastante, principalmente com os novos amigos que fiz no InterPals. Eles me ensinaram sobre o lugar onde moram, pude ter contato com gente com cultura diferente da minha e aprendi mais sobre vocabulário, pois tive que procurar certas palavras para me comunicar com eles.

Sender	Recipients	Date
Iuri Freytag	Andréa Escobar	10/09/2006 17:26:27

Subject

Accountability

Message

- I - 1) Ter que se corresponder com um estrangeiro, porque assim somos obrigados a nos adaptar a conversa, e se não soubermos uma palavra, temos que achar algum sinonimo.
- 2) Não é preciso perder tempo na escola, fazemos os exercícos quando estamos dispostos.
- 3) A questão das faltas, por não podemos justificar as faltas que ocasionalmente podem ser provocadas por problemas no computador.
- 4) Nada.

- II - 1) Todos usamos os mesmos métodos para aprender inglês (música, filmes, etc)
- 2) Eu não percebi nada nesse quesito que possa ter feito eu aprender algo em especial, apenas o programa como um todo.

Sender	Recipients	Date
Fernanda Klauck	Andréa Escobar	10/16/2006 21:56:58

Subject

Accountability

Message

I

- 1) Acho que os exercícios que foram dados ajudaram a mostrar o meu desempenho e aprendi muito com eles.
- 2) Gostei por ser um curso que pode ser feito à distância, em casa principalmente.
- 3) Acho que a única reclamação é que na maioria dos domingos o Teleduc não funciona. E assim sou obrigada a fazer na segunda-feira.
- 4) Descobri que sei mais inglês do que imaginava e que preciso expandir meu vocabulário.

II

- 1)Acho que, com certeza, a coisa que mais aprendi foi em relação a outras culturas, pois pude interagir com pessoas de outros países ou que já moraram em outros países, que falam a língua inglesa. Também acho que aprendi com a opinião dos outros em relação a alguns assuntos.
 - 2) Aprendi muitas coisas com o que foi mandado pela professora e colegas, pois assim a professora pôde corrigir muitas coisas. Também a correção dos exercícios ajudou muito e acho que a opinião dos colegas na elaboração dos textos foi de extrema importância.
-

Sender	Recipients	Date
Jéssica Sindiana Pletsch	Andréa Escobar	10/16/2006 13:40:36

Subject

QUESTIONNAIRE

Message

I-

- 1)A aprender sozinha utilizando recursos que nunca havia utilizado.
- 2)Gostei desse curso pois possibilita a interação com pessoas de outros lugares visando o aprendizado de forma interativa.
- 3)Acho que o curso não precisa mudar nada, pois é muito bom.
- 4)Eu aprendi a que sou uma pessoa que gosta muito de interagir com outras pessoas para aprender, como na atividade dos Penpals.

II-

- 1)Aprendi a me expressar melhor em inglês, pois tive que realizar várias atividades que necessitavam da minha opinião.
- 2)Eu aprendi a respeitar a opinião dos meus colegas, e a expressar a minha idéia com o fórum, e com os e-friends, aprendi que posso me corresponder com pessoas de diversos lugares do mundo.

Sender	Recipients	Date
Daniela Rodrigues Luchini	Andréa Escobar	10/16/2006 22:10:32
Subject		
questionnaire		
Message		
QUESTIONNAIRE		

I - Reflect upon you and this course:

1) Mention one thing that you have done which has proved to be effective for your learning/practice in this course this year. Explain why.

Uma coisa que me ajudou muito esse ano foi a música, assim como nos outros também, mas como nesse curso podemos escrever mais, temos maior liberdade de expressão, podendo muitas vezes participar de fóruns e coisas do tipo, acredito que nas músicas aprendemos gírias e expressão que não nos são passadas em aulas, o que é muito bom. Também é um modo muito agradável de aprender.

2) Mention one thing you liked about this course. Justify your answer.

Eu gosto do curso pelo fato de ele ser feito pela internet, o que facilita muito pois nem sempre é possível comparecer às aulas em outros horários.

3) Mention one thing that could be different in this course. Justify your answer.

Acredito que o curso poderia ser somente pela internet, sem aulas em contra-turnos. Até mesmo as provas, por exemplo, poderia ser marcada uma hora onde todos os integrantes do curso conectariam-se à internet e realizariam a avaliação.

4) Mention one thing you have learned about yourself as a learner of a foreign language in this course. Justify your answer.

Apreendi que já consigo me comunicar bem e que tenho capacidade de aperfeiçoar cada vez mais a minha fala e também escrita em inglês.

II- Reflect upon you and the other participants of this course:

1) What have you learned from the interactions (mail, discussion forum, etc...) with the teacher, your classmates and the e-pals? Justify your answer.

Apreendi que, mesmo sem ter um conhecimento tão grande quanto o que eu ainda quero adquirir, já posso me comunicar com estrangeiros, até mesmo viajar sem muitas dificuldades de conversar com as pessoas em outra língua.

2) What have you learned from the feedback you received from the teacher, classmates and e-pals? Analyze the portfolio, the diary and the mail and use examples from them to illustrate your answer.

Acredito que aprendi muito relendo o que havia escrito, principalmente no portfolio e nos e-mail's. Consegui enxergar sozinha erros que cometi, o que me ajuda a escrever melhor agora.

NOTE: Send your comments to the teacher through the TelEduc mail. Feel free to write your answers in Portuguese.

kisses teacher. ;D

APÊNDICE I – Primeira entrevista com Mateus

Primeira entrevista com Mateus

Aluno: Mateus

Data: 06 de outubro de 2006, sexta-feira

Horário 7: 30 às 7:55

Local: sala de reuniões do Centro Pedagógico da Liberato

M= Mateus

P= Pesquisadora

P: Mateus, qual é a tua opinião sobre computadores e Internet?

M : Olha, provavelmente são, hoje em dia, as ferramentas de trabalho, estão entre as ferramentas de trabalho mais importantes porque eles permitem a troca de informações, tem muita coisa que só funciona através deles. O mundo não gira se a rede de Internet parar. Os computadores hoje em dia estão ligados com o funcionamento das máquinas e com com até com a ligação entre as pessoas. É fundamental. É ...o mundo tá tão interligado hoje em dia pelos computadores que a falta deles seria um grande... retrocesso para a humanidade.

P: U-hum. (checando se o aparelho está realmente gravando.). E qual é a tua opinião sobre aprender línguas estrangeiras?

M: Ahm. É uma coisa assim (inaudível) no mercado. Eu acho que também é... cultura não vai trazer mal para ninguém, aprender. É importante porque, muitas vezes, tu vai se dar em situações...tu vai ter que lidar com pessoas de outros países. Tu vai precisar saber. É uma coisa assim que, na minha opinião, línguas estrangeiras são importantes para ...para a vida em geral. Até no caso se tu quiser fazer uma viagem, uma coisa do tipo tu tem como se virar sem um tradutor, sem ser um figurante (inaudível)

P: E o que é que tu aprende e o que se pode aprender quando se usa os computadores e a Internet?

M: Olha.. a quantidade de material e informação disponível hoje na Internet é uma coisa absurda. Eu duvido que tenha alguma coisa que não existe na Internet ainda. Então tu pode aprender tudo. Totalmente tudo.

P: E o que tu ... ah, na tua opinião... o que se pode aprender quando a gente interage com pessoas através da Internet?

M: Olha, interação com as pessoas de um mesmo país pode ser só por envio de dados e coisas assim, mas se tu interage com pessoas de outros países tu pode pegar muita coisa

sobre cultura da pessoa, cultura do país, modo de vida das pessoas, a realidade, costumes, tu pega muita informação assim que é útil, tu pega muita coisa interessante, tu aprende, tu vai valorizando o teu eu mesmo. Sabe? Tu vai ficando mais culto, ao mesmo tempo que está interagindo, tu tá se divertindo, interagindo, conhecendo pessoas novas, conhecimento de pessoas que pode vir a calhar ou que pode ser interessante para um momento futuro. Acho que esse tipo de interação é legal, é bom.

P: E tu costuma interagir com outras pessoas usando a Internet?

M: Bah, direto, muito. (ênfase em muito)

P: A-hã. Então a frequência é grande?

M: Grande. Praticamente toda vez que ligo o computador.

P: A-hã. E com quem?

M: Ah, tudo, desde amigos, pessoas que eu conheço até pessoas que eu nunca vi pessoalmente. Tem muita gente assim que eu tenho contato por MSN ou por e-mail que eu não sei quem é. Aliás, pro inglês essa que tivemos que entrar no Interpals eu ainda estou me correspondendo com a garota, uma pessoa muito interessante. Da Alemanha.

P: Ah. Além do MSN, o que mais que tu usa? Que outras mídias da Internet? E-mail, sala de bate-papo?

M: Sala de bate-papo eu não procuro muito. Eu sou mais assim (...) por meus e-mails e MSN e por o Orkut. O Orkut também é... veio a calhar. Interessante.

P: Jogos também?

M: Ah, isso sim. Porque jogos online automaticamente tu tá interagindo com pessoas. Então assim tu é obrigado a falar com elas. É uma maneira de conhecer pessoas e ao mesmo tempo se divertir.

P: Ahã. E como é que tu poderias caracterizar essas interações? Qual a língua utilizada ou quais as línguas utilizadas? Quais são os tópicos?

M: Olha, geralmente em... online em jogos é inglês e sobre o próprio jogo mesmo, mas às vezes assim é só de bobeira. Tô conversando em inglês mesmo. Já em MSN e coisas aqui dentro do nosso país é sempre uma coisa mais objetiva sobre um tópico ou um assunto que já foi pré-definido no início da conversa. Não que não exista assim, ah vamos conversar pra quê? Pra bater papo, só para falar, sabe? Mas na maioria das vezes tu tá falando com alguém porque tu quer falar com alguém sobre alguma coisa.

P: A-hã. E o que que tu aprende com essas interações com as outras pessoas?

M: Olha, o que eu posso aprender sobre a interação com as outras pessoas é assim. Eu acabo aprendendo sobre as pessoas, como se lidar com as pessoas. Isso é relação

humana, não precisa ser necessariamente humana, pode ser por via e-mail, porque a pessoa está mostrando a personalidade dela no momento que ela está falando também, sabe? Hoje, aqui no inglês, tu aprende a lidar com as pessoas, tu aprende a, tu aprende a desenvolver teu vocabulário, tu acaba se esforçando mais porque muitas vezes a pessoa não entende e tem que tentar explicar e isso é muito bom pois tu acaba exercitando todo o teu conhecimento sobre aquela língua. Eu acho que falar, assim, com essas pessoas é um aprendizado bem básico.

P: E com os amigos, por exemplo, tu interage muito com eles?

M: Sim. Falar com os amigos não... geralmente não dá para aproveitar, acaba não aprendendo muita coisa. A gente acaba falando bobagem, só para se divertir. Mas às vezes até se consegue alguma coisa interessante sim. Dependendo do que se está falando, se tu tá falando sobre alguma coisa que tu não sabe, então tu tá aprendendo, sabe? É só, acho que... informativo.

P: Até definir o tópico da conversa para ter objetivo, né?

M: U-hum.

P: Muito obrigada.

M: Só isso? (surpreso)

P: É. Muito difícil?

M: Hã... Razoável.

P: Muito obrigada pela tua disponibilidade.

APÊNDICE J – Primeira entrevista com Ramon

Primeira entrevista com Ramon

Aluno: Ramon

Data: 06 de outubro de 2006, sexta-feira

Horário 8:00 às 8:20

Local: sala de reuniões do Centro Pedagógico da Liberato

R: Ramon

P: Pesquisadora

P: Vamos lá? Ramon, qual é a tua opinião sobre computadores e Internet?

R: Bom, eu penso assim ó. Computadores é bom e a Internet é boa até certo ponto. Depende do que a pessoa pega o computador para utilizar. Por exemplo, assim, eu uso o computador para jogar e para usar a Internet, para ver notícia, aprender coisas. Só que depende, tem muita coisa na Internet que não... não tem como a gente aproveitar. Como por exemplo, aquele jovem que se matou na frente do Orkut, sabe? Ele ficava conversando com pessoas e perguntando o que que ele tinha que fazer e pessoas ficavam instruindo ele, dando instruções para ele se matar. Daí eu penso assim, bah, isso ... isso não é uma coisa construtiva, sabe? Isso não é uma coisa que devia existir. Por exemplo assim, eu também penso assim ó, o vírus, sabe?. A Internet é muito bom, sabe? É muito bom tu ter ali, poder, quando tem uma dificuldade, uma dúvida, tu poder apelar para ela, sabe? Ir lá, botar no Google e pesquisar, só que se tu for ver também, tudo tu tem que controlar, né? Tudo que tu pode fazer pode ter vírus. Daí eu penso assim, porque uma coisa tão boa para a humanidade, por que tem que ter alguém para estragar, sabe? Não sei qual a intenção de fazer um vírus? É destruir? Daí eu penso assim, o computador é bom, mas até um certo ponto. Até um certo ponto que fica... depois ele vira apelativo, sabe? Daí eu acho também muita pornografia, muita na Internet. Eu acho que isso devia diminuir.

P: E qual é a tua opinião sobre aprender línguas estrangeiras?

R: Eu acho que a língua estrangeira é como se fosse uma ferramenta, sabe? Tu sabendo tu tem ela sempre à mão ali. Por exemplo, assim, quando tu tá fazendo alguma coisa, daí tu pega lá um livro em inglês, entendeu? Um manual, um livro. Se tu sabe fica muito mais fácil do que ter pesquisar, pegar dicionário. Daí tu saber língua estrangeira facilita muito mais as coisas. Até ler um manual, conversar com pessoas... Eu joga bastante jogos, sabe? Que é tudo em inglês daí. Daí com isso eu aprendi muito, sabe? Eu vejo que facilita. Por exemplo agora que eu entrei para o B4, no começo eu achava difícil, mas aprende, vai aprendendo fácil e depois futuramente isso ajuda bastante, vale a pena, sabe? Porque tem muitos empregos que tu tem que saber inglês. É um pré-requisito para tu conseguir o emprego.

P: E o que tu aprende e o que se pode aprender ao usar computadores e Internet?

R: Depende do que se interessa em aprender. Mas, na verdade, tu pode aprender tudo na minha opinião. Tu pode aprender... Por exemplo, eu aprendi a fazer dobradura na Internet. Mas tem gente que aprende muita coisa, usa a Internet para tudo. Por exemplo, a gente tem o professor Mitza. Ele usa tudo no computador dele, entendeu? Os exercícios, tudo ele organiza lá. Eu acho até que facilita, fica bem organizado, sabe? Ele aprende e ensina para a gente a se organizar. É o que se aprende também com o computador.

P: E o que, na tua opinião, se pode aprender ao interagir com pessoas usando a Internet?

R: A interagir com outras pessoas? O que que eu aprendo? Daí eu acho que não aprende muita coisa. Interagir, assim...

P: Se comunicar com outras pessoas, com os teus amigos ou com pessoas desconhecidas do Brasil ou de outros países?

R: Ah, facilita. Facilita bastante, sabe? Mas acho que para aprender alguma coisa... Bom, serve, digamos assim, para botar a fofoca em dia, sabe? Mas, por exemplo, porque eu não consigo ter uma conversa instrutiva no MSN, sabe? Eu não consigo conversar com alguém e ensinar alguma coisa aprender alguma coisa, sabe? Eu não uso, assim. Eu acho que ninguém usa. Ah, tem gente que usa o MSN para trabalho, sabe? Mas eu não uso, só uso assim para conversar com os amigos e combinar alguma coisa... E aprender...

P: E aquela atividade que vocês tiveram que fazer e interagir com pessoas de outros lugares e saber sobre a escola, sobre os hábitos...

R: Essa aí eu até mandei várias mensagens para várias pessoas, aquela que a gente fez inicial, mas não me responderam. E eu acabei não terminando a atividade aquela.

P: E com que frequência tu interage com teus amigos e com outras pessoas na Internet?

R: Olha, já interagi mais, eu usava bem mais. Assim que eu ganhei o computador eu entrava todo dia no MSN, no Orkut, respondia mais. Só que eu não entro muito mais. Até fiquei um mês mais ou menos sem Internet, daí eu parei um pouco de entrar. Mas eu falava bastante com os amigos, até amigos que eu não via mais.

P: E usando principalmente MSN e Orkut?

R: Principalmente. Eu não entro em sala de bate papo. Não gosto muito não.

P: Mas e os jogos?

R: Jogos bastante. Eu jogo online, daí eu faço bastante amigos. Fiz um amigo de São Paulo jogando 'moo', é um jogo de RPG online. Daí a gente fica conversando, né? Tem uma lista de amigos que tu adiciona. Depois tu pode ficar conversando. Isso eu faço bastante.

P: E principalmente em Português?

R: É, o que eu jogo é principalmente em Português. Às vezes eu falo com gente da Espanha, em espanhol, da Argentina, Paraguai,... Só que o outro que eu jogava eu falava com pessoas de todo o mundo. É o inglês daí.

P: Aí era em Inglês?

R: Aí era em inglês. Mas tinha gente que falava tudo estranho, não sei dizer. Acho que era russo, coreano também.

P: E tu acha que tu...Tu já falaste um pouco sobre isso, mas tu acha então que não se aprende com essas interações que tu faz na Internet?

R: Olha, aprender pode até aprender um pouco sobre a cultura local, sobre aquela localidade. Quando eu conversava com essa pessoa de São Paulo, a gente conversou um pouco sobre a violência de lá, sabe? A gente debateu um pouco sobre isso. Também a gente conversou sobre os climas, mas aprender alguma coisa para levar para a vida, acho que não.

P: E não aprende sobre um outro estilo de vida da pessoa?

R: Ah, depende. É, eu presto atenção assim. Às vezes eu acordo às cinco horas e daí vou jogar. Daí tem gente que já tá acordando. Acorda cedo. Tem gente que tá trabalhando e jogando. Tá no emprego jogando e trabalhando. Isso até que aprende, mas dizer que eu aprendo alguma coisa que eu vá levar para sempre, por exemplo, uma matéria, sabe?

P: Obrigada. Nossa, agora eu não consigo desligar. É nesse aqui?

R: É.

A: Não parou.

R: Aperta o (inaudível).

APÊNDICE K – Segunda entrevista com Mateus**Segunda entrevista com Mateus****Aluno: Mateus****Data: 20 de outubro de 2006, sexta-feira****Horário: 7: 50 às 8:10****Local: sala de reuniões do Centro Pedagógico da Liberato****M= Mateus****P= Pesquisadora**

P: Mateus, qual é a tua opinião sobre o uso de ambientes virtuais de aprendizagem aqui na escola? Vocês estão usando aí na disciplina de Física e de Inglês, né? Fala um pouquinho então sobre a tua opinião sobre esse uso desses ambientes virtuais, tanto a Internet quanto o TelEduc...

M: Olha, ambientes virtuais para aprendizagem têm dois lados positivos e um negativo. Os lados positivos são: um é que tu pode estar num meio em que tu.... Em que a maioria dos jovens têm facilidade e gosta de trabalhar, que é o computador, que vai (inaudível) e o segundo lado positivo é que tu está usando uma ferramenta, principalmente para o Inglês, que tu podes interagir com qualquer outra pessoa ou em qualquer outro lugar e pegar a informação que tu quiser, uma coisa que tu pode, pode na disciplina de língua estrangeira, tu pode pegar, interagir com pessoas de outros países, adquirir conhecimentos, sabe? Eu acho muito bom. O lado negativo disso, que pode ser negativo, digamos assim, é que dá uma falta de convívio nessa parte presencial de tudo assim, fica um pouco de lado no momento em que tu trabalha só com o ambiente virtual. Mas se bem usado, pode ser muito bom. Comparecer à aula, por exemplo, é mais fácil.

P: Como assim? Por que não tem muita aula na escola?

M: Não, lá no Teleduc mesmo. Não é porque a gente não fique no mesmo lugar e junto ao mesmo tempo que não dá para chamar de aula, né? Acho que é uma aula sim, só que diferente. Quando a gente recebe um comentário do professor por e-mail também aprende. Ou conversando com a turma no fórum, vendo as opiniões, escrevendo... Às vezes eu fico na sala de aula normal e não presto muita atenção, meio que só respondo a chamada e fico lá de bobeira, me perco com o professor falando. Isso é aula? Bom, não dá para dizer que eu estou presente, né?

P: Presente só de corpo, mas não de alma?

M: É (risos).

P: Mas nos ambientes virtuais não falta contato humano, mais físico assim, de ver a pessoa, digamos assim. Isso que tu disse de convívio, né?

M: É. É meio engraçado com os colegas da escola. A gente tinha que ter mais aulas aqui na escola para se conhecer e depois trabalhar e continuar se conhecendo no Teleduc.

P: E qual é a tua opinião sobre estudar usando o computador e através do computador, tanto em Física quanto em Inglês?

M: Olha, usar o computador como estudo (inaudível). O computador é para, é para fazer pesquisa, esse tipo de coisa, mas também tem muita coisa que pode te distrair bastante a atenção. Então é um uso racional, é ótimo, se tu sabe que tu tá usando para uma coisa que não vai se distrair, não vai perder a tua linha de raciocínio, tu vais continuar trabalhando ali, daí assim tu está, tu está ganhando alguma coisa usando isso. Já, por exemplo, no TelEduc de Física, a gente tá pegando, pega uns exercícios que a gente tem, auxílio das aulas práticas tudo ali. Em Inglês tu está estudando, tu não sabes alguma palavra, tu podes procurar no dicionário físico, pegar o dicionário na tua prateleira, mas também ir num site e procurar. Dá no mesmo. Também tem essa parte da má fé, que a pessoa pode simplesmente traduzir um texto com os seus conhecimentos de inglês, pode simplesmente botar num site de tradutor e traduzir. Vai muito de como as pessoas querem usar e como as pessoas têm consciência em usar desse ambiente (inaudível).

P: A-hã. Também é um pouco de ingenuidade se colocar um texto no tradutor que não ...

(falas sobrepostas de P e M: inaudível)

P: Claro, que não sai a língua, saem palavras na língua, mas não sai a língua e tem gente que tem essa ingenuidade de achar, né, que sai. Não sai, né gente?

M: Não, isso é horrível, bah.

P: Saem palavras, palavras na língua e algumas expressões assim, mas o texto não dá para dizer que é na outra língua. Se a gente fizer a experiência de colocar um texto em inglês, para o português, a gente vê que não vira português, viram palavras do português. Ah. E como é que tu avalia, Mateus, as aulas e as atividades da disciplina que são realizadas no ambiente virtual?

M: As de língua estrangeira?

P: Sim, é. De língua estrangeira.

M: As atividades, assim, são atividades de interação (inaudível), na maioria das vezes, e de escrita, bastante escrita. Tu tá praticando a parte do teu conhecimento geral da língua, de saber falar, de saber se expressar, atividades de interação que tu precisas saber argumentar, saber dar tua opinião, saber falar a respeito, falar, responder perguntas. Eu avalio como uma coisa extremamente positiva isso, esse lado todo da, do inglês no computador, porque, onde o computador, a própria programação já é em inglês.

P: A-hã.

M: Mas eu acho que, para mim, é ótimo. Eu não gosto de trabalhar com o computador, com sistemas e, para mim está sendo bom, mas eu acho que essa falta de contato e, por ser mesmo no computador, tu liga o computador e tem um distrativo aqui, um distrativo ali e aí tu acaba não fazendo (inaudível), fazendo ela, deixa para se divertir um pouco. Isso é um pouco de problema, mas, no geral, é muito bom.

P: U-hum. E tu achas que vai ser diferente quando mais pessoas tiverem, por exemplo, acesso aos computadores, que a gente possa ter uma aula de Chat ou uma teleconferência, digamos assim, não só em Inglês, né? Mas também em outras disciplinas. Ou usar microfone e câmera, né, que todo mundo tenha, que a gente possa conversar com outras pessoas, ver pessoas de outros lugares ou mesmo dentro da turma,... Tu achas, como é que tu vê isso?

M: Olha, eu já tinha visto (inaudível) teleconferência, eu acho magnífico assim, esplêndida a idéia de teleconferência porque assim é, tu vendo a pessoa, está falando com ela. Tu tem um contato visual, tu não está vendo palavras, tu está interagindo com uma pessoa. Tu está conhecendo... conhecendo as pessoas e ao mesmo tempo aprendendo e exercitando a tua língua. Eu vejo que quando, se um dia chegar a ter essas ferramentas, todos tiverem essas ferramentas, vai facilitar e melhorar muito o sistema.

P: U-hum. Eu acho que é questão de tempo, né? Os computadores vão ficar mais baratos e provavelmente essas, esses recursos também. E quais foram as tuas dificuldades nessa experiência de ensino / aprendizagem na língua estrangeira?

M: ãh, manter as tarefas em dia porque tem essa história de tu se distrair quando tu liga o computador e acaba não fazendo, essas histórias e mais alguma coisa. Daí, às vezes tem uma dúvida e tu pega, ao invés de mandar um e-mail dentro do próprio sistema, tu deixa e, não, vou perguntar na aula, daí tu não pergunta e, resolve fazer outra coisa. Isso foi uma coisa que me incomodou bastante. Ah, dificuldade, assim, no início quando tu entra nessas salas de interação, tem bastante dificuldade de começar a falar e mandar e-mails e receber e-mails, tu acaba sem saber o que dizer, tentar explicar para ela o que ela não entendeu, o que tu quis dizer, entendeu? Então, é uma experiência boa, esse negócio de tentar explicar o que tu mesmo disse, falar com outras palavras. Eu acho que, assim, minhas grandes dificuldades foram essas.

P: A-hã, nesse sentido é quase uma negociação, né?

M: É, se tá quase negociando.

P: Humm... Tu tens que rever o que tu disse, pensar porque ele não entendeu, como é que eu posso dizer diferente para que ele entenda, né? U-hum. Como é que tu descreves o teu relacionamento com os colegas da turma através do ambiente digital?

M: Eu tenho muito (ênfatisado) menos contato com os colegas da minha turma do que com as pessoas que eu interajo fora em sites de bate-papo e coisas porque, assim, é que coisa que parece que tu está tão perto, nas está muito mais longe, certo? Tu não tens

(inaudível) Chat e falar com pessoas de outros países, então tu acaba ficando mais próximo de quem está longe do que de quem está perto. À exceção do meu amigo Ramon que é impossível não falar com ele. Eu acho que é isso.

P: E ajudaria se a gente tivesse mais encontros presenciais com outras atividades?

M: Sim. Eu gosto dessas atividades de encontro presencial em que tu se junta só para falar de um assunto, só para conversar, só para jogar conversa fora, só que em Inglês. Eu acho que ajuda muito, muito a desenvolver a língua, a desenvolver a capacidade de falar, de argumentar, de expor a tua opinião, de depois que tu entendeu o que as outras pessoas estão querendo dizer, é..., tem ajudado bastante.

P: U-hum. Que não seja só uma apresentação, né, como aconteceu.

M: U-hum.

P: Eu acho que tu já falou um pouco sobre isso assim, sobre os vínculos com as pessoas com as quais tu tu interagiu. Tu acha que tu estabeleceu mais vínculos com as pessoas de fora do que com os teus próprios colegas, com exceção do Ramon?

M: Sim.

P: U-hum. Mais ou menos por aí, né?

M: Sim.

P: U-hum. E que outras contribuições essas interações te trouxeram?

M: Contribuições?

P: Além do conhecimento da língua....

M: Além do conhecimento da língua eu acho que, se tu tá vivendo, tu tá aprendendo, se tu tá conversando com alguém novo, tu tá aprendendo sobre aquela pessoa, tu tá aprendendo sobre o país dela, se tu perguntar qualquer coisa que tu perguntar e for respondida (inaudível) é uma informação que tu nunca tinha tido antes, então é uma vantagem grande ter isso, eu acho que a grande aprendizagem minha foi a troca de informações, de conhecer as pessoas, de saber como elas reagem à pergunta, se elas são ou não prestativas, tu podes conhecer o caráter das pessoas em geral, conhecer a cultura dos países, isso aí que o computador te oferece de conhecimento.

P: E o que significam para ti o computador e a Internet enquanto lugares de interação e aprendizagem agora e o que significavam antes dessa experiência e até tu podes falar um pouquinho da disciplina de Física também. O que significavam esses espaços para ti antes, tanto o computador quanto a Internet e o ambiente TelEduc antes e o que significam agora?

M: Antes, computador para mim sempre foi, antes de entrar aqui para a Liberato, eu entrava no meu computador ou (inaudível) ficava brincando na Internet ou qualquer coisa ou pegava e entrava no computador só para me divertir mesmo, fazendo coisa interessante que eu gostava de fazer. Antes eu nunca fui de entrar em chat, falar com outras pessoas eu falo pelo MSN. Fora isso, o Orkut às vezes e Chat na Internet e salas de outros países eu nunca tinha cogitado a possibilidade. Eu entrei aqui e daí tu, quais as atividades tu começa a ver tipo com outros olhos. Tu começa a ver como se fosse uma ferramenta para... Tu tá exercitando com alguma coisa que tu gosta de fazer. Eu gosto de falar Inglês, eu gosto de aprender Inglês, eu gosto de falar com pessoas e trocar informações. Eu acho que provavelmente mudou totalmente, mudou assim noventa por cento a minha visão de computador e Internet com o uso deles agora, sabe? Tem uma grande diferença que tinha ano passado.

P: Tu podes dizer que antes tu via como lazer e hoje tu vês como lazer e como recursos para aprendizagem?

M: É, antes era totalmente aquilo, às vezes para fazer pesquisa. Agora eu estou usando ele... não que não seja um lazer ficar lá batendo papo com pessoas da Alemanha, por exemplo, ou como eu falei, mas isso é uma atividade didática e é muito bom. Eu gostei assim de fazer as atividades. Eu acho que, que só sair do ambiente fazendo isso, eu aprendi a usar o computador, (inaudível) uma ferramenta no computador e estou exercitando a minha Língua Inglesa.

P: U-hum. Tá certo, Mateus. Muito obrigada pela (inaudível).

M: Só isso?

A: Ahã. Hoje a gente foi mais...

M: Foi mais rápido, né?

A: É. Foi mais rápido. Hoje a gente começou 7:50 e terminamos 8:10 (inaudível). Tá gravando, né? Continua...

M: Eu acho que ele fica em (inaudível).

APÊNDICE L – Segunda entrevista com Ramon**Segunda entrevista com Ramon****Aluno: Ramon****Data: 20 de outubro de 2006, sexta-feira****Horário: 8:12 às 8:30****Local: sala de reuniões do Centro Pedagógico da Liberato****R= Ramon****P= Pesquisadora**

P: A-hã, vamos lá. Ramon, qual é a tua opinião sobre o uso de ambientes virtuais de aprendizagem aqui na escola, sobre o TelEduc tanto na disciplina de Física quanto na disciplina de língua estrangeira?

R: Bom, eu acho muito bom usar o computador como uma ferramenta de aprendizado. Eu gosto muito. Eu acho legal a interação assim, o fato de tu precisar estar em casa, assim, precisar da ajuda, poder entrar em contato, sabe? Eu acho que facilita muito, em muitos pontos. Várias áreas que tu consegue ali, tu não consegue acompanhar em aula, por exemplo. Em aula tu tem uma limitação, que é de 50 minutos por período e uma sala, entendeu? Ali não, como diz, na Internet tu tem um mundo na tua mão e o tempo que tu tiver disponível, livre em casa, que se souber usar, é perfeito, sabe?

P: Inclusive fazer perguntas, por exemplo, lá para o professor de Física e que, às vezes não dá para fazer em sala de aula, até porque tu não sabe (inaudível) dúvida e fazer pelo sistema?

R: É. É uma coisa que pinta na hora que tu tá fazendo, daí surgiu a dúvida e tem como tu entrar em contato. Eu acho ruim o fato de, assim, porque falta contato com o aluno, sabe? Falta contato com o colega. Falta aquele fato de conversar em aula, sabe? Mas é bom o contato que nem o contato que a gente tem com o professor, que é muito maior, sabe? Eu acho. Porque ali ele pode dar atenção para um aluno sem deixar o outro empenhado, sabe? Por exemplo, a senhora pode me ajudar, coisa talvez que a senhora talvez não poderia fazer em aula para um aluno. Um aluno lá tá em dificuldade em algum ponto, não vou parar para explicar tudo de novo para ele, sabe? Eu tenho mais 31 alunos esperando a dificuldade dele sabe? Talvez até algum tenha a mesma dificuldade que eu, no caso. Só que eu acho que ali no sistema, esse fato de poder ir direto aos problemas daquele aluno, sabe? Poder responder direto as perguntas dele para ele (inaudível).

P: Uhum. E, especificamente nas aulas de Inglês, assim. Tu tens alguma coisa para dizer sobre esse uso do computador, do TelEduc...

R: Olha, assim ó, duas coisas. Eu acho que tem duas falhas, sabe? Uma é a falta de uso do Inglês, a falta da prática de falar o Inglês, sabe? De exercitar o Inglês. Eu acho que isso a gente não tem quase nada, né? Tirando a apresentação e ainda um texto decorado, de uma conversa onde a pessoa fala mais. Por exemplo, ali no TelEduc tu escreve, tu mostra em palavras o que tu pensa, mas não sai a mesma coisa do que se tu for falar. Não é o mesmo exercício, a prática do, por exemplo, a gente fica só na...

P: Escrevendo?

R: É, só ali na teórica do inglês, sabe? Não está praticando o inglês. Eu acho que isso é um ponto a menos.

P: É, talvez seja uma prática, mas uma prática de escrita.

R: É uma prática, é assim, eu acho, eu acho, eu considero assim... Eu falo o teórico do Inglês, sabe? Porque tu aprender ali é, a proposta inicial do Inglês é aprender a escrever, depois é que tu vais aprender a falar em Inglês, a ouvir em Inglês, sabe? Eu acho que falta muito, é um ponto muito fraco. Outro ponto muito fraco é a ajuda que tu tem ali, né? Por exemplo, se tu for honesto e for fazer assim o exercício, mas se não qualquer coisa ali tu pode usar o tradutor. Se tu não souber usar, tu te deixa levar, sabe? (inaudível) Facilita muito, às vezes tem as expressões também, sabe?

P: Mas em relação ao tradutor, tu tens essa consciência, né, de que não dá para ser ingênuo e colocar um texto lá, pode te ajudar em expressões e palavras. (fala sobreposta, inaudível)

R: Palavras e dúvidas assim.

P: Mas esse é um uso bom, ele está lá e é um recurso que pode ser usado, a gente tem que ter cuidado, não dá para ser ingênuo e pensar que colocando, fazer um texto em Português e passar no tradutor, ele vai virar outra língua, né? Como o inverso também não acontece, né? E outra coisa, tu acha que, se a gente tivesse mais encontros presenciais para trabalhar essa parte de de fala e talvez com outros recursos disponíveis de câmeras e microfones para falar com outras pessoas de outros lugares ao invés de escrever simplesmente?

R: Ah, seria muito legal. O contato seria mais fácil. Acho que as pessoas procurariam entrar em contato.

P: É, falar é mais rápido do que escrever.

R: Bah, muito. Quando é para escrever um e-mail (inaudível) enviar e-mail, esperar para receber o e-mail daquela pessoa lá (inaudível) ao mesmo tempo que está ali conversando. Eu acho muito mais fácil. Eu acho que falta muito, muito aprimoramento, tem muita coisa que poderia mudar.

P: Com certeza. Agora também a prática de escrever te dá outras possibilidades que o falar não dá, que é pensar um pouco mais, ir ao dicionário, né? É uma prática diferente e as duas são necessárias.

R: Tem uma que a gente fala que tá faltando.

P: Isso eu concordo contigo, com certeza. Temos que aprimorar isso. Eu acho que tu já falou, essas foram as tuas principais dificuldades em relação às aulas?

R: É, a minha dificuldade...

P: Mais alguma, assim, em realizar as atividades?

R: Dificuldade de não ter o professor sempre ao lado.

P: E também por não ter um professor assim cobrando... assim as coisas?

R: É, isso também.

P: Autonomia que nos falta para seguir uma agenda?

R: É, na data assim. Tudo em dia. É, eu acho que o professor ali, em cima, cuidando, mandando, falando...

P: E como a gente poderia fazer para desenvolver a autonomia, né, para seguir um roteiro sem ter aquela pessoa ali controlando, mas ajudando, porque na verdade isso também é aprender. A gente não deveria precisar de alguém cobrando toda hora. Tu tens que fazer tal coisa para tal dia. Como é que a gente poderia fazer?

R: Tentar conscientizar as pessoas de que elas têm que fazer, que isso não é, que isso é obrigação dela. Eu acho.

P: É que nem a história do deixar para estudar para a prova. Tem que dar uma olhadinha toda semana, nas disciplinas que a gente tem mais dificuldade, né? É de cada um. E às vezes uns fazem o mínimo, é que um dia ou no dia da prova de manhã, tem uma hora para olhar tudo e não é suficiente, como numa disciplina que nem Matemática e aí tem que aprender coisas que não aprendeu durante o semestre em uma hora. Isso é a questão da autonomia, né, que a gente tem que exercitar. Não só vocês, os professores também têm que ter essa consciência, né? E em relação à interação no ambiente... Como é que tu descreves essas interações? Tanto com os colegas quanto com os professores?

R: Eu acho que interação com o professor é muito boa. Por exemplo, a gente conversar, sabe? Eu acho legal porque assim, por exemplo, com o que eu conheço da senhora, eu não conheci nenhum professor. Eu conheci muito mais a senhora do que qualquer um outro professor.

P: E com o professor de Física também é assim?

R: Não, com ele não. Ele é meio fechado. Ele é meio sozinho assim. Não existe contato fácil com ele. É meio difícil de entrar em contato com ele. Por exemplo, com a senhora por lá, a gente conversa muito comparado com o que eu converso do meu pessoal com outros professores. Eu acho... mas que o contato com os alunos é fraco.

P: Com os colegas da aula?

R: É.
(fala sobreposta, inaudível)

P: A não ser com o Boldan...

R: É, o Boldan eu vejo todo dia, né? Mas com a 402, assim, eu acho que não dá muito. Não tem união, sabe? Talvez tenha entre certas pessoas. Por exemplo, eu e o Boldan porque ele me conhece de outro lugar, sabe? Da minha turma 3123. Mas dali, do grupo mesmo, acho que falta muita união.

P: É, talvez dentro de outras turmas regulares também as pessoas se unam, né? E tu tem alguma idéia para que a gente pudesse interagir de uma forma diferente, ter mais vínculo entre esse grupo?

R: Eu tenho. Que se a senhora pudesse assim ó, marcar para tal dia, que todo mundo pudesse acessar para conversar pelo bate-papo que tem lá dentro. Porque às vezes eu entro e deixo lá para ver se ninguém entra. Quando eu quero falar com o Boldan alguma coisa. Eu acho que isso a senhora podia marcar tal dia, tal hora, que todo mundo pode entrar, quem puder entra, sabe? Sei lá. Dar um ponto extra, não sei, incentivar. Não é que eu queira isso agora. É que, assim, eu acho que se a senhora desse incentivo, assim, por exemplo, valendo um ponto extra na média, quem entrar e manter um contato com os outros alunos. Facilita, né? O que tu escreve, todo mundo lê, sabe? É tipo em Chat. Daí eu acho que, bah, se, se isso acontecer, vai ser muito legal.

P: Puxa. Já pensou se agente pudesse ter um Chat com voz e imagem?

R: É. Nossa!

P: Ou somente com voz também.

R: É, só com voz já seria muito legal.

P: Já seria muito bacana.

R: Se for em imagem levaria muito tempo.

P: É.

R: Não é muito... Acho que não tem capacidade para aguentar.

P: Não, nos nossos laboratórios com certeza não.

R: Mas eu digo, assim, no sistema aberto ou no sistema mesmo ou... A parte interna ...

P: É, eu acho que ali dentro do TelEduc não tem nem como ter voz e imagem. Teria que usar um outro sistema fora. Uma outra sala de bate-papo. Mas é uma boa idéia. Muito boa idéia . Mesmo que seja por escrito, dentro do TelEduc..

R: Bah, muito legal. Só o fato de estar conversando ali, sabe?

P: Ter um tema, ao invés de ter um fórum de discussão, ter algo ali dentro do Chat. A-hã. Muito boa idéia.

R: Todo mundo dando a sua opinião e olhando a opinião do outro ali. No Chat tu escreve, envia e todo mundo lê, entendeu? Não é que nem o e-mail, sabe? O e-mail demora para chegar.

P: Ou demora para a pessoa responder, né? É, vamos adiante, então. Quais foram as principais dificuldades que tu tiveste na interação com as pessoas no sistema? Dos colegas tu já falaste um pouquinho, né?

R: É, com os colegas eu já falei, mas, assim, fora essas pessoas terem interesse de responder. Às vezes a gente manda um e-mail, procura conversar, procura entrar em contato e nunca funciona, não sei...

P: É, tem que ter algumas táticas, é também entrar o e-pals e ver as pessoas que estão online e outra é ter aquele... atrair de certa forma para que ...

(inaudível, falas sobrepostas)

R: Porque tem muita gente. Tem que tentar chamar a pessoa.

P: Dizer que a gente também vai dar alguma coisa em troca. Tem que mostrar para essa pessoa. Também não podem ser coisas muito longas porque a gente também se cansa quando é muito longo. Imagina receber um questionário.

R: Todo em Inglês...

P: Vai levar uma hora para fazer isso aqui, não.

R: Tem que ir aos poucos.

P: Tem que ir aos poucos. E quais foram as contribuições dessas interações para ti? Comigo, com os colegas da turma, com as outras pessoas fora?

R: Uma coisa muito boa que eu aprendi assim foi a me apresentar. Não sei porque, mas toda vez que eu penso no Inglês, eu... Se eu for dizer o que eu aprendi no TelEduc, foi a me apresentar. Não sei porque. Eu acho que o fato de escrever ali o meu perfil, de me apresentar, de escrever o meu perfil no e-pals, de falar, sabe? Bah, eu acho que eu aprendi com isso.

P: É ter que pensar assim. Bah, quem eu sou e como eu vou me apresentar para outras pessoas.

R: É, do modo que mostra assim como eu sou (inaudível). Eu não sei explicar direito, mas eu acho que eu aprendi isso. A me apresentar.

P: Ao invés de só dizer eu sou um ser humano como todos os outros, não falando sobre o que me faz diferente.

R: É, eu sou o Ramon, que eu gosto disso, eu gosto daquilo.

P: A-hã. E qual é a tua avaliação... Agora assim, em algumas palavras porque eu acho que tu já falaste um pouco sobre isso em alguns outros momentos hoje, mas assim sobre a tua avaliação sobre aprendizagem de inglês nesse ambiente, né? Tu já falou que sente falta do lado prático do inglês, que a gente só trabalha com a parte escrita. Alguma outra coisa?

R: Não, eu acho que é só essa parte que a gente devia praticar mais é a fala. Mas eu acho que não é culpa do sistema. Tem bastante escrita.

P: E que outros aprendizados tu tiveste além da língua, de praticar a língua lá escrevendo para as aulas. Outros aprendizados que tu tiveste sobre o sistema, sobre o computador, sobre as pessoas?

R: Eu aprendi a ter paciência, eu aprendi também a ver a idéia do outro, a idéia de outras pessoas com outros pontos de vista. Então acho que... É, um pouco foi com a ajuda do Orkut e do MSN e um pouco foi com o TelEduc, sabe? Mas por, o fato de aprender a conhecer mais outras pessoas, assim, idéias, modo de pensar, sabe? O caráter da pessoa, isso... (inaudível)

P: Respeitar a idéia do outro e aprender que tem outros pontos de vista também.

R: Eu era muito sozinho, nunca tive muitos amigos, sabe? Agora eu tenho, eu tenho mais.

P: E o que significam para ti, tanto o computador quanto a Internet como ambientes de aprendizagem, antes dessas experiências com Inglês e Física e o que eles representam agora?

R: Bom, antes o computador para mim era jogo. Eu quando... Considerava o computador uma máquina de jogar. Eu não conseguia usar o computador para outra coisa, sério. (inaudível) a Internet discada, eu acessava, mas era muito ruim, daí eu só jogava, jogava, jogava. E a Internet, daí quando veio, daí eu comecei a fazer trabalho, só que era só no 'control c', 'control v' e imprimir, sabe? Copiava, colava e imprimia e daí tudo tirava dez no caso. Bah, muito ruim isso. Não exercitava, sabe? Não tinha aquela procura, aquela busca em que eu tentava aprender. Eu achava a Internet era viajar, sei eu, era procurar e achar coisas novas que eu não sabia. Aí eu não conhecia assim essa, como é que eu posso dizer, eu não tinha noção do que era estudar pelo computador,

sabe? Por exemplo o sistema, eu não tinha noção do que era um sistema de aprendizado, por exemplo o TelEduc. Eu não sabia inaudível). Eu não imaginava....

P: Tu fazia mais pesquisa na Internet, assim copiando e colando...

R: É, era muito folgado assim.

P: Não era nem pesquisa, né?

R: É, cópia.

P: Mas os professores não chegavam a...

R: Jura...

P: A notar isso? Simplesmente...

R: Nem sabiam. Eles achavam que, sei lá.

P: Mas o professor nota quando é algo escrito pelos alunos. Vocês acham que não?

R: Ah, professora, mas também muito professor que é assim, ó. Bom, ele pesquisou, ah, vou dar a nota dele, sabe? Eu acho que tem professor que não se interessa que nem outros professores. Essa escola aqui é muito diferente...

P: Bah, que bom (inaudível) assim. Porque se o objetivo fosse achar algo lá, copiar e imprimir, tudo bem. Trazer para a sala de aula depois para ler juntos, mas simplesmente copiar e colar para mostrar e dizer, enganar o professor, nem é enganar o professor. Acho que no fundo ele sabe que não foi o aluno que fez, né? E dizer que foi ele que fez é enganar a si próprio. Acho que esse sentimento é pior, não é enganar outro, é enganar a si próprio. Também é muito ruim o sentimento de enganar o outro, claro, com certeza. Mas acho que o outro sabe que está sendo enganado e deixa passar. Mas o enganar a gente mesmo é, é terrível. É um sentimento de não estar aprendendo, né?

R: É verdade. Eu acho que... Bah, eu gostava de quando eu não tinha computador, daí eu pegava aquela enciclopédia da minha mãe, da época de estudo do meu pai e fazia aqueles trabalhos longos assim. Cinco folhas escritas (inaudível).

P: Eu leio e o que ficou daquilo ali para mim? O que que eu me lembro? Colocar com palavras bem simples, mas é o que eu penso, né?

R: E resumir, resumir. Eu adorava resumir, entendeu? (inaudível) E daí eu gostava assim, fazia aquele trabalho de ciências sobre todos os planetas, tudo perfeito assim. Daí receber no final e olhar a tua nota, sabe? Que foi tu que vez. E daí isso é uma coisa que desvaloriza o aprendizado.

P: A gente tem que aprender a usar o recurso do computador assim, né? E não copiar e colar, mas...

R: É isso que eu aprendi aqui. Sabe, isso mudou meu ponto de vista, mudou muito depois que eu comecei a usar o TelEduc e usar computador para fazer trabalho de várias matérias, pelo menos, sabe? Tem muitas matérias que (inaudível) se surgir qualquer dúvida ali, se tu procurar bem, tu acha, sabe? Daí tu tem que usar computador para aprender, não para...

P: Se enganar que está aprendendo...

R: É, tu tem que aprender com ele. Tu tem que aprender a lidar com ele. Tu tem que aprender o que tu procura com ele, sabe? Tu não pode... Tu tem que tentar... Ele tem, tem que te dar a informação e tu assimilar a informação. Não é ele te dar a informação e tu passar para o professor, sabe? Como a gente fazia... Daí, isso, bah, mudou muito. Do meu ponto de vista (inaudível)

P: Certo, Ramon, muito obrigada.

APÊNDICE M – Entrevista com Fernanda**Entrevista com Fernanda****Aluna: Fernanda****Data: 25 de outubro de 2006, quarta-feira****Horário: 10:30 às 11:10****Local: sala de reuniões do Centro Pedagógico da Liberato****F: Fernanda****P= Pesquisadora**

P: Fernanda, qual é a tua opinião sobre computadores e Internet?

F: Eu acho que... é uma coisa assim que... é bem avançada assim porque traz assim meio que a cara do futuro assim porque acho que é assim uma coisa que vai auxiliar bastante, sabe? Em tudo, há auxilia. E acho que sem ele assim seria super... as coisas seriam meio perdidas assim. Tipo agora, que nem eu vou dar um exemplo assim. Meus pais eles estão fazendo um negócio novo, sabe? Eles estão tentando botar toda essa tecnologia para o negócio que eles já tem. Só que como eles já são mais velhos assim, eles precisam de ajuda para isso. Daí eu vou começar a auxiliar eles nisso, sabe? Eu acho que só assim, sabe para ir para frente porque todo mundo agora que vem procurar o serviço assim, procura uma coisa que já seja mais avançada, que já tenha aquela organização.

P: U-hum. Qual é a área da...deles?

F: Eles têm uma mecânica de... automóveis. Daí para o cadastro de clientes, para compra e venda de peças pela Internet, para tudo, sabe?

P: Parece que não tem como fugir, né?

F: Não tem.

P: Chega o momento que tem que ir adiante.

F: É, e assim, por mais assim... A minha mãe já fez curso de Informática, só que ela não consegue mais pegar, sabe? Eu tento às vezes sentar com ela e explicar, só que acaba que depois assim ela já não consegue. Tipo eu, eu fiz esse curso junto com ela. Para mim aquilo não ajudou em nada também, porque eu acho que eu sentar lá e começar a mexer, eu consigo me entender, sabe? E ela não tem essa coragem de sentar na frente do computador e começar a mexer, sabe? Daí ela já pediu a minha ajuda assim em

bastante coisa, sabe? Daí agora ela diz que eu então ia ficar encarregada dessa parte, dessa nova tecnologia. Então quer dizer eu implantar lá na oficina.

P: Que responsabilidade que é, né?

F: É.

P: Mas tu vais dar conta. E qual é tua opinião sobre aprender línguas estrangeiras? Mais especificamente o Inglês, mas línguas estrangeiras em geral?

F: Eu acho que, assim para tu ter um emprego bom... tu precisa saber falar outras línguas. Eu agora tô fazendo Inglês, eu faço inglês particular. Só que eu quero depois sabe fazer Espanhol. Eu não sei se eu vou dar conta de tudo que eu quero fazer, mas eu pretendo porque eu acho que assim, a...Uma das primeiras coisas assim que te pedem é se tu sabe falar alguma outra língua e também essa parte agora de mexer em computador assim. É uma coisa necessária acho que para todos. Tanto faz qual é o emprego que tu vai ter, sabe?

P: U-hum. Às vezes até assusta, por exemplo, uma pessoa que trabalha numa loja, num lugar tão... né?

F: Sim, que nem...

P: Não querendo desfazer na profissão, não é isso. Mas assim que seria até para uma pessoa que não tivesse tido recurso de estudar, de... E a pessoa tem... tá lá tendo que mexer no computador, né? Tirar as notas e tudo.

F: Sim. Um exemplo assim é lá em Ivoti, aonde eu moro, sabe? Lá para trabalhar em lojas assim, tu precisa saber falar alemão, porque não precisa ser o Alemão, o Alemão mesmo, mas o dialeto, porque tem muita gente lá que não sabe falar assim, gente de mais idade, sabe? Que não sabe falar outra... que não sabe falar o Português, sabe? Daí eles precisam pelo menos falar o dialeto assim, um pouquinho assim. Daí tanto que a minha vó sempre pega no meu pé que eu é para aprender e às vezes eu sento com ela, daí eu peço para ela me ensinar alguma coisa, só que eu não consigo pegar direito ainda assim, sabe? Daí tanto que também não tem muito tempo assim para ensinar e eu não tenho tempo ainda para aprender que daí é tudo muito corrido. Eu nem vejo ela direito assim. Só que quando daí, se junta, eu peço para ela me ensinar. Daí eu converso às vezes com ela só que só umas palavras assim. Daí eu acho que é fundamental, sabe, ter uma outra língua assim. Tanto que se tu não consegue emprego aqui, sabe, tu tem o recurso de, talvez, ir para fora, sabe? Que nem agora, bah. Eu fiquei espantada com aquela história que tem, que eu não sei se tu ouviu da... do emprego que eles tão dando para gente. Acho que é para o Canadá, para ser soldador. Que vai ser... Eu acho que é 16.000 o salário. Sei lá.

P: 22.

F: Isso. Meu pai disse, 'Meu Deus, eu vou para lá', sabe? E tá todo mundo meio preocupado assim, sabe com emprego, com ganhar um salário bom, sabe? E se tu tem

esse recurso, sabe, de poder, sabe, fazer uma língua estrangeira, acho que é bom, é fundamental.

P: Pena que tu não tá podendo mais aproveitar a tua vó aí, né?

F: É.

P: Se tivesse aproveitado desde pequeninha, né?

F: É que eu sabia... Quando eu era pequena, quando eu tinha três anos, eu só sabia falar Alemão, eu não sabia falar Português. Só que eu desaprendi, eu não sei como. Tanto que agora eu entendo tudo tudo tudo que me falam. Só que para falar, assim... Eu troco meia palavra e já deu. Daí já não sai mais nada. Eu sabia falar tudo. Eu até tenho um vídeo de um aniversário, acho que era de 3 anos ou 4. Todo mundo vinha e começava a falar Alemão comigo e eu só sabia falar em Alemão. Se falavam comigo em Português, eu não entendia. E daí a mãe até ficou espantada, sabe? Porque tipo de uma hora para outra eu desaprendi e comecei a falar Português. E não consigo mais falar Alemão direito. Isso daí... Por isso também que a minha vó, ela pega muito no meu pé, sabe? Porque eu já sabia uma vez e eu não sei mais. Daí ela, daí ela tenta, assim... Ela sempre me xinga, 'vai, Fê, tu tem que falar Alemão!'. Só que eu não consigo. Daí, daí um dia eu sentei com ela e disse, 'então me ensina'. Daí ela começou a falar comigo e eu tentava responder, mas não era muito fácil.

P: Mas provavelmente tá lá num lugarzinho da memória, escondido. Tem que ativar.

F: Sim, eu acho.

P: E o que tu acha que se pode aprender e o que se aprende efetivamente ao usar computadores e Internet?

F: Acho que agora assim, agora no.. na idade que eu tô, assim uma das coisas fundamental assim, é conviver assim com pessoas assim que tu imaginou nunca conviver, sabe? Assim, tipo que tinham uma distância muito grande ou... Assim, de não... de ter cultura diferente até, sabe? Só que eu acho que mais futuramente assim vai ser outras coisas, assim, que vão, vão mudar assim esse negócio.

P: U-hum. Talvez até usar essa realidade virtual para para determinadas práticas, por exemplo, ãh, as pessoas aí que vão fazer aquelas ciências aeronáuticas e que tem a... o simulador, né? Do avião. E a gente já viu que tem um projeto aqui na escola de um laboratório virtual de química. Então, é, se experiencia a um custo baixo, algo sem perigo também, né?

F: Sim.

P: Talvez se vá mais por esse caminho, né? É um mundo novo realmente, que se abre muitas... muitas possibilidades. E o que que tu acha que se pode aprender quando a gente interage com outras pessoas através da, dos recursos da Internet, MSN, e-mail, Orkut, sala de bate-papo, fóruns de discussão, jogos online,...

F: Eu acho assim que a coisa principal assim é que tu aprende é que tem muita gente diferente e que a gente não pode julgar elas assim, tipo que nem uma coisa assim que... que tu até mesmo passou no nosso Inglês foi de que, sabe, eles fazem uma imagem, a mídia faz uma imagem de tal país e é muito, assim, é daquele jeito todas as pessoas, sabe? E, com os recursos da Internet, tu pode conversar com elas e ver, sabe, que não é bem assim. Que as pessoas são diferentes e a gente tem que de certa forma aprender a conviver assim com as diferenças, sabe? Eu acho que ali tu vê aquele destaque das diferenças de culturas, assim. Eu acho que é isso, assim.

P: Se aprende sobre o ser humano e se aprende sobre culturas diferentes também. E ... e tu costuma interagir com outras pessoas na Internet? Através da Internet?

F: Direto, assim. Eu não tenho... eu não tenho banda larga ainda, sabe, porque a mãe acha que a banda larga... Ela tem muito medo que eu vá...É que assim... Chega de noite...Eu praticamente só vejo os meus pais de noite, assim, que eu tenho aquele contato, de conversar, porque de meio-dia é muito corrido lá em casa porque eu pego Topic para vir para a escola. Daí chega de noite, daí a gente sempre fica, senta, conversa. Eventual coisa de brasileiro, olha novela. Daí, só que daí, eu já pedi para ela, sabe, Internet banda larga, só que ela acha que a gente vai perder um pouco desse contato, sabe, porque ela tem medo que eu vá ficar direto no computador porque é uma coisa que eu gosto, sabe, de ficar conversando com os meus amigos. Assim, chega final de semana, que daí é realmente onde eu entro na Internet mesmo, é sempre domingos de noite, assim. Daí ela já sabe que domingos de noite, que eu vou ficar na frente do computador e ela tem medo, sabe, que isso vire uma rotina de todo dia. Daí ela já disse que uma coisa que ela não vai fazer é botar banda larga lá em casa, sabe? Só que quando for necessário assim muito, sabe, por uma coisa da escola, eu sei lá. Mas assim não, porque eu gosto sabe, desse...Assim, que nem agora eu conheci gente, assim, gente que eu nunca achei que eu ia ter contato assim. Já conhecia, só que acabaram se tornando meio amigos para mim. Só de conversar ali. Daí tu já chega assim quando tu vê a pessoa fora daquele mundo, tu já conversa com ela. É... Seria meio estranho se tu primeiro fosse conversar, assim, eu ia ficar meio tímida de conversar sem conversar com a pessoa, assim, sabe? Sem ter conversado nunca, nunca ter conversado com ela. Só que aí tu tem aquele contato pela Internet e tu não tem a vergonha de dizer oi, essas coisas. Aí tu acaba conhecendo a pessoa e depois quando tu encontra ela, tu vai conversar com ela, porque daí tu já tem assunto, sabe? E acho que é uma coisa muito legal assim, que traz bastante benefício, só que não pode fazer daquilo a tua vida, sabe? Achar que as pessoas são mesmo daquele jeito, que elas falam que são porque tem muito daquele negócio de que se tu fazer uma imagem ali, sabe? Tu tem que depois ir comprovar aquilo, sabe? Porque a minha mãe também já falou que tem muita gente que se esconde por trás do computador, sabe? Que quando é para falar, fala só por MSN ou por e-mail, sabe, e isso, então eu acho que é um lado ruim, sabe? Tipo eu já conhecia muita gente, assim, que acabou um namoro pela Internet, sabe, não tem que dar satisfação. Tu pega e diz que acabou e deu, sabe? Ou, sei lá, falou algumas verdades que seria... teria sido bem melhor se fosse cara-a-cara. E também eu já vi muitas, assim, brigas que aconteceram por Orkut e por MSN e que até hoje não melhoraram, sabe? Por mais que fosse falado 'não, foi engano', sabe, que aquilo que a pessoa falou não foi... foi de brincadeira, sabe? E a pessoa do outro lado leu aquilo e levou aquilo a sério. Daí não

fizeram as pazes até hoje, sabe? Isso é muito chato, sabe? Daí acho que esse é um lado ruim.

P: U-hum. E a tua mãe pontuou uma coisa bastante interessante que é o vício, né? E que acontece com muita gente mesmo.

F: Sim.

P: Isso que tu tá dizendo também é assim de que as pessoas, quando elas estão se vendo, elas vão ter um cuidado, vão sentir, vão saber que estão do lado de um ser humano e vão saber que não dá para fazer coisas para machucar. E lá parece que com essa mediação do computador, elas criam mais coragem de fazer coisas que machucam mesmo, né?

F: É bem essa história.

P: E aí, por exemplo, acabar um namoro sem dizer qualquer coisa e, ‘ah, não tô mais a fim’. Sem se preocupar com o sentimento do outro, né?

F: É difícil, assim, é uma pena, mas é difícil para as pessoas, olhar no olho e dizer, sabe, o que tá sentindo realmente. Só que ali na frente do computador tu tá falando para uma máquina, mesmo que tenha uma outra pessoa do outro lado, sabe? Só que ali tu tá escrevendo uma coisa assim que, às vezes...às vezes até eu, sabe, eu tô conversando com alguém assim, por mais seja uma conversa normal, sabe? Às vezes eu eu escrevo, daí eu apago, eu escrevo, daí eu apago, eu penso umas cem vezes antes de mandar a mensagem que eu quero, ãh, mandar para aquela pessoa por causa de usar as palavras, sabe? As palavras certas para ela não entender outra coisa. E assim pessoalmente não. Pessoalmente eu converso, assim. Eu não penso, sabe? Eu converso e eu falo o que eu sinto, sabe?

P: Mas de uma maneira também se preocupando com outro.

F: É.

P: Né? Talvez a gente pense no computador e não pense na pessoa que tá lá do outro lado. Porque a gente não tá vendo, não tá visualizando, né?

F: Sim.

P: E o que que tu usa para conversar com as pessoas na Internet? E-mail, sala de bate-papo, Orkut...

F: É, MSN e Orkut assim. Mas MSN é mais, porque Orkut não tem aquele negócio, daí tu não vê, sabe, quem tá online ou não. Daí é mais deixar boa semana para a pessoa... Só deixar um oi. Assim, eu e minhas amigas temos muito disso assim. De deixar ‘eu te amo’ e ficar brincando ‘eu te amo mais’. Porque a gente tem assim uma amizade muito forte que eu fico às vezes espantada, sabe, como a gente é amiga. Para tudo, sabe? E daí só de deixar assim, sabe, por Orkut, mas não de conversar. Apesar de agora ter surgido esse negócio do Orkut também ter... ser meio que MSN agora. Mas eu ainda não sei,

esse tipo. É que eu sou muito assim, vamos dizer assim, preguiçosa para essas coisas de Internet. Eu gosto de ficar ali, sabe? Mas eu não gosto assim de ficar baixando programa, essas coisas, sabe, isso não serve para mim. Eu gosto de estar... sentar e poder conversar com meus amigos, sabe? Olhar os recados que eu recebi e só, sabe? Não sou muito de ficar baixando, jogar na Internet, eu não gosto.

P: É, e também o Orkut ficou um pouco perigoso porque as pessoas estão fazendo um mau uso assim, pegando as fotos, fazendo perfis...

F: Falsos.

P: É, falsos, né?

F: Sim, até...

P: Usando para reunir grupos para praticar violência.

F: Até meu amigo recebeu um scrap esses dias. Eu também já recebi. De agressão, sabe? Que alguém fez um perfil falso e daí começa a mandar, sabe? Para ficar assustando as pessoas mesmo, sabe? Só que eu acho que isso é uma brincadeira de mau gosto assim total, sabe? Daí a gente apagou os scraps e nem deu mais bola para aquilo. Daí não apareceu mais.

P: Muita falta do que fazer, né?

F: Isso também é, o uso excessivo, eu acho sabe? Tipo eu uso aquelas horas de domingo e então. Às vezes sábado de noite mas é muito difícil. Aí, sabe, eu faço, daí tu não tem aquele tempo, sabe, para ficar, nossa, o que que eu vou fazer agora? Daí tu começa a pensar besteira, sabe? Daí, é melhor assim eu acho... Eu concordo com a minha mãe nesse ponto tanto que eu pedi uma vez, eu acho, para ela. Daí eu entendi, sabe que aquilo que ela me falou...Daí eu nem falei mais nada. Porque, é assim, eu também tenho muito esse medo assim, de perder essa convivência, sabe? Que eu sei que muita gente, assim, dos meus amigos, sabe, tem muitos amigos meus que, assim, chega da escola, liga o computador e só desliga às vezes à meia-noite, sendo que no outro dia tem aula, sabe? Daí, sei lá, eu tinha muito medo disso também acontecer.

P: É, vicia e também muitas pessoas se escondem atrás do computador para fazer coisas horríveis, né? De vírus, esses perfis falsos, coisas assim que a pessoa que já tem um problema de certa forma de conviver com os outros e tal, já é meio violento, e aí aproveita esse anonimato ali do ambiente, essa forma de poder passar por outro, tudo, para burlar e fazer coisas que machucam, que não tem nada a ver, perdendo tempo, né? Ah, e tu acha que tu aprende quando tu interage com as outras pessoas?

F: Ahã, eu acho que sim. Eu acho assim que eu já aprendi muita coisa, assim, até pelo fato de, sabe, de às vezes tu não conseguir falar assim, tipo tu falar só por MSN as coisas que tu tá sentindo, sabe? Eu já dei muitos conselhos sabe, para os meus amigos assim, para eles parar com isso, sabe, (inaudível) Que aquilo tá sendo uma forma deles

se esconder, sabe? Atrás daquele... do computador e assim, aprender até mesmo, assim, coisas de fora, assim, isso eu acho que é também. É o que acrescenta, sabe? A Internet...

P: Como assim, de fora?

F: Assim, conhecer pessoas de outras culturas, ãh, aprender coisas assim, tipo, quando tu procura lá no Google qualquer coisa, sabe? Digita alguma coisa lá e tu acha, sabe? Isso eu já tive bastante, eu já tive que pesquisar coisas diferentes, assim, que eu nunca imaginei assim tipo, um exemplo disso é que, eu participo do CLJ, que é um grupo da igreja católica. E a gente tem um jornal que a gente faz todo mês e daí é para toda a comunidade, sabe? Daí a gente primeiro primeiro jornalzinho que sai e daí a minha matéria era sobre Nossa Senhora e eu nunca tinha ido procurar nada, sabe, e a Internet ajudou bastante, sabe? Eu procurei ali e já saiu a data em que ela foi achada, onde ela foi achada, por quem ela foi achada, todo histórico assim, coisas assim. Nossa, e não é só um site ou uma página, sabe, é um monte assim que tu acha e é muita coisa, sabe? Muito conteúdo que tu pode adquirir ali só por aquele site. Tu digita alguma coisa ali e tu já acha.

P: Mas também facilita um acúmulo de informações que talvez se as pessoas não centrarem muito a sua atenção não vão conseguir fazer nada com aquilo.

F: É. Sim.

P: Dá uma sensação de que se está perdido. Porque não é um texto só para ler, são milhares de páginas. E daí o que tu vai fazer com isso. Muita gente pega, copia e cola e entrega um trabalho de escola, assim.

F: É no começo assim, quando começou essas coisas de Internet, eu me lembro antes eu não tinha muito convívio assim. Isso foi na sétima e na oitava quando começaram a entrega dos trabalhos, essas coisas. Primeira coisa que a sora falava, 'não adianta pegar e copiar lá da Internet e deu, tem que fazer (inaudível) e entregar. Eu quero que vocês leiam e escrevam o que vocês acham'. E daí tipo nunca nunca fiz isso, assim, mas é bem assim, tem muita coisa, sabe. Muito conteúdo daí tu se sente meio perdido. Daí, que nem eu assim, primeiro eu sempre faço a mesma coisa: eu pego, olho as primeiras páginas que tem, assim, daí eu leio assim por cima, pego, colo e daí pego só umas duas páginas, duas ou três, daí eu leio o que que tem de mais interessante. Daí eu retiro as coisas que eu preciso, sabe? Tipo, esse, essa matéria com Nossa Senhora. Eu peguei primeiro, o primeiro link que tinha de página, eu peguei, vi aquele foi, sabe? Porque eu não tenho também muita paciência de ficar procurando e procurando. E até porque é ruim ter muitas informações.

P: É uma boa tática, né, que tu já tem para economizar tempo. Ir direto ao foco, assim. Precisa mesmo para não se perder e ficar dois dias fazendo uma coisa que, né, deve levar minutos. Minutos não. Mas um tempo determinado. E qual é a tua opinião sobre o uso de ambientes virtuais de aprendizagem aqui na escola? Eu não sei se tu usa em alguma outra disciplina, só no Inglês...

F: Eu só uso no Inglês. E eu acho que, eu já até escrevi isso, eu acho muito bom, sabe, que é uma forma diferente, não é aquela coisa monótona de sala de aula, sabe? Isso a gente tinha muita na, nos outros anos, na minha outra escola, que a gente não aguentava mais aquele negócio de sala de aula, sabe? Sempre era na sala de aula. Daí, as professoras começaram a pensar numa coisa, numa forma diferente. Aí, às vezes, elas iam nos dar a aula no pátio da escola, sabe? Só que por mais que, às vezes, a turma se dispersava, sabe? Ficava pensando em outras coisas. Mas aquilo assim era uma coisa diferente e daí as professoras viam assim. Até porque a minha escola era muito menor do que isso aqui, sabe? Aqui não tem nem como dar aula fora da sala. E lá era pequeno, daí não tinha muito...Das pessoas ficarem fora da sala, assim, sabe? Daí ela levava, às vezes, a gente para fora da sala. Daí a gente, ia ler um texto lá fora, sabe? Daí ela sentava e fazia com que a turma toda ficasse centrada naquele texto, sabe? Daí, até para fazer trabalhos, assim de arte, aí a gente pegava e ia dar uma volta na quadra e recolhia materiais e daquilo a gente fazia o nosso trabalho, sabe? Folhas diferentes e um monte de coisas assim. E eu acho que essa forma de usar a Internet para aprender Inglês, eu acho que é uma coisa que vai representar muito, sabe, porque tu acaba aprendendo duas coisas, a usar a Internet e o Inglês, sabe? E é uma forma diferente, não é aquele negócio de um quadro negro, um monte de coisas de gramática que acaba se tornando chato, sabe? Chega uma hora que tu não agüenta mais aquilo sabe, e eu acho que foi muito bom assim. Esse ano foi meu primeiro ano, que eu tive esse negócio de ter uma sala de aula virtual e eu achei muito legal porque tipo tu tinha a hora que tu sentia, o momento que tu tinha para ter aula, tu ia lá e tinha. Eu acho muito legal.

P: E como é que tu descreve as interações que aconteceram no ambiente virtual e a partir do ambiente virtual?

F: Assim...

P: Comigo, com os colegas, com as pessoas de fora do sistema...

F: Assim, dentro do sistema, assim, ãh, a gente tinha atividades que tinham que ser feitas assim com eles. Mas eu tive, assim, pouco contato assim de trocar idéias, assim, realmente, sabe? Os fóruns que a maioria deles eu deixava a minha opinião e lia a dos outros, sabe? Mas eu não mandava a minha opinião sobre a do outro, entende? Eu lia, daí às vezes eu, bah, o último que teve agora...Eu não me lembro mais direito sobre o que era, mas eu deixei, sabe, tipo a minha. Eu lia a deles e aí eu deixei a minha, só que eu não fui no deles, sabe, para deixar a minha opinião. Eu li, fiz um geral e deixei a minha. Só que, dentro da sala de aula, eu me sentia com muita vergonha, sabe? Muita vergonha. Porque tipo...Até porque eu não tive aquela conversa, tipo eu não peguei MSN, nada de ninguém para conversar assim. Quem tem, ãh, por e-mail no próprio sistema, sabe? Só que daí chegava dentro da sala e eu não tinha conversado com as pessoas. Daí, meu, eu ficava com muita vergonha. Daí até para, sabe, para me...Assim, para falar, Inglês eu ficava muito envergonhada, sabe? Tipo aquele medo de errar, sabe, na frente das pessoas que tu nunca conhece, é muito maior, sabe, e daí eu ficava meio assim, tímida, sabe, até porque a nossa turma de Inglês ali é muito guri e eles são muito, assim, sabe? De rir alto, essas coisas. Daí eu já me sentia meio mal, sabe? Daí eu ainda não conhecia eles direito e daí eu ficava com mais vergonha ainda. Daí eu não sabia como agir direito.

P: Já dá aquele susto sabendo que tem muitas gurias lá da Química e eles ficam na expectativa, ãh, ‘vai ter guria da Química. Ah, meu Deus, coisa boa...’

F: Aqueles ali, principalmente eram muito bizarros, assim. Eu já tinha encontrado eles na escola fazendo folia, sabe? E eles fazem a mesma folia dentro da sala de aula, sabe. Daí eles ficam rindo e rindo, daí, às vezes fico pensando, será que eles tão rindo por causa de mim? De alguma coisa que eu fiz? Daí eu ficava com muita vergonha, sabe?

P: Mas provavelmente dá um nervoso em todo mundo. Porque o rir às vezes nem é tão... A gente vê que não é tão natural. Tá falando uma coisa séria, mas tá tão nervoso que começa a rir também, né? Não é porque eles sejam mais extrovertidos que eles não tenham esse nervoso, né, de falar em público. E até com um grupo que se encontrou poucas vezes pessoalmente, né? Quais foram as principais dificuldades que tu tiveste nas interações, além dessa com... Nesse momento aí face a face com os colegas?

F: Tu diz interação dentro da sala de aula?

P: É, no sistema. E através do sistema.

F: Assim, ãh, eu acho que, assim, principalmente quando era para entrar em um site que tinha o próprio inglês, sabe? E o meu vocabulário não é muito grande, sabe? É bem pequenininho ainda. E daí, sabe, para ler tudo aquilo, daí eu tinha que catar algumas palavras que eu sabia e tentar formar a idéia do que era, do que queria me dizer, sabe? Tanto agora que a última atividade, eu não sabia, eu não me toquei que tinha aquele negócio do próprio sistema mandar para os e-mails pessoais, sabe? E daí eu acabei nem fazendo aquela atividade, só que daí, tanto que, eu não sei quem foi que veio me falar, que daí disse, ‘então por que tu não deixou, só não enviou para a tua professora, ela não ia ver se os outros tinham recebido’. Só que eu não consigo fazer isso, sabe? A sora me pede alguma coisa, eu tenho que fazer tudo, então, se eu não consigo fazer, eu digo para ela, olha...

P: Que bom ficar sabendo dessa tática, hem?

F: Sim. Eu não consigo fazer isso. Daí eu deixei pra ti até que não tinha... que eu não tinha conseguido enviar para as pessoas, que eu tinha pego só o teu e-mail e não enviei para elas. Daí, daí tá. Daí eu acho que é isso, sabe?

P: E alguma dificuldade?

F: De não ter muito vocabulário e precisar, assim, ãh, olhar alguma coisa que tem muito muito muito, sabe? Muito para te dizer e tu não sabe ao certo o que que quer dizer, sabe?

P: Se comunicar e, entender o que a pessoa tá dizendo, se comunicar e se fazer entender também.

F: É, até porque, assim, no site ele não vai usar linguagem mais simples, sabe? (inaudível) Eu acho assim, um site, a maioria das vezes, usa palavras assim, que então

sejam mais, ãh, mais formais. Formais não, assim. Como é que se pode dizer? Que sejam mais técnicas às vezes, sabe? E eu não conseguia às vezes entender aquilo, sabe? Daí eu tinha que ficar caçando as palavras que eu entendia e tentar formar, sabe, qual era a idéia, então, que aquilo queria me passar, sabe? Daí as atividades às vezes eram meio ruins de fazer, ficava ruim de tempo, sabe? Para entender primeiro o que tinha naquele site que eu era para fazer, sabe? E daí depois eu conseguia, sabe? Tipo quando era para (inaudível) o que eu pensava, daí eu conseguia fazer tudo, sabe? Mas quando outra pessoa, outra...Uma mensagenzinha vinha até mim, para eu então saber o que fazer, sabe, daí eu acho que era uma dificuldade.

P: E...tu conseguir criar vínculos, assim, com as pessoas, com essas que tu interagiste ou não?

F: Eu acho que a única que, assim, a única pessoa que eu acho que eu criei esse vínculo, foi com aquela pessoa que a gente teve que conversar que era de outro país. Com essa eu conversei bastante. Tanto que eu tenho o MSN dela, daí, um dia era feriado nacional, não sei se era dia sete, acho que era dia sete de setembro. Aí eu conversei com ela pela Internet coisa não sei o quê. Daí eu expliquei para ela que era feriado nacional. Daí ela me falou sabe, daí ela falou dos cantores que ela gosta, que ela até tinha a foto de uma cantora. Essa eu conversei, mas assim, da sala, assim, os únicos que eu tive contato foram os meus próprios colegas e tu, sabe? Daí vinha tirar dúvida sobre a atividade que tinha fazer, essas coisas, sabe? Só que os colegas das outras turmas eu nem conversei assim.

P: A pessoa se fecha nas panelinhas, assim, conforme a turma regular. E de onde era essa pessoa com que tu conversaste?

F: Era dos Estados Unidos, da... de Nova Iorque ela era. Era de uma cidade.... Acho que...era tipo de um, de um local de Nova Iorque assim, sabe? Só que eu não me lembro direito qual o nome, era um nome bem complicado até. Mas era de Nova Iorque.

P: E como é que tu avalia o aprendizado de inglês nessa sala de aula virtual e com as atividades que a gente teve a partir desse ambiente virtual?

F: Assim, para mim foi meio que nem desafio, sabe, porque tipo... Eu fiz a prova e não achei que eu ia entrar logo no B4, sabe? E daí, até porque o meu vocabulário era bem pequenininho, sabe? E daí, tipo, todas as atividades eram meio um desafio porque eu tinha que, eu, sabe, ficava... às vezes sentada na frente do computador com o dicionário do lado, de Inglês, para conseguir fazer as atividades, sabe? Daí todas elas, assim, tudo que era sugerido, assim, assim, para mim, todas elas foram um desafio. E acho que eu consegui aprender bastante coisa, sabe, assim, de, de tudo, sabe, que tem um mundo enorme naquela...naquele computador assim e que tu consegue aprender uma coisa, tipo, que eu nunca tinha pensado que eu ia poder aprender Inglês pela Internet, sabe? Até quando tu fala, assim, converso com meus amigos, sabe, eles ficam meio assim, sabe, tipo, que eu tenho aula pela Internet, 'Nossa, que legal!'. Sabe? De não ter aquele negócio de sala de aula, de... Aquela rotina, sabe?

P: E que aspectos da língua assim tu acha que tu aprendeu mais, mais vocabulário, mais a parte de se comunicar, de falar, de ler, de escrever...

F: Eu acho que essas duas coisas, vocabulário e a parte de aprender a escrever também, de como... Que nem assim com essa guria que eu conversei, ãh, dos Estados Unidos, assim como eles falam sabe, eu achava que aqui, que lá não se usava gírias que nem aqui e lá eles usam, sabe? Que nem quando ela falava... Às vezes ela cortava as palavras, sabe? E daí eu tinha meio que chutar o que ela queria me falar, sabe? Daí eu entendia. Perguntava se era mesmo aquilo que queria dizer e ela dizia que sim, sabe? E era assim, daí eu acho que vocabulário, assim, sem dúvida, sabe, porque eu tinha que me virar para conseguir o que queriam me falar e aquilo então dava vocabulário para mim porque eu lá procurava uma palavra no dicionário e já sabia mais uma palavra, sabe? Tanto que, às vezes eu tava conversando com gente no MSN. Daí eu tava fazendo minhas atividades. Daí eu botava lá e mesmo assim eles vinham falar comigo e eu pedia ajuda e eu tenho que nem uma pessoa que eu conheço, que sabe muito de Inglês, sabe? E eu peço ajuda para ele, mostro minhas coisas e ele diz se ele entende.

ANEXO – Avaliação do EIAD

<p align="center">DISCIPLINA DE LÍNGUA INGLESA AVALIAÇÃO DO EIAD– 2006</p> <p align="center">TOTAL: 135 ALUNOS Nº ALUNOS QUE RESPONDERAM À PESQUISA: 83 ALUNOS</p>		
Nº Alunos	Porcentagem	ASPECTOS POSITIVOS
33	40%	Possibilidade de realizar as tarefas em casa (ou qualquer outro lugar) sem se deslocar para a escola.
18	22%	Realizar as atividades nos horários que queremos; escolher o melhor momento para realizá-las; poder organizar melhor o tempo.
15	18%	Prático, fácil, eficiente.
13	16%	Possibilita interação com pessoas de diversas partes do mundo.
11	13%	O aluno aprende a ter autonomia e maior responsabilidade.
10	12%	Forma de ensino diferente que motiva o aprendizado, que sai da rotina da sala de aula, propicia conhecer um mundo virtual diferente, oferece desafio, fazer o que gosta: mexer no computador, uso da internet.
08	0,10%	Forma diferente de aprender (sites especializados para aprender)
06	0,7%	É um bom método de aprender inglês sem sair de casa e de entregar as tarefas na escola
05	0,6%	Oportunidade de melhorar a leitura e escrita.
04	0,5%	Proporciona maior prazo para fazer as atividades e, apesar de ser a distância, os professores mantêm contato com os alunos.
04	0,5%	O aluno aplica o que aprendeu.
03	0,4%	Bastante tempo para realizar as atividades.
02	0,2%	Dinâmico, proveitoso, tarefas diversificadas, criativas.
01	0,1%	Oportunidade de realizar as atividades de acordo com o conhecimento individual.

Nº Alunos	Porcentagem	PRINCIPAIS DIFICULDADES EM RELAÇÃO AO EIAD
33	40%	Realizar as tarefas em dia (organização, falta de computador em casa, disponibilidade de tempo, lembrar de acessar o curso semanalmente para verificar o que deve ser feito, colocar o EIAD como prioridade, adequar o tempo com outros trabalhos escolares).
26	30%	Problemas técnicos com o site da escola, impedindo o acesso ao TelEduc; dificuldade de abrir a página do TelEduc, de abrir/enviar anexos e de enviar atividades; dificuldades com a senha.
17	20%	Nem sempre poder usar a internet (discada), computador não colabora. Não ter computador/acesso à internet em casa.
13	16%	Compreensão das atividades (curso totalmente em inglês); pode contar com a ajuda da professora; não há como falar com a professora no mesmo instante. Não se sente seguro de estar fazendo a atividade corretamente.
11	13%	Não há dificuldades, só elogios.
06	0,7%	O aluno não trabalha com pronúncia, prática oral, conversação.
04	0,5%	Encontrar colaboração das pessoas dos outros países para a realização das tarefas.
03	0,4%	Realizar a atividade sem se distrair e ficar navegando na internet.
02	0,2%	Prazos muito juntos, entrega de 02 atividades muito próximas.
02	0,2%	Ir às aulas presenciais.
02	0,2%	Computadores da escola não funcionam direito, são lentos.
02	0,2%	As dúvidas são respondidas após mais tempo em relação às aulas que não são à distância. Atrasos nas avaliações.
01	0,1%	Preparar as apresentações orais.
01	0,1%	Sente falta da interação com os colegas para conversar, tirar dúvidas, realizar tarefas em grupo.
Nº Alunos	Porcentagem	SUGESTÕES
15	18%	Sem sugestões.
13	16%	Encontros presenciais para pronúncia, conversação, audição, interação entre alunos e professores, <i>chats</i> , MSN.
11	13%	Maior prazo para entrega das atividades.
08	0,10%	Tarefas mais dinâmicas, interativas, diversificadas, criativas

		como jogos, gincanas, música,
07	0,8%	Curso está bom o suficiente.
07	0,8%	Melhorar a conexão ao TelEduc. Aprimorar as ferramentas do <i>TelEduc</i> .
07	0,8%	Menos quantidade de exercícios.
03	0,4%	Atividades em grupo em aulas <i>online</i> e presenciais.
03	0,4%	Aprender mais coisas. Atividades para aumentar vocabulário. Usar mais sites que ensinem inglês.
03	0,4%	Maior esclarecimento de como fazer as tarefas. Horário semanal para tirar dúvidas. Dia fixo para a professora olhar as atividades e dar retorno.
02	0,2%	Não ser atribuída nota para as tarefas.
02	0,2%	Mais encontros com intercambistas.
01	0,1%	Outras atividades como o Interpals, envolvendo pessoas de outros países.
01	0,1%	Informar a nota de todos os trabalhos e não se apenas foram feitos ou não.
01	0,1%	Repensar atividades como o <i>e-pals</i> que dependem da colaboração de estrangeiros, há dificuldades de comunicação em função de calendário, fuso horário, etc.
01	0,1%	Uma atividade não dependa da outra.
01	0,1%	Gabarito dos trabalhos ser disponibilizado logo após a entrega dos exercícios.
01	0,1%	Alunos devem se comprometer mais.
01	0,1%	Retornar às aulas presenciais.
01	0,1%	Atividades com mesma data de entrega agrupadas no mesmo ícone.
01	0,1%	Disponibilizar dicionário <i>online</i> inglês-português.
01	0,1%	Selecionar no <i>Portfolio</i> acesso apenas para o instrutor, evitando que colegas copiem as atividades dos outros.
01	0,1%	Mais atividades online, menos presenciais.

